

**Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais  
no Baixo Guadiana (séculos V a VII)**

**Edgar Miguel Cruz Monteiro Fernandes**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**Setembro de 2012**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, 28 de Setembro de 2012

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, 28 de Setembro de 2012

*Aos meus pais.*

*À Mariana.*

*À minha avó Laurentina.*

*À saudosa memória da avó Lourdes (1928-2009),  
que foi minha segunda mãe.*

## AGRADECIMENTOS

A tese de mestrado em Arqueologia que aqui apresento, tendo sido concebida e elaborada por mim, deve muito à ajuda e colaboração de diversas pessoas a quem me cumpre, reconhecidamente, dirigir uma palavra de gratidão, uma vez que este estudo não existiria sem elas.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Varela Gomes, pelo empenho demonstrado na orientação da minha tese, procurando sempre resolver os problemas com que eu me deparava, académicos e científicos, dentro das suas possibilidades. Agradeço-lhe também o ter-me proposto a elaboração de uma tese de mestrado radicada na Antiguidade Tardia, que acabou por me abrir diferentes perspectivas de investigação e me proporcionou novas aprendizagens. Estou ainda muito reconhecido à Professora por tudo o que com ela aprendi sobre Arqueologia, sendo que grande parte desses ensinamentos estarão efectivamente incluídos neste estudo.

Seguidamente, porque esta dissertação não poderia ter-se feito sem os materiais arqueológicos que a compõem, agradeço às pessoas inextinguíveis com quem trabalhei nos depósitos museológicos de Alcoutim e Mértola. No primeiro concelho, dirijo a minha gratidão à Dr.<sup>a</sup> Alexandra Gradim, arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim), que fez tudo ao seu alcance para me receber e apoiar da melhor maneira, no decurso da minha investigação, quer em aspectos logísticos, quer em partilhas científicas de grande valor que se encontram certamente espelhadas em parte do presente trabalho. Agradeço também à Mestre Manuela Teixeira, técnica superior de Conservação e Restauro da Câmara Municipal de Alcoutim, que me auxiliou em diversos aspectos práticos da minha investigação naquele concelho, e ao Dr. Fernando Dias, técnico superior de Património Cultural do mesmo município, que partilhou comigo alguma da sua experiência de prospecção de contextos arqueológicos romanos e tardo-antigos em Alcoutim. Deixo igualmente uma palavra de gratidão ao Prof. Doutor Justino Maciel (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), por me ter autorizado a estudar as cerâmicas finas tardo-antigas da *villa* do Montinho das Laranjeiras.

Em Mértola, tenho primeiramente de agradecer ao Campo Arqueológico de Mértola, instituição que me recebeu, alojou e apoiou durante as vastas semanas em que prospectei os depósitos museológicos da vila. Dirijo palavras de especial reconhecimento ao Mestre Virgílio Lopes, com quem tive ocasião de conversar prolongadamente sobre o tema da presente dissertação e sobre outros assuntos similares; à Mestre Maria de Fátima Palma, que me apoiou em todas as solicitações que lhe dirigi, a respeito das escavações da Biblioteca Municipal, que estudou; às Dr.<sup>as</sup> Lúcia Rafael, Gulhermina Bento e Nélia Romba, que foram sempre prestáveis e acolhedoras durante as minhas longas estadias nos depósitos, tendo feito tudo o que estava ao seu alcance para me facilitarem a investigação; a todos os restantes funcionários do Museu de Mértola e investigadores do Campo Arqueológico de Mértola, por quem sempre fui cordialmente tratado e que sempre me auxiliaram em tudo quando lhes pedi.

Gostaria igualmente de dirigir uma palavra de reconhecimento aos museus com quem iniciei contactos, sempre bem encaminhados, mas dos quais a evolução da investigação me afastou, esperando eu poder colaborar com eles em futuros trabalhos. À Dr.<sup>a</sup> Isabel Luzia, arqueóloga da Câmara Municipal de Loulé, que foi para mim o primeiro exemplo de boa colaboração científica que encontrei, em termos de Arqueologia Municipal, no decurso da minha investigação. À D. Maria Antonieta Canteiro, técnica de Conservação e Restauro da

Câmara Municipal de Loulé, que me acompanhou aos depósitos durante as minhas curtas visitas. Ao Dr. Nuno Beja, arqueólogo da Câmara Municipal de Faro, que cordialmente me permitiu examinar espólio das reservas do Museu Municipal daquela cidade. Às Dr.<sup>as</sup> Vera Freitas e Isabel Soares, do Museu Municipal de Portimão, que me demonstraram toda a disponibilidade para que eu pudesse estudar espólios daquela instituição.

No decurso da análise das cerâmicas que constituem o objecto de trabalho desta tese de mestrado, tive ocasião de contactar com diversos investigadores, os quais sempre me ajudaram abnegadamente e a quem me cumpre agradecer reconhecidamente. Ao Doutor John W. Hayes, pioneiro do moderno estudo de cerâmicas finas tardo-antigas, pela amabilidade que teve em tirar-me algumas dúvidas suscitadas pela leitura dos seus trabalhos. Ao Prof. Doutor Paul Reynolds (Universitat de Barcelona), por algumas explicações muito úteis com que respondeu a dúvidas que lhe coloquei. Ao Doutor Michel Bonifay (Centre National de la Recherche Scientifique), por ter partilhado comigo algum do seu imenso saber sobre produções de cerâmica fina norte-africana, sempre que me dirigi a ele. À Prof.<sup>a</sup> Doutora Catarina Viegas (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), que teve a gentileza de me mostrar alguns materiais de *Balsa*, que estão guardados no Museu Nacional de Arqueologia, e que me forneceu algumas indicações bibliográficas relevantes. Finalmente, ao Mestre Rodrigo Banha da Silva (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Museu da Cidade de Lisboa), meu antigo professor de Arqueologia Romana, que sempre se dispôs a tirar-me dúvidas sobre materiais, nas ocasiões em que lho solicitei.

O estudo das cerâmicas finas que efectuei em Alcoutim e Mértola foi acompanhado, nos depósitos e fora deles, por pessoas dedicadas que, para além de colegas de faculdade, pertencem à minha esfera privada. Ao meu amigo Carlos Duarte Simões, agradeço o ter-se deslocado a Mértola, durante uma semana, para me desenhar peças, contribuindo para agilizar muito o meu trabalho.

Dirijo um agradecimento reforçado ao meu amigo Miguel Valério, cujo empenho e dedicação se reflectiram em diversos aspectos da minha dissertação: desenho de peças nos depósitos, desenho final de peças, em AutoCAD, e revisão dos meus textos, entre muitas outras pequenas ajudas pontuais que seria complicado enumerar. Estou também grato ao Miguel pelas diversas palavras de incentivo e repreensão que, como meu amigo, soube dirigir-me ao longo de todo o processo de elaboração da minha tese. O seu auxílio generoso contribuiu determinantemente para o bom sucesso desta dissertação, que não teria a sua presente configuração sem o Miguel. Transmito também o meu reconhecimento à Eva Celdrán Beltrán, que contribuiu grandemente para o rigor da parte gráfica da presente tese.

Finalmente, quero agradecer à Mariana, do fundo do meu coração, por ser a melhor companheira de vida e ciência, o mais forte sustentáculo que eu poderia ter encontrado, e por me ter prestado preciosas ajudas, que também contribuíram determinantemente para o bom sucesso desta tese. O seu apoio firme e constante, ao longo dos três anos dos nossos mestrados, acompanhou-me desde o projecto inicial até à entrega deste trabalho. Devo à Mariana praticamente tudo o que esta tese contém, na medida em que ela esteve sempre presente na sua elaboração, quer na assistência que sempre me prestou (especialmente dos desenhos, maioritariamente da sua autoria, que elaborou com o sacrifício da pouca experiência), quer nas intermináveis horas em que me ouviu falar (e desesperar...) sobre os maiores e os mais pequenos aspectos que se relacionavam com este trabalho e para os quais pedia a sua opinião. Convertidos em milhas aéreas, todas os monólogos sobre cerâmica tardo-antiga que a Mariana

me aturou chegariam certamente para dar a volta à Terra. Espero ter retribuído alguma desta ajuda inestimável na tese de mestrado que ela própria redigiu, sobre faiança decorada no Convento de Jesus de Setúbal, para a qual desejo tanto ou mais sucesso do que para esta que escrevi. Desejo continuar a retribuir-lhe merecidamente o amor que põe em tudo o que me diz respeito. Quero também agradecer à família da Mariana, especialmente aos seus pais e avós, que sempre me souberam acolher da maneira mais calorosa de cada vez que precisei de ir consultar bibliografia a Lisboa.

Totalmente fora e, simultaneamente, completamente dentro da elaboração deste trabalho, quero agradecer aos meus pais, Francisco Marto e Olga Maria, sem os quais nem eu, nem esta tese teriam nunca existido. Devo-lhes tudo o que sou e só tenho esperança de um dia poder ser um ser humano tão bondoso e digno quanto eles. O seu amor permanente, do qual o investimento na minha formação é apenas um mero exemplo, é a rocha na qual se tem alicerçado toda a minha vida, incluindo a presente tese. Possa assim ser por muitos e bons anos.

Por fim, devo ao Deus em que acredito uma palavra de gratidão, não só por tudo o que escrevi atrás, mas também pela vontade e saúde que me permitiram concluir esta dissertação de um modo que considere satisfatório.

\* \* \*

Após avaliação da minha dissertação de mestrado em Arqueologia, cumpriu-me efectuar algumas correcções que se impunham. Deixo aqui uma palavra de enorme gratidão a todos quantos me auxiliaram nesta tarefa: à Prof. Doutora Catarina Viegas e ao Prof. Doutor Paul Reynolds, pelos esclarecimentos científicos, sempre necessários; ao Miguel, por se ter disposto a corrigir a parte gráfica desta tese; e, novamente, à Mariana e aos meus pais, pelo apoio e carinho de sempre.

# **Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)**

**Edgar Miguel Cruz Monteiro Fernandes**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerâmicas finas, Baixo Guadiana, Norte de África, Mediterrâneo Oriental, Antiguidade Tardia, rotas comerciais.

Desde o final do século XIX, com as intervenções de Estácio da Veiga (1877), que o Baixo Guadiana tem vindo a oferecer testemunhos arqueológicos datáveis da Antiguidade Tardia. Mais recentemente, após a fundação do Campo Arqueológico de Mértola (1978), têm vindo a ser realizadas escavações arqueológicas naquela vila baixo-alentejana, de onde se têm exumado cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais tardias. Também no concelho de Alcoutim se têm prospectado e escavado arqueossítios tardo-antigos, que ofereceram semelhante espólio.

A presente dissertação de mestrado propõe-se efectuar um estudo abrangente sobre as importações de loiças finas produzidas no Norte de África e no Mediterrâneo Oriental existentes nos actuais municípios portugueses de Alcoutim e Mértola, mediante uma selecção de determinadas escavações que funcionam como amostra: *villa* do Montinho das Laranjeiras, *villa* da Lourinhã, Cercado da Ferrugem e Mina do Barranco da Quebrada, no primeiro concelho; Biblioteca Municipal de Mértola e Bairro da Alcáçova de Mértola, no segundo concelho. O objectivo final deste trabalho será tentar compreender os fluxos de importação de cerâmicas finas norte africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana, nos séculos V a VII.

## **ABSTRACT**

**KEYWORDS:** Fine wares, Lower Guadiana, North Africa, Eastern Mediterranean, Late Antiquity, trade routes.

Since the end of the 19<sup>th</sup> century, with the work of Estácio da Veiga (1877), the Lower Guadiana area has been offering archaeological data consistent with Late Antiquity. Recently, after the establishment of the Mértola's Archaeological Site (1978), archaeological excavations have been conducted in that village of Lower Alentejo, where North African and Eastern Mediterranean fine wares have been found. Excavations and surveys have also been carried out on the municipality of Alcoutim, with similar results.

This dissertation proposes to formulate a comprehensive study on fine tableware manufactured in North Africa and the Eastern Mediterranean in the present Portuguese



municipalities of Alcoutim and Mértola through a selection of some excavations that work as a sample: *villa* of Montinho das Laranjeiras, *villa* of Lourinhã and Cercado da Ferrugem e Mina do Barranco da Quebrada in the first municipality; Mértola Municipal Library and the Alcazaba neighbourhood of Mértola in the second. The final goal of this presentation will be trying to understand the import pattern of North African and Eastern Mediterranean fine wares in the Lower Guadiana region, in the 5<sup>th</sup> to 7<sup>th</sup> centuries.

# ÍNDICE

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO E METODOLOGIAS.....	1
I.1 – Introdução.....	1
I.2 – Metodologias.....	2
I.2.1 – Contextos, proveniência, estratigrafia e cronologias.....	2
I.2.2 – Tratamento dos dados obtidos.....	4
CAPÍTULO II – ESTADO DA QUESTÃO.....	7
II.1 – As intervenções arqueológicas no Baixo Guadiana.....	7
II.2 – Publicação de cerâmicas finas tardo-antigas do Baixo Guadiana.....	8
CAPÍTULO III – CONCELHO DE ALCOUTIM.....	10
III.1 – Considerações iniciais.....	10
III.2 – <i>Villa</i> do Montinho das Laranjeiras.....	11
III.3 – <i>Villa</i> da Lourinhã (prospecção de Helena Catarino).....	17
III.4 – Cercado da Ferrugem e Mina do Barranco da Quebrada (prospecção de Helena Catarino).....	17
III.5 – Problematização dos dados.....	17
CAPÍTULO IV – CONCELHO DE MÉRTOLA.....	22
IV.1 – Considerações iniciais.....	22
IV.2 – Biblioteca Municipal de Mértola.....	23
IV.2.1 – Sondagem de diagnóstico (2003).....	24
IV.2.2 – Escavação de <i>open area</i> (2005-2006).....	26
IV.2.3 – Escavação de <i>open area</i> (2010).....	27
IV.2.4 – Datações tipológicas.....	28
IV.2.5 – Síntese.....	31
IV.3 – Bairro da Alcáçova de Mértola.....	33
IV.3.1 – Escavação por eixos cartesianos (Método Wheeler, adapta- do).....	34
IV.3.2 – Escavação por contextos.....	47
IV.3.3 – Escavação por unidades estratigráficas (Método Barker- -Harris, adaptado).....	50
IV.3.4 – Recolhas de superfície.....	50
IV.3.5 – Síntese cronológica dos fragmentos contextualizados do Bairro da Alcáçova.....	52
IV.3.6 – Fragmentos com contexto estratigráfico dúbio.....	55
IV.3.7 – Fragmentos com contexto estratigráfico desconhecido.....	56
IV.4 – Síntese geral das importações estudadas em Mértola.....	63
CAPÍTULO V – AS CERÂMICAS FINAS TARDO-ANTIGAS E OS QUOTIDIA- NOS NO BAIXO GUADIANA.....	69
V.1 – Considerações iniciais.....	69
V.2 – Concelho de Alcoutim.....	71
V.2.1 – Cerâmica e sociedade.....	71
V.2.2 – Evolução das baixelas.....	72
V.3 – Concelho de Mértola.....	74
V.3.1 – Cerâmica e sociedade.....	74
V.3.2 – Evolução das baixelas.....	76

V.4 – Síntese.....	78
CAPÍTULO VI – PARALELOS E INTEGRAÇÃO CULTURAL.....	81
VI.1 – Considerações iniciais.....	81
VI.2 – <i>Conimbriga</i> .....	81
VI.3 – Mérida.....	83
VI.4 – <i>Villa</i> de São Cucufate.....	84
VI.5 – <i>Baelo Claudia</i> .....	85
VI.6 – Ilha do Pessegueiro.....	86
VI.7 – Tróia.....	86
VI.8 – Alcáçova de Santarém.....	87
VI.9 – <i>Balsa</i> e Faro.....	88
VI.10 – Chãos Salgados ( <i>Mirobriga?</i> ).....	91
VI.11 – Síntese.....	91
CAPÍTULO VII – EPIGRAFIA HELENÓGRAFA NO BAIXO GUADIANA.....	92
VII.1 – Considerações iniciais.....	92
VII.2 – Análise da epigrafia helenógrafa de Mértola no contexto socioeconómico lusitano pós-romano (século VI).....	93
CONCLUSÃO.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	121
ANEXO ICONOGRÁFICO.....	129
DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DO CONCELHO DE ALCOUTIM.....	134
DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOLA.....	148
DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DO BAIRRO DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA.....	159
ESTAMPAS.....	226

## LISTA DE ABREVIATURAS

*Atlante I – Atlante delle forme ceramiche, I.*

CCUS – Carta de Capacidade de Uso do Solo.

CMP – Carta Militar de Portugal.

*Études – Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique.*

LRA – *Late Roman Amphora.*

*LRFW – LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology.*

LRD – *Late Roman D.*

*LRP – Late Roman Pottery.*

NMI – Número mínimo de indivíduos.

TSAf – *Terra sigillata* africana.

TSFT – *Terra sigillata* foceense tardia.

U.E. – Unidade estratigráfica.

*VSPE – Vitae Sanctorum Patrum Emeritensium.*

## CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO E METODOLOGIAS

### I.1 – INTRODUÇÃO

Este subcapítulo inicial da nossa dissertação de mestrado pretende expor, em traços muito gerais, o âmbito da mesma, resumindo as problemáticas com que nos deparamos e as linhas de investigação que pretendemos seguir para lhes dar resposta cientificamente sustentável.

Começemos por definir a matéria da investigação que adiante apresentaremos. Trata-se de estudar testemunhos arqueológicos dos contactos entre o Vale do Baixo Guadiana e o Mediterrâneo, entre os séculos V e VII. O nosso objecto de estudo é constituído, assim, por cerâmicas finas provenientes do Mediterrâneo Oriental e do Norte de África. Consideraremos apenas os artefactos guardados nos depósitos de museus do Baixo Guadiana – que são os únicos a que podemos pretender aceder com relativa facilidade, por estarem à guarda de poderes públicos. As classes cerâmicas que estarão integradas nesta tese são as seguintes: *terra sigillata* africana tardia<sup>1</sup>, constituída por algumas formas das produções C e D e por todas as formas da produção E, bem como *terra sigillata* foceense tardia<sup>2</sup>.

As balizas cronológicas que escolhemos para esta tese são díspares na sua natureza. Enquanto o início do século V foi escolha do autor, baseado em factos históricos relevantes – tais como as invasões germânicas do Império Romano do Ocidente (406) e da *Hispania* (409) e o estabelecimento definitivo de governos separados a Ocidente e a Oriente (395) –, o *terminus ante quem* será somente fruto da investigação desenvolvida, havendo sítios da Península Ibérica e, mais concretamente, do actual Portugal que apresentam quadros de importação de produtos orientais e norte-africanos até ao século VII, mas não podendo nós *a priori* compreender até quando terão as comunidades tardo-antigas do Baixo Guadiana importado cerâmicas de mesa mediterrânicas.

A escolha de *terminus post quem* elimina, do nosso âmbito de análise, duas formas que costumam ser encontradas em contextos em que pontificam outros tipos que iremos examinar: Hayes 57 e Hayes 58. Estes morfotipos, com cronologias de entre c. 325 e c. 400 e de entre c. 290/300 e c. 375, respectivamente (cf. HAYES, 1972: 93, 96),

---

<sup>1</sup> Doravante, TSAf.

<sup>2</sup> Doravante, TSFT.

são normalmente exumados dos mesmos estratos que as formas Hayes 59 e Hayes 61A, produzidas durante grande parte do século IV e o início do século V (*ibidem*: 100, 107).

Após percebermos de que objecto de estudo e de que mundo falamos, na nossa dissertação, cabe enunciar os objectivos da mesma. O que se pretende com este trabalho académico é, a partir da análise científica dos artefactos atrás mencionados, tentar perceber em que realidades socioeconómicas se inscrevem e qual a sua representatividade ao longo dos tempos. Claro que existem expectativas inerentes, dependendo da época a que nos refiramos. É, por exemplo, mais expectável, à luz dos trabalhos publicados que se conhecem para o nosso território, que haja maior ocorrência de testemunhos para o século V do que para a centúria subsequente. Antevê-se também que a incidência de produtos africanos será provavelmente superior à de orientais, num mesmo local.

Por outro lado, trata-se de compreender igualmente que diferenças existem, ao nível da cultura material e na região compreendida na nossa dissertação, entre um período em que a presença oriental na *Hispania* era apenas derivada de contactos económicos e outro momento em que o domínio bizantino se corporiza em região incerta do Sudeste da Península Ibérica, na sequência de um conhecido movimento de recuperação dos territórios ocidentais por parte do governo imperial em Constantinopla, datado dos séculos VI e VII. Pretende-se, no fundo, saber se à primeira época que definimos corresponde um maior ou menor número de materiais orientais do que à segunda, ou se a expansão bizantina na Antiguidade Tardia alterou o panorama dos produtos que chegavam ao Sul da *Lusitania*.

## I.2 – METODOLOGIAS

### I.2.1 – Contextos, proveniência, estratigrafia e cronologias

Após a apresentação das problemáticas da nossa dissertação e das linhas gerais de investigação que nos propomos seguir, é imprescindível que refiramos as metodologias que pretendemos adoptar, com vista a dar resposta às questões que acima formulámos.

Por uma questão de espaço, tempo e exequibilidade, no cômputo geral dos espólios de museus do Baixo Guadiana, cingir-nos-emos aos estudos de contextos

urbanos e de *villae*, que são, como se sabe, a partir do século IV, um prolongamento rural do paradigma de vida no espaço citadino. Interessam-nos especialmente estas realidades, porque se trata de locais privilegiados de chegada e consumo de produtos oriundos do Mediterrâneo. São, nesta medida, espaços essenciais para o estudo que pretendemos levar a cabo.

Há três preocupações primordiais que um trabalho desta natureza deve ter: arqueossítios ou áreas de jazida dos artefactos; contexto da sua exumação (se existir registo); e a cronologia dos materiais. Relativamente ao primeiro ponto, só serão consideradas para estudo as peças cujo sítio de onde foram retiradas seja conhecido com absoluto grau de fiabilidade. Esta circunstância frustrou a inclusão, na presente tese, de algumas peças que encontrámos em Mértola: um raro fragmento da forma Hayes 2 em *Late Roman D* e fragmentos de TSFT correspondentes à forma Hayes 3. Estes já haviam sido estudados por Manuela Delgado (1992), sendo certo que provêm da vila baixo-alentejana, mas não se conhecendo o exacto local de onde foram retirados.

Quanto aos contextos de exumação dos artefactos, tudo depende do decurso dos trabalhos arqueológicos a que nos estivermos a referir. Se falarmos de escavações sem estratigrafia, a preocupação não se põe, porque não teremos outra alternativa senão passar esta parte do estudo adiante. Já se pensarmos em intervenções que tenham seguido métodos estratigráficos – quer Wheeler, quer planos predefinidos, quer Barker-Harris, quer ainda adaptações de alguns destes métodos de escavação e registo –, temos de considerar que análises aos estratos e aos materiais paleoecológicos que contêm poderão ter servido para afinar as cronologias mais gerais dos trabalhos de referência de que adiante falaremos. Assim, os registos da escavação, a existirem, poderão dar-nos contributos valiosos para uma correcta reflexão sobre os artefactos que estudarmos.

Finalmente, no que às cronologias diz respeito, o nosso conhecimento entronca-se necessariamente no ponto anterior, mas também em trabalhos de referência, realizados por especialistas. Existem grandes obras dedicadas a cerâmicas de mesa orientais e norte-africanas, como as de J. W. Hayes (*Late Roman Pottery*, 1972, e o subsequente *A Supplement to Late Roman Pottery*, 1980), o *Atlante delle forme ceramiche I. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)* (1981) e o estudo de Michel Bonifay (*Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, 2004), que constituem marcos científicos sobre este tema. Mais recentemente, a publicação do livro *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving*

*problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (2011), veio também contribuir para o esclarecimento de algumas datações e tipologias de cerâmicas finas e também para alterações bastante interessantes na visão que os arqueólogos têm normalmente em relação a estes materiais e aos contextos dos quais provêm. Daí que utilizemos igualmente esta obra como trabalho de referência para a nossa tese.

### 1.2.2 – Tratamento dos dados obtidos

A primeira fase do estudo que pretendemos desenvolver diz respeito à análise das cerâmicas finas em si mesmas. Uma vez que esta dissertação se dedica ao fenómeno de importação daqueles artefactos no Baixo Guadiana, escolhemos estudar apenas as peças que se conseguiram identificar. Incluímos, na presente tese, quatrocentos e dez fragmentos de cerâmica. Aplicámos a metodologia do número mínimo de indivíduos<sup>3</sup> às cerâmicas, de modo a lidarmos com critérios o mais próximos possível da realidade da época. Para este efeito, seguimos o protocolo de quantificação de cerâmicas estabelecido na mesa redonda de Mont Beuvray (1998). Assim, dos fragmentos em estudo, recolheram-se trezentos e cinquenta e sete indivíduos. Para a aferição do NMI, não se contabilizaram peças amorfas com decoração, uma vez que poderão ter feito parte dos artefactos cuja forma identificámos. No entanto, estudámo-las também de um ponto de vista tipológico e cronológico. Por fim, os materiais cujas produções se inscrevem na nossa dissertação, mas cuja forma e datação não pudemos identificar, não foram incluídos no nosso objecto de análise. Não obstante, menciona-se aqui que encontrámos trinta e um fragmentos não identificáveis de TSAf D, constituindo, na sua maioria, fundos planos não decorados, que podiam ser adscritos a várias formas.

Para a descrição física das peças, fizemos referência a pastas e engobes, em termos de textura e cor. Para esta última alínea, remetemo-nos à *Munsell Soil Color Charts*, edição revista de 2000, pelo que as colorações devem ser entendidas como aproximadas.

Após a recolha de informação necessária a partir dos artefactos estudados, seguidas as metodologias que acima definimos, será necessário congregarmos os dados

---

<sup>3</sup> Doravante, NMI.



obtidos, para conseguirmos estabelecer finalmente o processo histórico-arqueológico que lhes está subjacente.

Em primeiro lugar, o tratamento estatístico dos dados obtidos revela-se essencial para a percepção dos ritmos de chegada de produtos oriundos de contextos mediterrânicos ao território que abordaremos na nossa tese. Acreditamos que será preferível, para o caso concreto das cerâmicas finas, tentar perceber que fases de importação terão existido no Baixo Guadiana, após o estudo das peças de cada arqueossítio. Deste modo, baseados nas cronologias que conseguirmos atribuir aos materiais, procederemos à criação de intervalos de dez anos, com o intuito de analisar as probabilidades de ocorrência das diferentes peças. Por exemplo, se uma forma tiver sido produzida durante cerca de cinquenta anos e tiver oferecido três exemplares, a probabilidade de importação dessa forma em cada uma das décadas da sua produção é de 0,6 ou 60% (0,2 ou 20% por cada exemplar). Somando todas as probabilidades de todos os morfotipos ao longo dos decénios, conseguiremos perceber a evolução das importações de cerâmica fina norte-africana e mediterrânica oriental, entre os séculos V e VII, no Baixo Guadiana<sup>4</sup>.

É igualmente importante a obtenção de paralelos e termos de comparação para as realidades que estudarmos. O Sul da *Lusitania* não é, na Antiguidade Tardia, uma região única e privilegiada no que respeita à recepção de objectos do Mediterrâneo Oriental e Norte de África, sendo que se podem encontrar artefactos desta proveniência na restante área da província e nas outras circunscrições administrativas da *Hispania*. Importará, assim, estabelecer pontes entre os contextos por nós estudados e os que lhes são próximos – especialmente outras cidades costeiras ou fluviais –, para que o processo histórico-arqueológico que queremos definir possa encontrar contrapontos e extensões noutras regiões da Península Ibérica.

Sendo um dos propósitos fundamentais desta tese de mestrado a compreensão dos fluxos de importação de cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana, entre os séculos V e VII, julgamos necessário perceber o panorama do comércio tardo-antigo na *Hispania*, de acordo com os estudos que têm sido realizados. Sabemos, pelas crónicas coevas e por trabalhos como os de Luis García Moreno (*Colonias de comerciantes orientales en la Península Ibérica*, 1972) e de

---

<sup>4</sup> Estamos agradecidos ao Mestre Rodrigo Banha da Silva (FCSH-UNL e Museu da Cidade de Lisboa) por nos ter sugerido este método de análise estatística dos dados, que se revelou muito frutuoso.

Enrique García Vargas [*Oriental Trade in the Iberian Peninsula during Late Antiquity (4th-7th centuries AD): An Archaeological Perspective*, 2011] que comerciantes vindos do Mediterrâneo Oriental se estabeleceram em diversas cidades da *Hispania* pós-romana, formando aquilo a que se pode chamar «colónias». Também Henri Pirenne as localizou, com recurso a fontes históricas, para a *Gallia* franca, em locais interiores como *Arvernus* (Clermont-Ferrand) e *Aurelianum* (Orleães), ponderando a hipótese de terem também existido em *Lugdunum* (Lyon) – onde existia uma grande comunidade judaica –, *Burdigala* (Bordéus) e *Massilia* (Marselha), que era um importante porto de comércio com o Oriente e com o Norte de África (PIRENNE, 2009: 21).

No Baixo Guadiana, essencialmente para o século VI e somente para Mértola, conhecem-se também testemunhos epigráficos da presença de orientais, que ali terão residido e sido inumados. Tem cabido aos investigadores e colaboradores do Campo Arqueológico de Mértola o estudo dessa comunidade exógena e é nossa opinião que os testemunhos cerâmicos de que trataremos nesta dissertação não deverão ser examinados de modo independente daquela realidade sociológica que poderá ter tido relação estreita com os mecanismos de importação do nosso objecto de análise.

Finalmente, será conferido um papel de algum relevo à distinção entre os séculos V e VI, ou seja, entre a desintegração do poder imperial no Mediterrâneo Ocidental e a subsequente tentativa de recuperação, visto que o âmago desta dissertação é tentar perceber, como se disse, as realidades socioeconómicas em que os artefactos se inserem. Estas últimas não podiam, de facto, ser mais díspares, em termos históricos. Já em termos arqueológicos, muito embora haja muitos trabalhos científicos que abordaram parcial ou totalmente essas questões, seremos obrigados a remeter para o fim da tese todas as conclusões a que chegarmos, em capítulo terminal que lhes seja dedicado.

## CAPÍTULO II – ESTADO DA QUESTÃO

### II.1 – As intervenções arqueológicas no Baixo Guadiana

Neste subcapítulo da nossa dissertação, escolhemos efectuar uma súmula de todos os trabalhos de referência publicados em Portugal sobre testemunhos arqueológicos tardo-antigos ligados ao Mediterrâneo e encontrados no Baixo Guadiana. Este apanhado acabará por conter, bem entendido, toda a bibliografia respeitante a assuntos semelhantes ao nosso objecto de estudo, porque aquela não é abundante no meio científico nacional.

O primeiro arqueólogo a interessar-se pela Antiguidade Tardia no Baixo Guadiana – ainda que não existisse este apodo cronológico na sua época – foi Estácio da Veiga (1828-1891). São sobejamente conhecidas as prospecções e escavações, registadas dentro do que melhor se fazia naquele tempo, que este investigador desenvolveu nos actuais concelhos de Mértola e Alcoutim, em 1877, no ano seguinte ao de uma catastrófica cheia do Guadiana. No que respeita à Antiguidade Tardia, destacamos o reconhecimento arqueológico da Basílica do Rossio do Carmo (Mértola) e da *villa* do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim).

Em 1972, no seu livro *Arqueologia Romana do Algarve*, em dois volumes, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos analisa diversos arqueossítios do concelho de Alcoutim, muito a partir das intervenções que Estácio da Veiga havia levado a cabo, em 1877 (SANTOS, 1972: 367-391). No entanto, a autora não publica espólios da Antiguidade Tardia com clara ligação ao Mediterrâneo, especialmente no que ao Montinho das Laranjeiras diz respeito.

Somente a partir de 1978, com a inauguração do Campo Arqueológico de Mértola, se assistiu ao início de intervenções sistemáticas no Baixo Guadiana, que perduram até hoje. Contam-se aqui as escavações da Basílica do Rossio do Carmo (1980-1992) (MACIAS, 2006: 285-287), mas também do chamado Bairro da Alcáçova (1978-presente), nas quais se exumou um complexo baptismal paleocristão (LOPES, 2008: 33-38). Por fim, descobriu-se, em 2008, um mausoléu na rua Dr. Afonso Costa, datado do século VI (LOPES e GÓMEZ MARTÍNEZ, 2008: 278-279).

De igual modo, no concelho de Alcoutim, se exumaram vestígios arquitectónicos paleocristãos, nomeadamente nas escavações que puseram novamente a descoberto a *villa* do Montinho das Laranjeiras. Estas foram entregues à direcção

científica de Justino Maciel (1990, 1991, 1994, 1995 e 1996) e, posteriormente, de Hélder Coutinho (2000 e 2001, tendo co-dirigido os trabalhos em 1994, 1995 e 1996). Exumaram-se, ao longo de sucessivas campanhas, estruturas que foram interpretadas como um espaço da *pars fructuaria*, uma basílica tardo-antiga com planta cruciforme e cabeceira virada a Sudeste e duas casas islâmicas. Em termos de espólio cerâmico, percebe-se a existência de peças que medeiam entre o século I e os séculos XI-XII (COUTINHO, 1997: 13).

Finalmente, em 2004, as descobertas arqueológicas tardo-antigas efectuadas em Mértola, até àquele momento, foram coligidas no livro *Mértola na Antiguidade Tardia – A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo*, da autoria de Virgílio Lopes. Esta publicação, não se focando em artefactos cerâmicos – embora inclua alguns –, é uma importante síntese para a compreensão dos edificadoss e das relações espaciais e cronológicas entre eles.

## II.2. – Publicação de cerâmicas finas tardo-antigas no Baixo Guadiana

No que respeita a loiças de mesa de importação oriental e africana, com cronologias entre o abandono do território por Roma e a ocupação muçulmana, as publicações sobre o Baixo Guadiana têm sido pontuais e muito escassas. Somente na segunda metade do século XX e na actual centúria que vivemos foram dados à estampa artefactos correspondentes às características que enunciámos no início deste parágrafo.

Em 1972, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos publica informações sobre arqueossítios do concelho de Alcoutim, nomeadamente sobre espólio arqueológico deles retirado. Do Montinho das Laranjeiras, refere a investigadora que Estácio da Veiga retirou uma epígrafe, cerâmica – entre a qual *terra sigillata* (dezanove fragmentos) –, vidros, objectos de metal e artefactos em osso (SANTOS, 1972: 373-377). Não estamos certos de que alguma destas peças em *sigillata* não pudesse corresponder a produções tardias, mas tal possibilidade não se nos afigura muito provável.

Foi, mais uma vez, com o aparecimento do Campo Arqueológico de Mértola que as publicações respeitantes a materiais se tornaram frequentes no Baixo Guadiana, especialmente no que se refere a cerâmicas islâmicas. Para a Antiguidade Tardia, Manuela Delgado escreveu um primeiro artigo de síntese sobre TSFT e LRD

encontradas no território nacional e identificadas pela arqueóloga após prospecção em vários museus de referência. Entre estas peças, estão integrados fragmentos de ambas as produções, originários de Mértola (DELGADO, 1988). Foi esta a primeira obra científica a integrar holisticamente os materiais cerâmicos pertencentes a dois fabricos orientais identificados num arqueossítio do Baixo Guadiana, tratando-se de um trabalho inequivocamente pioneiro.

Em 1992, a mesma autora publicou em pormenor as cerâmicas finas orientais existentes à época naquela vila baixo-alentejana, repetindo em certa medida o que havia feito três anos antes, mas atribuindo muito mais importância à classificação de cada uma das peças de TSFT e LRD, tendo incluído desenhos de cada um dos exemplares – ao invés das representações gráficas mais gerais do artigo anterior (DELGADO, 1992).

Apenas em 1993, aquando da edição do livro *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*, foram publicados materiais arqueológicos tardo-antigos, provenientes do Rossio do Carmo e zona envolvente, mas também da casa integrada no Núcleo Romano do Museu de Mértola, no edifício da Câmara Municipal. No que respeita a materiais de interesse para a nossa dissertação, Virgílio Lopes, autor do capítulo, publicou duas lucernas, fundos e bordos de peças de TSAf D (entre os quais uma taça Hayes 92), um bordo de peça de TSFT (Hayes 3) e ânforas, entre as quais uma peça aparentada com Keay XXXVI A (LOPES, 1993: 84-89).

Fora de Mértola, para a Antiguidade Tardia no Baixo Guadiana, são escassos os estudos publicados até hoje. Teria de esperar-se pela década de 90 do século XX para que se instituísssem estudos de artefactos relativos a Alcoutim, pela mão de Helder Coutinho, com a publicação do livro *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991* (1997). Nele, o autor publicou peças de TSAf A, C, D e E exumadas da *villa* do Montinho das Laranjeiras em 1990-1991.

Para o restante vale do Guadiana que se integra no Algarve, a melhor fonte de conhecimento, nos concelhos de Alcoutim e Castro Marim, são as prospecções efectuadas por Helena Catarino, no âmbito da sua tese de doutoramento e publicadas aquando da mesma obra (CATARINO, 1997-1998).

## CAPÍTULO III – CONCELHO DE ALCOUTIM

### III.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O concelho de Alcoutim localiza-se no Nordeste do Algarve, ocupando uma área de 576,57 km<sup>2</sup>. Encontra-se delimitado pelo rio Guadiana, a Leste, sendo que também confina com os concelhos de Mértola, Almodôvar, Loulé, Tavira e Castro Marim.

Desde o início da última década do século XX, a actividade arqueológica neste município algarvio, no que respeita à Antiguidade Tardia, envolveu várias prospecções e duas escavações. As primeiras foram efectuadas, sobretudo, por Helena Catarino e os seus colaboradores, durante o tempo em que aquela arqueóloga efectuava trabalhos no Castelo de Alcoutim, Castelo Velho de Alcoutim e Castelo das Relíquias, assentamentos da Época Medieval (CATARINO, 1997-1998). Também o técnico superior de Património Cultural da Câmara Municipal de Alcoutim, Fernando Dias, efectuou prospecções arqueológicas na freguesia de Martim Longo, como nos comunicou oralmente. Todas estas campanhas de recolhas de superfície forneceram materiais romanos e tardo-antigos, cujo estado de conservação pode geralmente ser considerado mau, especialmente no que respeita à *terra sigillata*.

Em relação a trabalhos de escavação, o principal arqueossítio com ocupação na Antiguidade Tardia a ser intervencionado neste município foi a *villa* do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim, Alcoutim, Faro). Verificou-se igualmente ocupação tardo-antiga no sítio de Vale de Condes (Alcoutim, Alcoutim, Faro), onde a escavação de uma necrópole de inumação, a cargo de Isabel Inácio, revelou dezanove sepulturas com espólio osteológico, embora sem artefactos de interesse para a nossa tese (INÁCIO, 2005).

Os materiais que inventariámos, provenientes do concelho de Alcoutim, resumiram-se, pois, aos exumados na *villa* do Montinho das Laranjeiras (campanhas de 1990, 1991, 2000 e 2001) e aos que Helena Catarino recolheu nas suas prospecções. Em relação ao primeiro caso, o espólio encontra-se em bom estado de conservação, permitindo facilmente a identificação das tipologias, na maioria dos casos. No que respeita ao segundo, todavia, trata-se de materiais de superfície, que frequentemente não conservam porções que permitam perceber as formas subjacentes, sendo que os revestimentos se acham, normalmente, muito danificados por agentes erosivos. Mesmo quando se conseguem recuperar porções identificáveis, nomeadamente de fundos, e até

quando se pode perceber similitudes formais entre fragmentos, é bastante difícil enquadrá-los nas tipologias de referência.

Considerando também a escassez de materiais resultantes das prospeções de Helena Catarino, optámos aqui por agrupar os sítios de onde estes materiais provêm com o Montinho das Laranjeiras, quando nos dedicarmos à problematização dos dados recolhidos no actual concelho de Alcoutim.

### III.2 – VILLA DO MONTINHO DAS LARANJEIRAS

O arqueossítio em questão foi intervencionado durante várias campanhas, em 1990, 1991, 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2002. Porém, para além de o espólio de 1994 a 1996 não se encontrar depositado com os demais artefactos (pelo que não nos foi possível estudá-lo), o tratamento dos materiais exumados não foi sistemático, porque serviu distintos propósitos e interesses, dependendo de cada campanha. Assim, aos primeiros trabalhos coordenados por Justino Maciel, que incidiram somente sobre as estruturas, seguiu-se o estudo da TSAf efectuada por Hélder Coutinho, para a sua dissertação de Mestrado, após o que, em 1997, este mesmo autor publicou o livro *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991*. Os restantes materiais, especialmente os das campanhas mais recentes – 2000 e 2001, que foram intervenções com vista à musealização do sítio – nunca foram estudados e foram catalogados de maneira diferente dos anteriores. Assim, todas as cerâmicas cuja marcação de inventário começar pela palavra «MONTINHO» ou «MONT» foram analisadas e publicadas por Hélder Coutinho, sendo que também as estudaremos. Todas as restantes peças se encontravam inéditas até à sua inclusão nesta tese.

A *villa* do Montinho das Laranjeiras apresenta como importações, para a Antiguidade Tardia, duas grandes produções de cerâmica fina que pontificaram um pouco por todo o Mediterrâneo: a TSAf e a TSFT. Tal como já foi referido por Hélder Coutinho (1997: 21), as cerâmicas norte-africanas são maioritárias neste arqueossítio, ocupando a TSAf D um importante segundo lugar no quadro geral das peças exógenas – posição que não abandonará, mau grado as peças que o nosso estudo acrescentar a este conjunto. A TSFT, por seu turno, possui representação quantitativa muito fraca.

No que respeita à TSAf D produzida e importada no intervalo cronológico que interessa à presente tese, este arqueossítio ofereceu uma apreciável variedade de formas,

que passaremos aqui a analisar em pormenor. A forma mais antiga deste período será Hayes 59, representada por sete fragmentos de aba. A sua datação situa-se entre c. 320 e c. 400/420 (*Atlante I*: 83).

Em seguida, surge-nos a forma contemporânea Hayes 61A, com oito fragmentos, à qual se adscrive uma cronologia de c. 325 a c. 400/420 (*ibidem*: 84). Existem também todas as variantes da forma Hayes 61A/B. A variante A/B1 encontra-se representada por apenas um fragmento de bordo, tal como a variante A/B2. Ambas se datam de inícios do século V, podendo eventualmente chegar aos meados da centúria (BONIFAY, 2004: 171). A variante A/B3, mais tardia, encontra-se representada por dois exemplares bastante completos, embora não apresentem a totalidade do perfil da peça. A datação que lhe corresponde é a primeira metade do século V, dado que se trata de um dos exemplares canónicos (*loc. cit.*). Finalmente, a variante A/B4 adscrive-se apenas um fragmento com razoável porção do bordo e do corpo, datado do primeiro terço do século V (*loc. cit.*).

Um dos exemplares de Hayes 61A/B3, ML 01 G-14, exhibe um pequeno orifício incompleto, junto a uma das fracturas do corpo, que é mais largo no anverso do que no reverso, demonstrando ter sido elaborado após a cozedura, por perfuração, utilizando um instrumento pontiagudo com o qual se fizeram movimentos rotativos do interior para o exterior. Cremos que se trata de um furo destinado à reparação da peça, de modo a prolongar-lhe a sua vida útil. Poderia também considerar-se a hipótese de este grande prato ter sido transformado num coador *a posteriori*, possibilidade que não vinga devido ao facto de aparecer apenas um orifício numa porção considerável do artefacto. Esta ocorrência parece, isso sim, comprovar o assinalável prestígio de que a TSAf D e, certamente, as outras cerâmicas finas importadas gozavam entre as populações do Baixo Guadiana, uma vez que merecia ser reparada. Poderá também dar-nos pistas sobre os seus preços, que talvez não fossem propriamente módicos. É também exequível que daqui se retirem informações sobre a manutenção ou desagregação das redes comerciais. Discutiremos mais prolongadamente esse assunto adiante, quando tratarmos de perceber os processos arqueológicos inerentes a estas aquisições exógenas.

Encontraram-se igualmente, no espólio do Montinho das Laranjeiras, dois fragmentos que dão colagem e que, apesar de deteriorados, pudemos atribuir à forma Hayes 61B1. Este tipo corresponde a uma cronologia da primeira metade do século V (*loc. cit.*).



A forma Hayes 65, representada por um fragmento, corresponde a cronologia de entre c. 320 e c. 400/420 (*Atlante I*: 83).

A forma Hayes 67B ocorre, no Montinho das Laranjeiras, por meio de dois fragmentos de bordo. A sua cronologia, segundo Bonifay (2004: 173), fixar-se-á entre os finais do século IV e os inícios do século V, como data inicial, e os meados desta última centúria, como data terminal.

Dois exemplares da forma Hayes 67, aos quais não pudemos atribuir cronologia mais fina, devido à falta do lábio, deverão ser datados de entre a segunda metade do século IV e finais do século V (*loc. cit.*).

A forma Hayes 67/71 possui três exemplares que foram encontrados no Montinho das Laranjeiras. A datação que lhes será atribuída, à falta de mais evidência, deverá corresponder à da forma Hayes 67, a qual, segundo Bonifay (2004: 173), se situa no período entre a segunda metade do século IV e a segunda metade do século V.

O tipo Hayes 68, em TSAf E, representado por três fragmentos – dois dos quais oferecem colagem –, foi classificado por Hélder Coutinho aquando da sua tese de mestrado (COUTINHO, 1997: 44; 54; estampa VI, n.º 35). Porém, se confrontarmos o desenho da peça que o autor apresenta na sua tese, percebemos que temos um bordo em aba convexa, ao invés de ser anguloso e repleto de inflexões bruscas (cf. HAYES, 1972: 116-117; fig. 20, forma 68, n.ºs 1, 4-7). Julgamos que não se trata da mesma peça, embora seja óbvio que a pasta e o engobe não correspondem a uma produção de TSAf D canónica. Interpretamos estes dois fragmentos como uma forma a que designaremos de Hayes 67, *similis*; embora apresente características muito semelhantes às da forma canónica, observa-se uma concavidade na face exterior do lábio que estabelece uma diferenciação relavante. Estas peças terão sido provavelmente produzidas em TSAf E. Não excluimos, no entanto, a hipótese de se tratar de uma produção menos comum de TSAf D. A cronologia que escolhemos atribuir-lhe, à falta de mais informação, é similar à da forma Hayes 67: da segunda metade do século IV a finais do século V (cf. BONIFAY, 2004: 173).

A forma Hayes 69, da qual se exumou um fragmento, foi aferida também por Coutinho (1997: 42, 53; estampa V, n.º 27) na sua tese de mestrado. A definição concretizada por John W. Hayes (1972: 117, 119; fig. 20, forma 69, n.º 1) é a de uma peça semelhante a Hayes 67 e 76, com um bordo menos espesso, mas alto. No caso

apresentado por Coutinho, a peça tem um lábio alto, amendoado, com um vértice projectado superiormente, sendo que também é bastante espesso. A restante aba, por seu turno, é curva quando as abas de Hayes 69 devem ser rectas e oblíquas. Trata-se, em nossa opinião, de uma peça muito mais próxima da forma Hayes 73 e é esta classificação que lhe atribuímos. A sua datação corresponde ao intervalo entre c. 420 e c. 475 (HAYES, 1972: 124).

Ao mesmo tipo corresponderá igualmente um outro fragmento de bordo com a marcação MONTINHO 91 D-16-34, que Hélder Coutinho (1997: 42) tinha classificado como Hayes 76. No entanto, ao tratar-se de uma variante de diâmetro modesto, terá necessariamente de corresponder à forma Hayes 73 (vd. HAYES, 1972: 123; *Atlante I*: 72). Assim, também este exemplar se adscreverá a uma cronologia de c. 420 a c. 475 (HAYES, 1972: 124).

A forma Hayes 91 encontra-se representada por fragmentos que reportam a diferentes variantes. Dois pedaços de aba remetem para uma variante conjunta Hayes 91A/B, criada casuisticamente devido ao facto não conseguirmos distinguir as variantes uma da outra. Isto porque os critérios de distinção estabelecidos pelo próprio John W. Hayes baseiam-se na ocorrência de duas caneluras ao nível do corpo, que existem no tipo 91A, mas não no 91B (vd. HAYES, 1972: 140). Deste modo, as peças classificadas como Hayes 91A/B terão uma datação conjunta, situada entre c. 400/420 e c. 530 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177). Refira-se que esta mesma designação foi adoptada por vários investigadores, entre os quais Paul Reynolds (1987: 28, 30).

Encontrou-se também um fragmento de aba que, pelas suas características, pôde ser atribuído à forma Hayes 91, n.º 29, que John W. Hayes considerou tratar-se de um tipo cerâmico semelhante à variante B, mas que exhibe uma canelura junto ao lábio da aba, na superfície superior (HAYES, 1972: 143). Nem este autor, nem o *Atlante I* (tav. XLIX, 2) avançam qualquer datação para este tipo de peça, mas podemos perfeitamente admitir, dada a semelhança com Hayes 91B, a cronologia desta variante: c. 450-c. 530 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177).

O fragmento mais tardio relacionado com a forma Hayes 91 pertence, sem qualquer espécie de dúvida, à variante C e corresponde à peça MONTINHO 90 D-16-1. É importante que nos demoremos um pouco nele, uma vez que Hélder Coutinho, disse não ter sido capaz de determinar a variante, devido ao exíguo tamanho do fragmento – muito embora a legenda do desenho que apresenta fale, de facto, em Hayes 91C (cf.

COUTINHO, 1997: 18, 53). John W. Hayes identificou claramente, no seu *Late Roman Pottery*, as características que justificavam a distinção entre os quatro subtipos da sua forma 91 de TSAf D. Entre elas, encontra-se aquela que é mais determinante para a nossa decisão: a aba do subtipo C está sempre colocada a maior distância do bordo do que em A ou B (HAYES, 1972: 140-141, 142, fig. 26). Por outro lado, ao passo que a aba da variante 91D é mais reduzida e tem um ângulo menos pronunciado relativamente ao corpo, o nosso fragmento exhibe um ângulo mais acusado, próximo de 90°, o que reforça a nossa atribuição (cf. *ibidem*: 142, fig. 26). A sua cronologia pode ser fixada entre c. 500<sup>5</sup> e c. 600 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177; LRFW Working Group, 2011: 20).

É admissível que outro fragmento de aba, ML 00 J.19.1, possa ser adscrito à variante Hayes 91C. Trata-se de uma aba curta, com lábio espessado apenas inferiormente, de secção semicircular. John W. Hayes (1972: 144) parece considerar, no *Late Roman Pottery*, a existência destas peças, quando diz, acerca dos exemplares mais tardios da forma 91:

*«Examples with rolled or hooked flanges (as 21) seem to precede those with short flat ones (as 23).»*

Neste caso concreto, julgamos que a datação de entre c. 500 e c. 600, definida para a variante C, poderá, de igual modo, ser aplicada a este fragmento.

Reconheceu-se também a forma Hayes 104A, que foi datada por Coutinho (1997: 23, 43) de entre inícios ou o segundo quartel do século VI e c. 580. Refere o mesmo autor que, dado que a maioria das formas de TSAf presentes no Montinho das

---

<sup>5</sup> Esta datação não corresponde àquela que John W. Hayes apresentou no *Late Roman Pottery* (1972: 144) e também não é sugerida pelo *Atlante I* (p. 106), que segue a proposta do arqueólogo inglês. Todavia, as escavações dos contextos 1A-B de Torre de l'Audiència (Tarragona, Espanha) e da propriedade Carrillo (Cápuia, Itália) sugerem uma relação de coexistência entre a variante Hayes 91C e formas que poderão ser todas adscritas aos finais do século V (LRFW Working Group, 2011: 20). No entanto, acreditamos que esta situação poderá não corresponder totalmente à realidade. A forma Hayes 103 em TSAf D, que ocorre no primeiro conjunto, terá maior probabilidade estatística de ter sido produzida no século VI (cf. HAYES, 1972: 159-160; *Atlante I*: 99), acontecendo exactamente o mesmo com as formas Hayes 99A e Hayes 104A, presentes no segundo conjunto mencionado (cf. BONIFAY, 2004: 181, 183), embora de modo menos expressivo. Existe, a nosso ver, a possibilidade de as datações daqueles conjuntos estarem demasiado recuadas, tanto mais que se tratam de contextos de descarte, pressupondo um tempo de uso mais ou menos considerável entre a produção e a inutilização da maioria dos artefactos. Por outro lado, John W. Hayes transmitiu-nos – em generosa comunicação pessoal, que muito agradecemos – que não rejeitava a possibilidade de existirem peças de Hayes 91C produzidas durante o século V, mas que as datações numismáticas dos estratos não tinham, até ao momento, confirmado essa realidade para os contextos de produção. Deste modo, tentando procurar algum equilíbrio entre os dados, concedemos que pode ser possível que esta variante tenha começado a ser manufacturada em redor do início do século VI.

Laranjeiras não ultrapassa a década de 470, também os fragmentos de Hayes 91 de variantes desconhecidas – entre os quais se encontra, de facto, o exemplar da variante C, que atrás analisámos – e aquele que corresponde à forma Hayes 104A teriam de corresponder a uma cronologia de finais do século V (COUTINHO, 1997: 23). Em abono da verdade, atendendo ao tempo em que a sua tese de mestrado foi redigida, Hélder Coutinho não poderia conhecer a verdadeira cronologia do fragmento aqui em estudo – ao contrário do que se passa com o fragmento de Hayes 91C, facilmente reconhecível à época. De facto, ter-se-ia de esperar sete anos pelo grande estudo de Michel Bonifay para que se afinasse a datação daquele artefacto. Hoje, graças a esse trabalho, pode o autor da presente tese afirmar que se trata de um fragmento correspondente à variante Hayes 104A2, cuja datação, segundo Bonifay (2004: 183), será do segundo quartel do século VI.

Finalmente, encerrando o capítulo das cerâmicas zeugitanas tardias, também a forma Fulford 52 ocorre no arqueossítio em estudo, sendo representada por dois exemplares com porção do bordo. A cronologia deste tipo cerâmico situa-se na primeira metade do século VI (MARTIN, 2005: 134).

Também se encontram, em Alcoutim, fragmentos decorados por estampilhagem e produzidos em TSAf D. De um total de nove peças, atribuímos cinco ao estilo A(ii) – com cronologia de c. 350-c. 420 –, uma ao estilo A(iii) – correspondendo a datação de c. 410-c. 470 – e duas aos estilos A(ii)-A(iii) – com cronologia conjunta de c. 350-c. 470 (vd. HAYES, 1972: 219). Ocorre um outro exemplar com fundo estampilhado, que pertencerá seguramente ao estilo A – c. 320-c. 470 (*loc. cit.*). Esta última peça, à semelhança de um dos fragmentos da forma Hayes 61A/B3, apresenta um orifício para reparo, que se preserva na totalidade. Tal facto indica que o artefacto em questão foi objecto de conserto, com o propósito de prolongar a sua vida útil.

Entrando agora no estudo da TSFT, existem três fragmentos destas produções no Montinho das Laranjeiras. Dois deles foram estudados por Hélder Coutinho, ainda que não publicados no seu livro de 1997. Este investigador classificou a peça MONTINHO 90 C-17-1 como Hayes 3C ou 3E. A nossa opinião é que se trata, de facto, da variante E, devido ao pequeno ressalto que existe na parte inferior do bordo e às grandes semelhanças que a peça apresenta em relação a exemplares da variante C, na qual se filia (cf. HAYES, 1972: 331 e fig. 68). A sua cronologia corresponderá ao último quartel do século V (*ibidem*: 337-338)

Coutinho também atribuiu a peça MONTINHO 90 D-18-35 à variante E, sendo que optámos por adscrevê-la à forma Hayes 3F, uma vez que existe uma suave concavidade no interior do bordo que não tem continuação para o arranque do corpo e também porque apresenta o pequeno ressalto na parte inferior do bordo, que também caracteriza esta variante (cf. *ibidem*: 331, 338 e fig. 69).

Identificámos outro exemplar de TSFT, cujo bordo se encontrava muito rolado. No entanto, é possível circunscrevê-lo à forma Hayes 3, variantes C, D ou E, já que os bordos de Hayes 3A, 3B, 3G e 3H não correspondem à morfologia que a peça apresenta. A cronologia desta peça deverá mediar entre c. 460 e c. 500 (*ibidem*: 337-338).

### III.3 – VILLA DA LOURINHÃ (PROSPECÇÃO DE HELENA CATARINO)

Neste arqueossítio (Alcoutim, Alcoutim, Faro), identificado como *villa* pela autora da prospecção, encontrou-se apenas um artefacto com interesse para a nossa tese. Trata-se inquestionavelmente de um fragmento pertencente a uma peça de TSAf C. No caso, trata-se de um fundo de taça com decoração de roletilha, correspondente à forma Hayes 53B, cuja cronologia se situará entre c. 370 e c. 430 (*Atlante I*: 67).

### III.4 – CERCADO DA FERRUGEM E MINA DO BARRANCO DA QUEBRADA (PROSPECÇÃO DE HELENA CATARINO)

Neste arqueossítio, que seria talvez um grande casal, encontrou-se apenas um fragmento com porção de bordo de Hayes 67B, em muito mau estado, datado de entre finais do século IV e meados do século V (BONIFAY, 2004: 173).

### III.5 – PROBLEMATIZAÇÃO DOS DADOS

O actual concelho de Alcoutim oferece um conjunto de quarenta e seis indivíduos de cerâmicas finas mediterrânicas tardo-antigas. A nosso ver, a dimensão desse agregado de peças apresenta-se fortemente influenciada por dois factores: a ausência de um centro urbano, durante a Antiguidade Tardia, que tivesse capacidade para importar estas loiças em maior quantidade – como veremos, por exemplo, para Mértola; e a residualidade da investigação de contextos tardo-antigos, no que respeita a

escavações e a prospecções sistemáticas. De facto, a *villa* do Montinho das Laranjeiras apresenta-se como o único arqueossítio não funerário em Alcoutim com consumo cerâmico claramente datado da Antiguidade Tardia. Perante este panorama, importa relembrar, como atrás dissemos, que faremos uma análise conjunta dos resultados do Montinho das Laranjeiras e das prospecções de Helena Catarino, dada a exiguidade numérica dos fragmentos que estas últimas ofereceram.

O período entre c. 400 e c. 420 é indelevelmente marcado pela presença das formas de TSAf que começaram a ser produzidas no século IV. São elas Hayes 59 e Hayes 61A, que se encontram muito bem representadas em termos quantitativos, com sete indivíduos e nove indivíduos, respectivamente. Serão certamente os morfotipos com maior NMI no actual concelho de Alcoutim. Registaram-se igualmente as formas Hayes 67B (três indivíduos), Hayes 67 (dois indivíduos) e Hayes 67/71 (três indivíduos). A respeito de formas que terão principiado a sua produção e importação no início do século V, ocorrem neste conjunto todas as variantes da forma intermédia Hayes 61A/B, ainda quem em diferentes quantidades: um exemplar de Hayes 61A/B1, um exemplar de Hayes 61A/B2, dois exemplares de Hayes 61A/B3 e um exemplar de Hayes 61A/B4. Também foi identificado um único fragmento da variante Hayes 61B1. Registaram-se igualmente dois fragmentos da forma Hayes 91A/B. No que respeita à TSAf C, ocorre um fragmento da forma Hayes 53B; no âmbito da TSAf E, reconheceram-se dois indivíduos da forma Hayes 67, *similis*.

A década de 420 marca um declínio brusco nas probabilidades de importação de loiça fina de mesa no actual concelho de Alcoutim. Desaparecem as formas Hayes 59 e Hayes 61A, em TSAf D. Mantêm-se todas as restantes formas que identificámos para o período anterior. Regista-se apenas um morfotipo novo em TSAf D, Hayes 73, que começa a produzir-se no princípio da década de 420 e no início do segundo quartel do século V, mas que está francamente mal representado, com dois exemplares. Este panorama mantém-se estável até meados da centúria, apenas perturbado pelo desaparecimento, c. 430, das formas Hayes 61A/B4 (TSAf D) e Hayes 53B (TSAf C).

É em redor a 450 que as importações no actual concelho de Alcoutim sofrem uma quebra muito forte, da qual nunca recuperarão. Desaparecem as formas Hayes 61A/B1-3, Hayes 61B1 e Hayes 67B. Mantêm-se formas como Hayes 67 sem variante, Hayes 67/71, Hayes 73 e Hayes 91A/B, em TSAf D, e, provavelmente, as peças de TSAf E Hayes 67, *similis*, que poderão ter-se produzido até finais do século V. Todos

estes tipos apresentam muito fraca representatividade. É c. 475 que a TSFT surge no conjunto de cerâmicas finas mediterrânicas em Alcoutim, com as formas Hayes 3E e Hayes 3F, terminando a sua probabilidade de ocorrência c. 525. Para o século VI, em termos de TSAf D, registam-se apenas as formas Hayes 91C (c. 500-c. 600), Hayes 104A2 (c. 525-c. 550), com um indivíduo cada uma, e Fulford 52 (c. 500-c. 550), representada por dois indivíduos. A segunda metade do século VI é já totalmente estéril em importações, para os territórios alcoutenejos.

A análise que atrás efectuámos apresenta-se bastante clara. O actual território de Alcoutim pouco parece ter importado, em termos de cerâmicas finas mediterrânicas, depois de meados do século V. O desaparecimento das formas herdadas do século IV – com destaque quantitativo para Hayes 59 e Hayes 61A – não encontra contraponto, em termos numéricos, na aquisição das loiças que vão dominar o segundo quartel do século V, como sejam Hayes 67B e Hayes 73. Mesmo a predominância de estampilhas do estilo A(ii) sobre as do estilo A(iii) se presta a confirmar essa percepção. A transição para a segunda metade da centúria revela-se desastrosa para a TSAf D, que pela primeira vez não vê surgir nenhum morfotipo novo em Alcoutim. A partir desta época, as importações passam a ser residuais: a representar as cerâmicas fcoeenses – que curiosamente aparecem, nesta fase, pela primeira vez –, temos um fragmento de Hayes 3E (c. 475-c. 500), outro de Hayes 3F (c. 500-c. 525) e um terceiro de Hayes 3C, D ou E (c. 460-c. 500); e no que diz respeito às cerâmicas da Zeugitana, ocorrem dois fragmentos de Hayes 91C (c. 500-c. 600), um de Hayes 104A2 (c. 525-c. 550) e dois de Fulford 52 (c. 500-c. 550). A segunda metade do século VI já é completamente estéril em importações mediterrânicas para o actual território de Alcoutim.

Este quadro de aquisições cerâmicas a oficinas norte-africanas e mediterrânicas orientais choca, em certa medida, com a realidade arqueológica que se conhece para o único arqueossítio não funerário que sabemos ter sido povoado na Antiguidade Tardia, neste território: o Montinho das Laranjeiras. Justino Maciel e Hélder Coutinho têm referido a continuidade de ocupação que se verifica, neste arqueossítio, entre a transição das eras e o Período Islâmico (MACIEL, 1994: 476; COUTINHO, 1997: 13). Tem-se igualmente mencionado que a data da construção da igreja cruciforme da *villa* se situa nos finais do século VI, inícios do século VII, tendo sofrido remodelações no final desta última centúria ou já na Época Muçulmana (MACIEL, 2000: 122). No entanto, na altura em que o templo terá sido edificado, o Montinho das Laranjeiras já não estava integrado

nas redes comerciais de longo alcance da Antiguidade Tardia. A ausência de importações – e não nos referimos apenas às cerâmicas finas, mas também às ânforas, uma vez que todo o espólio depositado em Alcoutim nos passou pelas mãos – é total para o final do Período Visigótico.

Dissemos anteriormente que o estado actual da investigação poderá ter tido influência determinante no quadro de aquisições exógenas que aqui apresentamos para o Montinho das Laranjeiras tardo-antigo. É público que as condições para a escavação integral do sítio não se encontram, de momento, reunidas, uma vez que parte dele se encontra debaixo da Estrada Municipal 507 e que o resto permanecerá, ou não, enterrado mais adiante. No entanto, não deixa de ser notória a fraca quantidade de importações que ocorrem neste sítio arqueológico desde o século I a.C. A tese de mestrado de Hélder Coutinho – mas também a nossa própria observação, uma vez que, repetimos, examinámos todos os materiais depositados – releva o facto de as primeiras aquisições exógenas, correspondentes aos séculos I a.C. e I da Era Cristã, serem muito débeis: a cerâmica campaniense está representada por um fragmento; a *terra sigillata* itálica não existe; a *terra sigillata* sudgálica apresenta seis ocorrências; de cerâmica de paredes finas, há apenas um exemplar; o mesmo se passa com a *terra sigillata* hispânica de *Tritium Magallum* (cf. COUTINHO, 1997: 22). Só com a importação da *terra sigillata* hispânica de Andújar e, posteriormente, com a introdução da TSAf A e seguintes, conhecerá o Montinho das Laranjeiras uma relativa abundância de cerâmica fina importada (cf. *loc. cit.*). É muito interessante notar também que os materiais deste sítio não contemplam sequer quantidades razoáveis de fragmentos de ânforas, o que se afigura curioso para um centro importador de cerâmicas finas.

Do mesmo modo, com que estruturas estamos a lidar neste arqueossítio? Ou são compartimentos interpretados como ligados a actividades agrícolas, ou é uma igreja cruciforme tardo-antiga, ou são ainda as casas islâmicas que ali se exumaram. Trata-se de edifícios de três épocas distintas que podem nem sequer ter chegado a coexistir funcionalmente. Por outro lado, não há absolutamente vestígio de qualquer estrutura que faça lembrar a *pars urbana* de uma *villa*, fora uns mosaicos que Estácio da Veiga retirou do presumível baptistério da igreja cruciforme e dos quais há registo no Museu Nacional de Arqueologia (CARDOSO e GRADIM, 2004: 91, 95, 104).

É possível, a nosso ver, que o primitivo centro da *villa* não se localizasse no Montinho das Laranjeiras, mas no Álamo, sítio que tem sido interpretado como outra



*villa* situada três quilómetros e meio a jusante. Aqui descobriu Estácio da Veiga uma estátua de Apolo, datada dos principados de Adriano (r. 117-138) ou Antonino Pio (r. 138-161), mas também outros fragmentos de peças do mesmo tipo (cf. *ibidem*: 92, 102). A distância mencionada não parece excessiva para uma propriedade latifundiária, principalmente se considerarmos que os solos propícios para a agricultura se localizam numa estreita faixa próxima do Guadiana, dado que os terrenos montanhosos estão muito próximos (vd. CMP, folha n.º 583). Assim se percebe que o Álamo e o Montinho das Laranjeiras poderiam facilmente fazer parte de um mesmo território próximo, facilmente frequentável em comum todos os dias. Refira-se ainda que a faixa próxima do Guadiana que vai do Álamo aos Guerreiros do Rio possui solos de classe A, ao passo que o Montinho das Laranjeiras possui solos de classe C. No actual concelho de Alcoutim, predominam quase hegemonicamente os solos de classe E (CCUS, 1961, folha n.º 50B).

Em jeito de síntese desta análise global das cerâmicas finas que estudámos em Alcoutim, adoptamos, pois, uma dupla perspectiva. Em primeiro lugar, temos a responsabilidade de tornar públicas as nossas conclusões: o grosso das importações de loiças de mesa norte-africanas termina em meados do século V, com apenas quatro formas – Hayes 91, n.º 29 (um indivíduo), Hayes 91C (dois indivíduos), Hayes 104A2 (um indivíduo) e Fulford 52 (dois indivíduos) – a quebrarem um jejum que, de outro modo, seria completo. Curioso é que, a confiar na nossa interpretação das peças, é precisamente na segunda metade do século V e no primeiro quartel da centúria seguinte que as cerâmicas foiceenses fazem o seu percurso em Alcoutim. Não temos presente, para arqueossítio nenhum do território peninsular, que a introdução das primeiras formas de TSFT tenha ocorrido numa época de não renovação total das baixelas de TSAf.

Este panorama tem de levar-nos a pensar, pela sua discrepância relativamente ao que se conhece para muitos outros sítios tardo-antigos. Os factos que aqui apresentamos são alicerçados numa escavação incipiente em área e em várias prospecções. É perfeitamente legítimo pensar-se – como nós mesmos pensamos – que o quadro aqui apresentado é fruto de enormes lacunas de investigação em Antiguidade Tardia, no concelho de Alcoutim. É praticamente certo, a nosso ver, que a escavação de alguns dos sítios que Helena Catarino (2005-2006: 119-120) identificou como *villae* ao longo do Guadiana causará uma substancial alteração no panorama que aqui expusemos.

## CAPÍTULO IV – CONCELHO DE MÉRTOLA

### IV.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O concelho de Mértola situa-se no Sudeste do Baixo Alentejo e pertence ao actual distrito de Beja. Ocupa uma área de 1279,4 km<sup>2</sup> e faz fronteira com concelhos alentejanos e algarvios: a Norte, é delimitado por Beja e Serpa; a Oeste, por Almodôvar e Castro Verde; a Sul, por Alcoutim; a Leste, faz fronteira com Espanha.

As actividades arqueológicas mais remotas que estão atestadas para o concelho de Mértola foram as que Estácio da Veiga levou a cabo em 1877. Este arqueólogo interveio no castelo de Mértola e na necrópole tardo-antiga situada entre o Rossio do Carmo e o actual Cine-Teatro Marques Duque, apenas para mencionar os locais que escavou dentro da vila (VEIGA, 1880: 18-22).

Após esta breve, mas intensa série de actividades desenvolvidas por Estácio da Veiga, a investigação na vila baixo-alentejana conheceu um novo e prolongado período de estagnação até à criação, em 1978, do Campo Arqueológico de Mértola, dirigido até hoje por Cláudio Torres. Esta instituição tem desenvolvido, ao longo de cerca de três décadas e meia de existência, trabalhos arqueológicos de grande relevância, que têm dado a conhecer à comunidade científica e ao grande público a Mértola islâmica, mas também as ocupações romana e tardo-antiga deste centro urbano, embora em menor escala.

Foram, em última análise, escavações realizadas pelo Campo Arqueológico de Mértola que permitiram a realização da maior parte desta tese de mestrado. As cerâmicas finas tardo-antigas, orientais e norte-africanas, que foram postas à nossa disposição para estudo são provenientes dos trabalhos efectuados na Biblioteca Municipal e no Bairro da Alcáçova. Trata-se da primeira vez que um arqueólogo analisa sistematicamente a TSAf tardia e a TSFT de escavações realizadas na vila – com honrosa excepção feita a Manuela Delgado, que publicou todas as peças de cerâmica fina focense e cipriota que haviam sido reconhecidas em Mértola até 1992. Por isso, ao contrário do que fizemos para Alcoutim, onde reclassificámos peças já estudadas e trabalhámos sobre outras que estavam por analisar, a investigação aqui realizada incide essencialmente sobre materiais inéditos.

#### IV.2 – BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

O edifício onde actualmente se localiza a Biblioteca Municipal de Mértola foi edificado entre 1821 e 1823, para servir de estabelecimento prisional da vila, tendo sido desactivado em 1974 e remetido à actual função em 1991. Naquele mesmo local, anteriormente à construção do edifício, sabe-se que se localizava a pousada que acolhia os forasteiros (MATEUS, 2004: 331). O prédio em questão encontra-se adossado a um torreão circular da muralha medieval de Mértola – que foi muito transformado por obras de beneficiação dos acessos à parte antiga da vila, ocorridas nos anos 50 do século XX – e ao pano de muralha (PALMA, 2009: 34).

As escavações cujos materiais aqui estudamos efectuaram-se num terreno a Oeste do edifício da biblioteca, para onde a Câmara Municipal de Mértola tinha planeado construir uma área anexa, de modo a ampliar o espaço. Tratando-se de uma zona situada na malha urbana medieval, próxima da mesquita almóada e da alcáçova, na qual não se conhecem edificações recentes, procedeu-se a uma sondagem de diagnóstico (2003) – de onde foi exumada uma grande quantidade de cerâmica com *termini* entre a Época Romana e a Idade Contemporânea (*ibidem*: 38) – e duas campanhas de escavação em *open area* (2005 e 2006), com registo das diferentes unidades estratigráficas, tendo todos esses trabalhos sido levados a cabo pelo Campo Arqueológico de Mértola. Em 2010, após concurso público aberto pela Câmara Municipal, a empresa ERA Arqueologia S.A. efectuou escavações arqueológicas e desmonte de algumas estruturas, com vista a implantar a laje de fundação do edifício anexo à biblioteca (*ibidem*: 34-35, 77).

Os fragmentos cerâmicos aqui analisados foram recolhidos durante a sondagem de 2003 e as escavações de 2005 e 2006 e também de 2010. O seu contexto de exumação é vago, visto que a ocupação islâmica posterior parece ter destruído parcialmente os níveis arqueológicos anteriores até certa cota – sensivelmente entre os séculos II e IX. Por outro lado, algumas estruturas ofereciam continuidade para além da área intervencionada, não se tendo conseguido interpretar a sua funcionalidade. Os contextos tardo-antigos terão sido grandemente destruídos na Época Islâmica. De elementos arquitectónicos visíveis, sobreviveu um fragmento de uma imposta com decoração de cruces gregas páteas e representação de um cordão com oito ligações, conectando as cruces. Este foi datado dos séculos VI-VII e encontra paralelos num outro, de maiores dimensões, encontrado no mausoléu escavado no Eixo Comercial de

Mértola, em 2008 (*ibidem*: 44, 50-51, 59).

O espólio cerâmico de importação oriental e africana, datável da Antiguidade Tardia pós-romana, exumado na escavação da Biblioteca Municipal de Mértola é bastante exíguo. O estado de conservação das unidades estratigráficas entre os contextos romanos alto-imperiais e os islâmicos é, como explica a tese de mestrado de Maria de Fátima Palma, francamente incipiente, fruto dos grandes revolvimentos efectuados durante o Período Muçulmano. Estamos, pois, a tratar de pequenas bolsas deixadas por reestruturações datadas daquela última época. Ainda assim, consegue perceber-se a existência de estratos em que há uma maior ocorrência de formas importadas do que noutros.

#### IV.2.1 – Sondagem de diagnóstico (2003)

No que respeita à sondagem de diagnóstico de 2003, o contexto que ofereceu mais fragmentos de cerâmicas finas tardo-antigas foi o 001, com um total de onze ocorrências. Registaram-se, ali, as seguintes formas de TSAf D: Hayes 61A; Hayes 61B2, Hayes 67C; Hayes 67/71; Hayes 76; Hayes 94B; Hayes 107; Hayes 12/102; *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. No que respeita à TSFT, reconheceram-se, no mesmo estrato, as formas Hayes 3G e Hayes 3D-G.

A forma Hayes 61A encontra-se datada de entre c. 325 e c. 400/420 (*Atlante I*: 84). A forma Hayes 61B2 tem cronologia da primeira metade do século V (BONIFAY, 2004: 171). O tipo Hayes 67C pode ser adscrito, segundo Bonifay (2004: 173), à segunda metade do século V. O morfotipo Hayes 67/71 poderá datar-se de meados do século IV a finais do século V (*loc. cit.*). A forma Hayes 76 data-se de entre c. 425 e c. 475 (*Atlante I*: 90). A forma Hayes 94B adscrive-se a uma datação de entre finais do século V e inícios do século VI (*ibidem*: 110). O tipo Hayes 107, mais tardio, parece ter cronologia de entre c. 580 e c. 650 (*ibidem*: 102). A forma Hayes 12/102 poderá ser datada da segunda metade do século V e inícios do século VI (*ibidem*: 114). O tipo *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6 deverá, por seu turno, ser adscrito a uma cronologia da primeira metade do século VI (*ibidem*: 99)<sup>6</sup>. No que respeita à TSFT, o fragmento de

---

<sup>6</sup> O fragmento da forma *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6 terá de ser analisado com alguma cautela, uma vez que parece ocorrer em contextos bastante díspares, desde finais do século V a meados do século VI (*Michigan I*) até à segunda metade do século VII (*Michigan IV*, depósito XXIV). Em Cartago, todavia, salvo o último contexto mencionado, esta forma parece ocorrer predominantemente em estratos

fundo que atribuímos à forma Hayes 3D-G pode ser datado vagamente de entre o início do último quartel do século V e o final do primeiro quartel do século VI (HAYES, 1972: 337-338), ao passo que a variante Hayes 3G corresponde cronologicamente ao primeiro quartel do século VI (*ibidem*: 338).

O contexto seguinte que possui maior número de peças é o 021, reduzido a dois fragmentos de TSAf D, correspondendo às formas Hayes 76 e Hayes 91B. O primeiro exemplar corresponderá a uma datação de c. 425 a c. 475 (*ibidem*: 90), ao passo que o segundo oferece cronologia de c. 450 a c. 530 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177).

Todos os outros contextos da sondagem de 2003 possuem apenas uma peça de cerâmica fina tardia cada um. O contexto 003 apresenta um fragmento de Hayes 87A, com datação da segunda metade do século V (HAYES, 1972: 136). O contexto 004 ofereceu um fragmento correspondente à forma Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, que poderá ser datada de finais do século VI a inícios do século VII (BONIFAY, 2004: 179). O contexto 006 continha um exemplar de Hayes 103, datável de finais do século V ao final do terceiro quartel do século VI (*Atlante I*: 99). O contexto 007 ofereceu um fragmento da forma Hayes 104A1, datável de finais do século V e do primeiro terço do século VI (BONIFAY, 2004: 183). Finalmente, do contexto 011 foi exumado um fragmento de fundo correspondente à forma Hayes 3D-G de TSFT. Esta peça deverá ser datada de entre c. 460 e meados do século VI (HAYES, 1972: 337-338).

No que respeita aos contextos que proporcionaram mais do que um fragmento de cerâmicas finas, que são os contextos 001 e 021, admitem-se duas possíveis leituras. O primeiro apresenta uma larga diacronia de ocorrência de peças de TSAf D e de TSFT. Se é verdade que há uma maior predominância de formas datáveis do século V do que do século VI – cinco fragmentos contra dois fragmentos, com três exemplares que se encaixam na transição entre ambas as centúrias –, não é menos verdade que o contexto ofereceu uma forma, Hayes 107, que datará da transição entre o século VI e o século VII. Parece, pois, um contexto em que o descarte de peças poderá ter sido mais ou menos contínuo. O segundo, por seu lado, apresenta dois fragmentos com cronologias que se intersectam, mas a amostra é muito pequena para tirar conclusões.

---

relacionados com a primeira metade do século VI (cf. *Atlante I*: 99). Tratando-se de um centro de consumo próximo da sua área de produção, inclinamo-nos para esta última cronologia.

#### IV.2.2 – Escavação de open area (2005-2006)

Na escavação de *open area* de 2005 e 2006, o estrato mais proeminente em termos de cerâmicas finas tardias é a U.E. 152, da qual estudámos quatro fragmentos de TSAf D, das formas Hayes 12/102, Hayes 61A e Fulford 52. Neste caso concreto, falamos de cronologias de peças muito díspares. A forma Hayes 12/102 encontra-se datada da segunda metade do século V e de inícios do século VI (*Atlante I*: 114). A forma Hayes 61A corresponde a um intervalo entre c. 325 e c. 400/420 (*ibidem*: 84). Já a forma Fulford 52 pode ser datada da primeira metade do século VI (MARTIN, 2005: 134).

Em seguida, são as unidades estratigráficas 033, 078, 142 e 202 que apresentam maior frequência de formas, com duas peças distintas cada uma. A U.E. 033 contém um fragmento de um morfotipo a que demos o nome de Hayes 61B3, *similis*, devido ao facto de o bordo ser muito aproximado daqueles que são característicos daquela forma. O outro artefacto corresponde à taça Hayes 91A/B. Este último terá uma datação de entre c. 400/420 e c. 530 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177). Já o fragmento de Hayes 61B3, *similis*, terá de ser datado de meados do século V (BONIFAY, 2004: 171).

A U.E. 078, por seu turno, contém os tipos Hayes 91A/B e Hayes 91C, em que o primeiro datará de entre c. 400/420 e c. 530 e em que o segundo corresponderá a cronologia de entre c. 500 e c. 600 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177; LRFW Working Group, 2011: 20).

Da U.E. 142, exumaram-se um fragmento de fundo provavelmente correspondente à forma Hayes 94 e outro que se adscreverá ao tipo Hayes 99B. A cronologia do primeiro medeia entre finais do século V e inícios do século VI (HAYES, 1972: 148). A datação do segundo vai do início do segundo quartel do século VI aos inícios do século VII (BONIFAY, 2004: 181).

A U.E. 149 continha um fragmento do tipo Hayes 81B e outro de uma forma a que atribuímos a designação conjunta Hayes 61B/87A, devido ao facto de apresentar características físicas de ambos os tipos referidos, que parecem fazer dela uma peça de transição. As cronologias que lhes correspondem são, respectivamente, da segunda metade do século V (HAYES, 1972: 128) e de todo o século V – agrupando, neste caso, as datações das formas Hayes 61B e Hayes 87A (HAYES, 1972: 107, 136; BONIFAY,

2004: 171).

Também a U.E. 202 apresenta dois fragmentos de TSAf D: um prato com aba do tipo Hayes 59 e a forma Hayes 87A/88. O primeiro fragmento pode ser datado de c. 320 a c. 400/420 (*Atlante I*: 82-83). Já o segundo corresponde a cronologia situada entre finais do século V e inícios do século VI (BONIFAY, 2004: 175, 177).

Todas as outras unidades estratigráficas apresentam apenas um fragmento de cerâmicas finas tardias cada uma: as U.E.s 001, 041, 151 e 231 ofereceram cada uma um fragmento de Hayes 99A (dois bordos e dois fundos); a U.E. 018 continha um exemplar talvez adscritível à forma Hayes 103B; a U.E. 062 ofereceu um exemplar da forma Hayes 61A; a U.E. 077 continha um exemplar de Hayes 67, variante indeterminada; a U.E. 092 Desm. Muro, um fragmento das formas Hayes 61A ou Hayes 61A/B; a U.E. 108, um exemplar da variante Hayes 61A/B2 e um outro da forma Hayes 87B; a U.E. 109, um fragmento atribuível à forma Hayes 87A1; a U.E. 129 ofereceu um fragmento com decoração estampilhada do estilo A(ii) de Hayes, com o motivo das rodas dentadas; a U.E. 140 apresentou um exemplar da forma *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6; a U.E. 150, um exemplar da forma *Atlante*, XLVI, 9; a U.E. 154 ofereceu um fragmento do tipo Hayes 61A; a U.E. 182, um exemplar da forma Hayes 12/110. Também a U.E. 130 ofereceu um fragmento correspondente à variante Hayes 3C de TSFT, tal como a U.E. 201 proporcionou um exemplar de fundo da forma Hayes 3 de TSFT. Este último pode ser adscrito às variantes 3B ou 3C, devido à sua espessura, mas também à decoração de rosetilha, que parece inscrever-se no Grupo IIA (HAYES, 1972: 336).

Nas quatro unidades estratigráficas que ofereceram mais do que um fragmento, é notório que não há uma correspondência cronológica do espólio exumado, salvo na U.E. 033. No entanto, a U.E. 078 ofereceu fragmentos com datações subseqüentes, o que poderia levar a considerar a existência de um depósito contínuo de descarte. Todavia, nem o NMI (dois), nem o exame da matriz estratigráfica do sítio se prestam a comprovar esta hipótese.

#### IV.2.3 – Escavação de open area (2010)

As escavações de 2010, ao terem-se restringido a uma intervenção destinada a implantar a laje de fundação do edifício anexo à Biblioteca Municipal de Mértola,

ofereceram muito menos espólio que as de 2005-2006. Assim, apenas foram identificados dois fragmentos de cerâmica com interesse para a nossa tese, cada um presente em sua unidade estratigráfica.

A U.E. 175 ofereceu um artefacto de proveniência oriental que nunca foi, até hoje, encontrado em Mértola, mas que se encontra há muito publicado em vários outros locais do território actualmente português, como sejam Braga, *Conimbriga*, Lisboa e a *villa* do Cerro da Vila (Quarteira, Loulé, Faro) (DELGADO, 1988: 40, estampa II; DIOGO e TRINDADE, 1999: 85). Trata-se de um bordo em aba curta pertencente a um prato da forma Hayes 5 de TSFT, mais concretamente à variante A – tal como a peça publicada por Dias Diogo e Laura Trindade, que provém do Teatro Romano de Lisboa. Esta variante deverá ser datada de entre c. 460 e c. 500 (HAYES, 1972: 339).

A U.E. 1014, por seu turno, ofereceu um único artefacto de origem africana integrável na cronologia que definimos para a nossa tese. Trata-se de um fundo, muito possivelmente pertencente a um prato de grandes dimensões, com a decoração estampilhada mais complexa que registámos em toda a vila de Mértola. O motivo central, que parece ser de círculos concêntricos largos, é circundado por dois motivos alternados e que aparecem duas vezes cada um: o das grelhas quadrangulares e um outro, que se assemelha a uma flor ou palmeta. Corresponde ao estilo A(iii), com cronologia entre c. 410 e c. 470 (vd. *ibidem*: 219).

De igual modo, tendo em conta que as escavações de 2010 ofereceram duas peças para o nosso estudo, cada uma em sua unidade estratigráfica, é-nos impossível perceber a natureza da constituição dos depósitos em que se incluíam.

#### IV.2.4 – Datações tipológicas

À falta de argumentos ligados aos estratos, não há outra alternativa de estudo para estas cerâmicas que não passe pelo uso privilegiado das diversas tipologias formais que existem. Os estudos a que recorreremos, no caso da Biblioteca Municipal, foram três: *Late Roman Pottery* (1972), *Atlante I* (1981) e, completando e actualizando os dois anteriores, *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (2004). Os dados recolhidos encontram-se sintetizados na tabela que se segue.



<b>TSaf TARDIA</b>				
<b><u>FORMA</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º</u> <u>FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	4	4	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A ou A/B	c. 325-c. 480	1	1	<i>Atlante I e Études</i>
Hayes 61A/B2	Início do século V, pode prolongar-se até meados da centúria.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 61B2	Primeira metade do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 61B3, <i>similis</i>	Meados do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 61B/87A	Século V.	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 67C	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 67	Segunda metade do século IV a finais do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 67/71	Segunda metade do século IV e todo o século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 76	c. 425-c. 475	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 81B	Segunda metade do século V	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 87A	Segunda metade do século V.	1	1	<i>LRP e Atlante I</i>
Hayes 87B	Início do século VI.	1	1	<i>LRP e Atlante I</i>
Hayes 87A/88	Final do século V e início do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91B	c. 450-c. 530	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	2	2	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91, variante <i>Atlante</i> , XLIX, 10	Final do século VI e início do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 94	Finais do século V e inícios do século VI.	1	---	<i>LRP</i>
Hayes 94B	Final do século V e início do século VI.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 99A	Final do século V a meados do século VI.	4	2	<i>Études</i>
Hayes 99B	Início do segundo quartel do século VI a início do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 103	Finais do século V a final do terceiro quartel do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 103B	c. 500-c. 575	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 104A1	Final do século V e primeiro terço do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 107	Final do século VI a meados do	1	1	<i>Atlante I</i>

	século VII.			
Hayes 12/102	c. 450-c. 520	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 12/110	c. 470 até às primeiras décadas ou primeira metade do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
<i>Atlante</i> , XLVI, 9	Forma atestada em contextos dos séculos VI e VII, em Cartago.	1	1	<i>Atlante I</i>
Fulford 52	Primeira metade do século VI.	1	1	MARTIN, 2005
<i>Michigan I</i> , fig. 3, VII, n.º 6	Primeira metade do século VI.	2	2	<i>Atlante I</i>
Estilo A(ii)	c. 350-c. 420	1	---	<i>LRP</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	1	---	<i>LRP</i>
<b>TSFT</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>REF.</u></b>
Hayes 3B-C	c. 460-c. 475	1	---	
Hayes 3D-G	c. 475-c. 550	2	1	<i>LRP</i>
Hayes 3C	c. 460-c. 475	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3G	c. 500-c. 525	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 5A	c. 460-c. 500	1	1	<i>LRP</i>

TABELA 1 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

Resumidamente, explicaremos as cronologias que por nós foram atribuídas a alguns morfotipos estudados. A forma Hayes 12/102 poderá ser datada de entre c. 450 e c. 520, de acordo com os resultados de *Conimbriga* e Cartago, escolhendo nós mesmos desvalorizar os dados de *Baelo Claudia* e Empúries, devido à heterogeneidade cronológica da composição dos depósitos (cf. *Atlante I*: 114).

A forma Hayes 12/110, representada por um único fragmento, foi atestada em Cartago em contextos da segunda metade do século V, de finais do século V, pouco posteriores a meados do século VI, de c. 560 e do século VII (*Atlante I*: 114). Na opinião de Tortorella (1998), esta forma deverá ser datada de c. 470/480 às primeiras décadas ou primeira metade do século VI.

O tipo *Atlante*, XLVI, 9 não possui cronologia definida, dizendo-se apenas no *Atlante I* (p. 101) que ocorre, em Cartago, em contextos dos séculos VI e VII, o que é claramente insuficiente para que possamos utilizar esta forma com quaisquer intuítos de percepção de ocorrências ao longo dos séculos. Assim, quer na síntese deste subcapítulo, quer noutras sínteses ou até mesmo na conclusão, esta forma não constará no repertório em análise estatística.

#### IV.2.5 – Síntese

Após apresentação das várias datações atribuídas aos materiais da Biblioteca Municipal de Mértola incluídos neste estudo, é necessário proceder a uma análise do conjunto que possa conferir-nos a percepção da evolução das importações ali descartadas ao longo de várias décadas.

Já atrás se discutiu a falta de capacidade da estratigrafia do sítio para que se possa efectuar um estudo baseado na análise da deposição dos materiais. Há contextos da sondagem de diagnóstico de 2003 e unidades estratigráficas da escavação em *open area* de 2005 e 2006 que contêm peças com cronologias demasiado heterogéneas para poder considerar-se que o descarte foi sequencial e que se trata de um depósito sucessivo. De facto, a exiguidade dos estratos da Antiguidade Tardia e a sua sobreposição pelos estratos de época islâmica poderão ter originado, a nosso ver, uma redeposição dos materiais tardo-antigos que tenha retirado coerência cronológica aos próprios depósitos. De qualquer modo, tenha essa coerência existido alguma vez, ou não, os artefactos em estudo não podem ser analisados no seu contexto de descarte. O que temos são, pois, datas de produção e descarte – conferidas por estudos tipológicos feitos em arqueossítios com grande facilidade em adquirir estas peças (tanto ao nível económico, como no que respeita a distâncias) – e é com essas cronologias e com bastantes reservas que teremos de trabalhar.

No que respeita a cerâmicas finas norte-africanas, para os séculos V a VII, a Biblioteca Municipal não ofereceu senão fragmentos de peças de TSAf D. As produções mais tardias de TSAf C, incorporadas por Andrea Carandini nos subgrupos C3, C4 e C5 (cf. *Atlante I*: 59-60), não foram exumadas daquele sítio. Tratando-se ainda, neste caso, do estudo de apenas um local em Mértola, não cumpre tentar ainda relacionar esta circunstância com uma ligação privilegiada a determinados centros produtores, mas importa registar este facto, para futuras considerações que envolvam um panorama mais geral. O NMI aqui contabilizado, entre TSAf D e TSFT, é de quarenta e duas peças.

Entre c. 400 e c. 420, registam-se, na Biblioteca Municipal de Mértola, as formas de TSAf D Hayes 59, Hayes 61A e Hayes 67/71, já produzidas durante o século IV. Ocorrem também novos exemplares, como as formas Hayes 61A/B2, Hayes 61B2 e Hayes 91A/B.

Na década de 420, a probabilidade da ocorrência de importações de TSAf D descartadas na Biblioteca Municipal diminui um pouco, devido ao fim da produção das peças herdadas do século IV. Introduzem-se novas formas, como Hayes 76. Porém, o número de exemplares destes tipos cerâmicos que se encontram no arqueossítio em análise não chega para suplantar ou sequer para igualar o nível de importação dos inícios da centúria.

A década de 430 regista o início de um período de recuperação para a TSAf D que durará até meados do século. Por volta de 450, as formas Hayes 67C, Hayes 81B e Hayes 12/102 começam a ser produzidas nas oficinas norte-africanas, não possuindo, no entanto, capacidade para compensar o desaparecimento das formas da primeira metade do século V. Será a TSFT, introduzida a partir de c. 460, que irá suprir, de algum modo, as dificuldades de abastecimento dos produtos norte-africanos, embora com uma ênfase muito maior nesta década e na de 470. No gráfico e no que a TSAf D diz respeito, a quebra parece surgir a partir de c. 460 e aparenta ser muito mais séria. Porém, tal facto deve-se à ocorrência probabilística da forma Hayes 61B3, *similis*, que, tratando-se apenas de um indivíduo, apresenta probabilidades de 50% de ocorrência em cada um das décadas de 440 e 450. Devemos, por isso relativizar a noção que o gráfico nos transmite.

É entre c. 480 e c. 520, com auge estabelecido nas duas primeiras décadas do século VI, que a probabilidade de recepção de peças de TSAf D é mais elevada, no conjunto da Biblioteca Municipal. Ocorre por esta altura uma introdução massiva de novas formas, tais como Hayes 87A/88, Hayes 94, Hayes 94B, Hayes 99A e Hayes 104A1. Todos estes morfotipos vão pontificar durante o intervalo que acima mencionámos e contribuir para o zénite das importações africanas registadas neste arqueossítio. Entre c. 500 e c. 520, como se disse, os tipos que mencionámos mantêm-se em produção, surgindo novas formas que vão enriquecer o espólio da Biblioteca Municipal, tais como Hayes 87B, Hayes 91C e o tipo *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. Deixam de produzir-se formas como Hayes 67C e Hayes 81B.

A década de 520 assiste ao início do declínio das importações de TSAf D descartadas na biblioteca, com uma redução para menos de metade das probabilidades de aquisição do decénio anterior. De início, entre c. 520 e c. 530, cessa a produção das formas Hayes 87B, Hayes 87A/88, Hayes 94, Hayes 94B e Hayes 12/102. Introduz-se, com apenas um indivíduo, a variante Hayes 99B (c. 525). Entre c. 530 e c. 540, as

oficinas africanas deixam de produzir os tipos Hayes 91A/B e Hayes 104A1, sem quaisquer compensações.

Entre c. 550 e c. 580, regista-se o período menos brilhante para a TSAf D encontrada na biblioteca. Na década de 550, as formas Hayes 99A, Hayes 12/110 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6 deixam de ser produzidas, sendo que nenhum outro tipo cerâmico é introduzido até à década de 580. As formas produzidas durante este período pelas oficinas norte-africanas e presentes neste arqueossítio são somente a taça Hayes 91C e a taça Hayes 99B.

É na década de 580 que se inicia um ligeiro aumento das importações de TSAf D, que se verifica estar bastante abaixo dos níveis mais fracos registados durante o século V. Introduzem-se as formas Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10 e Hayes 107, continuando a serem produzidos os tipos Hayes 91C e Hayes 99B. A ausência de formas datáveis exclusivamente do século VII leva-nos a considerar que as importações zeugitanas presentes na Biblioteca Municipal deverão ter cessado na viragem do século VI para esta última centúria.

Em relação à TSFT, o quadro das importações é necessariamente muito mais simples, uma vez que estamos a lidar com uma representatividade mais de oito vezes inferior em relação à TSAf D. É também este facto que torna estas peças muito mais difíceis de analisar. A forma que ocorre maioritariamente é o tipo Hayes 3. O NMI contabilizado apenas para esta produção é de quatro exemplares. Percebe-se que a TSFT exumada da Biblioteca Municipal iniciou a sua produção c. 460 e terminou c. 530. Como pontos de maior probabilidade de importação, há que referir os intervalos entre c. 460 e c. 475, por um lado, e c. 500 e c. 525, por outro, que correspondem respectivamente à variante Hayes 3C com a forma Hayes 5A e à variante Hayes 3G.

#### IV.3 – BAIRRO DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

O Bairro da Alcáçova de Mértola tem vindo a ser intervencionado desde 1978 até ao presente – tiveram ali lugar, inclusive, escavações arqueológicas no passado mês de Agosto de 2012. Muitas metodologias se cruzaram durante estas três décadas e meia de exumação de estruturas e espólios. As mais importantes para nós, porque influem directamente na análise que faremos das cerâmicas finas aqui em estudo, foram a escavação por eixos cartesianos – que seguiu a metodologia de Wheeler, adaptando-a –,

a escavação por contextos e as intervenções por unidades estratigráficas.

#### IV.3.1 – Escavação por eixos cartesianos (Método Wheeler, adaptado)

O início da utilização desta metodologia de escavação arqueológica remonta aos finais da década de 70 do século XX, altura em que as quadrículas foram inicialmente implantadas no terreno, como comprovam as marcações dos materiais que estudámos.

Na sua tese de doutoramento, Santiago Macias (2006: 324) definiu a estratigrafia do Bairro da Alcáçova em três camadas: 1a, 1b e 1c, que corresponderiam respectivamente ao nível agrícola, à necrópole medieval cristã e ao nível ocupacional do bairro almóada. Acrescentou Virgílio Lopes, em comunicação pessoal, que o nível 2 corresponderia a épocas pré-islâmicas.

No entanto, as marcações das peças referem a existência de várias camadas: 1a, 1b, 1c, 1d, 1e, 2a, 2b, 3a, 3b, 4a, 4b e 4c. À medida que a nossa análise for incidindo sobre os estratos e os artefactos que deles foram exumados, tentaremos perceber com que tipo de jazida estamos a lidar, ou seja, se estamos perante um contexto arqueológico altamente revolidado na sua totalidade, ou se há níveis conservados que nunca tenham sido afectados por processos estratigráficos, após a sua deposição inicial.

#### *Camada 1a*

A camada 1a corresponde ao nível superficial, que antes da escavação era ocupado por árvores e hortas. Não é, pois, de estranhar que se encontrem cerâmicas finas tardo-antigas neste estrato um pouco por todo o arqueossítio. O número de peças existente nesta camada também não é pouco apreciável. Ao todo, exumaram-se daqui trinta e um fragmentos, vinte e nove de TSAf D e dois de TSFT.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	3	3	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A/B1	Início do século V, pode prolongar-se até meados da centúria.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 67, <i>similis</i>	Finais do século IV a finais do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 73	c. 420-c. 475	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 76	c. 425-c. 475	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 87A1	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Atlante I</i>

Hayes 87A/88	Finais do século V e inícios do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 88A	Segundo quartel do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91B, variante tardia	Final extremo do século V a meados do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91/92	c. 400/420-c. 600	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 92	Meados do século V.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 99A	Final do século V a meados do século V	4	3	<i>Études</i>
Hayes 99A/B	Final do século V a inícios do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 103B (?)	c. 500-c. 575	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 104A1	Final do século V ao final do primeiro terço do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 12/102	c. 450-c. 520	2	2	<i>Atlante I</i>
<i>Atlante</i> , XLVI, 5	Segunda metade do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Fulford 52	Primeira metade do século VI.	1	1 <sup>7</sup>	MARTIN, 2005
Estilo A(ii)	c. 350-c. 420	1	---	<i>LRP</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	3	---	<i>LRP</i>
<b>TSFT</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3D-G	c. 460-c. 550	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3C	c. 460-c. 475	1	1	<i>LRP</i>

TABELA 2 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 1A

No presente conjunto, existe uma peça que chamou imediatamente a nossa atenção, correspondendo à forma Hayes 76. Trata-se do único fragmento de TSAf D da camada 1a a exibir aquilo que interpretámos como um possível grafito com duas letras em alfabeto grego: . Não temos presente qualquer espécie de leitura para os signos em questão – partindo do princípio de que são mesmo caracteres –, os quais aparentam continuar para a zona da fractura. No caso de se tratar de uma inscrição grega sobre TSAf D, poderá eventualmente constituir marca de propriedade, recuando a presença de orientais em *Myrtilis* para os dois quartéis centrais do século V, de acordo com a cronologia de produção da forma Hayes 76.

Devemos também ressaltar, de entre a cerâmica presente neste estrato, um fragmento de bordo correspondente à forma Hayes 99A/B, em que o lábio foi

<sup>7</sup> Este fragmento constitui um único indivíduo com outro da camada 1b e com um segundo do conjunto com contexto estratigráfico desconhecido.

completamente polido. Trata-se de uma transformação pós-cozedura, que terá provavelmente tido a função de adaptar a peça a uma nova funcionalidade. Com efeito, J. Theodore Peña (2007: 197-200) refere alterações drásticas feitas à morfologia de cerâmicas finas romanas e tardo-antigas, com o propósito de alterar a sua utilização. Esta peça é caso único na nossa dissertação e reflecte um comportamento com causas difíceis de interpretar, tendo em conta que não se conhece o seu contexto de uso.

Apercebemo-nos de uma certa sequência temporal nos materiais africanos e foceenses que foram exumados da camada 1a do Bairro da Alcáçova, não havendo nenhum hiato cronológico que não esteja probabilisticamente ocupado, entre o início do século V e meados do século VI. Todavia, apenas comparações com os estratos que se seguem a este, superficial, poderão mostrar-nos perante que tipo de sequência estratigráfica nos encontramos.

#### *Camada 1b*

A camada 1b corresponde ao nível dos enterramentos da necrópole cristã que se sobrepõe ao bairro islâmico. Tal como referimos para a camada 1a, também aqui se encontraram cerâmicas finas tardo-antigas um pouco por todo o arqueossítio. É, de longe, o estrato que mais peças de TSAf e TSFT, correspondentes à cronologia que definimos, ofereceu: cinquenta e sete fragmentos da primeira produção contra cinco da segunda. Também o repertório formal aqui presente é bastante mais diverso do que o da camada 1a.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A/B2	Início do século V, pode prolongar-se até meados da centúria.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 64	Finais do século IV a meados do século V.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 65	c. 320-c. 400/420	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 67, <i>similis</i>	Finais do século IV a finais do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 73	c. 420-c. 475	2	1	<i>LRP</i>
Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Études</i>



Hayes 78	Século V.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 81B	Segunda metade do século V.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 86	Final do século V e início do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 87A1	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 87A/88	Final do século V e início do século VI.	4	4	<i>Études</i>
Hayes 87B	Início do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 88A	Segundo quartel e meados do século VI	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91A	c. 400/420-c. 500	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	4	4	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91B tardia/91C	c. 490-c. 500	2	2	<i>LRP, Études e LRFW</i>
Hayes 91C	c. 500-c. 600+	1	1	<i>LRP, Études e LRFW</i>
Hayes 93B	c. 500-c. 540	2	2	<i>LRP</i>
Hayes 98A/B	Finais do século V a meados do século VI.	2	2	<i>Études</i>
Hayes 99A	Final do século V a meados do século VI.	5	5	<i>Études</i>
Hayes 99B	Início do segundo quartel do século VI a início do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 99C	Final do século VI e todo o século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 103A	Final do século V a final do terceiro quartel do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 103B	c. 500-c. 575	2	2	<i>LRP</i>
Hayes 104A1	Final do século V e primeiro terço do século VI.	4 (dois da mesma peça)	3	<i>Études</i>
Hayes 104A2	Segundo quartel do século VI.	2	2	<i>Études</i>
Hayes 104A1 ou A2	Final do século V a meados do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 105A, variante	Final do século VI e primeira metade do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Fulford 50 = Hayes 93B	c. 525-c. 575	1	1	FULFORD, <i>apud</i> REYNOLDS, 1987
Fulford 52	Primeira metade do século VI.	1	--- <sup>8</sup>	<i>Atlante I</i>
Estilo A(ii)	c. 350-c. 420	1	---	<i>LRP</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	1	---	<i>LRP</i>
Grafito A	Datação inconclusiva.	1	---	---
<b>POSSÍVEL TSaf TARDIA</b>				
Hayes 91, <i>similis</i>	Datação inconclusiva.	1	---	---
<b>TSFT</b>				

<sup>8</sup> Este fragmento constitui um único indivíduo com outro da camada 1a e com um segundo do conjunto com contexto estratigráfico desconhecido.

<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3F	c. 500-c. 525	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3C/E	c. 460-c. 500	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3D-G	c. 475-c. 525	3	2	<i>LRP</i>

TABELA 3 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 1B

O fragmento da forma Fulford 52, um bordo marcado com a designação M/990/6N/1b, ofereceu colagem precisamente com o fragmento M/79/AB/1a e com um outro que foi denominado M/ALCÁÇOVA/13. É por essa razão que não o incluímos no NMI do nível em estudo. Reteremos esta informação para, no final da análise das cerâmicas finas presentes na camada 1b, nos ajudar a tecer algumas considerações sobre este estrato.

Registámos, no conjunto de TSAf D da camada 1b, um fragmento de bordo – M/79/AB 1-2-3 1b – de morfologia incomum e não registada pelas tipologias mais antigas – *Late Roman Pottery* e *Atlante I*. Aquela peça corresponde, em termos formais, à forma Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, registada por Michel Bonifay (2004: 199, 201). Todavia, os exemplos gráficos apresentados por este arqueólogo (*ibidem*: 200, fig. 100) possuem um diâmetro de bordo bastante maior do que aquele que aferimos para a nossa peça. Optámos, assim, por manter a classificação que lhe havíamos atribuído, frisando que se tratará de uma variante de dimensões mais reduzidas.

Resta, a respeito de peças de TSAf D, mencionar um achado que considerámos de extrema importância no conjunto de todas as cerâmicas da nossa tese. A relevância que lhe conferimos não se prende com a sua adscrição a uma qualquer peça rara de cerâmica fina africana tardia, porque, de facto, nem sequer conhecemos a forma a que pertenceu. Trata-se de um pequeno fragmento de corpo – M/990/5N/1b – que apresenta, no exterior não totalmente revestido, um grafito pós-cozedura representando uma letra A inserida numa cartela de aparência rectangular, sem limite inferior. Esse signo apresenta semelhanças paleográficas com outros, presentes em epígrafes tardo-antigas de Mértola, escritas tanto em Latim como em Grego (DIAS, 1993: 111-138), mas igualmente com um outro, impresso, que exerce as funções de *alpha* no fundo de um prato de TSAf D datado da segunda metade do século V (cf. HAYES, 1997: 63, pl. 22). As semelhanças dão-se principalmente ao nível do traço médio do A, que se apresenta em cunha. Não há como interpretar este símbolo inciso no fragmento em causa, uma vez que poderia constituir uma referência religiosa ou uma marca de propriedade, entre

outras hipóteses igualmente plausíveis.

A camada 1b ofereceu também um exemplar cerâmico que não somos capazes de classificar inequivocamente. Não há dúvida que se trata de uma peça de cerâmica fina tardo-antiga, quer devido à qualidade da pasta e do engobe, quer por causa da forma, que se filia na grande família Hayes 91. Porém, a comparação entre a morfologia deste artefacto e as variantes daquela forma é impossível, porque os lábios do bordo e da aba não se conservaram. É concebível – e inclinamo-nos mais para esta hipótese – que se trate de um fragmento de TSAf D que sofreu cozedura demasiado prolongada. No entanto, a presença de engobe no exterior do corpo, que não é típica de peças zeugitanas tardias, leva-nos a considerar que possa talvez tratar-se de uma variante regional. A sua cronologia constitui, pois, uma incógnita, podendo talvez estabelecer-se entre os séculos IV e VII (cf. BONIFAY, 2004: 177).

No que respeita à TSFT, a camada 1b é similarmente a mais rica de todas em espólio, apresentando, como atrás se referiu, cinco fragmentos: dois de bordo e três de fundo com pé anelar. Os dois exemplares de que nos chegou o bordo pertencem ambos a variantes da forma Hayes 3. Um, poderá ser atribuído a uma variante conjunta Hayes 3C/E, com datação entre c. 460 e c. 500. Outro, que adscrevemos à variante 3F, poderá ser datado de entre c. 500 e c. 525. Os três fragmentos de fundo, que atribuímos, pela sua espessura, às variantes 3D-G, correspondem a cronologia de entre c. 475 e c. 525 (HAYES, 1972: 337-338).

À semelhança do que ocorre na camada 1a, a camada 1b parece apresentar uma certa continuidade temporal de descarte, sem hiatos que possam ser mencionados, entre o início do século V e o final do terceiro quartel do século VI. No entanto, o estudo das cerâmicas finas presentes nos dois estratos, bem como a natureza da camada 1a, levam-nos a sugerir que ambas se tratam realmente de apenas um nível único. Para começar, tanto no que respeita às formas Hayes 91 e Hayes 104A, fabricadas em TSAf D, ou à forma Hayes 3, fabricada em TSFT, a camada 1b continha variantes com cronologia de produção posterior às que se encontraram na camada 1a.

É certo, todavia, que este raciocínio se trata apenas de uma prova circunstancial, uma vez que os descartes de cerâmicas finas tardo-antigas obedecem a critérios antropológicos e simbólicos que muitas vezes não se coadunam com a ordem cronológica das suas datas de produção (cf. ZANINI e COSTA, 2011: 43). Na medida em que tratamos de peças produzidas em oficinas norte-africanas e minor-asiáticas, é

óbvio que o Bairro da Alcáçova de Mértola não é um contexto produtivo, mas sim um centro de consumo, com toda a complexidade que esse estatuto aporta aos estudos cerâmicos.

Mais paradigmático é o facto de um fragmento de cerâmica da camada 1a colar com outro da camada 1b, correspondendo ambos à forma Fulford 52, como já atrás tínhamos referido. A explicação é, a nosso ver, muito simples: a camada 1a, constituindo o nível agrícola de Época Contemporânea, e a camada 1b, que corresponde ao nível dos derrubes dos telhados islâmicos, deverão constituir um único estrato. Nesta grande camada, um dos fragmentos de Fulford 52 foi exumado da quadrícula 6N, enquanto que o outro saiu da localização AB, correspondendo à galeria B, entre o baptistério tardo-antigo e o cemitério actual. Quem observar uma qualquer planta das quadrículas do Bairro da Alcáçova perceberá facilmente que se tratam de dois locais bastante afastados. A este facto, soma-se outro, que nos permite perceber a natureza da composição deste grande estrato: numa sequência estratigráfica estanque, é praticamente inconcebível existir uma enorme quantidade de fragmentos cerâmicos tardo-antigos acima dos níveis de ocupação islâmica, almóada, aqui representados pela camada 1c. Torna-se, assim, claro que a camada 1a/b não constitui uma deposição primária e que o seu local original de jazida é absolutamente desconhecido. O valor estratigráfico que tem para a datação dos descartes é, assim, totalmente nulo.

### *Camada 1c*

A camada 1c do Bairro da Alcáçova corresponde ao nível ocupacional do bairro islâmico, datado de época almóada – sensivelmente, a segunda metade do século XII e o primeiro quartel do século XIII. É um estrato que não ofereceu muitos materiais tardo-antigos, porque não foi escavado na grande maioria do arqueossítio, dado que se tratava de um nível que apresentava um conjunto habitacional islâmico bastante bem conservado e que se decidiu, em boa hora, preservar. Em termos de peças de cerâmica de mesa tardia, a camada 1c ofereceu apenas três fragmentos de TSAf D e um de TSFT.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 67, <i>similis</i>	Finais do século IV a finais do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 104A2	Segundo quartel do século VI.	1	1	<i>Études</i>

Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	1	---	<i>LRP</i>
<b>TSFT</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3B	c. 460-c. 475	1	1	<i>LRP</i>

TABELA 4 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 1C

A camada 1c, pelos materiais que dela foram exumados, não apresenta qualquer possibilidade de leitura em si mesma. Após termos compreendido que a camada 1a/b não constitui uma deposição primária na estratigrafia do Bairro da Alcáçova, o estrato aqui em análise não possui ainda termo de comparação, muito embora se compreenda facilmente que os quatro fragmentos de TSAf D que foram recolhidos possuem cronologias de produção que se aproximam. Uma vez que estamos a lidar com um contexto de descarte materialmente muito débil, é muito complicado perceber-se essa questão através dele mesmo.

#### *Camada 1d*

Este é um nível para o qual não possuímos a mínima informação. De facto, apenas sabemos da sua existência devido à marcação de uma peça de TSFT, correspondendo à forma Hayes 3C, datada de entre c. 460 e c. 475 (HAYES, 1972: 337). A julgar pela indicação cartesiana do sítio onde apareceu (quadrados 8B-C), corresponderá sensivelmente à zona do complexo baptismal tardo-antigo, ao qual estaria sobreposta.

#### *Camada 1e*

Tal como o nível anterior, não possuímos qualquer referência a este estrato, a não ser a marcação de uma peça, correspondente à forma Hayes 67B, cuja cronologia se situa entre finais do século IV e meados do século V (BONIFAY, 2004: 173). A única certeza que temos é que o quadrado em questão, 3C, não se localiza em nenhuma das galerias identificadas através de escavação.

#### *Camada 2a*

A camada 2a é o primeiro dos níveis que se encontra selado pela construção do

bairro almóada. Tem sido interpretado como um estrato tardo-antigo, muito embora não possamos estar certos das razões que conduziram a essa percepção. A menos que o mesmo se relacionasse com estruturas indubitavelmente datáveis da Antiguidade Tardia, o facto de conter uma quantidade apreciável de materiais cuja época de produção seria esta última não legitima que a formação da camada tenha ocorrido no mesmo período histórico. Encontraram-se, neste nível, doze fragmentos de cerâmica fina tardo-antiga que caem dentro do espectro da nossa dissertação: nove de TSAf D, dois de TSFT e um de TSAf C5.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61B1 ou B2	Primeira metade do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 67C	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 76	c. 425-c. 475	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 84	c. 440-c. 500	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 87B	Inícios do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91B tardia/91C	c. 490-c. 600+	1	1	<i>LRP, Études e LRFW</i>
Hayes 104A1	Finais do século V e primeiro terço do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	1	---	<i>LRP</i>
<b>TSFT</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3B	c. 460-c. 475	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3G	c. 500-c. 525	1	1	<i>LRP</i>

TABELA 5 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 2A

O artefacto mais antigo de proveniência foceense pode, em nossa opinião, ser remetido à variante Hayes 3B, muito embora o seu estado de preservação não seja muito bom, dificultando a sua classificação. Trata-se de um fragmento com porção do bordo e do corpo, em que o lábio e a junção entre ambas as partes da peça estão fortemente desgastadas, chegando a apresentar fractura. Todavia, estas zonas não apresentam nível de deterioração homogéneo, chegando ambas a conservar pequenos vestígios de engobe que nos afiançam que aquela é, efectivamente, a forma original do fragmento, embora

um pouco deturpada. Não podemos deixar de apontar, como artefacto globalmente próximo do nosso, uma peça que Paul Reynolds apresentou em artigo recente sobre escavações em Beirute: o fragmento n.º 3761.4 do depósito BEY 006 3761, que se encontra classificado como Hayes 3C, já que revela ligeiras diferenças de inclinação do lábio que se coadunam com esta última variante (REYNOLDS, 2011: 210, fig. 2, n.º 22; 225). Também em *Conimbriga* se regista um fragmento idêntico, adscrito às variantes B e C (DELGADO, MAYET e MOUTINHO DE ALARCÃO, 1975: 287; pl. LXXVI, n.º 177).

Por seu turno, a peça que adscrevemos aqui à variante Hayes 3G poderá ser datada do primeiro quartel do século VI (HAYES, 1972: 338). As características que apresenta são ligeiramente diferentes daquela que foi encontrada na sondagem de diagnóstico da Biblioteca Municipal, em 2003. Esta última deverá pertencer a um tipo de peças mais canónico, semelhante à variante 3F, enquanto a peça do Bairro da Alcáçova, aqui estudada, se inscreve num grupo que já prenuncia a transição para a forma Hayes 10 (cf. *loc. cit.*), que será o mais frequente tipo de TSFT durante a segunda metade do século VI e durante o século VII.

Finalmente, no que diz respeito à TSAf C5, a camada 2a ofereceu apenas um fragmento, que pudemos atribuir à forma Hayes 84. Trata-se de um morfotipo proveniente da Bizacena, uma região situada no centro da actual Tunísia, distinta daquela onde se produziam as peças de TSAf D (cf. BONIFAY, 2004: 46, fig. 22). A datação de Hayes 84 pode localizar-se entre c. 440 e c. 500 (HAYES, 1972: 133).

Os descartes efectuados na camada 2a – que, recordamos, se trata da primeira camada selada pela construção do bairro almóada – são temporalmente contínuos, uma vez que não existe nenhum hiato probabilístico de importação entre o início do século V e meados do século VI. Será, pois, necessário analisar, do ponto de vista dos artefactos, os estratos que se lhe subpõem, para que possamos chegar a conclusões.

#### *Camada 2b*

A camada 2b é o segundo estrato selado pelo bairro almóada. No entanto, ao invés da camada 2a, cujas cerâmicas finas tardo-antigas se encontram distribuídas por uma área considerável, o estrato aqui em análise ofereceu apenas artefactos dos tipos que estamos a estudar em três quadrados: 4E, 6O e 7C, que não têm qualquer relação

espacial de proximidade entre si. De acordo com o que pudemos apurar através das marcações das peças, este é, de facto, o primeiro de seis níveis estratigráficos do Bairro da Alcáçova de Mértola em que as cerâmicas tardo-antigas estão escassamente representadas. Foram recolhidos, no total, três fragmentos de cerâmicas finas tardo-antigas: dois de TSFT e um de TSAf D.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	1	1	<i>Études</i>
<b>TSFT</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3C	c. 460-c. 475	2	2	<i>LRP</i>

TABELA 6 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 2B

Se o espólio, relevante para a nossa dissertação, retirado da camada 2b é efectivamente exíguo, as suas cronologias não deixam de ser subsequentes, já que a forma Hayes 99A em TSAf D iniciou a sua produção pouco depois do final do fabrico de Hayes 3C em TSFT. No entanto, refira-se que a camada 2a apresenta um artefacto de cronologia anterior aos presentes no estrato em análise: um fragmento de Hayes 61A. Porém, trata-se da única peça da camada 2a que não pode ter sido produzida depois de meados do século V, mas que pode perfeitamente ter sido descartada com as demais, se o seu uso se prolongou. Não é possível, assim, afirmar que a camada 2a não constitui deposição primária quando a comparamos com a camada 2b.

### *Camada 3a*

Este estrato do Bairro da Alcáçova de Mértola, tal como a camada 2b, apresenta uma distribuição espacial muito reduzida e um número de fragmentos igualmente pouco considerável: existem, na camada 3a, quatro fragmentos de TSAf D.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	2	2	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91A	Século V.	1	1	<i>Études</i>



Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	1	1	<i>Études</i>
-----------	---	---	---	---------------

TABELA 7 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 3A

A distribuição cronológica dos fragmentos exumados da camada 3a é muito homogênea e é possível que todos tenham coexistido funcionalmente. No entanto, a não publicação da estratigrafia, a que fizemos alusão no início, faz com que nos seja complicado perceber a sucessão dos níveis que não apresentam muitas ocorrências, como é o caso.

#### *Camada 3b*

Este estrato enferma das mesmas dificuldades de interpretação que os anteriores: poucos materiais, distribuídos por escassos quadrados. No caso, foram exumados apenas três fragmentos de TSAf D.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 61A/B1	Inícios do século V, podendo prolongar-se até meados da centúria	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91A	c. 400/420-c. 500	2	2	<i>LRP e Études</i>

TABELA 8 – CERÂMICAS FINAS PRESENTES NA CAMADA 3B

A camada 3b é mais um caso em que os materiais exumados possuem uma cronologia interseccional. No entanto, não podemos efectivamente analisar o estrato com base em informações tão pouco expressivas. O que podemos e devemos referir é que tanto este estrato como todos os outros que analisaremos se circunscrevem somente à fileira de quadrados com o número 6. No nível em estudo, exumaram-se cerâmicas finas tardo-antigas dos quadrados 6A e 6D.

#### *Camada 4a*

A camada 4a inaugura uma série de estratos em que só se exumaram loiças finas tardias, orientais e africanas, de um único quadrado. Neste caso, apenas o quadrado 6B ofereceu material arqueológico correspondente àquelas classes artefactuais: um fragmento de TSFT com porção do bordo. Essa peça, que adscrevemos à variante Hayes

3E, possui cronologia de entre c. 475 e c. 500 (HAYES, 1972: 337-338).

O nível em questão enferma dos mesmos problemas das camadas 2b, 3a e 3b. Não é possível, com um fragmento retirado de um quadrado, que façamos qualquer apreciação estratigráfica.

#### *Camada 4b*

A camada 4b apresenta as mesmas características do nível estratigráfico anterior, tendo sido retirado apenas um fragmento de uma lucerna de TSAf do quadrado 6C. Esta peça, que adscrevemos à forma *Atlante VIII C1a-b* ou à forma *Atlante VIII C1/X*, possui uma cronologia coerente com a nossa dissertação: final do século IV e primeira metade do século V, para a primeira opção; segundo quartel ou meados do século V, para a segunda hipótese (BONIFAY, 2004: 364, 391). No entanto, não se integrando no grupo das cerâmicas finas, contabilizá-la-emos apenas para que se perceba que também neste estrato registámos materiais tardo-antigos mediterrânicos.

#### *Camada 4c*

A camada 4c é o último estrato relacionável com a escavação por eixos cartesianos que se encontra no Bairro da Alcáçova de Mértola. À semelhança dos dois níveis anteriores, apresenta apenas um fragmento de cerâmica fina tardo-antiga, proveniente de apenas um quadrado, 6B.

A peça em questão é produzida em TSFT, sendo das mais marcantes que se encontram na colecção de Mértola e tendo já sido publicada por Manuela Delgado (1992). Trata-se de um bordo com aba curta que pôde ser atribuído à forma Hayes 8, tal como aquela autora havia feito no seu artigo. A sua cronologia, segundo John W. Hayes (1972: 342), situar-se-á na segunda metade do século V, podendo eventualmente entrar nos inícios do século VI.

Tal como observámos para os dois estratos anteriores, o nível estratigráfico aqui em exame não poderá ser analisado em conjunção com outros, uma vez que um fragmento retirado de um quadrado não se afigura suficiente termo de comparação.

\* \* \*

A análise conjunta da estratigrafia arqueológica das escavações realizadas por eixos cartesianos e segundo o método Wheeler, com adaptações, não nos conferiu nenhuma percepção sólida sobre a maneira como os descartes foram efectuados.

Julgamos ter conseguido provar que as camadas 1a e 1b, que deverão constituir o mesmo estrato – relembramos a existência de fragmentos que colam –, não pertenceriam de modo nenhum à estratigrafia do local, uma vez que contém uma grande quantidade de cerâmicas finas tardias, norte-africanas e mediterrânicas orientais, cuja distribuição espacial pela área quadriculada é muito dispersa. Trata-se, em nossa opinião, de um nível estratigráfico deslocado de outro sítio qualquer, não se conseguindo perceber qual sem as devidas análises geomorfológicas, e colocado sobre o bairro almóada após o seu abandono e ruína. É possível que esta operação de transporte de solo em larga escala se tenha devido à ocupação final do sítio, como cemitério medieval cristão anexo à antiga mesquita, entretanto convertida em igreja.

O nível 1c, correspondente aos pavimentos das casas almóadas, selou, em toda a extensão do arqueossítio, os estratos inferiores. A única dessas camadas que apresenta uma distribuição bem esparsa de loiças finas tardo-antigas é a 2a, cujos materiais por nós estudados apresentam uma datação de inícios do século V a meados do século VI. Todas as outras – 2b, 3a, 3b, 4a, 4b e 4c – não apresentam mais de três quadrados de distribuição destes artefactos, tal como não oferecem mais de três fragmentos por camada. É, pois, praticamente impossível estabelecer relações estratigráficas entre estes níveis mais profundos, uma vez que os perfis e planos não se encontram publicados e que os materiais são todos grandemente contemporâneos, datando *grossa modo* do século V e do primeiro terço do século VI.

Somos, deste modo, obrigados a aplicar datações de produção ou de contextos arqueológicos tardo-antigos que apresentavam níveis de complexidade económica distintos dos de Mértola às peças norte-africanas e este-mediterrânicas exumadas do Bairro da Alcáçova.

#### IV.3.2 – Escavação por contextos

Esta metodologia de escavação arqueológica foi aplicada, no Bairro da Alcáçova, após 1982, sempre em correlação com o método Wheeler e com os eixos cartesianos, sendo que por diversas vezes se sobrepuseram. Essa sobreposição, claro

está, deverá ser espelhada no nosso trabalho, pelo que incluiremos nos contextos algumas peças que também incluímos na análise dos estratos, uma vez que apresentam as duas referências. Não incluir essas peças em ambas as metodologias seria, a nosso ver, errado, porque estaríamos sempre a viciar o resultado de uma delas, comprometendo uma possível fiável percepção dos depósitos de descarte. Todavia, para efeitos de aferição do número de fragmentos e do NMI, contabilizaremos estes artefactos apenas uma vez.

Embora seja nosso propósito estudar os contextos, bem como descrever e datar os seus fragmentos, não cremos que alguma informação estratigráfica relevante possa ser retirada deles, à semelhança do que se verificou para as camadas 1d, 1e, 2b, 3a, 3b, 4a, 4b e 4c.

A datação dos vários contextos dependerá também da presença ou ausência de fragmentos de cerâmica islâmica. No caso de este tipo de artefactos coexistir com peças de loiça de mesa tardo-antiga, teremos sempre de considerar os contextos como deposição secundária.

A tabela seguinte sintetiza os dados que recolhemos acerca das cerâmicas finas exumadas pelo método de escavação por contextos.

<b>CONTEXTOS</b>						
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>CONT.</u></b>	<b><u>PRODUÇÃO</u></b>	<b><u>N.º FRAG.</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 91/92	c. 400/420-c. 600+	100	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 94A	Finais do século V e inícios do século VI.	104	TSAf D	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	105	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91A	c. 400/420-c. 500	150	TSAf D	2	2	<i>LRP e Études</i>
Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	150	TSAf D	2	2	<i>Études</i>
Hayes 94B	Finais do século V e inícios do século VI.	151	TSAf D	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 84	c. 440-c. 500	152	TSAf C5	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	156	TSAf D	1	1	<i>Études</i>

Hayes 91/92	c. 400/420-c. 600+	161	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Estilos A(ii)?-A(iii)	c. 350-c. 470	161	TSAf D	1	---	<i>LRP</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	181	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 8	Segunda metade do século V e pouco depois.	193	TSFT	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 76	c. 425-c. 475	210	TSAf D	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 104A1	Finais do século V e inícios do século VI.	502	TSAf D	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91A	c. 400/420-c. 500	503	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 12/102	c. 450-c. 520	510	TSAf D	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 104A2	Segundo quartel do século VI.	510	TSAf D	1	1	<i>Études</i>
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	700	TSAf D	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 59/65	c. 320-c. 400/420	700	TSAf D	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	700	TSAf D	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A/B2	Inícios do século V, pode prolongar-se até meados da centúria	700	TSAf D	1	1	<i>Études</i>
Hayes 61A/B3	Primeira metade do século V.	700	TSAf D	1	1	<i>Études</i>
Hayes 65	c. 320-c. 400/420	700	TSAf D	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 73	c. 420-c. 475	700	TSAf D	2	2	<i>LRP</i>
Hayes 91A	c.400/420-c. 500	700	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	700	TSAf D	2	2	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91	c. 400/420-c. 600+	700	TSAf D	1	---	<i>LRP e Études</i>
Hayes 104A1	Finais do século V e inícios do século VI.	700	TSAf D	1	1	<i>Études</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	700	TSAf D	2	---	<i>LRP</i>
Hayes 3B	c. 460-c. 475	700	TSFT	1	1	<i>LRP</i>

Hayes 65	c. 320-c. 400/420	1031	TSAf D	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	1031	TSAf D	1	1	<i>LRP e Études</i>

TABELA 9 – CERÂMICAS FINAS EXUMADAS DE CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS  
RECONHECIDOS NO BAIRRO DA ALCÁÇOVA

O estudo dos diversos contextos não nos proporcionou grandes informações acerca da estratigrafia do Bairro da Alcáçova. Conseguimos, ainda assim, identificar duas unidades de escavação deste tipo em que ocorrem formas que apresentam uma continuidade temporal apreciável: os contextos 510 e 700. O primeiro poderá corresponder a uma cronologia deposicional datada da segunda metade do século VI, embora as duas peças que apresenta sejam claramente insuficientes para chegar a grandes conclusões. O segundo, constituído por dezoito fragmentos, poderá datar-se de finais do século V ou inícios do século VI, se equacionarmos uma utilização mais prolongada das formas mais antigas e um descarte mais abrupto da única forma que pode prolongar-se para o século VI, Hayes 104A1.

Claro que importa focar novamente que a ocorrência significativa – ou seja, que não possa derivar de processos pós-deposicionais pontuais – de peças islâmicas nestes contextos transformá-los-á automaticamente em deposições secundárias, retirando aos fragmentos tardo-antigos todo e qualquer valor datante em termos estratigráficos. Porém, o estudo da estratigrafia do Bairro da Alcáçova não foi ainda publicado, o que dificulta consideravelmente esta análise.

#### IV.3.3 – Escavação por unidades estratigráficas (Método Barker-Harris, adaptado)

Este é o método de escavação arqueológica que mais recentemente foi adoptado nas intervenções realizadas no Bairro da Alcáçova de Mértola, tendo oferecido apenas um fragmento para a nossa dissertação, correspondendo a um fundo com pé anelar triangular, de grande espessura, que atribuímos à forma Hayes 104C, com cronologia de meados do século VI a meados do século VII (BONIFAY, 2004: 183).

#### IV.3.4 – Recolhas de superfície

Os fragmentos de TSAf e TSFT que foram obtidos através de recolhas de superfície não serão, por opção nossa, misturados com aqueles que não apresentavam

marcação quando iniciámos o nosso estudo. A razão é simples: as recolhas de superfície possuem, ao contrário das peças com contexto estratigráfico desconhecido, informação contextual ao nível da estratigrafia – superfície, acima da camada 1a – e também frequentemente ao nível da planimetria, sabendo-se muitas vezes de que quadrado foram retiradas.

Deste modo, o estudo das peças obtidas através das recolhas de superfície será feito conjuntamente com o das peças com contexto estratigráfico e a análise final das épocas de importação, que será realizada mais adiante, agrupará todos estes artefactos, separando-os ainda daqueles com contexto estratigráfico desconhecido. No conjunto destes fragmentos, que são catorze, treze podem adscriver-se a produções de TSAf D e um, a produções de TSFT. As formas de TSAf D são onze, contra uma única de TSFT.

O morfotipo com cronologia mais recuada, no que à TSAf D diz respeito, é a forma Hayes 59, que corresponde a uma datação de c. 320 a c. 400/420 (*Atlante I*: 82-83).

A forma Hayes 61A, representada por dois fragmentos contendo porção do bordo, tem uma cronologia de entre c. 325 a c. 400/420 (*ibidem*: 84). A variante Hayes 61A/B2, da qual existe um fragmento na colecção de recolhas de superfície, datará de inícios do século V, podendo alargar a sua cronologia até meados dessa mesma centúria (BONIFAY, 2004: 171).

A forma Hayes 91 encontra-se aqui representada por quatro fragmentos. O mais antigo corresponderá à variante Hayes 91A/B, cuja cronologia deverá corresponder à intersecção das datações de ambas as variantes, mediando, assim, entre c. 400/420 e c. 530 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177). Outros dois fragmentos que não conservam o bordo poderão ser, pelo tamanho e morfologia das suas abas, adscritos a uma variante conjunta da forma Hayes 91B tardia e da forma Hayes 91C. Seguindo o esquema de intersecção de datações, a sua cronologia deverá corresponder ao intervalo entre finais do século V e c. 600 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177, 179; *LRFW Working Group*, 2011: 20). Finalmente, um último fragmento pôde ser atribuído à variante Hayes 91C, datável de c. 500 a c. 600 (HAYES, 1972: 144; BONIFAY, 2004: 177; *LRFW Working Group*, 2011: 20).

A forma Hayes 94B, com um fragmento contendo porção do bordo, remete para uma cronologia entre finais do século V e inícios do século VI (*Atlante I*: 110).

A forma Hayes 97, representada por um fragmento com porção do bordo, constitui um exemplo único em toda a nossa dissertação. A sua cronologia, segundo Hayes (1972: 151), deverá corresponder ao período entre c. 490 e c. 550.

Regista-se também um fragmento de bordo de Hayes 99A, cuja cronologia se situará entre finais do século V e meados do século VI (BONIFAY, 2004: 181).

A variante Hayes 104A1, representada por apenas um fragmento de bordo, datará de entre finais do século V e o término do primeiro terço do século VI (*ibidem*: 183).

Observou-se também um exemplar contendo decoração estampilhada, de estilo que não conseguimos determinar.

No que respeita ao único fragmento de TSFT registado no conjunto das recolhas de superfície, aquele corresponde à variante Hayes 3C, sendo-lhe atribuída uma cronologia de entre c. 460 e c. 475 (HAYES, 1972: 337).

Elaborando uma primeira análise sumária das peças que foram recolhidas da superfície do Bairro da Alcáçova, percebe-se facilmente que pontificam formas que são comuns entre os artefactos exumados por meio de escavação, tais como Hayes 61, Hayes 91, Hayes 99 e Hayes 104. O aparecimento de exemplares destes morfotipos em contextos superficiais será mais uma prova – circunstancial, concedemos – de que a camada 1a, pelo menos, não fará parte da estratigrafia original do arqueossítio, tratando-se de deposição secundária, conforme atrás defendemos.

#### IV.3.5 – Síntese cronológica dos fragmentos contextualizados do Bairro da Alcáçova

O presente subcapítulo da nossa dissertação justifica-se, em nossa opinião, por estarmos a lidar com fragmentos de cerâmicas finas tardo-antigas, norte-africanas e orientais, cujo contexto estratigráfico de exumação é conhecido através das suas marcações. Não quer isto dizer, note-se, que exista uma estratigrafia coerente no Bairro da Alcáçova, uma vez que já frisámos que alguns estratos não corresponderão originalmente àquele arqueossítio (camadas 1a e 1b) e também porque os níveis mais inferiores (camadas 2b, 3a, 3b, 4a, 4b e 4c) se encontram grandemente desprovidos de materiais tardios; por outro lado, não se conhecem as relações estratigráficas entre essas unidades de escavação de menor tamanho, bem como a presença ou ausência de peças



muçulmanas, o que impossibilita qualquer interpretação segura.

Deste modo, o recurso às datações tipológicas foi a nossa única opção, tendo bem ciente que esse rumo de investigação não se coaduna com os nossos objectivos ideais e que não faz justiça ao arqueossítio, que é de descarte e se encontra numa área económica que apresenta já um severo recuo na complexidade e abrangência territorial das rotas comerciais – veja-se o caso do actual concelho de Alcoutim, já apresentado. Nunca é demais recordar que se trata de uma análise probabilística da importação, tendo em conta essas mesmas datações tipológicas, obtidas em centros produtores e em locais de consumo localizados no Mediterrâneo Central e Oriental.

Devemos também referir que, ao contrário do que foi feito noutros sítios estudados nesta mesma tese, a utilização do NMI dependeu, em larga medida, dos estratos em que as peças se encontravam. Não houve problema, por exemplo, em aplicar esta metodologia às camadas 1a e 1b conjuntamente, uma vez que provaram ser o mesmo nível estratigráfico. Já em relação às restantes camadas e aos contextos, considerámos mais correcto juntarem-se bordos e fundos por unidade de escavação.

No que à TSAf D diz respeito, o século V inicia-se com a presença de formas que já eram produzidas desde a década de 320 – Hayes 59; Hayes 59/65; Hayes 61A; Hayes 65 –, mas também com um tipo Hayes 67, *similis*, cujo fabrico pode ter começado na segunda metade do século IV, e com as formas Hayes 64 e Hayes 67B, manufacturadas desde finais do século IV. Juntam-se a estas outros morfotipos cuja manufactura começou no início do século V: Hayes 61A/B1, Hayes 61A/B2, Hayes 61A/B3, Hayes 61B1 ou B2, Hayes 78, Hayes 91A, Hayes 91A/B e Hayes 91/92.

Na década de 420, as formas que provinham do século IV vão deixar de ser produzidas. Apenas Hayes 67B se mantém, até meados do século V. Muito embora se introduzam novos tipos, como Hayes 73 e Hayes 76 – que aparece a meio daquele decénio –, as quantidades de peças importadas reduzem-se significativamente entre c. 420 e c. 480, não obstante uma pequena recuperação entre c. 430 e c. 450, sem grande expressividade – período em que ocorre Hayes 92, com apenas um indivíduo. Nesta última data, todas as variantes Hayes 61A/B, Hayes 61B1 ou B2 e as formas Hayes 64 e Hayes 67B deixam de ser produzidas e importadas. Entram no repertório, embora sem a mesma representatividade, as formas Hayes 67C, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 81B, Hayes 87A1 e Hayes 12/102, que não vão contrariar o declínio. As formas Hayes 73 e Hayes 76 desaparecem c. 475. Mais uma vez, é a introdução da TSFT (c.

450) que vai atenuar em grande medida a quebra de peças norte-africanas, constituindo a década de 460 um período de apogeu para aquelas cerâmicas orientais.

Na década de 480, todavia, assiste-se a um enorme aumento probabilístico de importação de peças de TSAf D, com valores que mais do que duplicam os registados para o decénio anterior, na estratigrafia do Bairro da Alcáçova. As formas que impõem estes altos valores são, essencialmente, Hayes 99A, Hayes 99A/B e Hayes 104A1, apoiadas pelas altas quantidades de Hayes 91A/B, que se mantêm. Desempenhando um papel menor neste crescimento estão as formas Hayes 86, Hayes 87A/88, Hayes 94B, Hayes 98A/B, Hayes 103A e Hayes 104A1 ou A2, que começam também a ser produzidas em torno a c. 480. A década de 490 assistiu à introdução de novas formas, sendo que nenhuma das que iniciaram a sua produção no decénio anterior desapareceram. Surgiram, assim, novos tipos como Hayes 91B tardio, Hayes 91B tardio/91C, e Hayes 97.

A viragem para o século VI vê desaparecer as formas Hayes 67C e Hayes 67, *similis*, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 78, Hayes 81B e Hayes 87A1. Em seu lugar e em maiores quantidades, surgem as formas Hayes 87B, Hayes 91C, Hayes 93B e Hayes 103B. Todos os outros morfotipos se mantêm, ainda encabeçados, em termos quantitativos, pelas formas Hayes 99A e Hayes 104A1. O período de apogeu da importação da TSAf D exumada da estratigrafia do Bairro da Alcáçova, iniciado c. 480, continua e irá prolongar-se até ao final da década de 510.

Por volta de 520, dá-se um decréscimo bastante abrupto de importação, só amenizado pelas grandes quantidades de peças que continuam, ainda, a superar largamente as registadas ao longo do século V. Deixam de ser produzidas e compradas as formas Hayes 86, Hayes 87B, Hayes 87A/88, Hayes 94B e Hayes 12/102. Em contrapartida, introduz-se, c. 525, a forma Hayes 88A, escassamente distribuída, a variante Hayes 104A2, com boas quantidades de peças – reduzindo o declínio –, e a variante Hayes 99B, muito mal representada. O decréscimo torna-se, contudo, mais evidente quando as formas Hayes 91A/B e Hayes 104A1 deixam de ser manufacturadas e importadas, na década de 530. No decénio de 540, deixa de se produzir a forma Hayes 93B. A partir daí e até c. 550, tudo se mantém ainda em níveis superiores aos do século V, embora se possa entrever um declínio respeitável no que respeita aos valores registados nas primeiras décadas do século VI.

Em meados do século VI, porém, as importações de TSAf D sofrem uma quebra

abrupta, que registará níveis probabilísticos muito fracos, inferiores aos verificados entre c. 420 e c. 480. Cessa o fabrico das formas Hayes 88A, Hayes 91B tardia, Hayes 97, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 104A2 e Fulford 52, ao passo que se introduz Hayes 104C e *Atlante*, XLVI, 5, ambas com apenas um indivíduo. No final do terceiro quartel do século VI, as formas Hayes 103A e B deixam de ser fabricadas. Por volta de 580, introduz-se um exemplar do subtipo Hayes 99C e outro da variante Hayes 105A, mas o declínio acentua-se ainda mais.

É razoável pensar-se, olhando para o quadro potencial de importações que atrás elaborámos, que a entrada de peças de TSAf D no conjunto com estratigrafia do Bairro da Alcáçova não tenha ocorrido após o final do século VI, mesmo se as formas Hayes 99B, Hayes 99C, Hayes 104C e Hayes 105A, todas representadas por apenas um fragmento cada, atingem pelo menos os inícios do século VII, em termos de probabilidades de produção.

Relativamente à TSAf C5, apenas ocorre um fragmento de Hayes 84, produzido entre c. 440 e c. 500.

No que diz respeito à TSFT, esta introduz-se no conjunto em questão c. 450/460, com as variantes Hayes 3B, 3C e a forma Hayes 8. Trata-se do período de apogeu destas cerâmicas finas orientais, na estratigrafia do Bairro da Alcáçova, com o domínio da forma Hayes 3C, produzida até c. 475. Depois de um pequeno decréscimo de importação com a forma Hayes 3E, no último quartel do século V, a TSFT aumenta novamente as probabilidades de importação com a entrada, c. 500, das variantes Hayes 3F e 3G, que deixam de ser produzidas c. 525.

#### IV.3.6 – Fragmentos com contexto estratigráfico dúbio

As cerâmicas finas tardo-antigas do Bairro da Alcáçova apresentam algumas marcações que não nos foi possível interpretar. Decorreram demasiados anos, décadas até, sobre algumas das campanhas e as informações sobre a generalidade da intervenção não foram completamente sistematizadas e, de facto, nunca se publicaram. Hoje em dia, as técnicas de registo são extremamente minuciosas, nas escavações levadas a cabo naquela área, mas também é um facto que os materiais que estudámos foram maioritariamente exumados nos anos 80 do século XX. Neste ponto da nossa tese, agruparemos os materiais cujo contexto estratigráfico se encontra marcado nas peças,

mas que não encontra correspondência nos registos que existem.

No que respeita à TSAf D, ocorrem sete formas distintas: Hayes 61A, Hayes 76, Hayes 99A (dois indivíduos), Hayes 103A e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. As suas cronologias são as que se seguem, respectivamente: c. 325-c. 400/420; c. 425-c. 475; finais do século V a meados do século VI; finais do século V a finais do terceiro quartel do século VI; primeira metade do século VI (*Atlante I*: 84, 90, 99; BONIFAY, 2004: 181). Existe ainda um fragmento de TSAf C que apresenta decoração estampilhada no anverso, em forma de ramo de palma. Sendo caso único na presente tese – não ocorrem mais estampilhas em TSAf C –, pode corresponder aos estilos A, B ou C, com cronologia lata de c. 320-c. 470 (HAYES, 1972: 219-220). Em relação à TSFT, ocorrem dois bordos, das variantes Hayes 3C e 3E, e um fundo com pé anelar correspondente à forma Hayes 3D-G. As cronologias respectivas são c. 460-c. 475, c. 475-c. 500 e c. 475-c. 525 (HAYES, 1972: 337-338).

#### IV.3.7 – Fragmentos com contexto estratigráfico desconhecido

Uma grande quantidade de peças provenientes do Bairro da Alcáçova de Mértola que estudámos não possuem informação contextual de qualquer tipo. Sabe-se que provêm deste arqueossítio, uma vez que se encontravam acondicionadas com peças cuja marcação era claramente aquela que tem vindo a ser atribuída à escavação em questão, mas também porque alguns fragmentos sem marcação colaram com outros que a apresentavam – veja-se o caso mais óbvio de uma peça que apresentava dois fragmentos com marcação que colavam com um outro, que não exibia qualquer referência.

Desse modo e em estreita colaboração com os responsáveis pelo laboratório do Campo Arqueológico de Mértola e Museu de Mértola, optámos por proceder à marcação de todos estes fragmentos com a legenda M/ALCÁÇOVA, seguida do número da peça, por nós atribuído. O objectivo desta marcação é permitir a revisão futura dos dados que publicarmos na nossa dissertação, quer por nós próprios, quer por outros investigadores interessados.

Tratando-se de peças sem contexto estratigráfico, o seu estudo deverá assentar somente em critérios tipológicos, o que invalida a percepção automática dos contextos de descarte, que nos interessariam muito estudar – por mais que a estratigrafia do Bairro da Alcáçova nos levante grandes dúvidas e questões. Recorreremos, assim, às tipologias

de referência que são conhecidas e às suas mais recentes afinações cronológicas. Nunca será demais recordar que, neste contexto, lidamos apenas com datas de produção e provável importação dos artefactos. A tabela seguinte sintetiza os dados que recolhemos deste conjunto de materiais.

<b>TSAf TARDIA</b>				
<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	10	9	<i>Atlante I</i>
Hayes 59/65	c. 320-c. 400/420	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	4	4	<i>Atlante I</i>
Hayes 61A/B2	Inícios do século V, pode prolongar-se até meados da centúria.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 61A/B3	Primeira metade do século V.	4	4	<i>Études</i>
Hayes 64	Finais do século IV a meados do século V.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 65	c. 320-c. 400/420	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 67B	Finais do século IV a meados do século V.	2	2	<i>Études</i>
Hayes 67C	Segunda metade do século V.	4	4	<i>Études</i>
Hayes 67	Segunda metade do século IV a finais do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 67/71	Segunda metade do século IV a finais do século V.	3	3	<i>Atlante I</i>
Hayes 67, <i>similis</i>	Finais do século IV a finais do século V.	3	3	<i>Études</i>
Hayes 73	c. 420-c. 475	4	4	<i>LRP</i>
Hayes 76	c. 425-c. 475	4	4	<i>Atlante I</i>
Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, <i>similis</i>	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 81B	Segunda metade do século V.	7	7	<i>LRP</i>
Hayes 84	c. 440-c. 500	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 85B	Segunda metade do século V.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 86, n.º 2, variante	Finais do século V e inícios do século VI.	1	1	<i>Atlante I e Études</i>
Hayes 87A1	Segunda metade do século V.	1	1	<i>Atlante I</i>
Hayes 87A2	Segunda metade do século V.	3	3	<i>Atlante I</i>
Hayes 87A1 / Hayes 87A/88	Segunda metade do século V e inícios do século VI.	1	1	<i>Atlante I e Études</i>
Hayes 87A/88	Finais do século V e inícios do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91A	Século V.	5	4	<i>LRP e Études</i>

Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	16	16	<i>LRP e Études</i>
Hayes 91B tardia	Finais extremos do século V a meados do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 91C	c. 500-c. 600+	1	1	<i>LRP, Études e LRFW</i>
Hayes 91/92	c. 400/420-c. 600+	3	---	<i>LRP, Études e LRFW</i>
Hayes 93(?)	c. 470-c. 540	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 93B	c. 500-c. 540	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 94B	Finais do século V e inícios do século VI.	3	3	<i>LRP</i>
Hayes 93B/94B	Finais do século V a c. 540.	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 96	c. 490-c. 550	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 98A/B	Finais do século V a meados do século VI.	3	3	<i>Études</i>
Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	9	8	<i>Études</i>
Hayes 99B	Inícios do segundo quartel do século VI a inícios do século VII.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 103A	Finais do século V ao final do terceiro quartel do século VI.	2	2	<i>Atlante I</i>
Hayes 104A1	Finais do século V e primeiro terço do século VI.	5	5	<i>Études</i>
Hayes 104A2	Segundo quartel do século VI.	1	1	<i>Études</i>
Hayes 12/102	c. 450-c. 520	4	4	<i>Atlante I</i>
<i>Atlante</i> , XLVI, 6, <i>similis</i>	Primeira metade do século VI.	1	1	<i>Atlante I</i>
Fulford 52	Primeira metade do século VI.	1	--- <sup>9</sup>	MARTIN, 2005
Hayes 61A/B2, produção indeterminada	Datação inconclusiva, igual ou posterior à da forma em TSAf D.	1	---	<i>Études</i>
Estilo A(ii)	c. 350-c. 420	4	---	<i>LRP</i>
Estilos A(ii)-A(iii)	c. 350-c. 470	2	---	<i>LRP</i>
Estilo A(iii)	c. 410-c. 470	1	---	<i>LRP</i>
Estilo indeterminado	---	1	---	---
Decoração polida – Grupo 1A	Segunda metade do século V.	1	---	<i>Études</i>
<b>TSFT</b>				

<sup>9</sup> Este fragmento constitui um único indivíduo com outro da camada 1a e com um segundo da camada 1b.

<b><u>FORMAS</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>N.º DE FRAGMENTOS</u></b>	<b><u>NMI</u></b>	<b><u>FONTE</u></b>
Hayes 3C	c. 460-c. 475	2	2	<i>LRP</i>
Hayes 3F	c. 500-c. 525	2	2	<i>LRP</i>
Hayes 3, variante pequena	c. 425-c. 525	1	1	<i>LRP</i>
Hayes 3D-G	c. 475-c. 525	3	1	<i>LRP</i>
Hayes 3 decorada com estampilha do Grupo III	c. 470-c. 525	1	---	<i>LRP</i>

TABELA 10 – CERÂMICAS FINAS COM CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO DESCONHECIDO,  
PROVENIENTES DO BAIRRO DA ALCÁÇOVA

Um exemplar de Hayes 104A1, marcado com a designação M/ALCÁÇOVA/24, reveste-se de especial interesse, na medida em que apresenta, ao nível do corpo, dois orifícios: um que se conserva inteiro, do lado esquerdo do fragmento, e outro que se apresenta fragmentado, por estar numa zona de fractura, à direita. Os orifícios são mais largos no interior da peça, estreitando-se em direcção ao exterior. Em nossa opinião, isto indica que foram elaborados após a cozedura, por perfuração, utilizando um instrumento pontiagudo com o qual se fizeram movimentos rotativos do interior para o exterior.

Muito embora não se tenham encontrado outros fragmentos da mesma peça, estamos convencidos de que os orifícios serviram, em dado momento, o objectivo de reparação daquele que seria um grande prato colectivo ou, por assim dizer, um prato de servir comida à mesa. Poderíamos pensar novamente sobre a conjectura de o artefacto em questão ter sido convertido num coador, mas os orifícios são demasiado escassos e espaçados. Neste caso, devemos assumir que este prato Hayes 104A1 teria um valor suficientemente elevado para ser objecto de um considerável trabalho de reparação – consertaram-se não menos que duas fracturas. Voltaremos a este assunto mais adiante, numa altura consagrada à discussão de um quadro mais geral.

A forma Fulford 52, por seu turno, está circunscrita ao fragmento M/ALCÁÇOVA/13. Todavia, como este oferece colagem com outros dois já mencionados, que apresentam marcação contextualizada (camadas 1a e 1b), será excluído da contabilidade do NMI do conjunto de fragmentos com contexto estratigráfico desconhecido.

Este agregado descontextualizado de peças do Bairro da Alcáçova ofereceu um fragmento com ornamentação relativamente rara no mundo da TSAf D. Trata-se de um artefacto que apresenta decoração polida, correspondente ao grupo 1A definido por Michel Bonifay (2004: 193), que é constituído por teorias de motivos em redor de um fundo em reserva. No nosso caso, observa-se ornamentação vegetalista. Os paralelos, geograficamente próximos do Baixo Guadiana, que encontramos para esta peça localizam-se em Faro e em *Balsa*, ambas no Sul da antiga *Lusitania* (VIEGAS, 2009: 178, 338), e *Baelo Claudia*, no Sul da antiga *Baetica*. Apenas em *Balsa* e em *Baelo Claudia* se encontraram outros fragmentos atribuíveis ao grupo 1A (cf. BOURGEOIS e MAYET, 1991: 311; 365, pl. CXIII, n.ºs 588 e 592; VIEGAS, 2009: 338).

Tal como na camada 1b do Bairro da Alcáçova, também este conjunto apresenta uma peça que pode tratar-se de TSAf D demasiado cozida ou de um exemplar pertencente a uma produção regional norte-africana. Porém, se a peça afim a Hayes 91 não tinha lábios no bordo nem na aba, percebemos que o artefacto aqui em causa, conservando a totalidade do perfil da porção que subsistiu, corresponde perfeitamente à forma Hayes 61A/B2. Neste caso, acreditamos que se trata de uma peça de TSAf D cuja cozedura se prolongou demasiado. No entanto, ao não estarmos completamente convencidos, propomos uma cronologia contemporânea ou posterior ao tipo que mencionámos.

A variante de pequenas dimensões da forma Hayes 3 – da qual o conjunto com contexto estratigráfico desconhecido apresenta um fragmento de bordo – é, segundo John W. Hayes, «*mostly early*» (*ibidem*: 331). É um facto que, relativamente à morfologia dos bordos, a variante «canónica» de Hayes 3 com que estes artefactos de pequenas dimensões mais se parecem é a Hayes 3A, como se pode perceber pela peça n.º 7477.14 do depósito BEY 006 7477 e pela peça n.º 3303.2 do depósito BEY 006 3303, ambos de Beirute e datados do terceiro quartel do século V (REYNOLDS, 2011: 208; 212, fig. 4, n.º 46; 213, fig. 5, n.º 58).

No *Late Roman Pottery*, todavia, John W. Hayes refere igualmente que as peças que têm paralelo com a que identificámos em Mértola podem ser adscritas a cada uma das variantes «canónicas» da forma Hayes 3. No catálogo apresentado na obra, parece-nos que as formas registadas mais próximas são as das peças Hayes 3, n.ºs 32 e 37 (HAYES, 1972: 334, fig. 69, n.ºs 32 e 37; 335). A peça Hayes 3, n.º 32 foi relacionada, por John W. Hayes, com a sua forma 4 de TSFT, admitindo que esta última poderá ser



classificada como uma variante precoce de Hayes 3 e datando-a do segundo quartel do século V (*ibidem*: 338). Já a peça Hayes 3, n.º 37 pertence à variante 3F, datada do primeiro quartel do século VI (*loc. cit.*). Será admissível, assim, circunscrever a produção da peça de Mértola de pequena dimensão desde o segundo quartel do século V ao final do primeiro quartel do século VI.

Refira-se, em último lugar, a presença do único fragmento de TSFT com decoração estampilhada presente em toda a nossa colecção: M/ALCÁÇOVA/179. Não se percebe qual o motivo que se regista na peça, mas corresponde certamente ao Grupo III estabelecido por John W. Hayes (1972: 346-347), sendo que as formas que mais ostentam este género de ornamentação são as variantes Hayes 3C-H.

### *Síntese cronológica do conjunto*

Escolhemos particularizar a análise cronológica conjunta dos fragmentos com contexto estratigráfico desconhecido, uma vez que, no caso do Bairro da Alcáçova, o exame dos estratos e quadrículas é essencial para uma boa percepção do conjunto que lhes está adscrito. Neste caso, todavia, não há contexto com o qual relacionar as peças e será interessante tentar comparar os dois conjuntos, com e sem estratigrafia, antes de passar a uma análise global dos ritmos de importação de cerâmicas finas norte-africanas e este-mediterrânicas no Bairro da Alcáçova.

As duas primeiras décadas do século V representam um dos vários picos de importação de TSAf D que registaremos nesta parte da nossa tese. As formas Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61A/B2, Hayes 61A/B3, Hayes 64, Hayes 65, Hayes 67B, Hayes 67, *similis*, Hayes 67/71, Hayes 91A e Hayes 91A/B estão a ser produzidas simultaneamente durante o hiato de tempo entre c. 400 e c. 420 e, consequentemente, poderão ter sido exportadas para Mértola.

O período entre c. 420 e c. 430 regista um ligeiro decréscimo na probabilidade de importação, uma vez que, do grupo acima mencionado, deixam de ser produzidas as formas Hayes 59, Hayes 61A e Hayes 65. Entre c. 430 e c. 450, porém, regista-se uma igualmente ténue recuperação, que compensa o declínio anterior.

A década de 450 assiste à introdução, neste conjunto, de seis novas formas no quadro de produção de TSAf D: Hayes 67C, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, *similis*, Hayes 81B, Hayes 87A1, Hayes 87A2 e Hayes 12/102. Aparece igualmente, em TSAf

C5, a forma Hayes 85B. Dos tipos cerâmicos que já vinham do período anterior, saíram do ciclo produtivo as formas Hayes 61A/B2, Hayes 61A/B3, Hayes 64, Hayes 67B, cuja ausência é facilmente superada. O panorama de grande crescimento manter-se-á quase imutável até ao final da década de 460. O decénio de 470 regista um ligeiro declínio, que deverá ser fruto da saída de circulação, c. 475, das formas Hayes 73 e Hayes 76.

A década de 480 assistiu ao início do ponto mais alto no ciclo de importações de TSAf D no conjunto com contexto estratigráfico desconhecido. Nenhuma das formas que nele foram incluídas desde c. 450 deixaram de ser produzidas. Ao mesmo tempo, acrescentaram-se seis novos morfotipos: Hayes 87A/88, Hayes 94B, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 103A e Hayes 104A1. Na década de 490, introduzem-se duas novas formas, Hayes 91B, variante tardia, e Hayes 96, sem que alguma outra tenha sido retirada. Foi precisamente durante este último decénio que se atingiu o apogeu da importação de TSAf D no conjunto aqui em estudo.

A primeira década do século VI assistiu a um decréscimo brusco na presença de exemplares de cerâmicas finas norte-africanas, uma vez que as formas Hayes 67C, Hayes 67/71, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, *similis*, Hayes 81B, Hayes 84 e Hayes 85B (TSAf C5), Hayes 87A1, Hayes 87A2 e Hayes 91A deixaram de ser produzidas. Os novos tipos introduzidos, Hayes 91C, Hayes 93B, *Atlante*, XLVI, 6, *similis*, e Fulford 52 não foram importados em quantidades suficientemente grandes para compensar a perda, no seio deste conjunto.

Na década de 520, inicia-se um período contínuo de quebra em direcção aos meados do século VI. As formas Hayes 87A/88, Hayes 94B e Hayes 12/102 deixaram de ser produzidas. Tal como no período anterior, a introdução das formas Hayes 99B e Hayes 104A2 a meio do decénio não conseguiu compensar a perda causada pelo final da produção das formas que mencionámos, agudizando o declínio que já se fazia sentir desde início do século.

Na década de 530, as formas Hayes 91A/B e Hayes 104A1 deixaram de ser produzidas, contribuindo para a manutenção da redução do volume de importação de TSAf D no conjunto com contexto estratigráfico desconhecido, não sendo introduzida qualquer outra forma. Por volta de 540, a forma Hayes 93B cessa a sua produção.

A partir de meados do século VI, o declínio probabilístico da presença de TSAf D no conjunto com contexto estratigráfico desconhecido acentua-se cada vez mais. As

formas Hayes 96, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 104A2, *Atlante*, XLVI, 6, *similis*, e Fulford 52 não ultrapassam o final da primeira metade da centúria e não se encontram outras que as substituam como importações. A forma Hayes 103A deixa de se produzir em c. 575. Parece evidente, assim, que se este conjunto de TSAf não pertencesse ao Bairro da Alcáçova de Mértola, como sabemos acontecer, as importações não teriam ultrapassado os meados do século VI, já que todas as formas que poderão ocorrer depois deste limite temporal poderiam também ocorrer antes e que não há nenhuma que seja específica da segunda metade daquela centúria.

Relativamente à TSFT do conjunto com contexto estratigráfico desconhecido, a sua diacronia comercial é muito mais reduzida, uma vez que a única forma registada é a forma Hayes 3, embora com diversas variantes, representada por cinco fragmentos de bordo. Parece haver picos de produção ladeados por momentos em que nada é importado. Entre c. 425 e c. 525, foi importada uma peça da variante pequena da forma Hayes 3. Entre c. 460 e c. 475, temos dois bordos da variante Hayes 3C, que apresentam o maior pico de importação desde o início do século V. No último quartel desta centúria, a compra de peças de TSFT cessa. Regressará entre c. 500 a c. 525, com dois bordos da variante Hayes 3F, registando um novo pico semelhante ao da variante Hayes 3C. A partir do final do primeiro quartel do século VI, o conjunto com contexto estratigráfico desconhecido deixou de ter novas importações de TSFT.

Convém frisar, uma vez mais, que este estudo realizado sobre as cerâmicas finas tardo-antigas do conjunto com contexto estratigráfico desconhecido permite-nos somente avaliar uma percentagem de todas as importações norte-africanas e este-mediterrânicas presentes no Bairro da Alcáçova. A análise não deve, pois, ser tomada como holística, uma vez que não integra os restantes materiais, das mesmas classes artefactuais, provenientes daquela área. Ainda assim, observa-se que, para este conjunto, o pico de importações coincide com aquele que observámos para o conjunto com contexto estratigráfico conhecido e que o presumível término das importações terá ocorrido em meados do século VI, precisamente quando se regista uma elevada e irreversível quebra naquele outro conjunto da Alcáçova.

#### IV.4 – SÍNTESE GERAL DAS IMPORTAÇÕES ESTUDADAS EM MÉRTOLA

Terminado o estudo das duas áreas cujos materiais o Campo Arqueológico de Mértola colocou à nossa disposição, cabe agora fazer uma análise geral das cerâmicas de mesa, orientais e africanas, importadas por *Myrtilis* entre os séculos V e VII. Levaremos a cabo apenas uma síntese cronológica, através da qual se compreendam os períodos de maior e menor importação, tal como fizemos para cada um dos dois sítios. Frisa-se, *ab initio*, que, uma vez que nunca foi realizado um estudo desta dimensão para materiais cerâmicos tardo-antigos de Mértola e também por questão de comodidade de discurso para o autor desta dissertação, iremos extrapolar os contextos que estudámos e tomar os seus dados como referentes à totalidade do espaço urbano de *Myrtilis*.

Recordemos, no entanto, um pressuposto que temos de conservar na nossa mente quando lidamos com estes materiais: estamos a estudar um contexto de descarte, no Sudoeste da Península Ibérica, segundo critérios cronológicos provenientes dos centros produtores e de escavações efectuadas no Mediterrâneo Oriental e Central, cujas diferenças nas actividades económicas eram já bastante elevadas em relação ao antigo extremo ocidental do Império Romano (cf. WARD-PERKINS, 2005: 165-170). No caso, não existem maneiras de datar os estratos que estamos a estudar e que temos de ter ciente que correspondem a um descarte feito em data desconhecida – se admitirmos, como é possível, que as camadas seladas pelo bairro almóada possam permanecer em deposição primária, facto que só poderá ser desmentido pela presença de material islâmico nesses níveis (o qual não conseguimos identificar, por exiguidade de tempo e por não constituir o objecto de estudo da presente tese). Dado que não se conhecem datações numismáticas para os dois sítios analisados, no intervalo cronológico do nosso estudo, e que também não foram realizadas quaisquer datações absolutas aos estratos, a nossa compreensão dos descartes vê-se definitivamente invalidada.

O início do século V pode considerar-se marcado por um bom desempenho das importações, com contribuições que se devem apenas às oficinas norte-africanas. Entre c. 400 e c. 420, a maioria das formas presentes foram herdadas do século IV: Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 64, Hayes 65, Hayes 67B, Hayes 67, *similis*, e Hayes 67/71. São introduzidas as formas Hayes 61A/B1-3, Hayes 61B1/B2, Hayes 61B2, Hayes 91A e Hayes 91A/B – a mais representada em Mértola, com trinta indivíduos, mas com cronologia muito lata. O morfotipo que domina este período, em termos de NMI, é Hayes 61A, da qual se reconheceram quinze indivíduos. Trata-se da quarta forma com maior ocorrência em Mértola e é também, nesta localidade, o tipo mais frequente de

prato durante os séculos V e VI. É interessante observar que as variantes Hayes 61A/B conseguem substituir dignamente – embora apenas em conjunto e, ainda assim, nunca ao mesmo nível quantitativo – a sua «antepassada» oriunda do século IV. No entanto, não convém esquecer que a cronologia de Hayes 61A se localiza predominantemente nesta última centúria. A relevância do NMI desta forma, em termos estatísticos, é muito menos considerável no século V, quando aquela tem apenas 20% de probabilidades de ocorrência.

A década de 420 regista um pequeno declínio relativamente ao início da centúria. As formas do século IV, com excepção de Hayes 64 e Hayes 67B, deixam de ser produzidas e importadas e as quantidades dos tipos que perduram e das novas formas que entram no quotidiano de *Myrtilis* – Hayes 73, Hayes 76 (c. 425) e Hayes 3, variante pequena, em TSFT (c. 425) – não são imediatamente capazes de contrariar a perda de morfotipos tão bem representados como Hayes 59 e Hayes 61A.

Por volta de 430, inicia-se a recuperação, que se revela moderada até c. 460. Na década de 440, a retoma é estimulada também pela entrada em cena de uma forma oriunda da Bizacena, Hayes 84, fabricada em TSAf C5. Também a TSAf D introduz uma nova forma, Hayes 92, nesse mesmo decénio. Mantêm-se, de resto, as formas cuja produção se iniciou no princípio do século V, bem como os tipos Hayes 64 e Hayes 67B. A década de 450, por seu turno, assiste a uma primeira grande revolução nas baixelas de *Myrtilis*, que não se consubstancia ao nível de um relevante aumento das importações. As variantes Hayes 61A/B e as formas Hayes 64 e Hayes 67B desaparecem. Em contrapartida, entram no mercado das importações as formas Hayes 67C, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 81B, Hayes 85B (em TSAf C5) Hayes 87A1, Hayes 87A2 e Hayes 12/102. Inicia-se também a produção da forma Hayes 8 em TSFT.

A década de 460 assiste ao início de um pequeno período de decréscimo das importações norte-africanas. É a TSFT que compensa essa pequena quebra, gozando de um período de apogeu, especialmente através da variante Hayes 3C (nove exemplares). A esta forma, mas com representação de apenas um exemplar, junta-se o prato Hayes 5A, também produzido em TSFT. No caso da TSAf, é a forma Hayes 92 que desaparece. Deste modo, a aparente descida da década de 470 terá constituído mais uma relativa estabilização no quadro das importações de cerâmicas finas mediterrânicas, com o auxílio da TSFT. Introduce-se, neste decénio, apenas a forma Hayes 12/110, sem

grande representatividade, e abandona-se a produção de Hayes 73 e Hayes 76 (c. 475) e de Hayes 3C em TSFT (c. 475).

Por volta de 480, inicia-se a fase de apogeu das importações de loiças de mesa provenientes do Mediterrâneo. O salto, em termos de probabilidade, que se dá em relação à década anterior é de cerca de uma vez e meia, marcado indubitavelmente pela entrada de novos morfotipos com boa representação em termos de NMI. Estamos, neste caso, a falar de formas como Hayes 94B, mas especialmente de Hayes 99A e Hayes 104A1, que são, respectivamente, a segunda (vinte e cinco indivíduos) e a quinta (treze indivíduos) formas mais frequentes em Mértola. Com uma representação inferior, introduzem-se as formas Hayes 86, Hayes 98A/B e Hayes 103A.

A década de 490 representa o ponto mais elevado de sempre para as importações mediterrânicas em *Myrtilis*, durante os séculos V a VII. Assiste-se a um crescimento moderado relativamente ao decénio anterior, com a introdução das formas Hayes 91B tardia, Hayes 96 e Hayes 97. Considerámos também uma forma Hayes 91B tardia/91C, que se deve ao facto de certos exemplares de aba curta não apresentarem lábio no bordo, impedindo a distinção da variante. Todos estes tipos cerâmicos têm uma pobre representatividade em termos de NMI e de probabilidades de ocorrência. Em contrapartida, nenhuma forma desaparece durante este período.

Iniciando o século VI, as formas Hayes 67C, Hayes 67/71, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 81B, Hayes 84 e 85B (ambas em TSAf C5), Hayes 87A1, Hayes 87A2, Hayes 91A e Hayes 5A (TSFT) deixam de ser produzidas e importadas. Em contrapartida, inicia-se o fabrico das formas Hayes 87B, Hayes 91C, Hayes 93B, Hayes 103B, *Atlante*, XLVI, 6, Fulford 52 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. Também se introduzem as variantes F e G da forma Hayes 3 em TSFT. Esta década vê definitivamente eliminarem-se as contribuições cerâmicas da Bizacena para o mercado importador de *Myrtilis*, que fica reduzido às cerâmicas da Zeugitana e às loiças foceenses.

O decénio de 510 corresponde ao último do apogeu das importações mediterrânicas em Mértola. A única alteração que se verifica, relativamente à década anterior, é o provável abandono da produção da forma Hayes 8 em TSFT, que reduz as contribuições do Mediterrâneo Oriental para o conjunto das cerâmicas finas daquela cidade tardo-antiga.

A partir de 520, começa a instalar-se o declínio. As formas Hayes 86, Hayes 87B, Hayes 87A/88, Hayes 94B e Hayes 12/102 deixam de ser produzidas pelas oficinas zeugitanas, que contrariam esta tendência com o início do fabrico das variantes Hayes 88A (c. 525, dois indivíduos), Hayes 99B (c. 525, dois indivíduos), Hayes 104A2 (c. 525, cinco indivíduos) e Fulford 50 (c. 525, um indivíduo). Em relação à TSfT, as variantes Hayes 3F e 3G deixam de ser manufacturadas (c. 525), encerrando a importação destas produções orientais.

O declínio continua na década de 530, embora mais suave, com a saída das formas Hayes 91A/B e Hayes 104A1 dos ciclos de produção de TSfT D. Estes dois tipos de peças, muito bem representados em *Myrtilis* (trinta e treze indivíduos, respectivamente, com elevadas probabilidades de ocorrência ao longo de cada década), não foram sequer substituídos por outras formas. A década de 540 não apresenta valores muito mais baixos do que o decénio anterior, porque, apesar de terem desaparecido as formas Hayes 93B e Hayes 96, a sua representatividade era bastante reduzida. À semelhança do que se apontou para os anos de 530, nenhuma forma nova é introduzida.

Em meados do século VI, as importações sofrem novamente uma quebra acentuada, que atira as suas probabilidades de ocorrência para menos de metade do que se registava nas décadas de 530 e 540. São valores nunca antes atingidos no nosso espectro temporal e que configuram uma redução brutal em relação às quantidades mais fracas que se atingiram no século V (c. 420-c. 430). Desapareceram formas de TSfT D como Hayes 88A, Hayes 91B tardia, Hayes 97, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 104A2, Hayes 12/110, *Atlante*, XLVI, 6, *similis*, Fulford 52 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. Nenhuma forma foi acrescentada à lista de importações, à excepção de Hayes 104C e de *Atlante*, XLVI, 5, representadas cada uma por apenas um fragmento. Este panorama manteve-se até c. 580, agravando-se ligeiramente com o desaparecimento das duas variantes do tipo Hayes 103 e da forma Fulford 50, no final do terceiro quartel do século VI.

A década de 580 vem trazer uma pequena «lufada de ar fresco», em termos de renovação morfológica, ao quadro geral das importações, já só zeugitanas, para *Myrtilis*. Introduzem-se três formas no repertório presente em Mértola: Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99C, Hayes 105A e Hayes 107. São peças com uma fraca representação, tanto em NMI como em probabilidade de ocorrência por década e não

contrariam o declínio que se continuara a agudizar. São, ainda assim, os últimos tipos a serem introduzidos nesta localidade.

Em termos efectivos, todas as formas que estudámos e que foram exumadas de Mértola começaram a ser produzidas nos séculos IV, V e VI. Nenhum destes tipos cerâmicos começou a ser fabricado no século VII, sendo que a TSAf D tem, efectivamente, morfotipos que correspondem unicamente a esta última centúria, em termos de fabrico e exportação – Hayes 106 e Hayes 108, para não citar variantes de outras formas, como Hayes 91D ou Hayes 80B/99. Podemos considerar, com base na inexistência de formas típicas do século VII, que as importações de cerâmica fina mediterrânica não terão ultrapassado os finais do século VI.



## CAPÍTULO V – AS CERÂMICAS FINAS TARDO-ANTIGAS E OS QUOTIDIANOS NO BAIXO GUADIANA

### V.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os trabalhos de índole arqueológica realizados sobre cerâmicas finas tardo-antigas costumam, tal como deve ser, focar-se nas tipologias e cronologias destes artefactos que, muito possivelmente desde os trabalhos de Nino Lamboglia, servem de elementos datantes para estratos que não apresentam outro tipo de pistas temporais. Todavia, parece igualmente frequente, em nossa opinião, abordarem-se as cerâmicas de mesa tardias, africanas e orientais, apenas como artefactos, esquecendo que foram também utensílios, tendo constituído, na casa dos seus detentores, peças de relativo prestígio, quando não mesmo verdadeiras baixelas, de acordo com as possibilidades económicas de cada indivíduo ou agregado familiar.

Este capítulo da nossa dissertação pretende, muito inspirado pela formação que o seu autor teve em Arqueologia Medieval e Arqueologia Moderna, abordar os artefactos da perspectiva da sua funcionalidade e utilização, nos arqueossítios onde foram encontrados. Em suma, é nossa intenção perceber que serviços estavam a uso em que época e em que sítios do Baixo Guadiana.

Este exercício, porém, lida uma vez mais com cronologias de produção que foram realizadas com base em alguns sítios de consumo do Mediterrâneo Central e Oriental. Não reflectem, por isso, os ritmos de descarte que ocorreram no Baixo Guadiana, região do extremo ocidental do antigo Império Romano, sem dúvida sujeita a outras condições socioeconómicas e antropológicas que influenciaram o consumo e rejeição destas cerâmicas. Feitas estas ressalvas, as peças em estudo foram importadas e utilizadas dentro das cronologias que mencionámos e o presente exercício, provido de um certo grau de erro, será certamente uma aproximação a considerar.

Como termo comparativo principal para este capítulo, utilizaremos a tese de doutoramento de John Hawthorne, intitulada *African Red Slip Ware in the Western Mediterranean. An economic and demographic reappraisal*, apresentada à Universidade de Southampton e datada de 1998. Se bem que as cronologias atribuídas por este investigador à TSAf tardia nos pareçam francamente longe da actual percepção geral

dos arqueólogos, não é menos verdade que o autor procurou elaborar um estudo de consumo que reflecte alguns dos pontos que desejamos focar neste capítulo.

Relativamente à utilização das loiças – no caso, apenas da TSAf –, Hawthorne, baseado no trabalho de Michel Bats (1988) para épocas anteriores à Era Cristã, define a medida de 25 cm de diâmetro de boca como distintiva entre loiça individual e loiça comunitária. O investigador britânico refere que os 25 cm se encontram muito longe de quaisquer medidas diametrais que as loiças em TSAf possam, agrupadamente, apresentar, o que os transforma numa boa referência de charneira. O autor sublinha também o facto, muito relevante, de que a área de uma taça ou prato quadriplica à medida que o diâmetro da boca duplica, permitindo, em teoria, quatro vezes mais comensais (HAWTHORNE, 1998: 42-43).

Todavia, se observarmos os apontamentos sobre diâmetros presentes no *Late Roman Pottery* (1972) e no *Atlante I* (1981), principalmente no que respeita às cerâmicas africanas tardias – de modo a possuirmos um termo de comparação com Hawthorne –, verificamos que não só não existem grandes vácuos de tamanho em torno de qualquer valor diametral, mas que ocorrem bastantes formas com diâmetros entre números localizados antes e depois dos 25 cm: Hayes 59 (*LRP*: 21-42 cm; *Atlante I*: 21-42 cm), Hayes 61 (*LRP*: 22-41 cm; *Atlante I*: 22-41 cm), Hayes 67 (*LRP*: 20-45 cm; *Atlante I*: 16/20-46 cm), Hayes 99 (*LRP*: 14,5-21 cm; *Atlante I*: 14,5-21 cm), apenas para citar alguns exemplos de peças algo frequentes em contextos arqueológicos ibéricos. Acreditamos, com base na observação destes dois estudos tipológicos, que uma linha bastante flexível traçada em torno dos 20 cm parece ser mais segura para distinguir utensílios individuais de loiças comunitárias. Será com este limite que iremos trabalhar neste capítulo.

No que respeita ao estudo da evolução das baixelas, não analisaremos formas que agrupámos devido a dúvidas irresolúveis, como sejam as formas Hayes 61 sem variante ou Hayes 91A/B. Em seu lugar, trataremos das formas Hayes 61 com variantes, Hayes 91A e Hayes 91B. Optámos por esta via devido ao facto de não estarmos a lidar com as peças em concreto e de não querermos trabalhar aqui com frequências de importação – até porque já o fizemos e não faria sentido repeti-lo neste capítulo –, mas somente com as formas que indubitavelmente ocorrem nos arqueossítios, numa perspectiva meramente qualitativa.

## V.2 – CONCELHO DE ALCOUTIM

### V.2.1 – Cerâmica e sociedade

As cerâmicas finas tardo-antigas de proveniência mediterrânica resumem-se, no actual concelho de Alcoutim, à TSAf C, à TSAf D, à TSAf E e à TSFT. Os sítios que ali estudámos são, como já atrás se referiu, rurais, com características mais ou menos urbanas, consoante o tipo de assentamento humano a que nos reportemos. Ainda assim, não temos presente, nesta região nenhuma povoação como a antiga *Myrtilis*, que apresenta, desde o Período Romano, inequívocas características de centro urbano.

Relembremos as formas de TSAf D presentes nos arqueossítios estudados em Alcoutim: Hayes 59, Hayes 61A, todas as variantes de Hayes 61A/B, Hayes 61B1, Hayes 67B, Hayes 73, Hayes 91A/B, Hayes 91, n.º 29, Hayes 91C, Hayes 104A2 e Fulford 52. Todas estas formas, à excepção de um dos exemplares de Hayes 73 e dos fragmentos de Hayes 91C, constituem pratos e taças com um diâmetro de boca superior a 20 cm, sendo demasiado grandes para corresponderem a utensílios individuais.

Em TSAf C, ocorre a forma Hayes 53B, taça que apenas conserva o fundo e que seria, muito provavelmente, individual.

No que respeita à TSAf E, representada por uma forma Hayes 67, *similis*, lidamos também com diâmetros de boca superiores a 20 cm. Trata-se igualmente de taças de grande dimensão e apreciável profundidade, muito longe dos tamanhos atingidos por loiças individuais de mesa.

A TSFT encontra-se representada pela formas Hayes 3E e 3F, pratos com distintas dimensões, mas que apresentam ambos diâmetros de boca acima dos 20 cm, constituindo certamente loiças comunitárias.

Parece bastante claro que, nos assentamentos rurais tardo-antigos do actual concelho de Alcoutim, pontificavam formas de cerâmicas finas de mesa com grandes dimensões, certamente menos adequadas para utilização individual. A maioria das peças encontra, efectivamente, correspondência nas dimensões de artefactos classificados como comunitários, uma vez que os diâmetros de boca ultrapassam grandemente os 20 cm – valor da nossa autoria. O âmbito cronológico da presente tese e dos materiais que a constituem pertence a um período de fabrico de peças de TSAf a que Hawthorne dá o nome de *Dining Period III*, balizado entre os séculos V e VII, inclusive, e caracterizado

pela preponderância de peças comunitárias (Hayes 61, 67, 76 e 91) e individuais (Hayes 70, 71, 91 e 99), não esquecendo as formas Hayes 103, 104, 105 e 106, que também configuram usos colectivos (HAWTHORNE, 1998: 52).

No *Dining Period III*, defende Hawthorne (1998: 101-103), os sítios rurais apresentam uma maior preponderância de loiças comunitárias do que os sítios urbanos, que, em comparação, oferecem uma maior quantidade de utensílios individuais. Esta realidade corresponde, pois, ao caso dos arqueossítios de Alcoutim, que se tratam – voltamos a frisar – de assentamentos rurais ou, pelo menos, não urbanos.

### V.2.2 – Evolução das baixelas

Após termos relacionado a predominância de taças e pratos de grandes diâmetros e áreas com o carácter extra-urbano dos sítios arqueológicos tardios reconhecidos em Alcoutim, cabe tentar perceber qual a evolução geral das baixelas que um consumidor médio de cerâmicas finas tardo-antigas poderia eventualmente encontrar no mercado e utilizar em sua casa, do século V ao século VII.

Numa primeira fase, que mediará entre c. 400 e c. 420, coexistem, no actual concelho de Alcoutim, as seguintes formas: Hayes 53B, em TSAf C; Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61A/B1-4, Hayes 61B1, Hayes 67B e Hayes 91A/B, em TSAf D; e a forma Hayes 67, *similis*, em TSAf E. Trata-se de um período em que pontificam os pratos, como Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61A/B1-4 e Hayes 61B1.

Entre c. 420 e meados do século V, pudemos identificar uma segunda fase de consumo de cerâmicas finas em Alcoutim. Ocorrem as seguintes formas: Hayes 53B (até c. 430), em TSAf C; Hayes 61A/B1-3, Hayes 61A/B4 (até c. 430), Hayes 61B1, Hayes 67B, Hayes 73, Hayes 91A/B, em TSAf D, e a forma Hayes 67, *similis*, residual, em TSAf E. As taças com aba passam a dominar o quadro, uma vez que desaparecem três formas de prato (Hayes 59, Hayes 61A e Hayes 61A/B4) contra uma de taça (Hayes 53B), e as peças de pequenas dimensões (Hayes 73) ocupam, pela primeira vez, um pequeno nicho de consumo. É nesta fase (c. 430) que a TSAf C deixa de se importar em Alcoutim.

Entre c. 450 e c. 480, que identificámos como uma terceira fase, o panorama muda por completo. Desaparecem seis das sete formas de TSAf D que substituíam: Hayes 61A/B1-3, Hayes 61B1, Hayes 67B e Hayes 73 (c. 475). O único tipo cuja

produção chega à década de 480 é Hayes 91A/B, apoiado por uma forma similar que é expectável que tenha sido fabricada a partir de meados do século V, Hayes 91, n.º 29. Ocorre, neste período, uma hegemonia das taças de grande diâmetro. Começa aqui a verificar-se o declínio descontínuo que já registámos em capítulo anterior desta dissertação.

A quarta fase, em que as taças permanecem as únicas formas, corresponde aos finais do século V, altura em que se registam as formas Hayes 91A/B e Hayes 91, n.º 29, em TSAf D, e a forma Hayes 3E, em TSFT. Esta contribuição do Mediterrâneo Oriental trouxe um outro tipo de peças aos actuais territórios alcoutenejos, na figura de taças sem aba de qualquer tipo. Trata-se de um contributo que passará para o primeiro quartel da centúria seguinte.

A quinta fase, localizada no primeiro quartel do século VI, é uma fase de enorme abatimento das importações. O domínio da forma Hayes 91, quer via um subtipo conjunto Hayes 91A/B, quer através do tipo Hayes 91, n.º 29, seja ainda através da variante Hayes 91C, é inquestionável e regista-se apenas um outro fragmento de cerâmica de mesa norte-africana, a taça Fulford 52. No que respeita à TSFT, regista-se a variante Hayes 3F, que ocupa probabilisticamente todo o período.

A sexta e última fase situa-se, no nosso entender, no segundo quartel do século VI. Trata-se de um período que nos parece terminal, no que respeita à importação de cerâmicas mediterrânicas tardo-antigas. As formas Hayes 91 e Fulford 52 permanecem e junta-se-lhes a variante Hayes 104A2, um grande prato pouco profundo, vocacionado para o consumo colectivo. Acreditamos, como já referimos no capítulo dedicado ao estudo das peças de Alcoutim, que os meados do século VI vêm cessar definitivamente os influxos comerciais tardo-antigos de proveniência mediterrânica nestes territórios.

De um modo geral, a coexistência de um determinado grupo de formas altera-se, nos arqueossítios alcoutenejos que estudámos, a intervalos de vinte a trinta anos. Voltamos a frisar que se tratam de períodos que não foram avaliados da perspectiva do descarte no próprio terreno, facto que lastimamos, mas que não deixam de possuir alguma validade, tendo em conta que estamos a lidar com determinadas formas em detrimento de outras que poderiam ocorrer, mas que não se registam nestes sítios. Nota-se uma predominância dos recipientes de grandes dimensões em todas as fases registadas, denunciando possivelmente uso colectivo.

### V.3 – CONCELHO DE MÉRTOLA

#### V.3.1 – Cerâmica e sociedade

A Mértola tardo-antiga era indiscutivelmente um centro urbano, herdado do Período Romano e legado posteriormente à Época Islâmica. É muito provável que não se tratasse de uma povoação de primeira ordem durante a Antiguidade Tardia, uma vez que não se trataria de sede de diocese, e há boas razões para acreditar que estaria dependente de *Pax Iulia*, embora possuindo um apreciável grau de importância económica – visível não só nos edifícios e nas colecções artísticas e escultóricas, mas também através da grande quantidade de cerâmicas finas mediterrânicas que se tem exumado, de há cerca de trinta anos a esta parte.

Tratando a nossa tese das loiças finas de mesa, provenientes do Norte de África e do Mediterrâneo Oriental, que se encontraram em duas áreas contíguas de Mértola, regista-se logo à partida a ocorrência de um amplo número de formas, de pequenas e grandes dimensões, que importa recordar.

Em TSAf D, temos os seguintes tipos: Hayes 59; Hayes 61A; Hayes 61A/B1; Hayes 61A/B2; Hayes 61A/B3; Hayes 64; Hayes 65; Hayes 67B; Hayes 67C; Hayes 67/71; Hayes 73; Hayes 76; Hayes 78; Hayes 81B; Hayes 86; Hayes 87A1; Hayes 87A2; Hayes 87B; Hayes 87A/88; Hayes 88A; Hayes 91A; Hayes 91B; Hayes 91B tardia; Hayes 91C; Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10; Hayes 92; Hayes 93B; Hayes 94B; Hayes 96; Hayes 97; Hayes 98A/B; Hayes 99A; Hayes 99B; Hayes 99C; Hayes 103A; Hayes 103B; Hayes 104A1; Hayes 104A2; Hayes 104C; Hayes 105A; Hayes 107; Hayes 12/102; Hayes 12/110; *Atlante*, XLVI, 5; *Atlante*, XLVI, 6, *similis*; Fulford 50; Fulford 52; e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. São formas que oscilam entre pequenas e grandes dimensões, quer segundo os critérios de Hawthorne, quer de acordo com o senso comum.

Em TSFT, registaram-se as seguintes formas: Hayes 3, variante pequena, Hayes 3B, Hayes 3C, Hayes 3F, Hayes 3G, Hayes 5A e Hayes 8. A forma Hayes 3 oscila entre prato e taça, muitas vezes dentro de uma mesma variante. O tipo Hayes 5A é, sem grande discussão, um prato, tal como a forma Hayes 8 corresponde a uma taça.

No que respeita à TSAf C5, apenas duas formas foram registadas: Hayes 84 e Hayes 85B. A primeira é um prato, ao passo que a segunda pode ser descrita como copo.

Nota-se, pois, uma enorme diferença entre o centro urbano de Mértola e os arqueossítios rurais do concelho de Alcoutim, que analisámos anteriormente. A cidade tardo-antiga de *Myrtilis* – que poderá ser considerada o assentamento humano navegável mais a montante, no Baixo Guadiana – prova ser um entreposto comercial com uma dinâmica que não será exagerado referir como muito intensa, devido à multiplicidade de produções e formas cerâmicas que ali foram exumadas. Se, em Alcoutim, as formas colectivas ou de grandes dimensões assumem hegemonia, em Mértola, as loiças individuais, com destaque para a forma Hayes 99, tiveram um papel muito importante, juntamente com as colectivas – facto que reporta ao capítulo dedicado à análise destas peças.

Hawthorne (1998: 101-103) refere a coexistência equilibrada entre peças individuais e colectivas nos centros urbanos, durante o *Dining Period III*, reflectindo, na sua opinião, duas correntes de consumo de bens alimentares que concorriam nas cidades tardo-antigas. cremos, todavia, que não se deve ir tão longe nesta apreciação. É um facto indiscutível que as peças de maior diâmetro serviriam para conter mais alimentos do que as de menores dimensões. No entanto, enquanto Hawthorne (1998: 40-41), seguindo novamente Michel Bats (1988), parece acreditar que o uso de utensílios individuais é incompatível com a utilização de loiças colectivas para servir, nós não acreditamos neste pressuposto.

É perfeitamente plausível aceitar que parte da comunidade de *Myrtilis* tivesse meios financeiros suficientes para comprar loiças de mesa importadas de centros produtores localizados a milhares de quilómetros de distância, atendendo não só à espectacularidade de boa parte dos vestígios artísticos da época – com destaque para os mosaicos do Bairro da Alcáçova –, mas também ao papel de entreposto comercial que a localidade desempenharia (cf. ALARCÃO, 2009: 113) e, finalmente, à própria ocorrência dessas peças em Mértola. É igualmente muito plausível pensar-se que um agregado familiar de estrato social intermédio pudesse investir algum dinheiro na compra desta loiça de mesa com algum prestígio e que não comprasse apenas peças para uso individual, mas também outras de maior dimensão, que utilizariam para servir os alimentos à mesa. Este pressuposto explicar-se-ia pela maior capacidade dessas peças de grande tamanho, que corresponderiam a um investimento com maior retorno quotidiano para um maior número de elementos de um agregado familiar.

Assim, poderá concluir-se que o consumo de alimentos à mesa, em centros urbanos tardo-antigos como *Myrtilis*, se afigura ainda bastante problemático e que várias modalidades, todas elas praticáveis, terão certamente coexistido, ao sabor das possibilidades económicas e inspirações culturais de cada agregado familiar.

### V.3.2 – Evolução das baixelas

O centro urbano tardo-antigo de *Myrtilis* viu, ao longo do tempo, como todos os centros importadores de cerâmicas finas mediterrânicas, renovarem-se sistematicamente as baixelas utilizadas no quotidiano das populações. Tentaremos perceber esta evolução ao longo dos séculos V, VI e VII. Trataremos as cerâmicas finas africanas (TSAf C5 e TSAf D) como um todo, distinguindo apenas as formas que correspondem a produções orientais.

Durante as duas primeiras décadas do século V, na actual Mértola, a maioria das formas que se registam provêm da centúria anterior, coexistindo os tipos Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 64, Hayes 65 e Hayes 67/71. Juntam-se-lhes, nesses dois decénios iniciais, as variantes Hayes 61A/B1, Hayes 61A/B2, Hayes 61A/B3, Hayes 67B, Hayes 78 e Hayes 91A. É nítida a hegemonia dos pratos de grandes dimensões, com e sem aba, sendo que as formas Hayes 67B e Hayes 91A configuram taças, que também possuem diâmetro colectivo, ao passo que as formas Hayes 67/71 e Hayes 78 configuram taças individual.

Por volta de 420, inicia-se, na nossa perspectiva, uma segunda fase na evolução das baixelas, com o abandono das formas herdadas do século IV, à excepção de Hayes 64. Mantêm-se todas as formas da primeira fase cujo fabrico se iniciou no século V e acrescentam-se outras novas: Hayes 73, Hayes 76 (c. 425), Hayes 84 (TSAf C5, c. 440), Hayes 92 (c. 440) e Hayes 3, variante pequena (TSFT, c. 425). As taças, no seu conjunto total, tornam-se predominantes em Mértola neste período.

Na década de 450, inicia-se a terceira fase, que se prolongará até c. 480. Esta caracteriza-se pelo desaparecimento de quase todas as formas herdadas da primeira fase: todas as variantes Hayes 61A/B que se registaram anteriormente, o tipo Hayes 64 e a variante Hayes 67B. Mantêm-se as formas Hayes 73 e Hayes 76 (ambas até c. 475), Hayes 78, Hayes 84, Hayes 91A e Hayes 92 (até c. 460). Os novos morfotipos presentes nesta terceira fase são os seguintes: Hayes 67C, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes



81B, Hayes 85B, Hayes 87A1, Hayes 87A2, Hayes 91B, Hayes 12/102 e Hayes 12/110 (c. 470). Registam-se as variantes Hayes 3B e 3C em TSFT (c. 460 a c. 475) e as formas Hayes 5A (desde c. 460) e Hayes 8. Atinge-se um equilíbrio relativo entre pratos e taças, embora com maior predominância para estas últimas, e entre formas com diâmetros individuais e colectivos. Os copos e taças de pé alto fazem a sua entrada em Mértola.

A quarta fase, que situamos entre c. 480 e c. 500, caracteriza-se unicamente pelo acréscimo probabilístico de mais formas de TSAf D ao registo arqueológico da Antiguidade Tardia, em Mértola. Os morfotipos mais importantes, pela sua quantidade, serão indubitavelmente as formas Hayes 99A – a taça individual mais frequente em *Myrtilis* – e Hayes 104A1 – um prato muito raso de grande diâmetro. Muitas outras formas se introduzem neste período: Hayes 86, Hayes 87A/88, Hayes 91B tardia (c. 490), Hayes 94B, Hayes 96 (c. 490), Hayes 97 (c. 490) e Hayes 103A. Permanecem todas as formas herdadas do período anterior, bem como uma relativa paridade entre pratos e taças, por um lado, e formas de grande e pequeno diâmetro, por outro.

Por volta do início do século VI, podemos estabelecer uma quinta fase, que durará até c. 520. Várias formas, cuja produção se iniciou em meados ou durante a segunda metade do século V, vão cessar o seu fabrico neste período. Deste modo, desaparecem os tipos Hayes 67C, Hayes 67/71, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 78, Hayes 81B, Hayes 84 e Hayes 85B – terminando a presença da TSAf C5 em *Myrtilis* –, Hayes 87A1, Hayes 87A2 e Hayes 91A. Por outro lado, aparecem novas formas: Hayes 87B, Hayes 91C, Hayes 93B, Hayes 103B, *Atlante*, XLVI, 6, *similis*, Fulford 52 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. No que respeita à TSFT, surgem as variantes Hayes 3F e 3G, deixando de ocorrer as formas Hayes 5A e Hayes 8 (c. 510). As taças individuais atingem, nesta época, o auge da diversificação morfológica.

A sexta fase, que localizamos entre c. 520 e c. 550, caracteriza-se pelo óbvio declínio da variedade morfológica da loiça de mesa, com uma redução considerável do número de tipos. Desaparecem as formas Hayes 86, Hayes 87B, Hayes 87C, Hayes 87A/88, Hayes 91B (c. 530), Hayes 93B (c. 540), Hayes 94B, Hayes 96 (c. 540), Hayes 104A1 (c. 530) e Hayes 12/102. Mantém-se as restantes formas herdadas e arranca a importação de quatro novas variantes, Hayes 88A, Hayes 99B, Hayes 104A2 e Fulford 50, iniciadas c. 525 e menos representadas do que as anteriores. No que respeita à TSFT, as formas Hayes 3F e Hayes 3G não ultrapassarão o final do primeiro quartel do século VI, encerrando as aquisições de cerâmicas finas do Mediterrâneo Oriental.

Entre c. 550 e c. 580, podemos situar a nossa sétima fase de evolução das baixelas de *Myrtilis*. Trata-se de um período de grande escassez formal. Relativamente à TSAf D, única produção ainda importada, a variedade de formas sofre uma grande queda, quando deixam de se produzir e importar os tipos Hayes 88A, Hayes 91B tardio, Hayes 97, Hayes 99A, Hayes 104A2, Hayes 12/110, Fulford 52 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. Por volta do final do terceiro quartel do século VI, ambas as variantes da forma Hayes 103 e o tipo Fulford 50 desaparecem. Os únicos morfotipos introduzidos, pobremente representados, são os pratos Hayes 104C e *Atlante*, XLVI, 5.

A oitava fase, situada entre c. 580 e c. 600, caracteriza-se pela renovação e manutenção das baixelas. Mantêm-se as formas Hayes 91C e *Atlante*, XLVI, 5 (até c. 600) e Hayes 99B. Os tipos novos que passam a ser fabricados e importados são Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99C, Hayes 105A e Hayes 107. Estas formas não atingem grande representatividade em *Myrtilis*.

Após o final do século VI e uma vez que não se verificam formas zeugitanas típicas do século VII, julgamos que cessaram definitivamente as importações de cerâmicas finas mediterrânicas em Mértola, pelo que, embora a produção dos morfotipos incluídos na oitava fase tenha entrado naquela última centúria, não se terão registado novas fases de renovação das baixelas.

#### V.4 – SÍNTESE

Após as análises casuísticas que efectuámos, relativamente a Alcoutim e Mértola, cabe agora observar o conjunto do Baixo Guadiana como um todo, de modo a compreendê-lo mais holisticamente.

Durante a Antiguidade Tardia, o actual território de Alcoutim apresenta assentamentos humanos de carácter rural e a sua cultura material, no que diz respeito às loiças de mesa importadas, tem uma maior preponderância das formas de grandes dimensões, independentemente de serem pratos ou taças. Em contrapartida, o centro urbano de *Myrtilis* oferece um maior equilíbrio entre formas de grandes e pequenos diâmetros, por um lado, e pratos e taças, por outro. Assiste-se a uma distribuição mais homogénea desde meados do século V e até finais do século VI. O panorama apresentado para o Baixo Guadiana é expectável, de acordo com dados recolhidos por

Hawthorne (1998: 217-222), em arqueossítios da actual Espanha, aos quais faremos, em seguida, breve referência.

De toda a informação apresentada por aquele investigador, é a relativa a Tarragona e seu território que melhor pode comparar-se aos nossos resultados, uma vez que se relacionam áreas urbanas e rurais de uma mesma região. Utilizando o nosso próprio critério dos 20 cm de diâmetro como referência, observa-se, segundo os dados veiculados por Hawthorne, que escavações no teatro de Tarragona ofereceram trinta e cinco fragmentos de formas de grande diâmetro, contra quarenta fragmentos de tipos com pequenos diâmetros. Outras treze escavações na área urbana daquela cidade ofereceram, em conjunto, 516 fragmentos de formas colectivas, contra 347 de tipos individuais. Em paralelo, as prospecções do *Ager Tarraconensis* ofereceram, para os séculos V a VII, apenas formas colectivas, num total de quinze fragmentos (*ibidem*: 217-218).

Muito mais interessante, porém, é a comparação das fases que estabelecemos para Alcoutim e para Mértola. Não esquecendo que elas foram definidas com base em datações que não acreditamos que correspondam totalmente à realidade dos descartes, há que compreender que existe uma coincidência relativa entre as formas encontradas nos arqueossítios alcoutenejos e mertolenses. Queremos com isto dizer que quase todas as formas de TSAf D e TSFT que existem em Alcoutim ocorrem também em Mértola<sup>10</sup>. Deste modo, as fases coincidem grandemente entre si, no que respeita somente a intervalos cronológicos, criando um quadro temporal que é absolutamente paralelo, em termos de mudança, até meados do século VI. Nesta altura, Alcoutim cessa as importações e Mértola segue o seu caminho até ao final da mesma centúria.

No que respeita ao conhecimento dos hábitos alimentares do Baixo Guadiana durante a Antiguidade Tardia, a ausência de cerâmicas de cozinha e cerâmicas comuns na presente dissertação – devido aos constrangimentos de dimensão e tempo que afectam as teses de mestrado – prejudica grandemente a percepção da culinária local. As cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais, ao serem importadas, não podem ser fielmente utilizadas como espelho de hábitos alimentares exteriores aos centros produtores.

---

<sup>10</sup> Existem, contudo excepções. Identificámos, em Alcoutim, as formas Hayes 53B (TSAf C) e Hayes 91, n.º 29, que não ocorrem em Mértola.

Ainda assim, se a TSAf e a TSFT foram exportadas, isso significará certamente que possuíam o valor prático que tinham no Norte de África e na Ásia Menor – até porque muitas delas apresentam marcas de uso. Neste sentido, refira-se que a grande maioria das formas que identificámos em Alcoutim e Mértola são fundas e não rasas. Mesmo aquelas que não se apresentam tão profundas, como Hayes 104A1, têm uma configuração ao nível do bordo e do corpo que lhes permite receber alimentos não totalmente sólidos. O *garum* e seus derivados, que atingiram elevada popularidade no Período Romano, terão sido produzidos na actual Lagos até meados do século VI, embora a uma escala mais reduzida (RAMOS, LAÇO, ALMEIDA e VIEGAS, 2007: 86). Estando esta fábrica de salga relativamente próxima do Baixo Guadiana, não podemos rejeitar a hipótese de o *garum* ter sido consumido naquela região, durante o período contemplado nesta tese.

No final deste capítulo, mau grado todos os problemas que os exercícios de análise que aqui tentámos levar a cabo colocam *a priori*, acreditamos que sai reforçada a ideia de que os actuais territórios de Alcoutim e Mértola pertenciam, durante a Antiguidade Tardia, a uma mesma rede de comércio. Julgamos que ficou igualmente claro que o uso quotidiano das loiças finas de mesa, importadas do Mediterrâneo através dessa rede, seria bastante diferente entre os arqueossítios estudados, conforme se tratem de assentamentos rurais ou urbanos. No entanto, apesar da coincidência temporal das fases de evolução das baixelas, começa a esboçar-se neste capítulo – por força da comparação – a ideia de um Baixo Guadiana a duas velocidades e a dois tempos, no que respeita ao comércio com o Mediterrâneo tardo-antigo. Tentaremos desenvolver melhor essa ideia em sede própria, aquando das nossas conclusões.

## CAPÍTULO VI – PARALELOS E INTEGRAÇÃO CULTURAL

### VI.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É muito importante, em qualquer estudo de Arqueologia, encontrar-se paralelos para as realidades identificadas. No entanto, no caso de um estudo de conjunto sobre cerâmicas de mesa tardo-antigas importadas, que até pretende ter um âmbito territorial – embora não possa ser demasiado exaustivo, devido ao contexto que é o das teses de mestrado hoje em dia –, é muito importante seleccionar os paralelos correctos.

Pratos de TSAf D correspondendo à forma Hayes 61A, por exemplo, são extraordinariamente comuns um pouco por todo o Mediterrâneo Ocidental e a nossa dissertação também apresenta abundantes exemplares. Se fôssemos tentar identificar todos os sítios nos quais esta forma ocorre, no território que actualmente corresponde à *Lusitania* tardo-antiga, teríamos uma tarefa muito pesada em mãos que seria, na nossa perspectiva, absolutamente inglória. Muitos dos sítios reconhecidos teriam, de facto, a forma Hayes 61A, mas não corresponderiam a realidades análogas às que abordamos no nosso estudo. Ocorreriam, pois, somente paralelos formais. Por isso, achamos que, uma vez que os arqueólogos que estudam a cerâmica fina tardo-antiga se entendem quando falam em tipos como Hayes 61A, será mais interessante recorrer à comparação com outros conjuntos e tentar perceber como se relacionam com o nosso. Nesse sentido, pretendemos encontrar estudos que sejam monográficos de grande amplitude, ou regionais, assemelhando-se em abrangência àquele que aqui apresentamos. Em Portugal e na vizinha Espanha, não existem muito trabalhos com estas características, mas os que foram feitos apresentam grande qualidade científica e é a eles que recorreremos.

No entanto, devemos apresentar uma importante ressalva prévia. Nem todos os arqueossítios com cujas colecções compararemos a nossa amostra têm a mesma dimensão ou foram intervencionados na mesma medida. É também factual que não se espera que um sítio como a Ilha do Pessegueiro forneça a mesma quantidade de material que *Conimbriga* ou *Balsa*. Deveremos, pois, ter sempre em conta estas especificidades.

### VI.2 – Conimbriga

Costuma dizer-se, com bastante justiça, que as *Fouilles de Conimbriga* marcaram, em Portugal, o início dos estudos sistemáticos em Arqueologia Romana,

principalmente do ponto de vista da estratigrafia. O que não se costuma referir é que tiveram a mesma importância para os estudos em Arqueologia Tardo-Antiga, já que esta é frequentemente vista como um subproduto da anterior.

A TSAf C5 não abunda muito em *Conimbriga*, à semelhança do Baixo Guadiana – onde Mértola apresenta as formas Hayes 84 e 85, num total de três exemplares. Exumaram-se, naquela cidade do centro da *Lusitania*, seis exemplares da forma Hayes 82, que não ocorre nos conjuntos que estudámos (DELGADO, MAYET e MOUTINHO DE ALARCÃO, 1975: 257). Este tipo cerâmico encontra-se datado de entre c. 430 e c. 475, para a variante A, e de entre c. 460 e c. 500 ou data posterior, para a variante B (HAYES, 1972: 131). A sua diacronia, perante o desconhecimento da variante, acaba por bater certo com o nosso pequeno conjunto de TSAf C5, cuja probabilidade de importação se situa entre c. 420 e c. 500.

A TSAf D é, em *Conimbriga*, a mais frequente das cerâmicas finas norte-africanas, constituindo cerca de 70% do total daquelas. Cerca de 69% desta produção pertence ao intervalo entre o início do século IV e meados do século V, com predominância quantitativa para as formas Hayes 58, Hayes 59, Hayes 61 e Hayes 67. Entre c. 425 e c. 530, ocorrem cerca de 13% dos morfotipos, predominando as formas Hayes 76, Hayes 91 e Hayes 99. Somente cerca de 4% das formas de TSAf D ultrapassa a década de 530, sendo que metade destas pertencem ao tipo Hayes 104A (DELGADO, MAYET e MOUTINHO DE ALARCÃO, 1975: 262). É claro que este panorama não é exacto hoje em dia, uma vez que, por exemplo, a forma Hayes 104A possui uma variante, 104A1, cuja cronologia inicial pode remontar aos finais do século V, terminando no final do primeiro terço do século VI (cf. BONIFAY, 2004: 183). No entanto, na altura em que as *Fouilles* foram publicadas, não se conheciam estas especificidades.

As formas de TSAf D que existem no Baixo Guadiana e em *Conimbriga*, em simultâneo, são Hayes 59A, Hayes 59B, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 67/71 (ainda sem uso desta definição, uma vez que as *Fouilles* foram a primeira publicação em que tal forma foi assinalada), Hayes 76, Hayes 91B, Hayes 91C, Hayes 91, n.º 29, Hayes 92, Hayes 93B, Hayes 96, Hayes 97, Hayes 99, Hayes 103A, Hayes 103B, Hayes 104A e Hayes 12/102 (cf. DELGADO, MAYET e MOUTINHO DE ALARCÃO, 1975: 262-268).

À falta de uma definição das variantes da forma Hayes 99 e 104A, que nos permitiria saber se existe algum exemplar de Hayes 99C ou 104A3, não existe hoje nenhum fragmento presente nas *Fouilles* que se possa adscriver ao século VII. Parece que o final do século VI deverá ter marcado o término das importações de cerâmicas finas norte-africanas na cidade de *Conimbriga*. Parece também, pelo considerável número de exemplares das formas mais tardias, como Hayes 104, que o final terá sido mais abrupto do que no Baixo Guadiana.

Em relação à TSFT, foram publicados nas *Fouilles* noventa e cinco fragmentos de cerâmicas finas fozenses, dos quais 93% pertencem à forma Hayes 3. Ocorrem, em *Conimbriga*, dois fragmentos da variante 3A, 50% de fragmentos das variantes B e C, um fragmento da variante D, 30% de fragmentos da variante E e sete exemplares da variante F. Encontraram-se também três peças correspondentes à forma Hayes 5A (*ibidem*: 286-287). Comparando com o que se passa no Baixo Guadiana, *Conimbriga* parece ter cessado a importação de TSFT ao mesmo tempo que Mértola. De resto, as formas Hayes 3A e 3D estão ausentes dos nossos conjuntos e presentes em *Conimbriga*, ao passo que Mértola apresenta exemplares da variante 3G, que não ocorre naquela outra cidade.

### VI.3 – Mérida

De acordo com Ana Vázquez de la Cueva (1985: 38, 54-55), em termos de TSAf C4, Mérida ofereceu formas que costumam ser fabricadas em TSAf D, tais como Hayes 67 e Hayes 76. Não se registam, no Baixo Guadiana, estes tipos cerâmicos senão fabricados em oficinas zeugitanas. No que respeita à TSAf C5, na obra citada, não foram identificados fragmentos nenhuns na cidade estremenha.

Em TSAf D, foram identificadas as seguintes formas comuns ao Baixo Guadiana: Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 76, Hayes 91B, Hayes 91C, Hayes 91, n.º 29, Hayes 97, Hayes 99 e Hayes 104. Segundo a autora, não se registam fragmentos de TSFT em Mérida (*ibidem*: 56-61).

Daniel Osland, em capítulo dedicado às cerâmicas de Mérida dentro da sua tese de doutoramento (2011: 306, tabela 7), identifica as seguintes formas comuns ao Baixo Guadiana: em TSAf tardia, Hayes 59A, Hayes 59B, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 65, Hayes 67, Hayes 73, Hayes 76, Hayes 81, Hayes 84, Hayes 87A, Hayes 87C, Hayes

91A, Hayes 91B, Hayes 91C, Hayes 93A/B, Hayes 98, Hayes 99A, Hayes 99B, Hayes 99C, Hayes 103B e Hayes 104A; em TSFT, Hayes 3C.

A respeito de peças que ultrapassem o terceiro quartel do século V, o investigador reporta que apenas trinta e dois indivíduos foram registados pela sua pesquisa, denunciando um enfraquecimento considerável das importações a partir dessa data. No entanto, considera que elas podem manter-se durante o século VI e até chegarem ao século VII (*ibidem*: 311-314).

De facto, as formas Hayes 80B/99, Hayes 99C, Hayes 104B e Hayes 108 remetem para o século VII, correspondendo, respectivamente, aos seguintes intervalos: segunda metade do século VII; final do século VI e todo o século VII; meados e segunda metade do século VI; e todo o século VII (BONIFAY, 2004: 181, 183, 187). É, de facto, um conjunto que, embora escasso – cinco indivíduos ao todo –, parece confirmar que *Emerita* importou loiças finas até à segunda metade do século VII, o que não ocorreu no Baixo Guadiana.

#### VI.4 – Villa de São Cucufate

As cerâmicas finas mediterrânicas tardias encontradas na *villa* de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira, Beja) e estudadas por Jorge de Alarcão, Robert Étienne e Françoise Mayet parecem ser muito escassas a partir de meados do século V. De facto, assim parece, a julgar pelas formas de TSAf D que foram exumadas no sítio. Os setenta e nove fragmentos de Hayes 59, cem de Hayes 61, dois de Hayes 63, vinte de Hayes 67, quatro de Hayes 70, onze de Hayes 73, catorze de Hayes 76, três de Hayes 87, quarenta e nove de Hayes 91 e dois de Hayes 99 levam Alarcão, Étienne e Mayet (1990: 47-48) a considerar que as importações de TSAf não se prolongam para além do terceiro quartel do século V (p. 47) ou de meados da mesma centúria (p. 250).

O único fragmento de TSFT que existe nesta *villa*, a confiar na publicação, pertence à forma Hayes 3, sem variante definida, o que remete para uma datação geral de meados do século V a meados do século VI (*ibidem*: 49). Julgamos ser mais provável tratar-se de uma variante da segunda metade do século V, consentânea com as importações residuais de TSAf D.



O quadro de compras exógenas de cerâmica fina tardia em São Cucufate é, pois, muito mais similar ao que se regista para a área rural do Baixo Guadiana, representada na nossa tese pelos arqueossítios do concelho de Alcoutim, onde a segunda metade do século V representa já um período de colapso das importações.

### VI.5 – Baelo Claudia

As escavações arqueológicas levadas a cabo em *Baelo Claudia*, actual Bolonia (Tarifa, Cádiz, Espanha), foram responsáveis pelo reconhecimento desta localidade como um pujante centro comercial durante a Antiguidade Tardia, no que diz respeito à presença de cerâmicas finas mediterrânicas.

Em relação à TSAf C5, registam-se em *Baelo* as formas Hayes 82 e Hayes 84. A primeira, representada apenas por dois pequenos fragmentos, é de classificação duvidosa, mas a segunda, que apresenta onze exemplares, encontra-se muito mais bem representada (BOURGEOIS e MAYET, 1991: 276). A forma Hayes 84 é também aquela que apresenta maior NMI no Baixo Guadiana, de entre as produzidas em TSAf C5.

Relativamente à TSAf D, que é maioritária em *Baelo* (3100 fragmentos), as formas que ocorrem são muitas e variadas. Aquelas que apareceram nesta cidade e no Baixo Guadiana, entre os séculos V e VII, são as que se seguem: Hayes 59, Hayes 61A-B, Hayes 65, Hayes 67, Hayes 67/71, Hayes 73, Hayes 76, Hayes 81B, Hayes 87A-C, Hayes 88, Hayes 91A/B (assim classificada), Hayes 91C, Hayes 93/94, *Atlante XLVI*, 8-10 (= *Ostia III*, fig. 128), Hayes 96, Hayes 97, Hayes 99A-B, Hayes 103A-B, Hayes 104A, Hayes 104C, Hayes 107, Hayes 12/102 e Hayes 12/110. A forma Hayes 99 é a mais frequente, com 12,47% do total da TSAf D (cf. *ibidem*: 293-309).

No que respeita à TSFT, as formas comuns a *Baelo* e a *Myrtilis* são: Hayes 3C, 3F e 8. A cidade do Estreito de Gibraltar apresenta também a variante Hayes 3D, uma possível variante inédita da forma Hayes 6 e um fragmento de Hayes 10A (*ibidem*: 374-376).

O panorama de importação em *Baelo* é bastante mais abrangente do que os que observámos em qualquer um dos arqueossítios que estudámos. Trata-se de uma povoação localizada no Estreito de Gibraltar, situando-se na rota obrigatória para todos

os comerciantes mediterrânicos que se dirigissem ao Atlântico. Formas mais tardias como Hayes 104B, provavelmente Hayes 104C, Hayes 106 e Hayes 109, em TSAf D, e Hayes 10A, em TSFT, não se registam no Baixo Guadiana, mas conduzem as importações de *Baelo* seguramente até aos inícios do século VII (cf *ibidem*: 307-309, 375-376).

#### VI.6 – Ilha do Pessegueiro

As cerâmicas finas tardias encontradas nas fábricas de salga de peixe da Ilha do Pessegueiro são pouco abundantes, estando apenas registadas para a fase II C (segunda metade do século III a finais do século IV ou inícios do século V), descrita por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares como sendo de especialização no fabrico de produtos piscícolas. Foram exumadas, nos estratos de abandono, as formas Hayes 59(A), Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 91 e Hayes 91/92, conjunto que os investigadores associam ao final do século IV ou início da centúria seguinte (SILVA e SOARES, 1993: 111-113; 115, fig. 56).

Trata-se de uma interpretação que quadra, se pensarmos nos inícios do século V, que é quando a forma Hayes 61B inicia a sua presença nos contextos arqueológicos (cf. BONIFAY, 2004: 171). De qualquer modo, as importações cessam aqui muito antes de acabarem em Mértola, mas mais ou menos pela mesma altura em que se regista o declínio da década de 420 naquela localidade e no território alcoutenejo.

#### VI. 7 – Tróia

As últimas produções de cerâmicas finas tardo-antigas registadas em Tróia equivalem a produções de TSAf C5, TSAf D e TSFT. No que diz respeito à primeira produção, ocorrem as formas Hayes 82 (quatro exemplares) e Hayes 84 (três exemplares) (ÉTIENNE, MAKAROUN e MAYET, 1994: 43, fig. 11; 44-45). No Baixo Guadiana, mais concretamente em Mértola, ocorrem dois exemplares deste último morfotipo.

Em relação à TSAf D, as formas que ocorrem em Tróia e Mértola simultaneamente, entre os séculos V e VII, são as seguintes: Hayes 59, Hayes 61, Hayes 61/87, Hayes 65, Hayes 67, Hayes 67/71, Hayes 73, Hayes 76, Hayes 81B, Hayes 87,

Hayes 91A, Hayes 92, Hayes 96, Hayes 97 e Hayes 104/105 (cf. *ibidem*: 43, fig. 11; 45-47).

No que respeita à TSFT, só se conhece a forma Hayes 3, sem que este estudo atribua variantes às peças inéditas. Os autores remetem para o estudo de Maria Maia (1974) para se conhecerem as formas que ela publicou, porque não as conseguiram localizar (*ibidem*: 47). Esta autora reconheceu treze fragmentos de TSFT, sempre atribuíveis à forma Hayes 3, nas variantes B, C, E e F, conjuntamente com outras cujo subtipo não foi possível determinar (MAIA, 1974: 335-341). O conjunto destes fragmentos remete para uma datação de entre c. 460 e c. 525 (HAYES, 1972: 337-338).

A tese de mestrado de Ana Patrícia Magalhães veio acrescentar novos dados aos que já se conheciam, ao estudar as escavações antigas de Tróia (1956-1961) – não trabalhadas por Étienne, Makaroun e Mayet –, bem como as das intervenções mais recentes, levadas a cabo pela equipa arqueológica do Troiaresort (2008-2009). No conjunto de todos estes trabalhos, as formas que também existem no Baixo Guadiana e que a autora identificou são: Hayes 59A-B, Hayes 61A, Hayes 61A/B1-4, Hayes 61B1-2, Hayes 64, Hayes 67A-C, El Mahrine 14 (= Hayes 67/71), Hayes 73, Hayes 76, Hayes 81B, Hayes 91, Hayes 91A/B e Hayes 92. É possível que uma das peças de Hayes 91 tenha datação um pouco mais tardia, coeva à de Hayes 91C (MAGALHÃES, 2010: 66-81).

Existem, pois, peças africanas e foceenses cuja cronologia se situa nos finais do século V e inícios do século VI, em Tróia. Devemos, por isso, considerar que o final das importações ocorrerá no primeiro quartel do século VI, tratando-se de um caso intermédio entre as duas realidades que se registam no Baixo Guadiana.

#### VI.8 – Alcáçova de Santarém

Em 2003, Catarina Viegas publicou, na série Trabalhos de Arqueologia do antigo Instituto Português de Arqueologia, um estudo sobre a *terra sigillata* da Alcáçova de Santarém. Este constitui um apreciável acréscimo ao conhecimento das importações de loiça fina romana e tardo-antiga no actual Ribatejo, o que nos leva a utilizá-lo como termo comparativo na nossa tese de mestrado.

Acerca da TSAf C, não há muito a dizer, uma vez que não se encontram paralelos para as formas que temos no Baixo Guadiana, no século V, como Hayes 84 ou 85. A TSAf D é, por exemplo, muito menos abundante na Alcáçova de Santarém do que na Alcáçova de Mértola, a nível qualitativo e quantitativo. Isto para não a compararmos com o que se passa na totalidade da área que estudamos. As peças de TSAf D que foram exumadas da Alcáçova de Santarém correspondem às seguintes formas: Hayes 58; Hayes 59 A e B; Hayes 61A e B; Hayes 63; Hayes 67; Hayes 71 e 76; Hayes 87; *Atlante*, XLVI, 7; Waagé 1948, est. IX, n.ºs 858 e 851 a, f; Hayes 91B; Hayes 99; e Hayes 110 (VIEGAS, 2003: 167, 174-187). Destas formas, existem, no Baixo Guadiana, entre os séculos V e VII, as seguintes: Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 76, Hayes 87, Hayes 91B e Hayes 99.

Em relação à TSFT, apenas ocorrem, na Alcáçova de Santarém, as formas Hayes 3 e Hayes 8. Da primeira, Catarina Viegas julga que os seus sete exemplares podem ser adscritos às variantes C e E (*ibidem*: 202-204). No Baixo Guadiana, temos a forma Hayes 8 em Mértola e, nesta vila e no território de Alcoutim, estão registadas todas as variantes da forma Hayes 3, salvo os subtipos A, D e H, e também a forma Hayes 5A.

A Alcáçova de Santarém parece cessar a importação em massa de cerâmicas finas mediterrânicas no final do terceiro quartel do século V. Deste ponto de vista, parece-se muito mais com a realidade que encontrámos em Alcoutim, em especial no Montinho das Laranjeiras, do que com o caso de Mértola, que consegue manter um desempenho bastante razoável por mais três quartos de século, chegando mesmo a atingir o auge quando Santarém já se encontra em perda acentuada.

## VI.9 – Balsa e Faro

A dissertação de doutoramento de Catarina Viegas, tornada pública em 2009, tem enorme valor comparativo para o estudo que aqui tentamos desenvolver, uma vez que é a análise que se encontra geograficamente mais próxima do âmbito da nossa tese de mestrado.

O quadro de importações de cerâmicas finas norte-africanas de *Balsa* (Luz de Tavira, Tavira, Faro) é muito semelhante ao que se encontra no Baixo Guadiana, especialmente em Mértola, em termos qualitativos. Estão presentes, tal como naquela vila baixo-alentejana, as formas Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 73,

Hayes 76, Hayes 84, Hayes 87, Hayes 87A/88, Hayes 91A, Hayes 91B, Hayes 91C, Hayes 94B, Hayes 98A/B, Hayes 99, Hayes 99A, Hayes 103A, Hayes 103B, Hayes 104A1, Hayes 104A2 e Hayes 105. Do mesmo modo, identifica-se também em *Balsa* um fragmento com decoração polida ascritível ao grupo 1A. Em Alcoutim, apenas as formas Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 73, Hayes 76, Hayes 91C e Hayes 104A2 ocorrem em simultâneo com *Balsa* (cf. VIEGAS, 2009: 337, tabela 38; 338).

A grande diferença que é possível assinalar entre o Baixo Guadiana e *Balsa* é, à primeira vista, a frequência das formas que ultrapassam claramente os limites do século VI, entrando no século VII. Tal é o caso das formas Hayes 91D e Hayes 109. A última ocorre maioritariamente nesta última centúria, embora se possa datar também dos finais do século anterior, enquanto a primeira só costuma ser atribuída ao século VII (HAYES, 1972: 144, 169, 172; BONIFAY, 2004: 177, 179, 185, 189). A sua frequência conjunta cifra-se em cinco indivíduos (vd. VIEGAS, 2009: 337, tabela 38). Catarina Viegas, agindo prudente e correctamente, apontou como data final para as importações mediterrânicas em *Balsa* o final do século VI ou o século VII (*ibidem*: 338).

É facto que também em Mértola ocorrem os tipos Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99C, Hayes 104C, Hayes 105A e Hayes 107, que podem eventualmente remeter as datações terminais destas importações, no Baixo Guadiana, para o século VII. Todavia, não só nenhum deles é exclusivo do século VII, como a representatividade destes tipos não se compara à das formas Hayes 91D e 109 em *Balsa*, que ronda os 3,7% do NMI (cf. *ibidem*: 337, tabela 38). Em Mértola, as cerâmicas que podem ter sido importadas durante o século VII não têm uma percentagem de indivíduos minimamente próxima desta. Se falarmos em Alcoutim, nem sequer existem termos de comparação a este nível, recordando que as importações não passam os meados do século VI.

Se nos reportarmos à TSFT, o panorama de *Balsa* é muito diferente do que se encontra no Baixo Guadiana. A cidade algarvia apresenta relativa escassez de formas e de exemplares, com duas peças da variante Hayes 3C, três outras da variante Hayes 3F, três que são de certeza da forma Hayes 3, sem variante atribuída, um exemplar de Hayes 8 e um fragmento indeterminado (*ibidem*: 339-340, tabela 39). Em Mértola, as formas de TSFT que foram reconhecidas são extremamente variadas: Hayes 3, variante pequena, 3B, 3C, 3E, 3F, 3G, 5A e 8, bem como alguns fragmentos indeterminados que

adscrevemos à forma Hayes 3. Em Alcoutim, as formas reconhecidas foram Hayes 3E, com um fragmento de bordo, Hayes 3F, com outro, e um bordo de Hayes 3 cujo estado de conservação não permitiu identificar a variante. Em todo o caso, é fácil de reconhecer que, no actual estado da investigação – que não parece tão penalizador para *Balsa* –, a TSFT teve uma representação qualitativa muito mais importante no Baixo Guadiana.

O caso de Faro, ou melhor, das escavações que Catarina Viegas estudou em Faro, é bastante mais similar ao que se regista no Baixo Guadiana, para os séculos V a VII. As formas que ocorrem em simultâneo com Mértola são Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 67, Hayes 76, Hayes 87, Hayes 91, Hayes 99, Hayes 103A e Hayes 104A. Encontramos igualmente paralelos para o nosso fragmento M/ALCÁÇOVA/175, uma vez que Catarina Viegas assinala dois fragmentos com decoração polida. Em Alcoutim, ocorrem, tal como em Faro, os tipos Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 61B, Hayes 76, Hayes 91 e Hayes 104A (cf. *ibidem*: 173, tabela 15). Todas as formas e decorações são integráveis, o mais tardar, num século VI tardio, embora alguns tipos decorativos possam prolongar-se até à centúria seguinte, integrados no estilo E(ii) (*ibidem*: 175-178). O que é mais interessante, todavia, são as percentagens. As formas do século VI raramente apresentam percentagem mais altas do que 1% do número total de exemplares (cf. *ibidem*: 173, tabela 15). Em Mértola, as formas do século VI, como Hayes 99 ou Hayes 104A, encontram-se entre as mais frequentes em termos percentuais. Deste modo, Faro parece comportar-se mais como o território de Alcoutim: os tipos mais frequentes são os herdados do século IV – Hayes 59, Hayes 61A, Hayes 67 – e o final do século V marca a derrocada definitiva das importações, em termos quantitativos (cf. *loc cit.*). Em termos de TSFT, Faro apresenta, nas duas escavações estudadas por Viegas, sete indivíduos, todos pertencentes à forma Hayes 3, mas dos quais não se conhece a variante (*ibidem*: 182, tabela 17). O Baixo Guadiana, claro está, apresenta uma maior variedade de formas, tal como em relação a *Balsa*.

Acreditamos que os dados de Faro são claramente resultantes de lacunas de investigação. A *Ossonoba* tardo-antiga não deveria tratar-se de uma cidade de menor importância no tráfego marítimo pela costa atlântica da *Lusitania*. Quando se observam importações africanas em *Balsa* que deverão, cremos firmemente, ter chegado ao século VII, é muito estranho que *Ossonoba* apresente um quadro tão pouco favorável para essa época. Quando a totalidade das cerâmicas finas tardo-antigas guardadas nas reservas do

Museu Municipal for estudada, será certamente possível mudar o panorama que Catarina Viegas reportou na sua tese de doutoramento.

#### V.10 – Chãos Salgados (Mirobriga?)

A tese de doutoramento de José Carlos Quaresma (2009), dedicada à *terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados, apresenta diversas formas que ocorrem igualmente no Baixo Guadiana. Não se registaram, naquele arqueossítio, quaisquer formas de TSAf C5. No que respeita à TSAf D, ocorrem em ambos os territórios, as formas Hayes 59A-B, Hayes 61A, Hayes 61A/B, Hayes 61A/B2, Hayes 61A/B4, Hayes 64, Hayes 67C, Hayes 73, Hayes 81B, Hayes 87A, Hayes 91A e Hayes 91B. No que respeita à TSFT, registam-se as formas Hayes 3C, 3E e 3H (QUARESMA, 2009: 225-246, 263-264).

As importações africanas da suposta *Mirobriga* cessam muito possivelmente em finais do século V, já que nenhuma forma pode ser exclusivamente datada da centúria seguinte – e a única que lá chegaria seria Hayes 91B. Formas do período de recuperação das oficinas zeugitanas, como Hayes 99A ou Hayes 104A1, estão ausentes do registo arqueológico. Interessante é notar que o sítio ofereceu um exemplar de Hayes 3H, com datação da primeira metade do século VI (cf. HAYES, 1972: 338). As cerâmicas orientais parecem, assim, deixar de estar presentes mais cedo no Baixo Guadiana do que em Chãos Salgados, já que Hayes 3G é a forma mais tardia na região que estudámos.

#### V.11 – Síntese

A análise dos paralelos que identificámos como mais relevantes para o nosso conjunto revela a enorme disparidade de dados que existem de local para local. Saber se lidamos com lacunas de investigação ou com aproximações à realidade depende da capacidade arqueológica dos sítios: é expectável que a Ilha do Pessegueiro esteja mais homogeneamente estudada do que Faro ou Mérida, cidades em que os quadros de importação ainda se podem alterar com novos estudos. No entanto, é interessante notar que *Baelo*, cidade que recebia os mercadores mediterrânicos antes do Baixo Guadiana, apresenta grandes paralelismos em termos de formas e datas terminais de importação.

## CAPÍTULO VII – EPIGRAFIA HELENÓGRAFA NO BAIXO GUADIANA

### VII.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No princípio deste capítulo, é necessário começar por explicar o que é que o autor entende por «epigrafia helenógrafa». Esta expressão, que pode parecer um pouco redundante ou até mesmo incorrecta, foi aquela que achámos mais correctamente aplicável, em termos científicos, ao fenómeno em questão. Falando em epigrafia grega, como poderíamos ter feito, correríamos o risco de contribuir para a falsa noção de estamos a lidar com testemunhos realizados por gregos, quando a realidade étnica daqueles que se fizeram sepultar com epitáfios em Grego no Baixo Guadiana é muito mais abrangente, como abaixo veremos. Sendo comum o adjectivo «helenófono» e seguido um princípio de formação de palavras semelhante àquele que foi utilizado para esse termo, cunhámos – com o nosso amigo e colega Miguel Valério, a propósito de um artigo conjunto que abaixo citaremos – o vocábulo «helenógrafo», para designar algo que se encontra escrito em Grego.

A escolha destas epígrafes como objecto de estudo secundário nesta tese relaciona-se com a apreciável quantidade de informação antropológica e sociológica que se pode retirar delas, através dos epitáfios. Aquelas que são gravadas em Grego são as únicas que podemos rastrear facilmente, uma vez que, por exemplo, os habitantes do Norte de África se fariam, nestes contextos lusitanos, sepultar com textos funerários em Latim. À falta de uma menção étnica ou geográfica, esses epitáfios norte-africanos passariam completamente despercebidos. Já as epígrafes helenógrafas, ao estarem escritas noutra alfabeto e noutra língua, testemunham a presença inequívoca de comunidades orientais, que poderemos tentar relacionar com as cerâmicas finas de idêntica proveniência.

A epigrafia tardo-antiga é há mais de um século conhecida no Baixo Guadiana, nomeadamente na vila de Mértola, onde a recolheu Estácio da Veiga. Este arqueólogo publicou, em 1880, um livro intitulado *Memoria das Antiguidades de Mertola*, em que descreve com minúcia os trabalhos arqueológicos de prospecção/recolha e escavação que efectuou, no concelho de Mértola, entre 2 e 11 de Março de 1877 (VEIGA, 1880: 14-15).

Naquela circunscrição administrativa, Estácio da Veiga demorou-se mais na vila sede do concelho, referindo os trabalhos arqueológicos a que procedeu na povoação:



«(...) *abri uma ligeira, mas proveitosa excavação no castello de Mertola; fiz um mui proficuo e bem remunerado reconhecimento na secção comprehendida entre o Rocio do Carmo e a ermida de Santo Antonio;* (VEIGA, 1880: 14-15)»

São precisamente os trabalhos que efectuou entre o Rossio do Carmo e a já demolida Ermida de Santo António (actual Cine-Teatro Marques Duque) que interessam a este capítulo da nossa dissertação, uma vez que foi em tal ocasião que Estácio da Veiga exumou catorze exemplares de epigrafia tardo-antiga (VEIGA, 1880: 34).

No entanto, o autor apenas nos dá conta de uma epígrafe escrita em Grego, exumada quase em frente da Ermida de Santo António, do lado oposto da estrada que ligava Mértola a Beja, junto à valeta. A lápide apareceu devido a desaterros que se faziam para delinear o traçado dessa mesma estrada e foi doada por Domingos Martins Peres a Estácio da Veiga. A sua primeira interpretação foi feita por Hübner, tratando-se da epígrafe que refere Zósimo, filho de Polínico (VEIGA, 1880: 117-119).

Todas as outras epígrafes escritas em Grego, datáveis da Antiguidade Tardia e descobertas em Mértola foram exumadas pelo Campo Arqueológico, durante as diversas campanhas de escavação ocorridas no Rossio do Carmo, entre 1980 e 1992. Existem outras, como se sabe, que foram retiradas do entulho do mausoléu que se escavou, em 2008, na rua Dr. Afonso Costa, muito perto do Cine-Teatro Marques Duque, mas que ainda se encontram inéditas (LOPES e GÓMEZ MARTÍNEZ, 2008: 278-279).

Não interessa aqui proceder a uma nova publicação dos textos das epígrafes helenógrafas de Mértola, visto terem sido já objecto de várias edições bem elaboradas e das quais destacamos as que estão contidas no livro *Inscrições Gregas* – segundo volume da colecção Epigrafia do Território Português, da responsabilidade do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa –, publicado em 2001.

## VII.2 – ANÁLISE DA EPIGRAFIA HELENÓGRAFA DE MÉRTOLA NO CONTEXTO SOCIOECONÓMICO LUSITANO PÓS-ROMANO (SÉCULO VI)

Como tivemos ocasião de mencionar atrás, a epigrafia escrita em Grego e encontrada em Mértola tem sido objecto de numerosos estudos – quer por parte do Campo Arqueológico, quer da autoria de investigadores externos a essa instituição –

que avaliámos criticamente. Muito recentemente, escrevemos, com Miguel Valério, um ensaio que inclui este tema intitulado *Comunidades helenógrafas en la Lusitania visigoda* (s. VI), que foi submetido a uma revista da especialidade, com arbitragem científica. Nesse trabalho, foi possível, através da análise conjugada das epígrafes, restantes achados arqueológicos e dados históricos, chegar a um quadro sociológico destas comunidades que aqui tentaremos sintetizar.

Em primeiro lugar, na *Lusitania*, a presença de comunidades que escrevem testemunhos do quotidiano e epitáfios em Grego inicia-se ainda durante o Principado, como comprovam as ocorrências de Mérida, datadas do século II (HIDALGO e DE HOZ, 2006: 554) e de *Balsa*, esta datada de entre finais do século II e inícios do século III (RIBEIRO, 2002: 529), ou de meados desta última centúria (PEREA YÉBENES, 1995: 182). Essa presença, muito provavelmente contínua, faz-se sentir novamente nos séculos III-V, por meio da inscrição musiva presente no *frigidarium* das termas da *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz) (DIAS, 2001: 21-22), mas também numa interessante inscrição em Grego, proveniente de Roma: o epitáfio de um «sírio» de nome *Iulis*, que viveu «em *Emerita*, cidade da *Hispania*», e que datámos, devido à presença de um crismão e por paralelos de formulário, de entre o Édito de Milão (313) e c. 450 (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

É, no entanto, para o século VI que a maioria dos testemunhos epigráficos em Grego aparece no território lusitano, especialmente em Mérida e Mértola. Um primeiro artigo de síntese, da responsabilidade de María Paz de Hoz, congregou lápides destas duas localidades e uma outra, isolada, de Plasenzuela (Cáceres, Espanha) e sugeriu pela primeira vez na historiografia uma origem minor-asiática para alguns dos indivíduos referidos pelas epígrafes, nomeadamente para aqueles que apresentam o gentílico

C        C/    ]    C        [    C, que aqui traduziremos por «libisindeu»: o diácono Sambácio, em Mérida, e o leitor Eutiques, em Mértola. Este gentílico referir-se-á, segundo a autora, a uma localidade ainda não reconhecida de nome *Libisinda* (DE HOZ, 2007: 486, n. 12).

O sufixo gentilício grego identificável neste apelativo é *-eus*, o que nos indica com segurança que o topónimo formativo seria *\*Libisind-*. Ora, o sufixo *-nda/-ndos* é comum na toponímia minor-asiática de origem pré-helénica presente com muito maior densidade no Sul e Sudoeste da Anatólia. Assim, para a Antiguidade Clássica, temos atestados exemplos: *Alinda* → *Alindeus*; *Isinda* → *Isindeus*; ou ainda *Sinda* → *Sindeus*.

Para a Antiguidade Tardia, um epitáfio encontrado em *Korasion* (actual Susano lu-Çokören, Turquia), na Cilícia, ostenta a seguinte inscrição (*MAMA* 3, 146): ⚡

C                      C ⚡, «Ataúde de João Dalisandeu», sendo que a existência de *Dalisandos* está epigraficamente atestada (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

De um modo geral, a onomástica helénica presente nas epígrafes – com alguns nomes geograficamente restritos como Gerásimo, Isidórites ou Polínico – contém exemplos predominantemente na região egeo-anatólia. Se olharmos concretamente para Gerásimo, este antropónimo é exclusivo do Sul e Sudoeste da Ásia Menor<sup>11</sup> até à época otomana (cf. DE HOZ, 2007: 485). É nesta região que se localiza, como vimos, o grosso das cidades com topónimos terminados em *-nda/-ndos*. Curiosamente, a epígrafe mertolense do leitor Eutiques Libisindeu, datada de 544, contém também o epitáfio do presbítero Patrícis, filho de Gerásimo. Este último foi lavrado com um tipo paleográfico em tudo idêntico ao do de Eutiques, sugerindo que terá sido fabricado por um mesmo lapicida. É, pois, muito provável que Patrícis fosse igualmente libisindeu, tornando-se no terceiro indivíduo seguramente minor-asiático encontrado no vale do Guadiana (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

Curiosamente, todos estes homens possuíam cargos religiosos: diácono (Sambácio, *Emerita*), leitor (Eutiques, *Myrtilis*) e presbítero (Patrícis, *Myrtilis*). Parece, pois, que os emigrantes vindos da Anatólia terão desempenhado papéis relevantes na hierarquia religiosa das dioceses de *Emerita* e *Pax Iulia*. Estas foram governadas, entre c. 530 e c. 570, por bispos de origem oriental. Na primeira, estão bem documentados pelas *Vitae Sanctorum Patrum Emeritensium*<sup>12</sup> (Vidas dos Santos Padres Emeritenses) os prelados Paulo (fl. c. 530-560) e Fidel (fl. c. 560-570/571). Na segunda sede episcopal, temos a enigmática figura do bispo Apríngio, que pontificou durante o reinado do visigodo Teudis (r. 531-548), e que a nossa investigação sugere tratar-se de um sírio, já que o seu nome, de raiz estranha ao Latim, ao Grego e às línguas

---

<sup>11</sup> O nome em questão ocorre em Éfeso, na Jónia (*Priene* 1235); Milasa e *Panamara*, na Cária (*Mylasa* 302, *Panamara* 396); *Xanthos*, *Tlos* e *Olympos*, na Lícia (*TAM* II, 341, 646, 1074); e *K rykos*, na Cilícia (*MAMA* 3, 294, 419).

<sup>12</sup> Doravante, *VSPE*.

germânicas, é quase exclusivo da Síria, podendo ser de origem aramaica<sup>13</sup> (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

Tem sido defendido, por alguns investigadores do Campo Arqueológico de Mértola, que as comunidades helenógrafas pós-romanas desta vila seriam praticantes do Monofisismo, doutrina religiosa que argumentava que Jesus Cristo não possuía natureza humana, mas somente divina (vd. *ODB* II: 1398-1399). A primeira justificação, da autoria de Cláudio Torres (1993: 27-28; 1995), adopta a perspectiva de que um nome como Eutiques – que era o do fundador da heresia monofisita, juntamente com o patriarca Dióscoro de Alexandria (m. 454) (cf. *ODB* II: 1399) – teria sido execrado pelas comunidades ortodoxas dos séculos subsequentes à sua condenação, que teve lugar no Concílio de Calcedónia (451) (cf. *ODB* I: 404). Trata-se de um argumento exclusivamente onomástico, que não encontra fundamentação em qualquer outro tipo de evidências.

Esta teoria encontra refutação em alguns factos históricos. Em primeiro lugar, um nome da mesma família de «Eutiques», «Eutíquio», foi o de um patriarca de Constantinopla (fl. 552-565/577-582) que se celebrou por se ter oposto à oficialização, por Justiniano I (r. 527-565), da doutrina monofisita extrema do Aftartodocetismo, pelo que incorreu na ira do imperador (*ODB* I: 129 y *ODB* II: 759)<sup>14</sup>. O nome «Eutiques» também se encontra atestado numa lápide funerária em Grego proveniente de Villaricos (Almería, Espanha), no território da *Baria* tardo-antiga. Vizcaíno Sánchez (2009: 733-735), citando Rodá (1988: 231-233, fig. 16), nota que «*el formulario y los rasgos paleográficos permiten fechar el epígrafe durante el siglo VI, sugerentemente coincidiendo con la ocupación bizantina de esta ciudad*». Ainda assim, não é nítido que a lápide proceda de níveis relacionados com a ocupação bizantina. Não esquecer, em último lugar, que o nome «Eutiques» e os seus derivados estão relacionados com o

<sup>13</sup> Os restantes indivíduos de nome «Apríngio» identificados são: um advogado de Antioquia que se desloca a *Berytus* (Beirute, na *Phoenicia*) em 364 (LIBANIUS e BRADBURY, 2004: 176); um procônsul de *Africa* até 411 (MARTINDALE, 1980: 123); um bispo de Cálcis, na província da *Syria I*, que participou no I Concílio de Éfeso (431) (McCLINTOCK e STRONG, 1894: 195); um *comes* de Tripolis (*Phoenicia*), durante o reinado de Zenão I (r. 474-475/476-491) (MARTINDALE, 1980: 123; RUFUS, 2008: lxxxi); e um *buleuta* de Antioquia (data incerta; BEAUCAMP, 1992: 298). O facto de um destes homens ter desempenhado funções políticas no Norte de África não afecta, em nossa opinião, o quadro geral que aqui se traça e que é significativo.

<sup>14</sup> O patriarca Eutíquio colocou-se inicialmente ao lado de Justiniano na chamada Controvérsia dos Três Capítulos, em que o imperador decidiu abolir o valor doutrinal dos escritos de Teodoro de Mopsuestia, Teodoreto de Cirro e Ibas de Edesa, considerados pelos Monofisitas como demasiado nestorianos, mesmo tendo sido aprovados pelo Concílio de Calcedónia. O objectivo desta medida era reconduzir os Monofisitas à obediência ortodoxa, tendo fracassado. O próprio Eutíquio escreveu, numa fase mais avançada da sua vida, contra algumas crenças do Monofisismo (*ODB* II: 759; *ODB* III: 2080-2081).

adjectivo grego *εὐτυχής*, «eutychês», que significa «feliz, próspero, bem-sucedido», possuindo óbvio carácter apotropaico, que justifica a sua pervivência.

A segunda proposta, integrada naquela que havia sido protagonizada por Cláudio Torres, é a de existirem em Mértola espaços de culto exclusivamente para orientais. Santiago Macias (2006: 339) refere esta possibilidade como forte, sugerindo a existência de um outro edifício religioso próximo da Basílica do Rossio do Carmo, no local do actual Cine-Teatro Marques Duque. A sustentação de um culto heterodoxo baseia-se, para o autor, na descoberta de uma epígrafe em Grego nesta zona.

Não obstante, o contexto de achado da epígrafe de um outro Eutiques, o «estamenheiro», refuta a existência de apenas um local de inumação – e, consequentemente, de culto – para os orientais em Mértola, visto que aquela lápide foi achada na Basílica do Rossio do Carmo (cf. Coelho *et al.*, 1993; Dias *et al.*, 2001: 40-41). Também o próprio Santiago Macias (2006: 290) refere que foi encontrada nesta mesma basílica uma epígrafe em Grego. Lembremos que naquele espaço cultural foram encontradas muitas mais lápides funerárias tardo-antigas em Latim, entre finais do século XIX e finais do século XX (cf. DIAS, 1993: 102-138).

Deste modo, factores como a obtenção de cargos eclesiásticos por orientais – desde episcopados até ordens menores – ou os enterramentos conjuntos de indivíduos com epitáfios em Latim e em Grego – tanto em Mérida como em Mértola – levam-nos a pensar que os imigrantes provenientes do Império Romano do Oriente, no século VI, estariam perfeitamente integrados nas sociedades hispano-romanas em que se inseriam, sendo elementos activos e preponderantes nas mesmas, especialmente em termos eclesiásticos. Registam-se pessoas com idades seguras entre os vinte e um e cerca de sessenta anos, o que aponta para uma respeitável distribuição geracional (vd. DE HOZ, 2007: 487).

Todavia, não se conseguiu recolher epigraficamente a componente comercial das populações orientais, tão referida nas fontes históricas e sugerida pelos achados arqueológicos. Os relatos de Hidácio de Chaves (*Chron.*, 177) referem que uma frota de navios orientais aportou a *Hispalis*, em 456, anunciando a vitória do imperador Marciano (r. 450-457) sobre o povo caucasiano dos Lazos. Também as *VSPE* referem a chegada de comerciantes orientais a *Emerita*, provavelmente no segundo quartel do século VI, no meio dos quais veio o futuro bispo Fidel. Diz-se ainda nesta fonte que era

habitual que os mercadores estrangeiros chegados à capital da *Lusitania* visitassem o bispo, que, neste episódio em concreto, era Paulo, tio e antecessor de Fidel.

A única evidência comercial epigráfica que a nossa investigação conseguiu apurar ocorre numa inscrição de Mérida (*CICM* 182) que se trata do epitáfio de um marinheiro, Teodoro, cujo corpo foi recolhido de um naufrágio e sepultado em *Emerita*. María Paz de Hoz (2007: 487) estudou-a em conjunto com as restantes epígrafes do Período Visigótico, embora tenha então notado a fuga ao formulário comum quase hermético das restantes. A nossa explicação para este facto é tratar-se de uma epígrafe alto-imperial, com vários paralelos a nível de fórmulas datados da mesma época (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação). Esta análise coincide com a cronologia da necrópole em que foi encontrada, a de Los Columbarios, que estaria abandonada já no século III (vd. BENDALA GALÁN, 1972: 223).

Concretamente em Mértola, a única referência epigráfica que existe a uma actividade socioeconómica potencialmente não eclesiástica é a palavra C C, que se refere a um dos Eutiques atestados na *Myrtilis* pós-romana. Trata-se de um termo de derivação grega, como se nota pelo sufixo - C - utilizado para criar nomes profissionais, mas que tem por base o substantivo tardo-latino *staminea* ou *staminia*, «tecido simples ou camisa de estame», derivado de *stamen* «estame», que é a parte do velo de lã composto por longos fios. No século VII, a *Regula Monachorum* (§11) de São Fructuoso de Braga (m. 665) obriga os monges a usar umas vestimentas interiores austeras chamadas *stamina* [sic] (vd. TORALLAS TOVAR, 2004: 162). Este facto pode sugerir que, no século VI e em contextos lusitanos, o termo *staminea* se referiria já a uma camisa interior de lã utilizada em ambientes monásticos – tal como propõe María Paz de Hoz (2007: 486) –, ligando assim este Eutiques, inumado na Basílica do Rossio do Carmo, ao mundo eclesiástico (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

A presença, no Baixo Guadiana, de indivíduos que fizeram escrever os seus epitáfios em Grego não se explica, à partida, do mesmo modo que os vestígios arqueológicos orientais na costa atlântica dos actuais Portugal e Galiza. Enquanto estes últimos se deverão, muito provavelmente, à procura de estanho – que escasseava no Oriente e que se ia buscar à *Gallaecia* e à antiga província da *Britannia I* (cf. COOPER, 2000: 99-100; VALLEJO GIRVÉS, 1993: 13, 66) – os que se encontram no Baixo Guadiana terão de ser explicados em relação com outros fenómenos.

Para começar, se percebemos que a epigrafia helenógrafa mertolense não pode ser desligada da sua congénere emeritense, também não é menos nítido que a sua integração socioeconómica terá necessariamente de passar pela observação de alguns espaços tardo-antigos de Mértola, nomeadamente a Basílica do Rossio do Carmo, o mausoléu próximo ao Cine-Teatro Marques Duque e o complexo baptismal da alcáçova. Escolhemos estes edificadados devido à sua relação próxima com o âmbito das epígrafes helenógrafas, já que se trata de espaços religiosos e funerários, provavelmente datados dos séculos V e VI (cf. MACIAS, 1993: 53-54; MACIAS, 2006: 292; LOPES, 2008: 36-38; LOPES e GÓMEZ MARTÍNEZ, 2008: 278-279).

As datações explícitas das lápides que se conhecem em Mértola, em Latim e Grego, medeiam entre 503 e 587, com maior frequência na década de 521 a 530 (nove epitáfios) e com representatividade acima do comum nas décadas de 501 a 510 e de 541 a 550 (três epitáfios para cada década). Entre 541 e 550, considerámos como epitáfios diferentes os de Eutiques Libisindeu e de Patrícis, embora se encontrem na mesma epígrafe e tenham sido grafados pela mesma mão. Acrescente-se que Manuela Alves Dias também data o epitáfio de Patrícis de 544, ano que só se encontra efectivamente referido no de Eutiques (vd. DIAS, 1993: 107). Já o terceiro texto da lápide não pode ser datado com segurança, visto apresentar relevantes diferenças paleográficas e estar fragmentado, não se conservando a data (cf. *ibidem*: 115, fig. V).

A Basílica do Rossio do Carmo encontra-se datada da segunda metade do século V (vd. MACIAS, 2006: 292). O mausoléu encontrado na rua Dr. Afonso Costa encontra-se datado do século VI por um cimácio decorado com cruces gregas e por lápides funerárias com cronologias análogas, três das quais escritas em Grego, mas ainda não publicadas (LOPES e GÓMEZ MARTÍNEZ, 2008: 278-279). Finalmente, o complexo baptismal do Bairro da Alcáçova está datado, por paralelos, do século V ou de meados do século VI. Já os mosaicos terão sido elaborados na primeira metade do século VI, cronologia conferida mais por leituras estratigráficas e traços estilísticos do que por analogia com outras composições. É possível que tenham sido executados por mosaístas do Mediterrâneo Oriental (LOPES, 2008: 38-39).

A datação da maior parte das epígrafes mertolenses, e especialmente das inscritas em Grego, coincide com a primeira metade do século VI, tal como a dos mosaicos da alcáçova e dos elementos decorativos e datantes do mausoléu. Isto significa que parece ocorrer, através dos dados de que dispomos, uma preponderância da

presença oriental em Mértola na primeira metade do século VI. Com tal facto coincide a ocupação da cátedra episcopal pacense por Apríngio (fl. 531-548), que já mencionámos como provável oriental de proveniência síria.

Devendo *Myrtilis* corresponder à esfera de influência de *Pax Iulia* e conhecendo a importância socioeconómica que aquela primeira localidade possuía no âmbito lusitano, não nos choca pensar que essas construções religiosas fossem motivadas pela presença sazonal do próprio bispo. Virgílio Lopes (2004: 170; 2008: 38) refere a possível existência de um palácio episcopal no Bairro da Alcáçova, no qual se integraria o complexo baptismal. Acreditamos que a existência de uma estrutura palatina com esse fim é inquestionável e que as ruínas do Bairro da Alcáçova são um forte candidato.

Retornando aos fenómenos que explicam a instalação de comunidades orientais tardo-antigas no Baixo Guadiana, a motivação por detrás desta presença não é imediatamente intelegível. É nítido que os orientais inumados em Mértola – e também em Mérida – estão intimamente ligados ao meio eclesiástico. Não existem evidências prosopográficas de nenhum indivíduo relacionado exclusivamente com o comércio (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação). No entanto, também é claro, até pelo *corpus* cerâmico da nossa tese, que ocorrem em Mértola testemunhos comerciais provenientes do Mediterrâneo Oriental – como a TSFT.

Assim, julgamos necessário reflectir sobre a totalidade das evidências arqueológicas, nas nossas conclusões, como meio para tentar perceber mais profundamente os fluxos comerciais mediterrânicos e, consequentemente, a presença de orientais no Baixo Guadiana.



## CONCLUSÃO

A dissertação de mestrado em Arqueologia que nos propusemos realizar é dedicada ao estudo das cerâmicas finas tardo-antigas, norte-africanas e este-mediterrânicas, importadas pelos habitantes do Baixo Guadiana, entre os séculos V e VII. A primeira impressão que tivemos quando iniciámos o estudo destes materiais foi a disparidade que se observa entre os artefactos que se encontraram no concelho de Alcoutim e os que se descobriram somente em certos locais da vila de Mértola. Estes últimos, apesar de presentes num espaço mais reduzido, são muito mais abundantes do que os primeiros.

Não é, do nosso ponto de vista, correcto misturar o que se passa em Alcoutim e em Mértola. É por essa razão que, ao termos efectuado as nossas análises probabilísticas em capítulos anteriores dedicados ao estudo dos materiais, resolvemos não agrupar os dados dos dois actuais concelhos portugueses. A razão pela qual decidimos não o fazer prende-se somente com o facto de Alcoutim espelhar uma realidade rural, enquanto Mértola traduz comportamentos urbanos. cremos que ambas as leituras devem ser comparadas, mais do que sobrepostas, para se compreender bem o fenómeno das importações tardo-antigas no Baixo Guadiana.

Recapitulemos, pois, o que se passa, em termos gerais, no actual concelho de Alcoutim. O século V inicia-se com as formas herdadas do século IV, sendo que as que mais predominam são Hayes 59 e Hayes 61A. Outras formas que iniciam a sua produção c. 400, como as variantes Hayes 61A/B, reforçam as ocorrências de TSAf. Na década de 420, as formas mais bem representadas em termos de NMI, que vinham do século IV, desaparecem. Ocorre, pois, uma pequena redução do fluxo de importações, que se vai manter em decréscimo suave até meados do século V. Nessa altura, devido à ausência de formas bem representadas como as variantes Hayes 61A/B e a forma Hayes 67B, as importações sofrem um *crash* do qual nunca se recomporão. De c. 450 em diante, a probabilidade de importação de cerâmicas, em Alcoutim, é de menos de um exemplar por década. As formas da segunda metade do século V e da primeira metade do século VI ocorrem, embora muito raramente. É perfeitamente razoável considerar que, mesmo existindo dois fragmentos de Hayes 91C, eles não tenham sido adquiridos depois de c. 550, porque mais nenhuma forma da segunda metade do século VI os acompanha. Curioso é o facto de as formas de TSFT registadas ocorrerem entre c. 475 e

c. 525, quando a variante mais comum em Portugal e em Mértola, Hayes 3C, corresponde a uma cronologia de c. 460 a c. 475.

Mértola, por seu turno, é uma realidade urbana e, por isso mesmo, muito distinta de Alcoutim. Não conseguimos estudar as *villae* e outros assentamentos rurais deste território, porque o conjunto de materiais da Alcáçova e da Biblioteca é de grande dimensão. Sabemos, todavia, que apenas ocorreram algumas prospecções e que nenhum assentamento rural próximo foi escavado. No entanto, é bastante credível pensar-se, na nossa opinião, que os arqueossítios campestres próximos de Mértola possam ter beneficiado do enorme fluxo de cerâmicas finas mediterrânicas que a cidade recebia, durante a Antiguidade Tardia.

Recordemos, pois, os fluxos de importação no espaço urbano de *Myrtilis*, entre os séculos V e VII. O início do século V é beneficiado, tal como em Alcoutim, pela presença das formas criadas na centúria anterior, das quais se destacam Hayes 59 e Hayes 61A, pela elevada ocorrência, e por novas formas, das quais se evidenciam as variantes Hayes 61A/B e Hayes 91A/B. No início da década de 420, dá-se uma quebra ligeira nas probabilidades de importação, alicerçada no final da produção das formas do século IV, mas colmatada, de algum modo, por novas formas. Entre c. 430 e c. 480, assiste-se a um crescimento gradual e sustentado das importações, tanto de TSAf C e D, como de TSFT. A década de 480 regista o início de um *boom* importador, com a introdução de formas bem representadas, como Hayes 99A e Hayes 104A1. Este manter-se-á até c. 520, quando se inicia uma lenta decadência, causada pela dificuldade de reposição de novos morfotipos quando outros, mais antigos, são abandonados. Essa diminuição das importações acentua-se c. 530 e, especialmente, c. 550, data que assiste à redução do fluxo para menos de metade. A última renovação morfológica, por volta da década de 580, resultante da introdução de novas formas pela primeira vez em trinta anos – Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99C, Hayes 105A e Hayes 107 –, é completamente inexpressiva, não se prevendo que tenha chegado ao século VII.

Deste modo e antes de avançarmos mais, importa fazer o ponto de situação do panorama geral de importações que ocorre no Baixo Guadiana, mais uma vez sem misturar o que se passa em Alcoutim com o que acontece em Mértola. Optámos por representar esta súmula através de uma tabela.

<b>CERÂMICAS FINAS TARDO-ANTIGAS NO BAIXO GUADIANA</b>				
<b><u>FORMA</u></b>	<b><u>DATAÇÃO</u></b>	<b><u>PROD.</u></b>	<b><u>NMI</u> <u>ALCOUTIM</u></b>	<b><u>NMI</u> <u>MÉRTOLA</u></b>
Hayes 53	c. 370-c. 430	TSAf C	1	---
Hayes 59	c. 320-c. 400/420	TSAf D	7	16
Hayes 59/65	c. 320-c. 400/420	TSAf D	---	2
Hayes 61A	c. 325-c. 400/420	TSAf D	8	15
Hayes 61A ou A/B	c. 325-c. 450	TSAf D	---	1
Hayes 61A/B1	Início do século V, pode alargar-se até meados da centúria.	TSAf D	1	2
Hayes 61A/B2	Início do século V, pode alargar-se até meados da centúria.	TSAf D	1	4
Hayes 61A/B3	Primeira metade do século V.	TSAf D	2	5
Hayes 61A/B4	Primeiro terço do século V.	TSAf D	1	---
Hayes 61B1	Primeira metade do século V.	TSAf D	1	---
Hayes 61B2	Primeira metade do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 61B1 ou B2	Primeira metade do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 61B3, <i>similis</i>	Meados do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 61B/87A	Século V.	TSAf D	---	1
Hayes 64	Finais do século IV a meados do século V.	TSAf D	---	2
Hayes 65	c. 320-c. 400/420	TSAf D	1	4
Hayes 67B	Finais do século IV a meados do século V.	TSAf D	3	3
Hayes 67C	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	6
Hayes 67	Segunda metade do século IV a finais do século V.	TSAf D	2	2
Hayes 67/71	Segunda metade do século IV a finais do século V.	TSAf D	3	4
Hayes 67, <i>similis</i>	Segunda metade do século IV a finais do século V.	TSAf D	---	6
Hayes 67, <i>similis</i>	Segunda metade do século IV a finais do século V.	TSAf E	2	---
Hayes 73	c. 420-c. 475	TSAf D	2	8
Hayes 76	c. 425-c. 475	TSAf D	---	10
Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	1

Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, <i>similis</i>	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 78	Século V.	TSAf D	---	1
Hayes 81B	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	9
Hayes 84	c. 440-c. 500	TSAf C5	---	2
Hayes 85B	Segunda metade do século V.	TSAf C5	---	1
Hayes 86	Finais do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 86, n.º2, variante	Finais do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 87A1	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	3
Hayes 87A2	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	3
Hayes 87A	Segunda metade do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 87B	Inícios do século VI.	TSAf D	---	3
Hayes 87A/88	Finais do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	7
Hayes 87A1 / 87A/88	Segunda metade do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 88A	Segundo quartel do século VI.	TSAf D	---	2
Hayes 91A	c. 400/420-c. 500	TSAf D	---	11
Hayes 91A/B	c. 400/420-c. 530	TSAf D	2	30
Hayes 91B	c. 450-c. 530	TSAf D	---	1
Hayes 91B tardia	Finais extremos do século V a meados do século VI.	TSAf D	---	2
Hayes 91B tardia/91C	Finais extremos do século V a c. 600+.	TSAf D	---	5
Hayes 91C	c. 500-c. 600+	TSAf D	2	3
Hayes 91, <i>Atlante</i> , XLIX, 10	Finais do século VI e inícios do século VII.	TSAf D	---	1
Hayes 91, n.º 29	c. 400/420-c. 530	TSAf D	1	---
Hayes 91/92	c. 400/420-c.600+	TSAf D	---	0 (Existem seis fragmentos)
Hayes 92	Meados do século V.	TSAf D	---	1
Hayes 93(?)	c. 470-c. 540	TSAf D	---	1
Hayes 93B	c. 500-c. 540	TSAf D	---	3
Hayes 93B/94B	Finais do século V a c. 540.	TSAf D	---	1

Hayes 94A, variante	Finais do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 94B	Finais do século V e inícios do século VI.	TSAf D	---	6
Hayes 96	c. 490-c. 540	TSAf D	---	1
Hayes 97	c. 490-c. 550	TSAf D	---	1
Hayes 98A/B	Finais do século V a meados do século VI.	TSAf D	---	5
Hayes 99A	Finais do século V a meados do século VI.	TSAf D	---	25
Hayes 99B	Início do segundo quartel do século VI a inícios do século VII.	TSAf D	---	2
Hayes 99A/B	Finais do século V a inícios do século VII.	TSAf D	---	1
Hayes 99C	Finais do século VI e todo o século VII.	TSAf D	---	1
Hayes 103A	Finais do século V a finais do terceiro quartel do século VI.	TSAf D	---	4
Hayes 103B	c. 500-c. 575	TSAf D	---	4
Hayes 103	Finais do século V a finais do terceiro quartel do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 104A1	Finais do século V e primeiro terço do século VI.	TSAf D	---	13
Hayes 104A2	Segundo quartel do século VI.	TSAf D	1	5
Hayes 104A1 ou A2	Finais do século V e primeira metade do século VI.	TSAf D	---	1
Hayes 104C	Meados do século VI a meados do século VII.	TSAf D	---	1
Hayes 105A, variante	Finais do século VI e primeira metade do século VII.	TSAf D	---	1
Hayes 107	c. 580-c. 650	TSAf D	---	1
Hayes 12/102	c. 450-c. 520	TSAf D	---	9
Hayes 12/110	c. 470-c. 550	TSAf D	---	1
<i>Atlante</i> , XLVI, 5	Segunda metade do século VI.	TSAf D	---	1
<i>Atlante</i> , XLVI, 6, <i>similis</i>	Primeira metade do século VI.	TSAf D	---	1
<i>Atlante</i> , XLVI, 9	Presente em Cartago em contextos dos séculos VI e VII.	TSAf D	---	1
Fulford 50 = Hayes 93B	c. 525-c. 575	TSAf D	---	1

Fulford 52	Primeira metade do século VI.	TSAf D	2	2
<i>Michigan I</i> , fig. 3, VII, n.º 6	Primeira metade do século VI.	TSAf D	---	3
Hayes 3B	c. 460-c. 475	TSFT	---	3
Hayes 3C	c. 460-c. 475	TSFT	---	9
Hayes 3C/3E	c. 460-c. 500	TSFT	---	1
Hayes 3E	c. 475-c. 500	TSFT	1	2
Hayes 3F	c. 500-c. 525	TSFT	1	3
Hayes 3G	c. 500-c. 525	TSFT	---	2
Hayes 3, variante pequena	c. 425-c. 525	TSFT	---	1
Hayes 3D-G	c. 475-c. 525	TSFT	---	5
Hayes 3C, D ou E	c. 460-c. 500	TSFT	1	---
Hayes 5A	c. 460-c. 500.	TSFT	---	1
Hayes 8	Segunda metade do século V e inícios extremos do século VI.	TSFT	---	1
<b>TOTAL</b>	---	---	<b>46</b>	<b>311</b>

TABELA 11 – FORMAS, CRONOLOGIAS E NMI EM ALCOUTIM E MÉRTOLA

Em primeiro lugar e uma vez que o conjunto das importações foi estudado da perspectiva das datações tipológicas, por não ser possível datar os descartes, convém tentar perceber se os fluxos de importação poderão ter tido alguma relação com acontecimentos que ocorreram nos territórios de produção, ou seja, no Norte de África e no Mediterrâneo Oriental. No entanto, equacionaremos também a sua relação com acontecimentos ocorridos na Península Ibérica.

Em relação à TSAf C e D tardia, a primeira quebra nas importações ocorre, no Baixo Guadiana, na década de 420, embora de forma muito ligeira. Trata-se de uma época em que o Norte de África vivia estável sob o governo do *comes* Bonifácio (m. 432), oficial romano que controlava a *Dioecesis Africae*. A instabilidade chegaria em 429, quando os Vândalos, comandados por Genserico (r. 428-477), invadiram o Norte de África, conquistando Cartago em 439. No entanto, tanto a década de 430 como a de 440 foram períodos de crescimento das probabilidades de importação em Mértola, ao contrário do decénio de 420.

Se a explicação não pode ser encontrada no Norte de África, é bem possível que esteja relacionada com a instabilidade sentida na Península Ibérica desde 409, com as invasões germânicas. Estas foram responsáveis, como se sabe, pela entrada dos Alanos Suevos e Vândalos na *Hispania*, sendo que os povos que se instalaram no Sul da

*Lusitania* e na *Baetica* poderão ter contribuído para a diminuição da capacidade de recepção de peças, no Baixo Guadiana, durante a década de 420. Os Alanos e os Vândalos Silingos ocuparam o Sul da *Hispania* em 411, mas seriam derrotados pelos Visigodos em 417. Dois anos depois, os Vândalos Asdingos, antes radicados na *Gallaecia*, foram derrotados por Romanos e Suevos e migraram para a *Baetica*, onde viveram impunes do saque de localidades. Um exército romano enviado para os derrotar, em 422, não conseguiu vencê-los (*Chronicon*: 63, 67, 68, 71, 74, 77; MATTOSO, 2006: 15-16). Terá sido esta conjuntura de instabilidade a reduzir ligeiramente as importações no Baixo Guadiana na década de 420.

Entre c. 430 e c. 450, Alcoutim e Mértola começam a contrariar a tendência de queda. Ao passo que o centro urbano inicia uma recuperação firme até c. 450, o território rural do actual concelho de Alcoutim não sofreu essa recuperação, tendo simplesmente estabilizado entre c. 430 e c. 450, em valores francamente mais baixos do que os registados no início da centúria. A partir de meados do século V, as loiças finas de mesa provenientes do Norte de África sofrem uma redução drástica em Alcoutim, da qual nunca recuperarão. Também em Mértola, a partir de c. 460, se observa um declínio razoável, mais severo do que o da década de 420, e que se prolongará até c. 480.

Neste caso, é provável que a explicação resida no Norte de África. A conquista vândala da Zeugitana, que culminou com a tomada de Cartago (439), pode ser vista como uma causa, uma vez que assistimos a uma redução da probabilidade de ocorrência de TSAf D em todo o Baixo Guadiana. É inegável que a Bizacena começa a exportar mais para esta cidade, neste mesmo intervalo cronológico, uma vez que as formas Hayes 84 e 85 ocorrem na *Myrtilis* tardo-antiga, ainda que residualmente, mas não ofuscam de modo nenhum as importações zeugitanas. Deste modo, a estagnação económica que Michael Fulford (1983: 11), Paul Reynolds (1995: 112) e Michel Bonifay (2004: 481) entrevêm para os anos de c. 440 a c. 475 deve ter-se feito sentir no Baixo Guadiana, numa fase mais avançada.

Em termos de TSFT e falando apenas de Mértola, o período de c. 460 a c. 480 marca o auge da importação destas loiças finas orientais. É razoável considerar-se, mais uma vez, que a estagnação da economia norte-africana tenha desempenhado um papel importante, visto que observámos que esse abrandamento se fez sentir em *Myrtilis*, apesar da introdução de novas formas, ao longo da segunda metade do século V. A explicação para o fenómeno do grande incremento da TSFT, para este período, ainda

não pode ser dada pela presença de orientais na actual Mértola, uma vez que não existe evidência epigráfica em Grego ou que evoque contextos do Mediterrâneo Oriental para períodos anteriores ao século VI (cf. FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação). O que é facto é que, para a *Myrtilis* tardo-antiga, a TSFT supriu, nas décadas de 460 e 470, as prováveis falhas de abastecimento da TSAf, contribuindo para que a importação global de loiças finas mediterrânicas tenha, pelo menos, estabilizado durante esses decénios.

A década de 480 marca o início do apogeu das importações mediterrânicas em Mértola. A cidade tardo-antiga acolhe, entre c. 480 e c. 520, trinta e sete formas cerâmicas: no que respeita à TSAf C5, ocorrem ainda Hayes 84 e Hayes 85B; em termos de TSAf D, atestam-se as formas Hayes 67C, Hayes 67/71, Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, Hayes 81B, Hayes 86, Hayes 87A1, Hayes 87A2, Hayes 87B, Hayes 87A/88, Hayes 88A, Hayes 91A, Hayes 91A/B, Hayes 91B tardia, Hayes 91B tardia/91C, Hayes 91C, Hayes 93B, Hayes 94A, Hayes 94B, Hayes 96, Hayes 97, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 103A, Hayes 103B, Hayes 104A1, Hayes 12/102, Hayes 12/110, *Atlante*, XLVI, 5, *similis*, Fulford 52 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6; finalmente, a respeito da TSFT, observam-se as formas Hayes 3, variante pequena, 3F, 3G, 5A e 8. Para além de se tratar de um período de auge quantitativo, é-o também em termos qualitativos, uma vez que nunca antes ou depois foi provável a ocorrência simultânea de tantos morfotipos em Mértola.

A explicação exógena deve-se, sem dúvida, à recuperação económica do Norte de África, que Paul Reynolds (1995: 28, 115) situou entre c. 475 e c. 535. A década de 480 assiste ao início de produção e possivelmente da importação de duas formas quantitativamente cruciais em *Myrtilis*: Hayes 99A (a segunda mais importada, com vinte e cinco exemplares) e Hayes 104A1 (a quinta mais importada, com treze exemplares), ambas com probabilidades de importação superior a duas peças por década – o que é muito elevado, para os contextos em questão. Sem dúvida que a cidade tardo-antiga beneficiou também de uma certa estabilidade política na região – os grandes conflitos localizavam-se agora na *Tarraconensis*, entre Visigodos e Francos – e da própria construção das muralhas (cf. MACIAS, 2005: 194-195).

O território que actualmente corresponde a Alcoutim não foi imune à prosperidade de *Myrtilis*. Frisando que os valores da primeira metade do século V nunca



voltaram a ser atingidos, data deste período a introdução das formas Hayes 91C e Fulford 52, em TSAf D, e das formas Hayes 3E e 3F, em TSFT.

A década de 520 inicia a decadência do Baixo Guadiana enquanto região altamente importadora de cerâmica fina mediterrânica. No entanto, é um decénio que quase deve ser entendido separadamente, porque o declínio probabilístico que atrás referimos acaba por ser ilusório. Para além de não ter qualquer explicação no Norte de África, no Mediterrâneo Oriental ou na própria região em estudo, se pensarmos em termos de NMI de cada uma das formas que desaparece, percebemos como é relativo falar de retracção aqui. Desaparecem, nesta época, oito formas: em TSAf D, Hayes 86 (um exemplar), Hayes 87B (três exemplares), Hayes 87A/88 (sete exemplares), Hayes 94B (seis exemplares) e Hayes 12/102 (nove exemplares); em TSFT, Hayes 3F (três exemplares) e 3G (dois exemplares), ambas por volta de 525. É fácil de perceber que todas estas formas têm menos de dez indivíduos e quatro de entre elas estão muito mal representadas. No caso concreto, a década de 520 não é apontada por nenhuma das tipologias que utilizámos como sendo a data de início de produção de nenhuma forma (cf. HAYES, 1972; *Atlante I*), salvo das variantes Hayes 99B e Hayes 104A2, que começam a ser fabricadas c. 525 (vd. BONIFAY, 2004: 183), sendo que a segunda apresenta, em Mértola, probabilidades de importação de um indivíduo por cada lustre, o que é um valor elevado. Pode, assim, dizer-se com confiança que a década de 520 é vítima das tipologias utilizadas, em virtude de o desejado estudo cronológico dos descartes ser impossível, e talvez devamos ainda incluí-la no período de apogeu. Frise-se que é no final do primeiro quartel do século VI que a TSFT deixa de ser importada para territórios do Baixo Guadiana, de acordo com o nosso estudo.

Em relação a Alcoutim, a década de 520 inaugura a época – desde c. 525 até meados do século VI – durante a qual o único fragmento de Hayes 104A2 registado no Montinho das Laranjeiras terá sido importado. A presença desta forma num território rural cada vez mais apartado das grandes rotas comerciais tardo-antigas não deve ser encarada com leveza; será, em sentido contrário, mais uma prova de que o decénio de 520 não foi de retracção nas importações mediterrânicas.

O período entre c. 530 e c. 550 terá factualmente de ser considerado uma época de decadência das importações, ainda que muito provavelmente não o tenha sido para a vida quotidiana do Baixo Guadiana, especialmente em *Myrtilis*. Mais uma vez, são as oficinas norte-africanas que parecem não renovar cabalmente o seu repertório (cf.

HAYES, 1972; *Atlante I*). Pelo contrário, se algo se passa durante este período é o desaparecimento de formas muito bem representadas, como Hayes 91A/B (trinta indivíduos) e Hayes 104A1 (treze indivíduos). Por outro lado, a TSFT produz formas que preenchem este vácuo, como Hayes 5B – primeira metade do século VI – e Hayes 9 – c. 520-c. 600 – (HAYES, 1972: 339, 342), mas essas cerâmicas não atingem o Baixo Guadiana.

Não existe justificação para este comportamento na região que estamos a estudar. A actual Mértola apresenta abundantes provas da presença de orientais ligados a cargos eclesiásticos durante este período, na forma das já célebres epígrafes em Grego que foram objecto de análise em capítulo apropriado desta tese. Os mosaicos de influência oriental do Bairro da Alcáçova, um dos arqueossítios cujas cerâmicas finas fazem parte do nosso conjunto, foram datados, por leituras estratigráficas e traços estilísticos, da primeira metade do século VI (LOPES, 2008: 38-39), representando uma composição certamente dispendiosa. Havia, pois, dinheiro para pagar loiça de mesa importada, mas as novas formas de TSFT não ocorrem e o repertório e quantidades de TSAf D diminuem substancialmente.

A causa provável deste panorama encontra-se longe, no Norte de África. Em 533, Justiniano I (r. 527-565), imperador romano do Oriente, lançou uma bem sucedida campanha contra os Vândalos, que terminou no ano seguinte, após a conquista de Cartago e de todas as regiões norte-africanas que compunham o reino vândalo (*ODB II*: 1083-1084; *ODB III*: 2151-2152). Esta operação constituiu, na nossa opinião, um esforço muito bem planeado por parte de Constantinopla, integrado nos planos de reconquista do antigo Império Romano do Ocidente, uma vez que a reaquisição do Norte de África era fundamental para abastecer os exércitos em campanha, por meio da *annona*. Por outro lado, os Mauros ofereceram feroz resistência ao poder bizantino até meados do século VI (*ODB II*: 1318), o que poderá ter causado alguns problemas ao aparelho económico norte-africano e também às oficinas de TSAf D. Há boas razões, pois, para fazer crer que este período menos feliz de importações no Baixo Guadiana se deveu à instabilidade política e militar do Norte de África.

Muito mais difícil se revelou o período entre c. 550 e c. 580. As probabilidades de importação caem para menos de metade em Mértola, em relação ao intervalo de c. 530 a c. 550, e são totalmente nulas em Alcoutim. A TSAf D encontra-se em níveis nunca registados desde o início do século V, com a extinção das formas Hayes 88A,

Hayes 91B tardia, Hayes 97, Hayes 98A/B, Hayes 99A, Hayes 104A2, Hayes 12/110 e *Michigan I*, fig. 3, VII, n.º 6. As variantes Hayes 103A e B também deixam de produzir-se durante este período (c. 575). Em compensação, nenhuma forma é introduzida no Baixo Guadiana até c. 580, salvo dois fragmentos de tipos diferentes, Hayes 104C e *Atlante*, XLVI, 5. Não é expectável que tenham deixado de existir elites em *Myrtilis* durante esta época, uma vez que as epígrafes que reportam a sua existência, nos enterramentos da Basílica do Rossio do Carmo, se prolongam até ao início do século VIII (vd. DIAS, 1993: 102-138).

Mais uma vez, o problema parece ter raiz na distribuição das loiças finas, agora exclusivamente norte-africanas. Por volta de meados do século VI, c. 551 ou 552, os Bizantinos conquistaram o Levante Ibérico, fundando a província da *Spania*. Durante décadas, lutaram sem sucesso contra os Visigodos pela manutenção dos territórios ganhos, até que a sua capital, *Carthago Spartaria* (Cartagena, Espanha), foi conquistada c. 625. No seguimento desta ocupação bizantina, perguntamo-nos se os mecanismos da *annona*, aplicados à nova província, não terão desviado as loiças de mesa norte-africanas da rota do Baixo Guadiana. Um bom exemplo de uma forma zeugitana que ocorre com relativa abundância em Cartagena, mas não em Mértola, é Hayes 101. Este tipo encontra-se datado *grosso modo* da segunda metade do século VI (HAYES, 1972: 156), tendo também sido encontrado num contexto de Cartago, datado da segunda metade do século VII (*Atlante I*: 103). A sua presença em Cartagena está atestada, por exemplo, no espólio da Calle Soledad, com oito indivíduos (REYNOLDS, 2011a: 122-123). Assim, o esforço da *annona* em direcção ao Levante Ibérico – entre outros territórios bizantinos do Mediterrâneo Central e Ocidental – parece ser uma das causas a considerar doravante para a eliminação da rota do Baixo Guadiana, certamente entre outras congéneres secundárias, deslocando-se as cerâmicas finas norte-africanas para regiões sob controlo imperial, ou para localidades situadas em rotas comerciais de primeira relevância.

A introdução de algumas formas c. 580 – Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99C, Hayes 105A e Hayes 107 – não mitigou a decadência que já se fazia sentir desde c. 530 e, principalmente, desde c. 550, uma vez que aqueles morfotipos possuem fraca representação. Não é sequer muito expectável que este pequeno conjunto tenha ultrapassado os finais do século VI, devido ao seu tamanho diminuto e também à ausência de formas exclusivas do século VII, nas áreas estudadas. É bastante discutível

se alguma destas peças terá sido comercializada por mercadores oriundos dos centros produtores. Se, até meados do século VI, a presença atestada de orientais em Mértola e as consideráveis probabilidades de ocorrência de loiças finas de mesa nos permitem defender um comércio mais directo com o Mediterrâneo, controlado por agentes oriundos dos centros produtores e estabelecidos em vários pontos das rotas, o mesmo não parece ocorrer na segunda metade da centúria. Com efeito, a partir de c. 550, apenas se põe a possibilidade de ocorrência de dez formas (Hayes 91B tardia/91C, Hayes 91C, Hayes 91, *Atlante*, XLIX, 10, Hayes 99B, Hayes 99C, Hayes 103A, Hayes 103B, Hayes 105A, Hayes 107 e *Atlante*, XLVI, 5). Aquelas que só podem ter sido importadas de c. 580 em diante, deverão ter chegado a *Myrtilis* vindas de *Hispalis* ou *Gades*, numa época em que a epigrafia já não revela a presença de orientais no Baixo Guadiana.

Nos capítulos dedicados ao estudo das cerâmicas finas, não nos referimos às produções de TSAf D que Andrea Carandini estabeleceu (*Atlante I*: 78-79) e que são amplamente utilizadas por boa parte dos investigadores: D1 e D2 – para não referir D1/2, produção mal conhecida. Muito recentemente, os especialistas chegaram a um consenso que atribuíu as peças produzidas em TSAf D1 às oficinas da região de El Mahrine, ao passo que a TSAf D2 se poderia adscriver aos fabricos de Oudhna e do ainda não identificado atelier «X» (*LRFW Working Group*, 2011a: 4). Todavia, se existem casos em que a proposta de Carandini se presta a ser facilmente seguida, outros há, como os contextos que estudámos, em que algumas peças se encontram muito desgastadas, impedindo uma percepção clara, por exemplo, do brilho original do engobe. Em nossa opinião, é menos complicado identificar, em peças provenientes de escavações, os diversos tipos de produção de TSAf C – que nos parece que tende a preservar-se melhor no subsolo – do que de TSAf D. Para aumentar a confusão, encontrámos peças, como Hayes 81B, com engobe baço e pasta muito granulosa – conjugando características de D1 e D2.

Outras alternativas foram encontradas, por autores como Paul Reynolds e Michel Bonifay. O primeiro arqueólogo, ao publicar as cerâmicas finas de Benalúa (Alicante, Espanha), criou as suas próprias correspondências entre pastas e engobes, que utilizou ao longo do seu trabalho (REYNOLDS, 1987: 15). O segundo, nos seus *Études*, refere a existência de um leque muito variado de produções de TSAf D, com pastas que ordenou de D1 a D5 (BONIFAY, 2004: 48).

Não podemos estar absolutamente convictos do número de peças que corresponderão, efectivamente, às oficinas de El Mahrine. No entanto, devemos fazer breve referência às loiças que temos a firme certeza de que foram produzidas em Oudhna, devido ao bom estado de preservação do engobe. Em Alcoutim, registámos dois exemplares da forma Hayes 61A, um de Hayes 61A/B3 e um de Hayes 104A1. Em Mértola, observaram-se um fragmento da forma Hayes 91B tardia, outro de Hayes 91C, três de Hayes 94B, cinco de Hayes 98A/B, cinco de Hayes 99A, dois de Hayes 99B, um de Hayes 99A/B, dois de Hayes 103B, um de Hayes 104A1, dois de Hayes 104A2, um de Hayes 104C e um de Hayes 105A. Não acreditamos que este seja o panorama efectivo das formas produzidas em Oudhna e encontradas no Baixo Guadiana, uma vez que a percentagem de fragmentos é demasiado escassa. É nossa opinião que o estado de conservação dos engobes dificultou a percepção que tivemos acerca dos centros produtores zeugitanos e esperamos poder vir a corrigi-la no futuro, com maior grau de conhecimento.

A perspectiva quantitativa revela-nos essencialmente os movimentos económicos do Baixo Guadiana e a intensidade dos seus contactos comerciais com o Mediterrâneo Central e Oriental. Porém, uma abordagem qualitativa, em que se observem as formas que coexistem independentemente das suas frequências, fornece-nos uma óptica mais próxima do quotidiano dos indivíduos, sabendo que tipos de loiça poderiam ser encontrados em suas casas, em determinado momento. Para o estabelecimento destas fases, baseámo-nos no aparecimento e desaparecimento massivo e simultâneo de formas para determinarmos os momentos de transição. Alcoutim e Mértola apresentam um paralelismo quase completo durante o tempo em que ambas recebem importações simultaneamente, muito embora a cidade tardo-antiga tenha maior variedade do que a área rural a jusante. Este facto não deixa de ser interessante, na medida em que demonstra que o actual território de Alcoutim absorvia parte do comércio que era destinado a *Myrtilis* e era na dependência desta cidade, ponto terminal da rota fluvial do Guadiana, que recebia ou deixava de receber cerâmicas finas.

Registe-se, neste âmbito do quotidiano, a presença de três fragmentos de TSAf D que apresentam orifícios pós-cozedura que serviram para reparação dos mesmos. Trata-se de um aspecto muito importante, uma vez que parece revelar falta de poder económico ou insuficiências graves no abastecimento de loiças finas a determinadas localidades ou regiões (cf. PEÑA, 2007: 248-249). A forma Hayes 61A/B3, em

Alcoutim, e a forma Hayes 104A1, em Mértola, que são as que apresentam orifícios para reparação, localizam-se cronologicamente em momento pouco anterior ao início da ruptura das importações nos respectivos arqueossítios. Por essa razão, as deficiências de abastecimento sugeridas por Peña parecem-nos ser a causa deste fenómeno. Em relação à taça Hayes 99A/B cujo lábio foi polido, acreditamos, seguindo o mesmo autor (*ibidem*: 197-200), que poderá ter sofrido uma alteração de funcionalidade cujas motivações não compreendemos, porque não conhecemos o contexto de uso do artefacto.

As motivações para a existência desta rota são o maior mistério da nossa dissertação. Concordamos com Carlos Fabião (2009: 35-36) quando este arqueólogo sugere que a rota do Guadiana, com ponto terminal em *Myrtilis*, serviria, em primeiro lugar, para abastecer *Pax Iulia* e suportar a redistribuição que a antiga capital conventual fazia em seu redor. Poderia, segundo o mesmo autor, ter servido de porto a *Emerita*, ainda capital provincial. No entanto, ainda não foram sistematizadas evidências materiais que apontem neste sentido, já que a actual Beja nunca foi estudada deste ponto de vista.

Não é possível, no entanto, ignorar várias situações paralelas entre *Emerita* e *Myrtilis* que se reportam à epigrafia grega do século VI. María Paz de Hoz alertou para a proximidade dos formulários de ambas as cidades tardo-antigas, para o seu decalque dos textos epigráficos latinos da época e sugeriu uma origem minor-asiática para a comunidade oriental instalada nas duas localidades através do gentílico C [ C/ ] C [ C, «libisindeu», que se reportaria a uma localidade da Ásia Menor, provavelmente chamada *Libisinda*, que ainda não foi encontrada (DE HOZ, 2007: 483-485; 486, n. 12). A contribuição de Miguel Valério e do autor desta tese para a discussão, atrás resumida no capítulo VII, comprovou que os libisindeus seriam originários do Sul ou Sudoeste da Anatólia e que existiriam comprovadamente dois – o diácono Sambácio (*Emerita*) e o leitor Eutiques (*Myrtilis*) – e hipoteticamente um outro – o presbítero Patrícis (*Myrtilis*). Concluímos também que uma elite religiosa oriental dominou ambas as dioceses entre c. 530 e c. 570, com os bispos Paulo e Fidel em *Emerita* e o bispo Apríngio em *Pax Iulia* (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

No entanto, para o caso de Mértola, o episcopado de Apríngio em Beja corresponde ao início do período de decadência das importações e da já completa

ausência de TSFT. Não existem, no Baixo Guadiana, peças como Hayes 5B ou Hayes 9, que poderiam ocupar partes deste intervalo de quatro décadas (cf. HAYES, 1972: 339, 342). Não conseguimos explicar esta aparente contradição, mas também não acreditamos que o estudo das ânforas orientais tardo-antigas possa vir a trazer algum contributo cronológico relevante, visto que as suas datações costumam ser mais latas do que as das cerâmicas finas.

As razões para o estabelecimento da rota do Guadiana estão por explicar. As suas raízes parecem remontar à Proto-História (séculos VI a IV a.C.), quando as cerâmicas áticas eram distribuídas por territórios ao longo do curso do rio, mesmo para além do Pulo do Lobo, por onde é sabido que nenhum barco pode passar (cf. JIMÉNEZ ÁVILA e ORTEGA BLANCO, 2006: 106-112, figs. 4, 7 y 10). Diluída durante o Período Romano, a rota renasce com importância inter-regional na Antiguidade Tardia. Existia certamente um mercado considerável para as cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais em *Myrtilis*, nos séculos V e VI, que era alimentado pelas compras das populações hispano-romanas, mais do que dos orientais ou africanos emigrados que pudessem ali residir.

A questão das contrapartidas comerciais para os mercadores mediterrânicos é que se afigura mais difícil de perceber. Pela rota do Atlântico, esperavam aceder ao estanho da *Gallaecia* e da *Britannia I*, que escasseava no Oriente (VALLEJO GIRVÉS, 1993: 13, 66; COOPER, 2000: 99-100). Felix Teichner (2007) dá conta da probabilidade de algumas fábricas, semelhantes às de preparados piscícolas, terem servido para fabricar tinta púrpura. Duas delas, Casais Velho (Areia, Cascais, Lisboa) e Cerro da Vila (Quarteira, Loulé, Faro), localizam-se na costa atlântica e podem ter atraído o comércio mediterrânico de longo curso, na Antiguidade Tardia. Para o Baixo Guadiana, todavia, só temos as minas de cobre, cuja exploração naquela época não é clara. Por outro lado, o Mediterrâneo Oriental era suficientemente rico nesse metal desde há milénios, mas não podemos esquecer que o interesse das contrapartidas comerciais não se resumia aos agentes dos centros produtores, mas também aos mercadores dos vários portos em que os navios que transportavam as cerâmicas finas para o Baixo Guadiana faziam escala. Não podemos, assim, pôr taxativamente de parte que o cobre fosse explorado nesta região e que fosse requerido por algum desses portos intermédios.

Ainda assim, à falta de comprovação explícita de mineração cúprica para estas cronologias, acreditamos que a rota do Guadiana poderia auto-sustentar-se. Quer isto dizer que o lucro da venda dos produtos orientais e norte-africanos bastaria para compensar os seus custos de produção e transporte. No artigo que co-autorámos, aludimos ao uso de túnicas de seda pelo bispo Masona de *Emerita* (fl. c. 570-c. 600) e por crianças que o acompanhavam na eucaristia pascal (vd. MARÍN, 2009: 55-56), calculando que a seda tivesse origem no Mediterrâneo Oriental e que fosse um dos produtos de luxo trazidos pelos mercadores desse mundo (FERNANDES e VALÉRIO, 2012, entregue para publicação).

No entanto, não podemos igualmente pôr de parte um hipotético comércio de vinhos de elevada qualidade e preço, como seriam alguns vinhos do Mediterrâneo Oriental. Já Plínio, o Velho (23-79), louvava o vinho da *Cilicia* como o segundo melhor vinho de passas do Oriente (cf. *Nat. Hist.*, 14. 81) e sabemos que, não obstante a grande insistência das fontes escritas acerca de vinhos como os de Gaza, Quios, Chipre, Samos e Sarepta, o vinho da *Cilicia* era muito apreciado nos mercados tardo-antigos do Ocidente (PIERI, 2002: 15; DECKER, 2009: 239). São igualmente conhecidas as referências de Santo Isidoro de Sevilha (fl. c. 600-636), nas suas *Etymologiae* (XX, VI, 6), às «*Cilicises*», contentores de vinho da *Cilicia*, que não se tratariam de outro material que as *Late Roman Amphorae*<sup>15</sup> 1, as quais se sabe que se produziram naquela região e em áreas próximas (PIERI, 2007: 5). Infelizmente, por razões de dimensão da presente tese, não nos foi possível ainda estudar as ânforas orientais presentes em Mértola. No entanto, sabe-se que na região de Beja, servida pelo porto tardo-antigo de *Myrtilis*, mais concretamente na *villa* do Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira, Beja), foi descoberto um fragmento de ânfora LRA 1B (PINTO e LOPES, 2006: 208, 210), normalmente recolhida em níveis dos séculos VI e VII (BONIFAY e PIERI, 1995: 108). Deste modo, a vinda de vinho oriental de grande qualidade e preço para o Baixo Guadiana e para o antigo *Conventus Pacensis*, durante a Antiguidade Tardia, é uma hipótese que ganha força considerável.

Assim, julgamos que não pode pôr-se de parte a opção deste comércio de luxo, baseado em elites eclesiásticas e leigas, do qual a venda de cerâmicas finas seria apenas um aspecto de maior abrangência social. De qualquer modo, a venda destas loiças não deveria justificar por si só a presença de agentes oriundos dos centros produtores, que

---

<sup>15</sup> Doravante, LRA.



parece ter sido o que sucedeu até meados do século VI – lembremos a comunidade de orientais, alguns dos quais minor-asiáticos, instalada em *Myrtilis* por essa altura.

Por volta de 550, a nova conjuntura da *annona*, necessária para a recém-criada província da *Spania*, entre outras regiões conquistadas pelos Bizantinos, deve ter motivado o encerramento de rotas auto-sustentadas, como a do Guadiana. A juntar a este facto, é bastante possível que o bispo Apríngio de *Pax Iulia* já não estivesse vivo nesta época, uma vez que o seu ministério tem sido associado ao reinado do visigodo Teudis (531-548), de quem terá sido perceptor. Perguntamo-nos se a saída deste clérigo da cátedra episcopal poderá ter motivado um decréscimo do comércio de luxo pela rota do Guadiana, que, aliado à nova pressão económica causada pela *annona*, terá feito desaparecer também o comércio de «semi-luxo», no qual as cerâmicas finas orientais e africanas ocupariam, certamente, papel de destaque.

A nossa dissertação permitiu-nos, entre outras coisas, contactar mais profundamente com a investigação nacional e internacional sobre cerâmicas finas tardo-antigas produzidas no Mediterrâneo. A primeira noção que uma reflexão atenta e ponderada nos transmite é a de que, na maioria dos casos, a investigação internacional tem vindo a focar-se, desde a publicação do *Late Roman Pottery* (1972), no Mediterrâneo Central e Oriental. Têm sido os centros de consumo dessas regiões (Atenas, Antioquia, Constantinopla/Istambul, Cartago, Marselha, Roma, entre muitos outros de menor dimensão), bem como as oficinas de produção, a fornecer elementos cronológicos capazes de proporcionar datações a cada uma das formas de cerâmica fina mediterrânica tardia, especialmente no que respeita à TSAf.

Uma leitura assaz simples do *Late Roman Pottery*, que continua a ser uma referência incontornável destes estudos, leva-nos a perceber que John W. Hayes baseou muitas das datações das formas, que analisou e catalogou, na presença de numismas que lhe ofereciam *termini post quem* absolutos para os estratos em que as cerâmicas se encontravam. Quem observar a tabela anexa do segundo artigo do LRFW, da autoria de Paul Reynolds, Michel Bonifay e Miguel Ángel Cau, percebe que, dos contextos dos séculos V a VII localizados na Península Ibérica – doze, no total –, apenas dois deles, datados do segundo quartel do século V, ofereceram moedas cunhadas no final do século IV, nenhum dos quais localizado no actual Portugal (vd. *LRFW Working Group*, 2011: 28-31).

Em contrapartida, se procurarmos contextos em Itália, na mesma tabela e para o mesmo período, ocorrem dez contextos, dos quais quatro apresentam datações monetárias – muito embora uma delas date uma possível reposição. O caso da actual França ainda se apresenta mais evidente, ocorrendo treze contextos, dos quais seis possuem datações numismáticas. Em relação ao Mediterrâneo Oriental, se considerarmos apenas o caso de Beirute, actual Líbano, seis em sete contextos apresentam *termini post quem* fornecidos por moedas, nos séculos V e VI. Se observarmos o actual território turco, temos três em quatro contextos presentes na tabela que são datados com recurso a numismas (LRFW Working Group, 2011: 28-31).

Recorde-se, recorrendo a Richard Reece (2011), o papel da numismática na Arqueologia Tardo-Antiga: fornecer *termini post quem* aos estratos nos quais as moedas se encontram depositadas, limites esses que serão tão mais fiáveis quanto menos valor intrínseco tiverem os numismas em causa. Trata-se também, acrescentamos nós, de um método de datação absoluta relativamente barato, sendo que é somente preciso limpar as peças, de modo a termos leituras nítidas das suas datas de cunhagem – nos casos em que tal procedimento é possível.

Ora em Portugal, a partir de finais do século IV ou inícios do século V, estes artefactos são escassos. Se atendermos aos numismas de baixo valor intrínseco, o *pentanummius* encontrado dentro de um tanque de salga da Casa do Governador da Torre de Belém é apontado por Carlos Fabião (2009: 27-28) como sendo um achado sem par no nosso território, a primeira moeda romana oriental descoberta estratigraficamente que terá resultado de perda ocasional. Numa região onde as moedas são escassas e, mais importante, onde a circulação monetária parece não se ter renovado desde inícios do século V, há que equacionar modos de datar os descartes independentemente das cronologias tipológicas aferidas no Mediterrâneo Central e Oriental – uma vez que há ocorrências de peças, na Península Ibérica, em estratos bem posteriores àqueles que corresponderiam às suas datações canónicas (cf. GONZÁLEZ LÓPEZ, 2007: 224; OSLAND, 2011: 306<sup>16</sup>).

---

<sup>16</sup> Nenhum dos autores citados a este propósito mencionou a possibilidade de uma maior duração do uso das cerâmicas finas tardo-antigas provenientes do Mediterrâneo. O certo é que, no caso do texto de Miguel Ángel González López, na porção que citámos, demonstra-se a ocorrência de fragmentos da forma Hayes 3C de TSFT em contextos datados do último quartel do século VI, quando a cronologia do *Late Roman Pottery* privilegia o período entre c. 460-c. 475 (HAYES, 1972: 337). Daniel Osland (2011: 314), por seu turno, refere a importância de não confiar cegamente nas datações das importações para conferir cronologias a sítios, porque se observam cerâmicas mais antigas em contextos bastante mais

A nossa proposta passa pela utilização de datações químicas. Têm de ser aplicados métodos que sirvam para datar os estratos, já que as cerâmicas neles presentes terão sempre cronologia de época mais recuada. Aquele que nos ocorre instantaneamente, sendo o mais popular para contextos holocénicos, é a datação por radiocarbono ( $^{14}\text{C}$ ). Esta pode ser aplicada até c. 50000 B.P., abrangendo obviamente a Antiguidade Tardia, e pode constituir uma ferramenta muito útil para substituição das datações numismáticas, uma vez que é um método que tem sido aperfeiçoado e que tem sido aplicado há várias décadas, tratando-se talvez do menos dispendioso de todos os seus congéneres. Não conhecemos nenhum arqueossítio tardo-antigo, em Portugal ou no estrangeiro, em que estes métodos de análise tenham sido utilizados com vista a perceber ritmos de descarte de cerâmicas finas. Em projectos com financiamentos que o permitam e quando existam contextos estratigráficos que justifiquem tais metodologias de datação, julgamos que deverá ser uma variável a ter em conta, principalmente em áreas periféricas que receberam produtos mediterrânicos durante a Antiguidade Tardia – como a Península Ibérica e as actuais França (parte setentrional) e Inglaterra.

Havendo falta de liquidez para aplicar a datação por radiocarbono – tendo em conta que estas carências são cada vez mais frequentes na actual conjuntura económica mundial –, tem de privilegiar-se a estratigrafia, embora sem o valioso auxílio das moedas. É claro que este método de datação relativa não pode dizer-nos quando é que as peças foram descartadas, mas poderá ser capaz de nos dar a percepção de que formas terão pervivido mais tempo, em contextos de deposição primária e com um número considerável de peças. No caso do Bairro da Alcáçova de Mértola, como vimos, a estratigrafia não conseguiu datar os descartes.

Outra vertente da investigação que é preciso desenvolver, segundo acreditamos, é o estudo das colecções museológicas provenientes de prospecções e escavações, de que esta dissertação pretende ser um exemplo. Se há aprendizagem que retirámos do nosso trabalho, é a de que existem expressivas colecções de cerâmicas finas mediterrânicas e outros materiais datáveis da Antiguidade Tardia que estão por estudar, guardados em reservas de museus. Os materiais arqueológicos deste tipo que se encontram no território actualmente português necessitam, pois, de ser estudados, ainda

---

recentes, mas não apresenta justificação para essas ocorrências, podendo tratar-se de deposições secundárias. Há que equacionar seriamente, na nossa opinião, durações bastante prolongadas para a vida destas peças de «semi-luxo», na Península Ibérica – em especial, para cerâmicas finas do Mediterrâneo Oriental, mais raras.

que apenas do mesmo modo que nesta dissertação – ou seja, através do recurso às tipologias baseadas no Mediterrâneo Central e Oriental.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES

- *Chronicon* = HYDATIVS (1974) – *Chronique* (ed. A. TRANOY), in *Sources Chrétiennes*, 218, Tome 1, Les Éditions du Cerf, Paris.
- *Etymologiae* = ISIDORVS HISPALENSIS (1911) *Etymologiarum sive originum libri XX* (ed. W. M. LINDSAY), Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, 2 vol., Oxford.
- JOHANNES RVFVS (2008) – *The lives of Peter the Iberian, Theodosius of Jerusalem, and the Monk Romanus* (ed. C. B. HORN e R. R. PHENIX Jr.), *Writings from the Greco-Roman World*, vol. 24, Society of Biblical Literature, Atlanta.
- LIBANIVS e BRADBURY = BRADBURY, Scott. (ed.) (2004) – *Selected letters of Libanius: from the age of Constantius and Julian*, Liverpool University Press, Liverpool.
- *Nat. Hist.* = GAIVS PLINIVS SECVNDVS (1906) – *Naturalis Historia* (ed. K. F. T. MAYHOFF), Lipsiae, Teubner.

### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; e MAYET, Françoise (1990) – *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Diffusion de Bocard, Paris.
- ALARCÃO, Jorge de (2009) – “Portos e faróis romanos do Atlântico português”, in *Torre de Hércules: finis terrae lux. Simposio sobre os faros romanos e a navegação occidental na antigüidade / Simposio sobre los faros romanos y la navegación occidental en antigüedad*, *Brigantium*, vol. 20, pp. 109-114.
- *Atlante I* (1981) = *Atlante delle forme ceramiche, I. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*, *Enciclopedia dell’arte antica classica e orientale*, Ist. Enciclopedia Italiana, Roma.
- BATS, Michel (1988) – *Vaisselle et alimentation à Olbia de Provence (v. 350-v. 50 av. J.C.). Modèles culturels et catégories céramiques*, suplemento n.º 18 da *Révue Archéologique de Narbonnaise*, CNRS, Paris.
- BENDALA GALÁN, Manuel (1972) – “Los llamados «Columbarios» de Mérida”, *Habis* 3, 223-254.
- BEAUCAMP, Joëlle (1992) – *Le statut de la femme à Byzance (4e - 7e siècle): Le droit impérial. Vol II. Les pratiques sociales*, Éditions de Bocard, Paris.
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*, BAR International Series, 1301, Oxford.
- BONIFAY, Michel; e PIERI, Dominique (1995) – “Amphores du Ve au VIIe s. à Marseille: nouvelles données sur la typologie et le contenu”, *Journal of Roman Archaeology* 8, pp. 94-120.
- BOURGEOIS, Ariane; e MAYET, Françoise (1991) – *Belo VI: Les sigillées – Fouilles de Belo*, Collection de la Casa de Velázquez, n.º 34, Casa de Velázquez, Madrid.

- CARDOSO, João Luís; e GRADIM, Alexandra (2004) – Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 22, pp. 67-112.
- CATARINO, Helena (1997-1998) – “O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – Povoamento e recintos fortificados”, 3 vols., *Al-'Uly*, n.º 6, Câmara Municipal de Loulé, Loulé.
- CATARINO, Helena (2005-2006) – “Formas de ocupação rural em Alcoutim (séculos V-X), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, Universidade Autónoma de Madrid, Madrid, pp. 117-136.
- COELHO, Luís; DIAS, Maria Manuela Alves; e TORRES, Cláudio (1993) – “Epitáfio grego paleocristão, Mértola”, *Ficheiro Epigráfico* 42 (suplemento de *Conimbriga*), n.º 185, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- COOPER, Harold. K. (2000) – *Analysis of Late Roman-Byzantine Copper Alloy Artifacts from Northern Jordan*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Arkansas.
- COUTINHO, Hélder (1997) – *Terra sigillata clara do Montinho das Laranjeiras – 1990-1991*, Câmara Municipal de Alcoutim, Alcoutim.
- DE HOZ, María Paz (2007) – “Las inscripciones griegas como testimonio de la presencia de orientales en la Mérida Visigoda”, in *Munus quaesitum meritis: homenaje a Carmen Codoñer (Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos, 316)* (eds. G. HINOJO e J. C. FERNÁNDEZ CORTE), Edições Universidade de Salamanca, Salamanca, pp. 481-490.
- DELGADO, Manuela (1988) – “Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal”, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n.º 5, pp. 35-49.
- DELGADO, Manuela (1992) – “Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente”, *Arqueologia Medieval*, I, Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento, Mértola/Porto, pp. 125-133.
- DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; e MOUTINHO DE ALARCÃO, Adília (1975) – *Fouilles de Conimbriga, vol. IV – Les sigillées*, Diffusion de Boccard, Paris.
- DECKER, Michael (2009) – “Export wine trade to West and East”, in *Byzantine Trade, 4<sup>th</sup>-12<sup>th</sup> centuries. The Archaeology of local, regional and international exchange* (ed. M. M. MANGO), Ashgate Publishing, Abington-Oxn, pp. 239-252.
- DIAS, Maria Manuela Alves (1993) – “Epigrafia”, in *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã* (coords. Cláudio TORRES e Santiago MACIAS), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 102-138.
- DIAS, Maria Manuela Alves (coord.); GASPAS, Catarina; e MOTA, Bernardo (2001) - *Inscrições Gregas*, col. Epigrafia do território português, vol. II, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa.
- DIOGO, António Manuel Dias; e TRINDADE, Laura (1999) – “Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do

- teatro romano de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 2, n.º 2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 83-94.
- ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Yasmine; e MAYET, Françoise (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*, Diffusion de Bocard, Paris.
  - FABIÃO, Carlos (2009) – “O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanumium* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, n.º 4, Núcleo de Investigação Arqueológica – ERA Arqueologia S.A. (revista online), pp. 25-50.
  - FERNANDES, Edgar; e VALÉRIO, Miguel (2012, entregue para publicação) – *Comunidades helenógrafas en la Lusitania visigoda (s. VI)*.
  - FULFORD, Michael G. (1983) – “Pottery and the Economy of Carthage and its Hinterland”, *Opus*, II, pp. 5-14.
  - FULFORD, Michael G.; e PEACOCK, David P. S. (1984) – *Excavations at Carthage: The British Mission, vol. 1 (ii). The Avenue du Président Habib Bourguiba, Salammbô: The pottery and other ceramic objects from the site*, Sheffield.
  - GARCÍA MORENO, Luis Agustín (1972) – “Colonias de comerciantes orientales en la Península Ibérica: s. V-VII”, *Habis* 3, pp. 127-154.
  - GARCÍA VARGAS, Enrique (2011) – “Oriental trade in the Iberian Peninsula (4th-7th centuries AD) – An archaeological perspective”, *New Perspectives on Late Antiquity*, Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne, pp. 76-117.
  - GONZÁLEZ LÓPEZ, Miguel Ángel (2007) – “Vajillas de importación no africanas en el Noreste Peninsular (S. V-VII). Distribución y tipocronología”, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 80, 207-238.
  - HAWTHORNE, John (1998) – *African Red Slip Ware in the Western Mediterranean. An economic and demographic reappraisal*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Southampton.
  - HAYES, John W. (1972) – *Late Roman Pottery*, The British School at Rome, Londres.
  - HAYES, John W. (1997) – *Handbook of Mediterranean Roman Pottery*, University of Oklahoma Press, Oklahoma.
  - HIDALGO MARTÍN, Luis Ángel; e de HOZ, María Paz (2006) – “Placa-relieve con inscripción grecolatina descubierta en Mérida: homenaje póstumo a un posible gobernador de la Lusitania”, *Mérida excavaciones arqueológicas 2003*, 9, 537-559.
  - INÁCIO, Isabel (2005) – *A necrópole de Vale de Condes. Alcoutim no contexto da antiguidade tardia do Algarve*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
  - JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; e ORTEGA BLANCO, José (2006) – “El comercio griego en Extremadura (ss. VI-IV a.C.)”, *Revista de Estudios Extremeños* 62/1, pp. 105-139.

- LOPES, Virgílio (1993) – “Materiais Arqueológicos”, in *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã* (coords. Cláudio TORRES e Santiago MACIAS), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 66-101.
- LOPES, Virgílio (2004) – *Mértola na Antiguidade Tardia – A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- LOPES, Virgílio (2008) – A arquitectura e os mosaicos do complexo baptismal de Mértola, *Revista de História da Arte*, n.º 6, pp. 33-41.
- LOPES, Virgílio; e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2008) – “O mausoléu da Antiguidade Tardia em Mértola”, *Revista de História da Arte*, n.º 6, pp. 278-279.
- LRFW Working Group (2011) – “Key contexts for the dating of late Roman Mediterranean fine wares: a preliminary review and ‘seriation’ (texto de Paul REYNOLDS, Michel BONIFAY e Miguel Ángel CAU), in *LRFW I. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 15-32.
- LRFW Working Group (2011a) – “An initiative for the revision of late Roman fine wares in the Mediterranean (c. AD 200-700): The Barcelona ICREA/ESF Workshop (texto de Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), in *LRFW I. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 1-13.
- MACIAS, Santiago (1993) – “Um espaço funerário”, in *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã* (coords. Cláudio TORRES e Santiago MACIAS), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 30-65.
- MACIAS, Santiago (2006) – *Mértola – O último porto do Mediterrâneo*, em três volumes, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MACIEL, Manuel Justino (1994) – “A villa romana fluvial do Montinho das Laranjeiras, junto ao Guadiana (Algarve) – Escavações de 1991”, in *Encuentro Nacional de Arqueología del Suroeste*, Huelva, pp. 347-363.
- MACIEL, Manuel Justino (2000) – “Do romano ao islâmico: as escavações de 1997 no Montinho das Laranjeiras (Algarve)”, in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 6, Porto, pp. 657-668.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia (2010) – *A terra sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contextos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MAIA, Maria Garcia Pereira (1974) – “Cerâmica fina oriental de Tróia de Setúbal: «Late Roman C Ware»”, in *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Ministério da Educação – Junta Nacional da Educação, Porto, pp. 333-341.
- MARÍN RIVEROS, José (2009) – “Noticias bizantinas en España. El caso de San Isidoro de Sevilla”, *Temas Medievales* 17, 37-67.



- MARTIN, Thierry (2005) – “Sigillées claires africaines à motifs chrétiens du dépotoir portuaire de l'anse Gerbal à Port-Vendres (Pyrénées-Orientales)”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 39, pp. 133-140.
- MARTINDALE, John R. (1980) – *The Prosopography of the Later Roman Empire. Volume II (A.D. 395-527)*, Cambridge University Press, Cambridge-Londres-Nova Iorque-Melbourne-Sydney.
- MATEUS, Rui (2004) – *Políticas de salvaguarda do centro histórico de Mértola: contributos para a construção de um modelo operativo para a sua gestão*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Évora.
- MATTOSO, José (2006) – “As histórias do Poder”, in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), *Volume II – Antes de Portugal*, 2.<sup>a</sup> edição, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, pp. 15-31.
- McCLINTOCK, John; e STRONG, James (1894) – *Cyclopædia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, vol. 11, Harper & Brothers, Nova Iorque.
- *ODB I-III* = KAZHDAN, Alexander (ed.) (1991) – *The Oxford Dictionary of Byzantium*, 3 volumes, Oxford University Press, Oxford.
- OSLAND, Daniel K. (2011) – *Urban Change in Late Antique Hispania: The Case of Augusta Emerita*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Cincinnati.
- PALMA, Maria de Fátima (2009) – *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Huelva.
- PEÑA, J. Theodore (2007) – *Roman Pottery in the Archaeological Record*, Cambridge University Press, Inglaterra/Estados Unidos da América.
- PEREA YÉBENES, Sabino (1995) – “Epígrafe griego de Tavira (CIL II 5171; IG XIV 2542) ¿Una familia paleocristiana?”, *Conimbriga* 34, 169-183.
- PIERI, Dominique (2002) – “Marchands orientaux dans l'économie occidentale de l'Antiquité Tardive”. Manuscrito publicado in *Vivre, produire et échanger: reflets méditerranéens. Mélanges offerts à Bernard Liou* (eds. L. RIVET e M. SCIALLANO), Montagnac (*Archéologie et Histoire romaine* 8), pp. 123-132. [Versão de 26 de Maio de 2008, disponível através da seguinte ligação: <http://hal.inria.fr/docs/00/28/22/37/PDF/DPieriHomLiou.pdf>]
- PIERI, Dominique (2007) – “Les centres de production d'amphores en Méditerranée Orientale durant l'Antiquité Tardive: quelques remarques”. Manuscrito publicado in *LRCW2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (eds. M. BONIFAY e J.-C. TRÉGLIA), Archaeopress, Oxford, pp. 611-625. [Versão de 26 de Maio de 2008, disponible em: <http://hal.inria.fr/docs/00/28/19/39/PDF/DPieriLRCW2.pdf>]
- PIRENNE, Henri (2009) – *As Cidades da Idade Média* (trad. Carlos Montenegro Miguel), Coleção Saber, 6.<sup>a</sup> edição, Publicações Europa-América, Mem Martins.
- PINTO, Inês Vaz; e LOPES, Conceição (2006) – “Ânforas das villae romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha

- (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora)”, in *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet* (dir. Carlos Tavares da SILVA e Joaquina SOARES), *Setúbal Arqueológica* 13, pp. 197-224.
- PROTOCOLO DE BEUVRAY (1998) – “Protocole de quantification des céramiques”, in *La quantification des céramiques. Conditions et protocole* (dir. P. ARCELIN; M. TUFFREAU-LIBRE), Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray, (Bibactre, 2), Glux-en-Glenne, pp. 141-157.
  - QUARESMA, José Carlos (2009) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados* (Mirobriga?). Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
  - RAMOS, Ana Cristina; LAÇO, Teresa; ALMEIDA, Rui; e VIEGAS, Catarina (2007) – “Les céramiques communes du VIe S. du complexe industriel de salaisons de poisson de Lagos (Portugal), in *LRCW2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean – Archaeology and Archaeometry* (eds. Michel BONIFAY e Jean-Christophe TRÉGLIA), Archaeopress, Oxford, pp. 85-98.
  - REECE, Richard (2011) – “Coins, pottery and the dating of assemblages”, in *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 45-47.
  - REYNOLDS, Paul (1987) – *El yacimiento tardorromano de Lucentum (Benalúa-Alicante): las cerámicas finas*, Catálogo de fondos del Museo Arqueológico (II), Diputación Provincial de Alicante, Alicante.
  - REYNOLDS, Paul (1995) – *Trade in the Western Mediterranean, AD 400-700. The ceramic evidence*, BAR International Series, 604, Oxford.
  - REYNOLDS, Paul (2011) – “Fine wares from Beirut contexts, c. 450 to the early 7th century”, in *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 207-230.
  - REYNOLDS, Paul (2011a) “A 7th century pottery deposit from Byzantine Carthago Spartaria (Cartagena, Spain)”, in *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 99-127.
  - RIBEIRO, José Cardim (2002, 260) – “Monumento funerário, em forma de ara, de Tatianós, filho de Eúenos e de Antiocheís”, in *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa* (coord. Luís RAPOSO), Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 529-530.

- RODÁ, Isabel (1988) – “Un epígraf grec de Villaricos”, in *Fonaments. Prehistòria i Món Antic als Països Catalans* (eds. Marc MAYER e Isabel RODÁ), 7, Barcelona, pp. 213-233.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos (1972) – *Arqueologia Romana do Algarve* (dois volumes), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- SILVA, Carlos Tavares da; e SOARES, Joaquina (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.
- TEICHNER, Felix (2007) – “Casais Velho (Cascais), Cerro da Vila (Quarteira) y Torreblanca del Sol (Fuengirola): ¿Factorías de transformación de salsas y salazones de pescado o de tintes?”, *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*, BAR International Series, 1686, Oxford, 117-125.
- TORALLAS TOVAR, Sofía (2004) – “El hábito monástico oriental y su adaptación en Hispania”, in *Bizancio y la Península Ibérica. De la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna* (eds. Inmaculada PÉREZ MARTÍN e Pedro BÁDENAS DE LA PEÑA), CSIC, Madrid, pp. 155-164.
- TORRES, Cláudio (1993) – “Um tempo religioso”, in *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã* (coords. Cláudio TORRES e Santiago MACIAS), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 24-29.
- TORTORELLA, Stefano (1998) – “La sigillata africana in Italia nel VI e nel VII secolo d.C.: problemi di cronologia e distribuzione”, in *La ceramica in Italia: VI-VII secolo: atti del convegno in onore di John W. Hayes* (ed. Lucia SAGUI), Florença, pp. 41-69.
- VALLEJO GIRVÉS, Margarita (1993) – *Bizancio y la España tardoantigua (ss.V-VIII). Un capítulo de la historia mediterránea*, Memorias del Seminario de Historia Antigua IV, Universidade de Alcalá de Henares, Alcalá de Henares.
- VÁZQUEZ DE LA CUEVA, Ana (1985) – *Sigillata africana en Augusta Emerita*, col. Monografías Emeritenses, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida.
- VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1880) – *Antiguidades de Mértola observadas em 1877 e relatadas*, Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIEGAS, Catarina (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Economia, comércio e cerâmica*, Trabalhos de Arqueologia, n.º 26, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- VIEGAS, Catarina (2009) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2009) – *La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica*, Col. Antigüedad y Cristianismo, Volume XXIV, Murcia.
- WARD-PERKINS, Bryan (2006) – *A Queda de Roma e o Fim da Civilização* (trad. Inês Castro), Alêtheia Editores, Lisboa.
- ZANINI, Enrico; e COSTA, Stefano (2011) – “Ceramica e contesti nel Quartiere Bizantino del Pythion di Gortina (Creta): alla ricerca della ‘complessità’ nella

datazione”, in *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology – A review of the evidence, debate and new contexts* (eds. Miguel Ángel CAU, Paul REYNOLDS e Michel BONIFAY), Archaeopress, Oxford, pp. 33-44.

## ANEXO ICONOGRÁFICO



FIG. 1 – LOCALIZAÇÃO DE ALCOUTIM E MÉRTOLA NA PENÍNSULA IBÉRICA  
(ADAPTADO DO GOOGLE MAPS)



FIG. 2 – DISTÂNCIAS ENTRE O MONTINHO DAS LARANJEIRAS E O ÁLAMO (CMP 583).



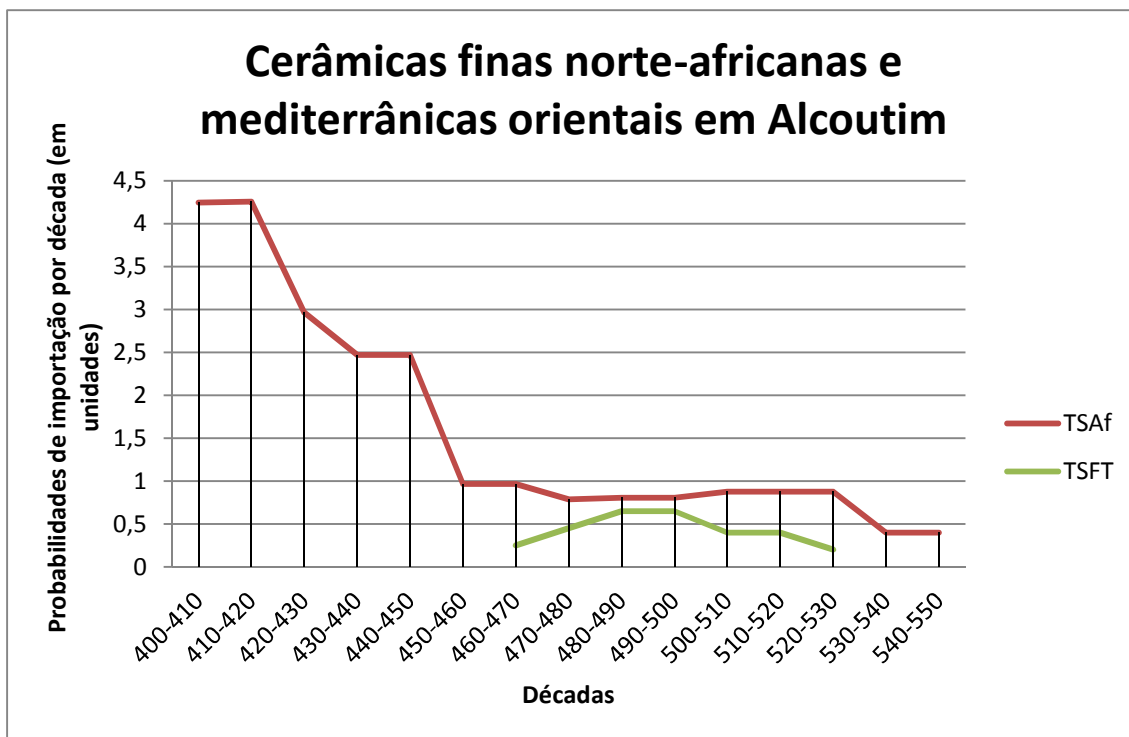


FIG. 3 – PROBABILIDADES DE IMPORTAÇÃO DE CERÂMICAS FINAS NORTE-AFRICANAS E MEDITERRÂNICAS ORIENTAIS NO ACTUAL CONCELHO DE ALCOUTIM.



FIG. 4 – MÉRTOLA, O GUADIANA E O TERRITÓRIO ENVOLVENTE (CMP 558).



FIG. 5 – PLANTA GERAL DOS ARQUEOSSÍTIOS ESTUDADOS EM MÉRTOLA: BIBLIOTECA MUNICIPAL E BAIRRO DA ALCÁÇOVA (GENTILMENTE CEDIDA POR VIRGÍLIO LOPES, A PUBLICAR NO LIVRO *MUSEU DE MÉRTOLA – CASA ROMANA*).

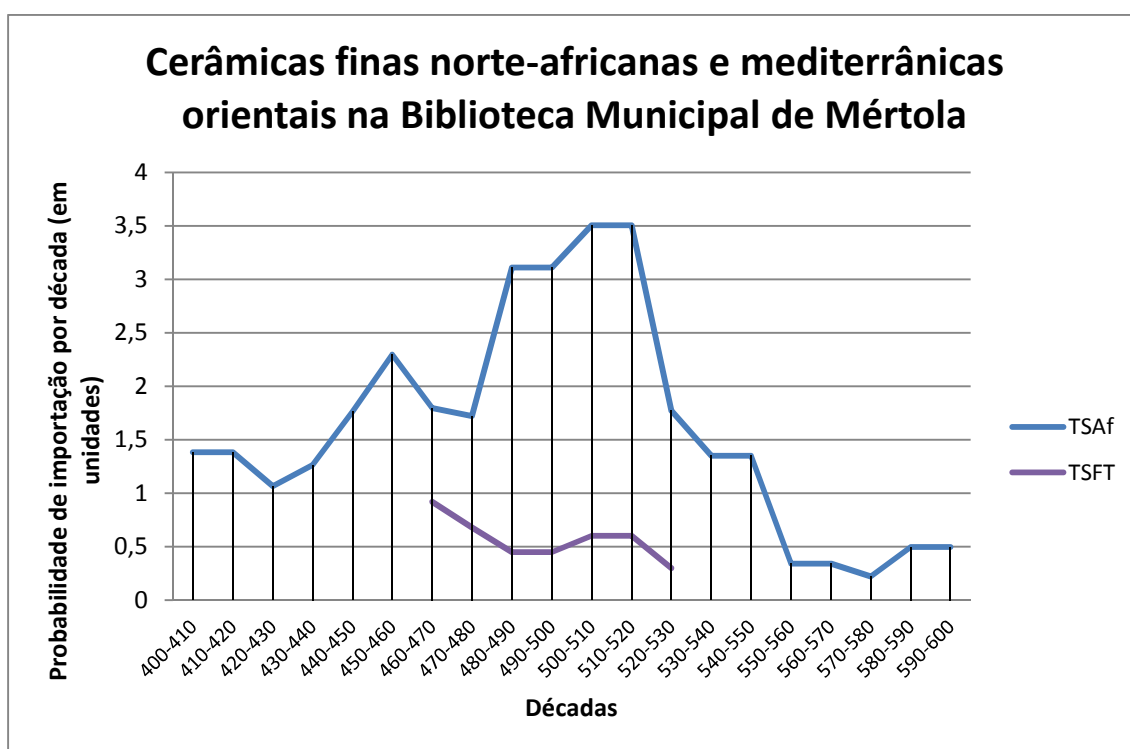


FIG. 6 – PROBABILIDADES DE IMPORTAÇÃO DE CERÂMICAS FINAS NORTE-AFRICANAS E MEDITERRÂNICAS ORIENTAIS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOLA.

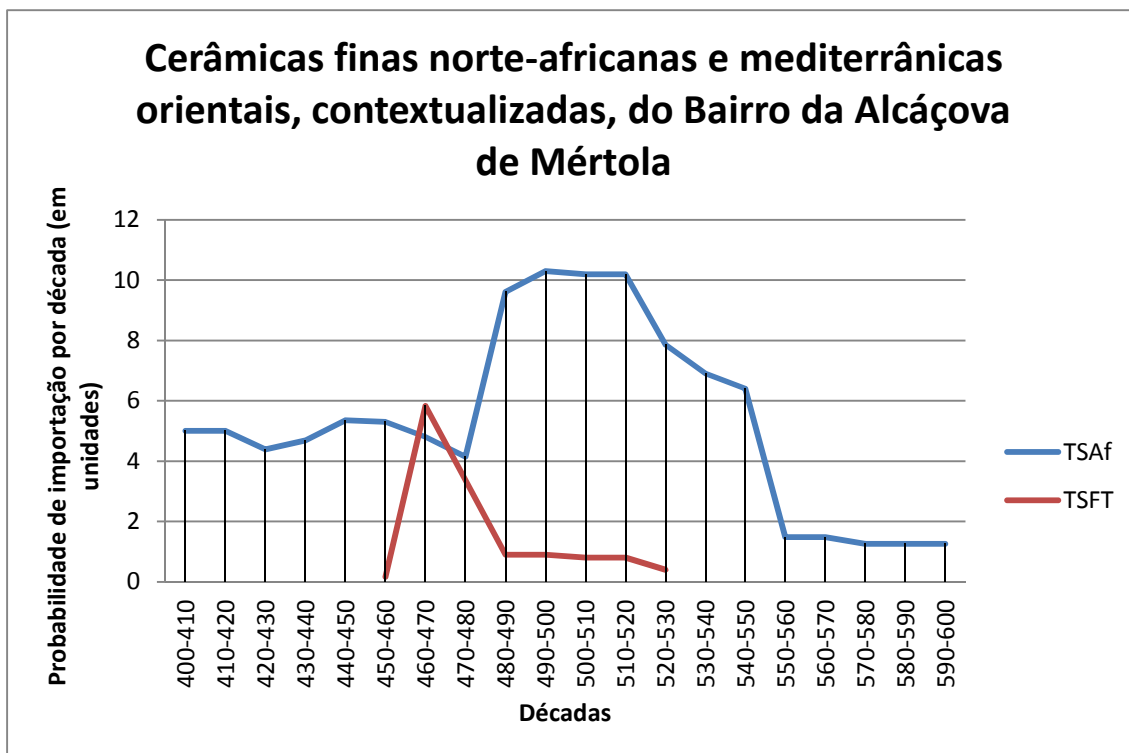


FIG. 7 – PROBABILIDADES DE IMPORTAÇÃO DE CERÂMICAS FINAS NORTE-AFRICANAS E MEDITERRÂNICAS ORIENTAIS, CONTEXTUALIZADAS, NO BAIRRO DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA.

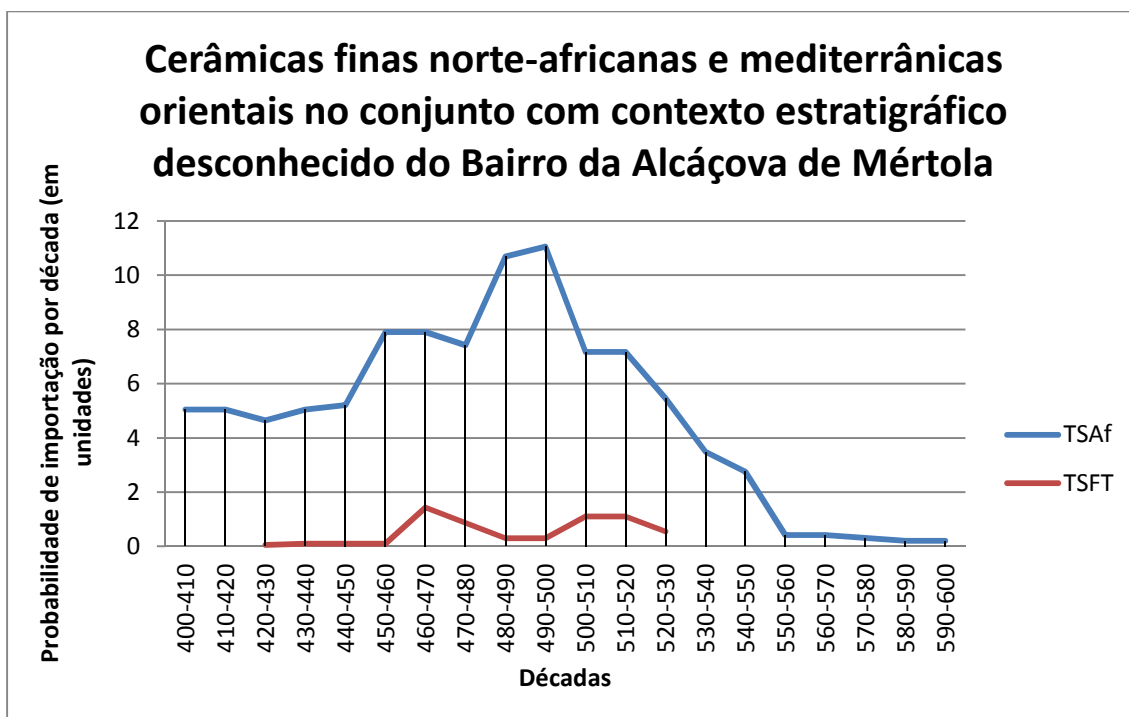


FIG. 8 – PROBABILIDADES DE IMPORTAÇÃO DE CERÂMICAS FINAS NORTE-AFRICANAS E MEDITERRÂNICAS ORIENTAIS, SEM CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO CONHECIDO, NO BAIRRO DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA



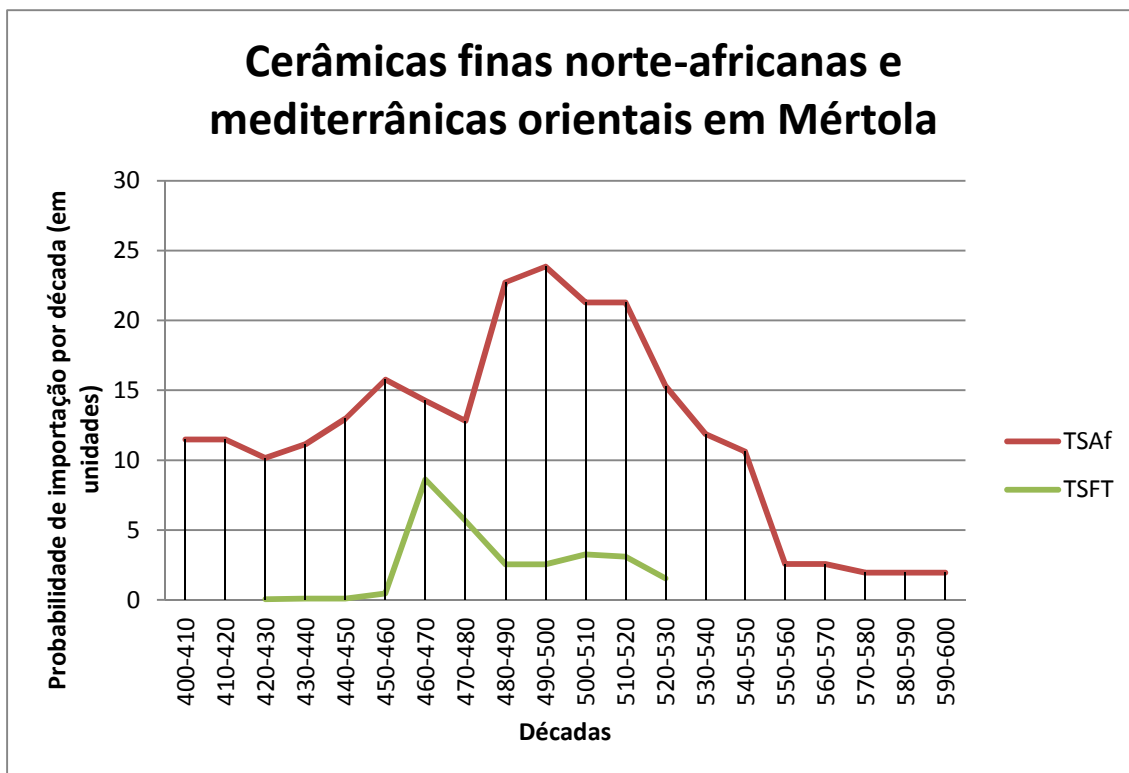


FIG. 9 – PROBABILIDADES DE IMPORTAÇÃO DE CERÂMICAS FINAS NORTE-AFRICANAS E MEDITERRÂNICAS ORIENTAIS NO ACTUAL CONCELHO DE MÉRTOLA.

## DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DO CONCELHO DE ALCOUTIM

### **MONTINHO 90 C-17-4 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, que se apresenta em aba plana, com uma canelura mais exterior e um ressalto mais interior. O seu lábio é de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta de cor laranja clara (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é cor de laranja rosado (10R 6/8), escurecendo ligeiramente na parte inferior da aba (10R 5.5/4), onde é espatulado.

O diâmetro da peça é inaférível. A espessura da aba é de 6,5 mm.

### **MONTINHO 90 C-17-3 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, que se apresenta em aba plana, com lábio de secção semicircular. Encontra-se decorado com duas caneluras concêntricas, na parte superior da aba, muito próximas e que fazem lembrar as da forma Hayes 58, embora de maiores dimensões.

Foi fabricado com pasta de cor (5YR 6.6/5), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente na parte superior da aba e numa porção incompleta da parte inferior, corresponde à cor 2.5YR 5.5/6.

O diâmetro da peça é inaférível. A espessura da aba é de 6 mm a 6,5 mm.

### **MONTINHO 90 SUPERFÍCIE-3 – Hayes 61A/B3**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se curto, pouco introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (10R 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/7), brilhante em todo o interior e baço no exterior, onde se encontra aplicado no bordo e parte superior do corpo.

O diâmetro do bordo é 247 mm. A espessura do lábio é 3 mm. A espessura da carena é 10 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

### **MONTINHO 91 D-16-31 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia de calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6.5/6), quase creme, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas,

calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), semibrilhante no interior e baço no exterior, aplicado à totalidade da superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é 290 mm. A espessura do lábio é 2 mm. A espessura da carena é 11 mm. A espessura do corpo é 6 mm.

#### **MONTINHO 90 8-17-11 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

No interior, apresenta vestígio de uma fina canelura quase correspondente à localização da carena, no exterior.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5.5/6), acastanhada, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe, aplicado sobre ambas as superfícies, é brilhante no interior e baço no exterior. A sua coloração é laranja (10R 5.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. O lábio apresenta espessura de 3 mm. A carena apresenta espessura de 11 mm. O corpo apresenta espessura de 8 mm.

#### **MONTINHO 91 F-14-17 – Hayes 61A (pode ser a mesma peça que o fragmento MONTINHO 91 D-16-31)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia de calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6.5/6), quase creme, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), semibrilhante no interior e baço no exterior, aplicado à totalidade da superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da carena é de 10,5 mm. A espessura do corpo é de 7,5 mm.

#### **MONTINHO 90 B-16-27 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção biselada no interior. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 6/7), baço, espatulado no interior, aplicado à totalidade da superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 268 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura da carena é de 8,5 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 91 D-15-12 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular (embora ligeiramente arredondado na face exterior), com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5.5/6), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e calcites vermelhas). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/7), baço, espatulado no interior, aplicado à totalidade da superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 429 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura da carena é de 7 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **MONTINHO 91 D-15-18 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se curto, muito introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (2.5YR 5.5/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja (2.5YR 6/7), brilhante em todo o interior e baço no exterior, onde se encontra aplicado no bordo e parte superior do corpo.

O diâmetro do bordo é 244 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura da carena é de 7 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **MONTINHO 91 C-16-27 – Hayes 61A/B1**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se curto, introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada e, no interior, por uma canelura à mesma altura da carena. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

O diâmetro do bordo é de 268 mm.

#### **MONT 90 D-18-107 – Hayes 67B**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba escalonada. Este possui um lábio pendente de secção subtriangular. A peça apresenta uma canelura em baixo relevo entre o lábio e o restante bordo.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas). O engobe, presente apenas no anverso e no lábio, é laranja claro (2.5YR 6/7), sendo espatulado e variando entre semibrilhante e baço.

O diâmetro do bordo é de 286 mm. A espessura do lábio é de 7 mm. A altura do bordo é de 9 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **MONT 90 D 18 139 – Hayes 67B**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba curva. Este apresenta um pequeno lábio pendente de secção triangular. A peça possui uma canelura cimeira, que separa o lábio do restante bordo.

Foi fabricado com pasta que apresenta coloração cinzenta (5YR 5/2), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, que ocorre apenas no anverso, apresenta colorações avermelhadas (2.5YR 4.5/6), acastanhadas (2.5YR 4/3) e acinzentadas (7.5YR 4/2). As colorações mais escuras da pasta e do engobe dever-se-ão a processos pós-deposicionais ígneos.

O diâmetro do bordo é de 213 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A altura do bordo é de 8 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 91 D-15-13 e MONTINHO 91 D-16-35 – Hayes 67, *similis***

Fragmento de peça de TSAf E contendo porção do bordo em aba curva. Este apresenta lábio pendente de secção triangular, não destacado.

Foi fabricado com pasta de cor laranja creme (2.5YR 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe apresenta-se laranja avermelhado (10R 5.5/8), presente no anverso e no lábio e espatulado no primeiro.

O diâmetro do bordo é de 298 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A altura do bordo é de 13 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **MONTINHO 91 E-15-13 – Hayes 67, *similis***

Fragmento de peça de TSAf E contendo porção do bordo em aba curva. Este apresenta lábio pendente de secção triangular, não destacado.

O diâmetro do bordo é de 265 mm.

#### **MONTINHO 91 D-15-11 e MONTINHO 91 E-15-9 – Hayes 73**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba curva. Este apresenta um lábio amendoado, bem projectado superiormente e com menor projecção inferior.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, moscovites). O engobe é de cor laranja (2.5YR 5.5/8), semibrilhante, aplicado sobre o anverso e o lábio.

O diâmetro do bordo é de 211 mm.. A espessura do bordo é de 7 mm. A altura do bordo é de 10 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 91 D-16-34 – Hayes 73**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba oblíqua. Este apresenta um lábio amendoado, com igual projecção superior e inferior.

Foi fabricado com pasta cor de laranja (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, aplicado apenas no anverso e no lábio, é laranja claro (2.5YR 5.5/6), baço.

O diâmetro do bordo é de 161 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A altura do bordo é de 10 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 90 D-16-1 – Hayes 91A/B**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se bastante larga e plana, com lábio pendente de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe também é laranja (2.5YR 5.5/7), mais escuro do que a pasta, aplicado apenas na parte superior da aba, onde se apresenta espatulado e semibrilhante.

O diâmetro da aba é inaférível. A espessura da aba é 6,5 mm. A espessura do lábio é 4,5 mm.

#### **MONTINHO 91 B-15-88 – Hayes 91C**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo apresenta-se vertical, com lábio duplamente biselado, estando bastante danificado. A aba, embora fragmentada na extremidade, é de curtas dimensões.

Foi fabricado com pasta de cor alaranjada (10R 6/8), muito bem depurada e com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). A pasta está coberta, em ambas as superfícies, por engobe cor-de-laranja de tonalidade mais escura (2.5YR 5.5/7), muito homogéneo, semibrilhante.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 1 mm. A espessura da aba é de 10 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **MONTINHO 90 D-17-15 e MONTINHO 91 B-15-84 – Hayes 104A2**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido e espessado externo, de secção amendoada. O corpo apresenta morfologia troncocónica, sendo bastante profundo.

O corpo apresenta, no anverso, uma canelura próxima ao bordo. No reverso, apresenta um ligeiro estriamento que corresponderá a marcas de torno mais ou menos profundas.

Foram fabricados com pasta alaranjada (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada e com elementos não plásticos de granulometria muito fina, embora apresentando alguns alvéolos. A pasta está coberta, em ambas as superfícies, com engobe cor-de-laranja mais escuro (2.5YR 5.5/7), muito homogéneo e brilhante, presente apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é de 361 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A altura do lábio é de 19 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 91 D-16-36 – Fulford 52**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo, de secção subcircular. O arranque do corpo não oferece morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 6/7), semibrilhante, aplicado a toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 287 mm. A espessura do lábio é de 15 mm. A altura do lábio é de 13 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **MONTINHO 90 C-17-1 – Hayes 3E**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este apresenta-se espessado externo, de secção subrectangular, com lábio de secção rectangular. A face exterior é côncava. Apresenta um pequeno ressalto na superfície inferior do bordo.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe assume três cores diferentes: é laranja (2.5YR 5/7) no interior, vermelho (10R 5/6) no lábio e na parte inferior do bordo e cinzento (5YR 4/1) na face externa do bordo.

O diâmetro do bordo é de 271 mm. A espessura média do bordo é de 7 mm. A altura do bordo é de 20 mm.

#### **MONTINHO 90 D-18-35 – Hayes 3F**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este apresenta-se espessado externo, de secção subtriangular, com lábio ligeiramente biselado do exterior para o interior. Tanto a face exterior como a face interior são algo côncavas. Apresenta um pequeno ressalto na zona inferior do bordo.

Encontra-se decorado, no exterior, com duas linhas de roletilha.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (2.5YR 5/8), muito bem depurada e pouco granulosa, contendo escassos elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas). O engobe apresenta coloração avermelhada (2.5YR 5/7), sendo muito homogêneo e baço. Foi aplicado a toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 228 mm. A espessura do bordo varia entre os 5 e 10 mm. A altura do bordo é de 16 mm.

#### **MONTINHO 90 SUPERFÍCIE 31 – Estilo A(ii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este não apresenta qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado por estampilhagem com o motivo dos círculos concêntricos, embora fragmentado.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso, é também laranja (2.5YR 6/7), baço.

A espessura do fragmento é 5,5 mm.

#### **MONTINHO E-19-05 – Estilo A(ii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este não apresenta qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado por estampilhagem com dois ramos de palma, não completamente preservados.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso, é também laranja (2.5YR 5.5/7), baço.

A espessura do fragmento é 6 mm.

#### **MONTINHO 90 E-19-6 – Estilo A(ii) – A(iii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este não apresenta qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado por estampilhagem com dois crescentes, fragmentados.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso, é também laranja (2.5YR 5.5/8), baço.

A espessura do fragmento é 5 mm.

#### **ML 00 I.18.16 – Hayes 67**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se escalonada (dois escalões), sem lábio e denunciando ao nível do reverso a transição para o corpo.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 7/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, presente apenas no anverso, é laranja (2.5YR 6/7), muito baço.

A espessura média da aba é 6,5 mm.

#### **ML 00 G.15.1 – Hayes 59**

Fragmento de peça em TSAf D contendo porção do bordo em aba e do corpo. A aba não preserva o lábio, mas subsiste um ligeiro escalonamento típico de algumas peças desta forma. O corpo sugere morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe apresenta-se apenas no anverso, sendo laranja (10R 6/7) e muito baço.

A espessura da aba é 6 mm. A espessura do corpo é 5,5 mm.

#### **ML 00 I.17.1 – Estilo A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar muito baixo. O fundo apresenta decoração, muito desgastada, de três ramos de palma incompletos, radiais, inseridos numa tripla circunferência.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (2.5YR 6/6), bem depurada, contendo muitos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos e moscovites). O engobe da peça desapareceu por completo, devido a processos de lixiviação.

Observações – A peça em questão apresenta um gato.

O diâmetro do pé anelar é inaférível. A espessura do corpo é 7 mm. A espessura do fundo varia entre 4 e 7 mm.



**ML 00 J.20.1 – Estilo A(ii)–A(iii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este não apresenta qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado com uma estampilha fragmentada e muito desgastada, que representa o motivo das grelhas quadrangulares.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe já não existe, devido à grande lixiviação que a peça sofreu.

A espessura do fragmento situa-se entre 3 mm e 4 mm.

**ML 00 H.18.2 – Estilo A(ii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este último não evidencia qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado com duas estampilhas fragmentadas que representam o motivo dos ramos de palma radialmente dispostos.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/7), muito bem depurada e pouco granulosa, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, baço e presente apenas no anverso, é de cor laranja (2.5YR 5.5/7).

A espessura média do fragmento é 3 mm.

**ML 00 H.18.27 – Estilo A(ii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este não apresenta qualquer morfologia definida, mas encontra-se decorado com duas estampilhas, ambas parciais. Uma corresponde ao motivo dos círculos concêntricos, enquanto outra se trata de um ramo de palma. Os motivos são radiais e alternariam entre si.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/6), muito bem depurada e pouco granulosa, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe, baço e apenas presente no anverso, é de cor laranja (2.5YR 5.5/7).

A espessura média do fragmento é 3,5 mm.

**ML 00 I.18.15 – Estilo A(iii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este último não apresenta morfologia definida, mas encontra-se decorado com uma estampilha incompleta, representando o motivo dos círculos concêntricos dentados, ou rodas dentadas. A este, segue-se uma canelura que se encontra mais no interior da peça.

Foi fabricado com pasta laranja (5YR 5.5/6), quase creme, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe, presente apenas no anverso, é laranja claro (2.5YR 6/7), baço.

A espessura média do fragmento é 7 mm.

**ML 00 L.21.7 – Estilo A(ii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este último não apresenta morfologia explícita, mas encontra-se decorado com uma pequena estampilha, correspondendo a um motivo de roseta.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, já bastante desgastado e baço, localiza-se apenas no anverso e apresenta coloração laranja (2.5YR 6/7).

A espessura média do fragmento é 5,5 mm.

**ML 00 J.19.1 – Hayes 91C (?)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba e os arranques do bordo e do corpo. A aba é muito curta, com lábio ligeiramente pendente, inferiormente espessado, de secção circular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas, quartzos eólicos). O engobe apresenta-se semibrilhante e espatulado, de cor laranja (2.5YR 6/8), estando presente apenas na superfície superior da aba.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 2 mm. A espessura máxima da aba é de 8 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

**ML 00 H.16.1 – Hayes 91, n.º 29**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se longa, com lábio pendente de secção semicircular.

Junto ao lábio, apresenta vestígios de uma canelura horizontal muito desgastada.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, muito desgastado, apresenta-se apenas na parte superior da aba e no lábio, sendo de cor laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro da aba é de 382 mm. A espessura média da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 5 mm.

**ML 00 H.18.15 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba recta horizontal, com um ressalto mais interior que configura uma moldura, ostentando também uma canelura junto ao lábio de secção subcircular. O corpo possui morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, moscovites). O engobe apresenta cor laranja (2.5YR 5.5/8), sendo muito homogéneo, semibrilhante e aplicado somente no interior.

O diâmetro do bordo é de 345 mm. A espessura da aba é de 24 mm. A altura da aba é de 9 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **ML 00 H.16.4 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia de calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta rosada acastanhada (2.5YR 6/5), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/7), baço, presente apenas no anverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 2 mm. A espessura da carena é 7 mm. A espessura do corpo é 7 mm.

#### **ML 00 H.16.2 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se muito introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe não se consegue distinguir nitidamente da pasta.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 3,5 mm. A espessura da carena é 8 mm. A espessura do corpo é 6 mm.

#### **ML 00 H.18.3 – Hayes 61A**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado no interior. Encontra-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 4.5/8), semibrilhante, presente apenas no anverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 2 mm. A espessura da carena é 7,5 mm. A espessura do corpo é 6 mm.

#### **ML 00 H.18.16 – Hayes 61A/B4**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, sem conservar o lábio, estando separado externamente do corpo por um ressalto. O corpo apresenta morfologia de calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, aplicado ao interior e ao bordo, é semibrilhante e de cor laranja (2.5YR 4.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**ML 00 G.15.6 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba recta horizontal, com lábio de secção subcircular. Encontra-se decorado, junto ao lábio, com uma canelura horizontal.

Foi fabricado com pasta rosada (2.5YR 6.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, baço, apresenta coloração avermelhada (10R 5/7), tendo sido aplicado apenas ao anverso e ao lábio.

O diâmetro é inaférível. A espessura média da aba é 7,5 mm.

**ML 00 I.18.11 – Hayes 91A/B**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta terá sido larga, embora não conserve toda a sua largura, e possui um lábio pendente de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é igualmente laranja (2.5YR 6/7), aplicado apenas à superfície superior da aba e ao lábio, espatulado e baço.

O diâmetro da aba é inaférível. A espessura do lábio é 4 mm. A espessura da aba é 6,5 mm.

**ML 00 M21.1 – Fulford 52**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta secção subcircular.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 7/6), bem depurada, contendo uma quantidade elevada de elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos e moscovites). O engobe não se conservou, por via da lixiviação do fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A sua altura máxima é 11 mm. A sua espessura máxima é 15 mm.

**ML 00 I.18.8 – Hayes 65**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta horizontal, com lábio de secção semicircular. Junto a este último, observa-se uma canelura horizontal.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/7), muito bem depurada e pouco granulosa, contendo escassos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe não sobreviveu à lixiviação sofrida pelo fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 4,5 mm. A espessura da aba é 5,5 mm.

### **ML 01 G-14 – Hayes 61A/B3**

Fragmentos (três) de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se curto, pouco introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica baixa.

Foram fabricados com pasta avermelhada, com duas cores: uma mais alaranjada (10R 5.5/7), na zona mais exterior; outra mais vermelha, na zona interior da peça (10R 4.5/6). A pasta é muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, aplicado em ambas as superfícies, é laranja (2.5YR 5/7) e semibrilhante.

O diâmetro do bordo é de 257 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

Observações – A peça apresenta, no fragmento de maiores dimensões, um gato, mais largo no anverso do que no reverso.

### **ML 01 G-14 – Hayes 61B1**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, com lábio de secção semicircular em muito mau estado, estando separado externamente do corpo por um ressalto e internamente por uma canelura da qual se conservam ténues vestígios. O corpo não apresenta morfologia definida.

O corpo, no reverso, apresenta finas estrias do torno.

Foram fabricados com pasta laranja escura (2.5YR 5/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe, aplicado apenas à superfície interna, é laranja (2.5YR 5.5/7) e semibrilhante.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

### **ML 00 I18, J19 e sondagens – Hayes 67**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba escalonada, com dois escalões, sem conservar o lábio. O primeiro escalão é côncavo, ao passo que o segundo é oblíquo.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe, aplicado apenas ao interior, apresenta coloração laranja (2.5YR 5.5/7) e é semibrilhante.

A espessura do primeiro escalão da aba é 7 mm. A espessura do segundo escalão da aba é 8 mm.

### **ML 00 I.19.134 – Hayes 61A/B2**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. O bordo apresenta secção triangular, com lábio de secção semicircular, internamente biselado. Teria, em relação ao corpo, um ângulo interno mais aberto do que o da forma Hayes 61A.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, presente apenas no interior, é igualmente laranja (2.5YR 6/7) e semibrilhante.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 4 mm.

#### **ML 00 L-20 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta horizontal, com lábio de secção subcircular. Na parte mais interior, apresenta um ressalto característico que se prolongará até ao lábio.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe desapareceu por acção da lixiviação a que o fragmento foi sujeito.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 4 mm. A espessura média da aba é 7 mm.

#### **ML 00 H.17.1 – Hayes 59**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta horizontal, com lábio de secção subcircular. Junto ao lábio, apresenta um fino ressalto.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe, presente apenas no anverso, é laranja (2.5YR 5.5/8), semibrilhante.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 4 mm. A espessura média da aba é 7 mm.

#### **ML 00 J.19-58 – Hayes 3C, D ou E**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este apresenta-se espessado externo, de secção subtriangular, com lábio de secção biselada do exterior para o interior, com a aresta interior redonda. A face exterior é côncava.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/7), muito bem depurada e nada granulosa, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, moscovites). Não se conserva engobe.

O diâmetro do bordo é de 210 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo vai de 5 a 9 mm.

#### **LOURINHÃ 575 – Hayes 53B**

Fragmento de TSAf C contendo porção do corpo e do fundo. O corpo aparenta ter formato em calote hemisférica. O fundo é plano, sem nenhuma demarcação interna ou externa que não seja a decoração circular em roletilha que ostenta no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/8), muito bem depurada e nada granulosa, com escassos elementos não plásticos de grão muito fino (moscovites). O

engobe, já um pouco desgastado, está presente no anverso e no reverso. A sua coloração é laranja (2.5YR 5.5/8).

A espessura média do fragmento é de 3 mm.

#### **Cercado da Ferrugem e Mina do Barranco da Quebrada (Santa Marta – CMP 575) – Hayes 67B**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba curva, que seria escalonada, com lábio pendente de secção triangular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 7/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, quartzos eólicos, moscovites). O engobe desapareceu, devido à lixiviação do fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do lábio é 10 mm. A espessura da aba é 6,5 mm.

#### **ML 00 L-21 – Hayes 67/71**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular.

No anverso, observa-se uma canelura mesmo junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos muito finos (calcites brancas e vermelhas, moscovites). O engobe não se conservou.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 3 mm.

#### **I18 Extra-muros, Casa 1, Compartimento 2 – Hayes 67/71**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular.

No anverso, observa-se uma canelura mesmo junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 7/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos muito finos (quartzos eólicos e moscovites). O engobe não se conservou.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da aba é de 3 mm.

#### **ML 00, saco 16-1/2-17 – Hayes 67/71**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular.

No anverso, observa-se uma canelura mesmo junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos muito finos (quartzos eólicos e moscovites). O engobe, alaranjado (2.5YR 5/7), não se conservou senão numa ínfima porção do anverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 3 mm.

## DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

### **M/03/Bib. M./4a/Cont. 001 – Hayes 61A – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta-se em calote hemisférica, possivelmente baixa.

Foi fabricado com pasta laranja rosada escura (10R 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja tijolo (10R 5.5/8), muito homogéneo, presente em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura máxima do bordo é de 11 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

### **M/03/Bib. M./4a/Cont. 001 – Hayes 67C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva com dois patamares, terminando em lábio pendente de secção semicircular. No anverso, junto ao bordo, observa-se um ressalto.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (10R 5.5/8), espatulado no interior e no exterior.

Observações – O lábio parece ter sido enrolado na altura em que foi feita a peça.

O diâmetro do bordo é de 356 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 107 – Taça com aba curta**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta, com espessamento da superfície inferior e com o lábio ligeiramente alteado na superfície superior. Está presente uma porção ínfima do arranque do corpo.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), presente em toda a superfície da peça. O espessamento inferior da aba apresenta também engobe vermelho escuro (10R 4/6).

O diâmetro do bordo é de 197 mm. A espessura do bordo é de 7 mm.

### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 12/102 – Copo de pé alto**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, com lábio interno de secção semicircular, muito pequeno, e lábio exterior de maiores dimensões, igualmente de secção semicircular. Corpo de tendência globular.

Foi fabricado com pasta laranja acastanhada (10R 5/7), muito bem depurada, com poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5/8), homogéneo, em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é de 85 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A altura do bordo é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 007 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é amendoado, de arestas arredondadas, com pouca projecção inferior. O corpo apresenta tendência troncocónica baixa.



O fragmento apresenta decoração, ao nível do corpo: uma canelura no anverso e outra, mais larga, no reverso.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino a grosseiro (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8) e aplica-se somente no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 11 mm. A altura do bordo é de 17 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 61B2 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular acutângula. O corpo apresenta morfologia imperceptível e encontra-se separado internamente do bordo por uma canelura.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho acastanhado (10R 5.5/8), muito homogéneo, aplicado em toda a superfície da peça.

O diâmetro da peça é inaférível. A espessura do bordo é de 13 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 018 – Michigan I, fig. 3, VII, n. 6 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, cuja parte inferior não se encontra conservada. O corpo aparenta ser recto, oblíquo, na continuação do bordo.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 006 – Hayes 103 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, terminado inferiormente de modo recto. O corpo é de morfologia imperceptível.

No exterior, ao nível do corpo, ocorrem dois ressaltos finos.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é laranja (10R 5.5/8), espatulado, mais escuro no anverso e bordo exterior, mais claro no corpo exterior.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 11 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 67/71 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente, de secção subtriangular, encimado por canelura, no anverso.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/6), muito bem depurada, com poucos elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho acastanhado (10R 5.5/8), espatulado, presente no interior e no bordo exterior.

O diâmetro do bordo é de 159 mm. A altura do bordo é de 9 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

**M/03/Bib. M./4A/Cont. 003 – Hayes 87A – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, e extrovertido, separando-se internamente do corpo por uma canelura. O corpo é troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos, poucos). O engobe é vermelho alaranjado (10R 5/7), muito homogéneo, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do bordo é de 18 mm. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura do lábio é de 8 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

**M/03/Bib. M./4B/Cont. 021 – Hayes 76 – Taça com aba oblíqua**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba oblíqua, recta, com lábio duplamente espessado, de secção quase amendoada. O arranque do corpo não apresenta morfologia identificável.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos) e alvéolos. O engobe é laranja claro baço (2.5YR 5/6), espatulado, aplicado a toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 177 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A altura do bordo é de 10 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

**M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 76 – Taça com aba oblíqua**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio duplamente espessado, de secção quase amendoada e com maior projecção inferior.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 7/8), muito bem depurada, contendo poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja avermelhado (10R 5.5/8), espatulado, apenas no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 163 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A altura do bordo é de 9 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

**M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 3G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, com a face externa tendencialmente plana. Lábio de secção subrectangular, mais elevado no exterior do que no interior. O arranque do corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, micas). O engobe é vermelho baço (2.5YR 5/6), muito homogéneo, presente em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura do lábio é de 8 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

**M/03/Bib. M./4A/Cont. 004 – Hayes 91, variante Atlante, XLIX, 10 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é vertical, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. A aba é curta, pendente, com lábio de secção semicircular fina. O corpo apresenta forma troncocónica com ligeira tendência hemisférica, sendo que a parede é mais espessa na parte mais inferior.

Foi fabricado com pasta laranja acastanhada (5YR 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe apresenta-se muito danificado, mantendo no anverso uma coloração laranja acastanhada (2.5 YR 5.5/6). Haveria engobe na parte superior do reverso, que hoje assume a cor da pasta.

O diâmetro do bordo é de 126 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A altura do bordo é de 4 mm. A espessura da aba é de 5 mm. a largura da aba é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/03/Bib. M/4B/Cont. 021 – Hayes 91B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar baixo, de secção trapezoidal.

O fundo apresenta internamente marcas para moagem, típicas destas peças. O corpo apresenta uma canelura exterior.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja no anverso (10R 5.5/8), não existindo no reverso.

O diâmetro do pé é de 70 mm. A espessura do corpo é de 5,5 mm. A espessura do pé é de 8 mm. A espessura do fundo é de 4 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 011 – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo é internamente côncavo. O pé anelar, de média altura, é de secção trapezoidal, mais alto no exterior do que no interior.

No anverso, o fundo exhibe decoração de quatro linhas concêntricas de roletilha, existindo uma canelura mais adiante, na direcção do centro da peça.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e micas). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/6), baço, muito homogéneo e aderente, em todo o fragmento.

O diâmetro do pé é de 150 mm. A espessura do pé é de 5 mm. A altura do pé é de 3 mm. A espessura do fundo é de 4 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/B/Cont. 001 – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo denota uma certa tendência convexa, visto do interior. O pé, de secção trapezoidal e média altura, possui um ressalto junto a uma ínfima porção de corpo que subsiste.

Foi fabricado com pasta vermelha (2.5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é castanho avermelhado (2.5YR 5/5), muito homogéneo e aderente, em toda a superfície da peça.

O diâmetro do pé é de 111 mm. A espessura do pé é de 4 mm. A altura do pé é de 4 mm. A espessura do fundo é de 5 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/03/Bib. M./4A/Cont. 001 – Hayes 94B – Taça com aba curta**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo mais espessado na face inferior, chegando a ter aparência enrolada. O corpo não tem morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/6), com mais brilho no corpo anterior, mas estando presente em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é de 188 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A altura do bordo é de 6 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

**M/05/Bib M. UE 130 – Hayes 3C – Prato/taça**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, com lábio de secção sub-triangular, apresenta-se espessado externo, com a parte exterior do lábio mais elevada do que a interior. O corpo é em calote hemisférica. A peça não apresenta decoração.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina. O anverso e o reverso da peça estão cobertos por engobe vermelho-escuro (2.5YR 6/7), muito homogêneo.

O diâmetro máximo da peça é de 130 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

**M/06/Bib. M./UE 201 – Hayes 3B-C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar baixo. O fundo decresce em espessura da zona próxima ao pé para o centro. O pé é de secção trapezoidal.

O fundo oferece, no anverso, decoração de três linhas de roletilha, concêntricas.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 7/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites, basaltos). A peça encontra-se integralmente coberta por engobe fino, alaranjado (2.5YR 6/8), mais escuro do que a pasta, bastante homogêneo – salvo no reverso, onde chega a ser vermelho.

O diâmetro do pé é de 158 mm. A espessura do pé é de 5 mm. A espessura do fundo é de 6 mm. A espessura do corpo é de 9 mm.

**M/05/Bib. M. UE 078 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, aba e corpo. O bordo, vertical, tem lábio de secção semicircular. A aba, incompleta, dista do bordo 6 mm. O corpo apresenta-se com tendência para calote hemisférica.

Foi fabricado em pasta alaranjada (2.5YR 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe, laranja-escuro (2.5YR 5.5/8), encontra-se no anverso e no exterior do bordo, sendo muito homogêneo.

O diâmetro da peça é de 279 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm. A largura da aba é de 24 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

**M/05/Bib. M. UE 142 – Hayes 99B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do início do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo não denuncia a forma hemisférica que seria expectável.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe, vermelho escuro (2.5YR 4.5/8), é mais escuro do que a pasta e algo brilhante.

O diâmetro do bordo é de 170 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A altura do bordo é de 13 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/05/Bib. M. UE 151 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este é espessado

externo, de secção sub-triangular. Apresenta uma canelura no anverso, junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta vermelho-escura (10R 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina. O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/8), muito homogéneo e presente em toda a superfície.

O diâmetro máximo da peça é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/06/Bib. M. UE 231 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar alto. O fundo é côncavo e apresenta no interior um ligeiro ressalto que marca a sua separação da parte inferior do corpo. O pé anelar alto é extrovertido, de secção sub-triangular, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina. O engobe, laranja escuro (2.5YR 5.5/8), é muito homogéneo e ocorre apenas no interior da peça.

O diâmetro do pé anelar é de 108 mm. A altura do pé anelar é de 9 mm. A espessura do fundo é de 2 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/05/Bib M. UE 001 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo é côncavo e apresenta um ligeiro ressalto no interior, que o separa do corpo. O pé anelar é alto e extrovertido, de secção sub-triangular com lábio semicircular. No reverso, observam-se quatro caneluras junto ao fundo.

Foi fabricado com pasta vermelho-escura (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina. O engobe, laranja escuro (2.5YR 4.5/8) e muito homogéneo, ocorre somente no interior.

O diâmetro do pé anelar é de 105 mm e a sua altura, de 10 mm.

#### **M/05/ Bib. M./UE 041 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e início do corpo. O bordo é espessado externo, de secção sub-triangular. O corpo prenuncia a forma de calote hemisférica típica destas peças.

Foi fabricado com pasta vermelho-escura (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina. O engobe, laranja escuro (10R 5.5/8), é muito homogéneo e apresenta-se em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A altura do bordo é de 17 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/05/Bib. M./UE 018 – Hayes 103B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e início do corpo. O bordo é espessado externo, de secção sub-triangular. O corpo prenuncia a forma de calote hemisférica típica destas peças.

Foi fabricado com pasta vermelho-escura (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina. O engobe, avermelhado (10R 5.5/8), é muito homogéneo e apresenta-se em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é de 233 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/05/Bib. M. U.E. 033 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo

contém lábio de secção subtriangular. A aba apresenta lábio pendente de secção ovóide. O corpo da peça tem morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta alaranjada (10R 6/6), aparentemente muito bem depurada, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis. Engobe baço, muito homogêneo, vermelho (10R 5/6). O fragmento apresenta concreções calcíticas um pouco por toda a superfície e fracturas.

O diâmetro do bordo é de 256 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/05/Bib. M. U.E. 078 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, aba e corpo. Bordo com lábio de secção triangular. Aba apresentando lábio pendente de secção possivelmente ovalada. Corpo de tendência troncocónica.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (10R 6/6), com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites, basaltos e quartzos eólicos). Engobe vermelho (10R 5/6), muito homogêneo e baço. Na parte superior da aba, junto ao lábio, apresenta-se enegrecido pela cozedura (2.5YR 5/4). Observam-se concreções calcíticas um pouco por todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é de 279 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

**M/05/Bib. M. UE 140 – Michigan I, fig. 3, VII, nº 6 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba. Trata-se de aba convexa com lábio pendente de secção semicircular e canelura no topo.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (10R 6/8), sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis devido à presença de concreções. Apresenta engobe laranja escuro (10R 5.5/8), baço, existente apenas no anverso.

O diâmetro do bordo é de 170 mm. A espessura média da peça é de 5,5 mm.

**M/06/Bib. M./U.E. 202 – Hayes 59 – Prato grande com fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba e do corpo. Trata-se de aba curta, rectilínea, com ressalto junto ao corpo e canelura junto ao lábio espessado, de secção subcircular. Corpo em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe apresenta-se vermelho (10R 4.5/8), pouco brilhante e muito homogêneo.

O diâmetro do bordo é de 362 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A largura do bordo é de 23 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 152 – Hayes 61A – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Bordo introvertido com lábio de secção semicircular, separado do corpo em calote hemisférica por carena acusada.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). Engobe vermelho escuro (10R 6/8), em ambas as superfícies, muito homogêneo e baço.

O diâmetro do bordo é de 335 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 154 – Hayes 61A – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Bordo introvertido com lábio de secção subtriangular, separado do corpo em calote hemisférica por carena acusada.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). Engobe vermelho baço (10R 5.5/8), apenas no interior, muito homogéneo.

A espessura média da peça é de 5,5 mm.

**M/05/Bib. M. UE 109 – Hayes 87A1 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Bordo espessado externo de secção triangular, com lábio de secção semicircular, separando-se do corpo por canelura interna. Corpo de morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina a fina (calcites). Engobe vermelho escuro (10R 4.5/6), muito homogéneo e baço, no anverso e em todo o bordo. O corpo do reverso apresenta-o menos escuro.

O diâmetro do bordo é de 303 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 108 – Hayes 61A/B2 – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é triangular, com lábio de secção semicircular, separado do corpo possivelmente hemisférico por carena acusada. O ângulo interno é mais aberto do que na forma Hayes 61A.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja baço (10R 5.5/8), muito homogéneo, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 092 Desm. Muro – Hayes 61A ou Hayes 61A/B – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo, mas grandemente imperceptível, devido ao seu estado de degradação. Observa-se uma incisão no interior, na zona correspondente à carena.

Pasta laranja (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina a fina (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja claro (2.5YR 5/6) no anverso e laranja (2.5YR 5.5/8) no reverso.

A espessura média da peça é de 7,5 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 182 – Hayes 12/110 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se extrovertido, com lábio de secção circular. No interior, separa-se do corpo por um encaixe hermético com perfil de triângulo rectângulo. No exterior, o bordo possui um ressalto que o delimita inferiormente, enquanto o corpo, de morfologia imperceptível, oferece uma canelura no topo.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina a fina (calcites, quartzos eólicos e basaltos). Engobe laranja claro baço (2.5YR 5.5/8) na parte inferior do anverso, até ao encaixe, sendo laranja escuro (2.5YR 5/8) no resto da peça.

O diâmetro do bordo é de 190 mm. A espessura máxima do bordo é de 16 mm. A espessura do lábio é de 9 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/06/Bib. M./U.E. 202 – Hayes 87A/88 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Corpo tendencialmente troncocónico.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites, quartzos eólicos). Engobe vermelho escuro (10R 5/6), baço e muito homogéneo (embora com desgaste), em toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 424 mm. A máxima do bordo é de 10 mm. A espessura do lábio é de 5mm. A espessura do corpo é de 7mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 062 – Hayes 61A – Prato sem aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo, embora sem apresentarem limites, conservando também a carena acusada.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). Apresenta engobe de coloração vermelha (10R 5.5/8) no anverso e vermelha clara (10R 5.5/6) no reverso, baço e homogéneo.

A espessura média do fragmento é de 4,5 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 149 – Hayes 61B/87A – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica, apresentando ressalto desgastado pouco abaixo do bordo, no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja baço (2.5YR 5.5/8), homogéneo, tornando-se menos e espesso e até mesmo inexistente no corpo do reverso.

O diâmetro do bordo é de 258 mm. A espessura máxima do bordo é de 10 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A altura do bordo é de 9 mm A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/05/Bib. M./U.E. 033 – Hayes 61B3, *similis* – Prato/taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Bordo subtriangular, sem arestas, com lábio de secção semicircular. Separa-se internamente do corpo por uma canelura muito profunda. Corpo troncocónico profundo.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites e quartzos eólicos). Engobe vermelho (2.5YR 5/7), baço e desgastado no anverso e muito menos nítido no reverso.

O diâmetro do bordo é de 358 mm. A espessura do bordo é de 10 mm.. A espessura do corpo é de 9 mm.

**M/06/Bib. M./U.E. 152 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Bordo vertical muito pequeno, com lábio de secção semicircular. Aba curta com lábio de secção semicircular. Corpo globular.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (2.5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino e pouco frequentes (calcites). Engobe laranja



(2.5YR 5.5/8), em toda a superfície, muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 96 mm. A espessura do bordo é de 2 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A largura da aba é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/05/Bib. M./U.E. 152 – Fulford 52 – Taça**

Fragmento contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta porção residual.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). Aparecem alvéolos de pequena e média dimensão. Engobe laranja (10R 5.5/8), muito homogéneo e presente em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 17 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/06/Bib. M./U.E. 150 – Atlante, XLVI, 9 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, com lábio tendencialmente de secção subtrapezoidal, embora ligeiramente biselado. Corpo de propensão hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). Engobe vermelho (10R 5/6), muito homogéneo, em toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 316 mm. A espessura do bordo é de 13 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/05/Bib. M./U.E. 129 – Estilo A(iii) de Hayes: rodas dentadas**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, decorado com duas caneluras concêntricas seguidas de duas estampilhas com o motivo das rodas dentadas.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (10R 5.5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja claro (2.5YR 5.5/8), baço, muito homogéneo, em ambas as superfícies.

#### **M/05/Bib. M./U.E. 077 – Hayes 67 – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf A contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba curva escalonada, sem lábio. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é igualmente avermelhado (10R 6/8), muito homogéneo, pouco brilhante, existente apenas no anverso.

#### **M/05/Bib. M./U.E. 142 – Hayes 94 – Taça com pé muito alto**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do fundo e do pé anelar muito alto. Este último é extrovertido, canelado em toda a superfície exterior, tendo lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é alaranjado (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo, apenas colocado sobre o anverso, sendo que todo o pé se apresenta sem engobe.

O diâmetro do pé é de 90 mm. A altura do pé é de 30 mm.

**M/05/Bib. M/U.E. 149 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento contendo porção do bordo e do início do corpo. O bordo apresenta-se ligeiramente espessado externo e extrovertido, com lábio de secção semicircular. O arranque do corpo não evidencia morfologia definida.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, aplicado apenas ao anverso, é avermelhado (10R 5/7) e muito homogêneo, apresentando-se muito espatulado no bordo.

**M/05/Bib. M/U.E. 108 – Hayes 87B – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular arredondada. O corpo é troncocónico profundo.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, igualmente alaranjado (2.5YR 5/7), é brilhante, presente apenas no anverso e no bordo.

**M/2010/Bib. M/U.E. 175 – Hayes 5A – Prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba de secção trapezoidal, côncavo na superfície superior e, mais ligeiramente, no lábio, sendo convexo na superfície exterior. O corpo apresenta, logo no início, uma pequena carena, assumindo morfologia entre o troncocónico e o hemisférico.

Foi fabricado com pasta da cor 2.5YR 6/6, muito bem depurada, contendo muito poucos elementos não plásticos, de granulometria muito fina (micas brancas = moscovites). O engobe é de coloração 2.5YR 5/6, à excepção do bordo, onde apresenta a cor 10R 4/5.

O diâmetro do bordo é 268 mm.

**M/2010/Bib. M/U.E. 1014 – Estilo A(iii) – Prato (?)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, que se apresenta plano. Este encontra-se decorado por estampilhagem, identificando-se três motivos distintos: um motivo central, que é um conjunto de círculos concêntricos, em torno do qual parecem orbitar, intercalados, o motivo das grelhas e uma rosácea com pétalas intercaladas com volutas. Cada um destes últimos aparece duas vezes, mais ou menos parcialmente.

Foi fabricado com pasta de cor 10R 6/8, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe apresenta coloração 10R 6/7, tendo sido aplicado em toda a superfície do fragmento.

A espessura do fragmento é de 5 mm.

## DESCRIÇÕES FORMAIS DAS CERÂMICAS FINAS DO BAIRRO DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

### **M/989/13c/1b – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, espessado externo e extrovertido, é de secção triangular e está separado do corpo por uma canelura. O corpo é tendencialmente troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja escuro (10R 5.5/8), muito homogéneo, no anverso e bordo.

O diâmetro do bordo é de 334 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do bordo é de 13 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/23 – Hayes 87A2 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção triangular, com arestas arredondadas, separando-se do corpo por uma canelura. O corpo é troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 4/6), quase vinhosa, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (2.5YR 4/6) no interior e no exterior, espatulado, muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 430 mm. A altura do bordo é de 10 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/24 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção amendoada, extrovertido. Corpo de tendência troncocónica, baixo, com duas caneluras concêntricas junto ao bordo.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja avermelhado (10R 5/7), mas adquire residualmente uma coloração vermelha escura (10R 4/6). Está aplicado apenas no anverso e em todo o bordo.

Observações – A peça apresenta dois orifícios, que são mais largos no anverso do que no reverso. Um permanece inteiro, enquanto o outro se encontra numa zona de fractura. Interpretamos estes orifícios como gatos, feitos pós-cozedura e demonstrando o valor considerável destas peças.

O diâmetro do bordo é de 222 mm. A altura do bordo é de 14 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

### **M/86/17B/1a – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção amendoada, extrovertido. O corpo apresenta morfologia troncocónica baixa, com uma ligeira ondulação junto ao bordo.

No interior, apresenta uma canelura a meio da porção conservada do corpo. No exterior, apresenta marcas de torno, três das quais se assemelham a caneluras.

Foi fabricado com pasta de cor (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja claro (2.5YR 5.5/8), brilhante, aplicado apenas no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 12 mm. A altura do bordo é de 20 mm. A espessura do corpo é de 9 mm.

#### **RS/M80 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção amendoada, extrovertido. O corpo apresenta-se troncocónico baixo, com duas caneluras concêntricas junto ao bordo, no anverso, e uma junto à fractura inferior, no reverso.

Foi fabricado com pasta que aparenta ter coloração laranja clara, não se conseguindo perceber devido à grande quantidade de sujidade incrustada. O engobe é laranja (2.5YR 6/7), baço e muito homogéneo, no anverso e bordo.

O diâmetro do bordo é de 230 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M989/14D/1a – Hayes 73 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo, espessado externo e extrovertido, com pouca projecção inferior, apresenta secção amendoada. A aba é tendencialmente oblíqua.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), bem depurada, com raros elementos não plásticos de grão fino (calcites). O engobe é laranja (10R 6/7), muito destruído, homogéneo e presente em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é de 184 mm. A altura do bordo é de 11 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura média da aba é de 5 mm.

#### **M82/33.2a.502 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, espessado externo e extrovertido, com pouca projecção inferior, apresenta secção amendoada mais arredondada. Observa-se apenas o arranque do corpo, com vestígios de duas caneluras concêntricas no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), sem elementos não plásticos visíveis devido à sujidade incrustada nas fracturas. O engobe é vermelho escuro (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo, no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 8 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/25 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, espessado externo e extrovertido, com pouca projecção inferior, apresenta secção amendoada. Do corpo, conserva-se apenas o arranque, de tendência troncocónica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites, basaltos [?], quartzos eólicos). O engobe é vermelho escuro (2.5YR 4/8), muito homogéneo, apenas presente no anverso e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é 340 mm. A altura do bordo é de 21 mm. A espessura do bordo é de 15 mm. A espessura média do corpo é de 10 mm.

#### **M85/3A/700 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo de secção ovalada, extrovertido e com pouca projecção inferior. Encontra-se internamente separado do corpo por uma canelura. Corpo de tendência troncocónica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja baço (2.5YR 5/7), muito homogéneo, em ambas as superfícies da peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M85/7B/1b – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e espessado externo, de secção ovalada. O corpo é tendencialmente troncocónico e baixo, apresentando duas caneluras interiores junto ao bordo.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 7/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino e fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe vermelho escuro (10R 4.5/6) no anverso e no bordo. Observam-se vestígios de queimadura proveniente da cozedura, no bordo.

O fragmento em questão configura uma peça de pequenas dimensões.

O diâmetro do bordo é 271 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M86/12H/1b – Hayes 105A, variante – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção amendoada, extrovertido, com a parte inferiormente projectada bastante fina. O corpo apresenta-se tendencialmente troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), mal depurada, com elementos não plásticos frequentes, de grão fino a médio (calcites, quartzos eólicos, basaltos [?]). Engobe laranja tijolo (2.5YR 5/6), espatulado e brilhante, apenas no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é 421 mm. A altura do bordo é de 24 mm. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/81/4B 1b – Hayes 104A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, espessado externo, apresenta secção amendoada. O corpo, troncocónico, é algo profundo e encontra-se decorado com uma canelura no anverso.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/8), aplicado apenas no anverso e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é 352 mm. A altura do bordo é de 18 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/80/5A-1b – Hayes 104A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do arranque do corpo. O bordo, espessado externo, apresenta secção amendoada. O corpo, troncocónico, é algo profundo.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/7), aplicado no interior e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é 464 mm. A altura do bordo é de 21 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 8 mm.

#### **M/81/4E/1c – Hayes 104A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do arranque do corpo. O bordo é extrovertido e espessado externo, de secção amendoada, com pouca projecção inferior, separado do corpo por uma canelura. Corpo de morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino ou fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe, brilhante, é laranja escuro (10R 4.5/7), muito homogéneo, em todo o anverso e no bordo.

Observações – É mais provável tratar-se da variante A2, devido à morfologia do bordo, mas também à localização do desgaste provocado pelo assentar da peça.

O diâmetro é inaférível. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/85/ALCÁÇOVA/2a/Cont. 510 – Hayes 104A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é extrovertido e espessado externo, de secção ovalada, com grande projecção inferior. O arranque do corpo não traduz uma morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta da cor 2.5YR 6/8, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe, brilhante, é de coloração 2.5YR 4.5/8, aplicado apenas no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é 440 mm. A altura do bordo é de 21 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/987/19A/1b – Hayes 87A1 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular acutângula. O corpo apresenta morfologia de tendência troncocónica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5/7), espatulado e mais claro no anverso, inexistente na maior parte do corpo do reverso.

O diâmetro do bordo é 270 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M/89/15E/1a – Hayes 87A1 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular acutângula e isósceles. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), bem depurada, com poucos elementos não plásticos visíveis (calcites), porque a fractura se encontra muito suja. O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), brilhante, aplicado apenas ao anverso e bordo, achando-se espatulado no anverso.

O diâmetro do bordo é 207 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M/987/JJ27/1a – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja clara rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), espatulado, apenas no anverso.

O diâmetro é inaférível. A espessura média do fragmento é de 6 mm.

**M85/G-B/700 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, com lábio de secção semicircular muito fina.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/6), bem depurada, com alguns elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites, quartzos eólicos, basaltos [?]). O engobe ocorre apenas no anverso, tendo coloração laranja clara (10R 6/7) e aspecto espatulado.

O diâmetro é inaférível. A espessura média do fragmento é de 7 mm.

**ME/83-Área 1-4D-2a – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe vermelho escuro (10R 5.5/8), espatulado no anverso e presente em ambas as superfícies.

O diâmetro é inaférível. A espessura média do fragmento é de 7 mm.

**M/89/13A/R.S. – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é de curtas dimensões, vertical, mas ligeiramente extrovertido, com lábio de secção semicircular. A aba está quebrada, subsistindo apenas o arranque. O corpo é de tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e quartzos eólicos). O engobe é de coloração vermelha escura (10R 4.5/6), apresentando-se em todas as superfícies da peça e sendo espatulado no anverso.

O diâmetro do bordo é de 230 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 4mm.

**M82/6B 3a 181 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo apresenta-se muito curto, com lábio de secção semicircular. A aba é longa e pendente, em ângulo praticamente recto, com lábio de secção semicircular.

Junto ao lábio do bordo, no interior, observam-se duas caneluras horizontais paralelas.

Foi fabricada com pasta laranja (10R 6/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja baço (10R 5.5/6), ocorrendo só no anverso.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da aba é de 6 mm.

**M85/GB/700 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, com lábio de secção semicircular. A aba é longa e pendente, em ângulo praticamente recto, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/6), actualmente repleta de cal incrustada. O engobe é laranja (10R 5.5/8), igualmente coberto de cal.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

### **M88/AF 3F 3a – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é ligeiramente extrovertido, com lábio de secção semicircular. A aba é longa e pendente, não angulosa.

No anverso, junto ao lábio do bordo, o fragmento oferece uma canelura horizontal.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). O engobe é vermelho escuro acastanhado (10R 5/7), espatulado na parte superior da aba, no bordo e no anverso.

O diâmetro da aba é de 250 mm. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da aba é de 7,5 mm.

### **ALCÁÇOVA – Estilo A(ii) de Hayes: círculos concêntricos e palmetas – Forma indeterminada: prato (?)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, que é plano.

Na zona central, observa-se restos de um motivo fitomórfico estampilhado que deveria ser composto por várias palmetas em estrela, intercaladas com círculos concêntricos igualmente estampilhados. Seguem-se, em direcção ao exterior, duas caneluras circunferenciais que são sucedidas pelos restos de uma teoria de círculos concêntricos. O exterior não apresenta decoração, mas ostenta um possível grafito em forma de M.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/6), aparentemente bem depurada (pois apresenta sujidade nas fracturas), com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe apresenta-se muito desgastado, de coloração laranja clara (2.5YR 6/7), muito homogéneo.

A espessura média do fragmento é de 6 mm.

### **M79.A.D.1a – Hayes 91B, variante tardia – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, de secção triangular. A aba apresenta-se curta, ligeira e suavemente pendente (só no lábio), com lábio fino de secção semicircular. O corpo é de tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), baço no anverso, sendo que, no reverso, é brilhante no bordo e parte superior da aba, mas mais baço e degradado na parte inferior da aba e no corpo.

O diâmetro do bordo é de 115 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

### **M/987/16B/1b – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 5/6), ocorrendo apenas na parte superior da aba.

O diâmetro da aba é de 240 mm. A espessura da aba é de 6 mm.



**M/989/13B/RS – Hayes 91B tardia/91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba e arranque do corpo. A aba é de curtas dimensões, com lábio espessado de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5/8), homogéneo em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M/86/13G/1b – Hayes 91B tardia/91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo encontra-se quebrado, sem lábio. Aba de curtas dimensões, espessada no lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). Engobe laranja escuro (10R 5/8), homogéneo e em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm.

**M/80/6c Sup. – Hayes 91B, variante tardia, ou Hayes 91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba e arranque do corpo. A aba é curta, com lábio espessado de secção semicircular. O arranque do corpo não possui morfologia definida.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino. Engobe laranja escuro (10R 6/8 e 5/8) em todo o fragmento.

A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 3 mm. A espessura da parede é de 4 mm.

**M/992/7L/1b – Hayes 3F – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este é de secção subtriangular, com lábio biselado do interior para o exterior.

Apresenta, na face externa, decoração de três linhas de roletilha.

Foi fabricado com pasta laranja pálida (2.5YR 7/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é fino, quase transparente, muito homogéneo e aplicado a toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 267 mm. A altura do bordo é de 20 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 4mm.

**M89 A.62.1b – Hayes 91B tardia/91C, variante – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo encontra-se incompleto, sem lábio. A aba é curta, com lábio espessado de secção semicircular. Corpo troncocónico abaixo da aba, tendendo depois para calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), muito homogéneo, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/86/12F/1b – Hayes 103B, variante – Taça/ prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O arranque do corpo é de morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/8), muito homogêneo, presente no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 422 mm. A altura do bordo é de 17 mm. A espessura do bordo é de 15 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 9mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/10 – Hayes 3, variante pequena – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, apresentando-se côncavo no exterior e com lábio de secção em duplo bisel. Apresenta um pequeno ressalto no interior, a meio do bordo.

Foi fabricado com pasta de cor laranja pálida (5YR 7/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 6/6), muito fino e homogêneo, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 160 mm. A espessura do lábio é de 7 mm. A espessura máxima do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/16 – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, apresentando-se côncavo no exterior e possuindo lábio de secção subrectangular. O corpo anuncia morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 7/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). Engobe laranja escuro (2.5YR 5.5/6), muito homogêneo, aplicado a toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 188 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura máxima do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/15, 17 e 18 – Hayes 91C – Taça com aba**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é vertical, com um ligeiro espessamento externo, de secção semicircular. A aba é curta e pendente a cerca de 90°, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foram fabricados com pasta laranja pálida (10R 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja escuro (10R 5/8), muito homogêneo, em toda a superfície interna, no exterior do bordo e superfície superior da aba.

O diâmetro do bordo é de 200 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura média da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/12 – Hayes 103A – Taça/ prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, extrovertido. O corpo é tendencialmente troncocónico.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). Engobe vermelho acastanhado (2.5YR 5/6), muito homogéneo, somente no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 330 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura do extremo do bordo é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/14 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O arranque do corpo denuncia tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja acastanhada (2.5YR 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino. O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/7), muito homogéneo, no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 182 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A altura do bordo é de 17 mm. A espessura máxima do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/13; M79/AB/1A; M/990/6N/1b – Fulford 52 – Taça grande**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção semicircular. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha pálida (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino. O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), muito homogéneo, no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 359 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A altura do bordo é de 17 mm. A espessura máxima do bordo é de 18 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M/81/5B 2A – Hayes 3B – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo de secção subtriangular, com lábio de secção subrectangular, mais elevado no exterior. O corpo tem morfologia tendendo para calote hemisférica.

O bordo ostenta, externamente, decoração de dupla roletilha. O corpo apresenta estrias, igualmente no exterior.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 7/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis. O engobe é laranja baço (10R 5.5/6) no interior e vermelho escuro (10R 5/4) no exterior.

O diâmetro do bordo é de 223 mm. A espessura do lábio é de 6,5 mm. A espessura máxima do bordo é de 12 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

#### **M989/15D/R.S – Hayes 91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é vertical, com ligeiro espessamento externo e ligeiro biselamento no exterior. A aba apresenta-se curta e pendente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis macroscopicamente. O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), mais do que a pasta, no exterior, e vermelho escuro no interior. É muito homogêneo em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é de 127 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura máxima do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 7 mm.

#### **ME/83.6E-2a – Hayes 91B tardia/91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é vertical, sem lábio. A aba é curta e pendente, com lábio destruído.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5.5/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis. O engobe é laranja escuro (10R 5/8), muito homogêneo. O fragmento apresenta concreções calcíticas.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura da aba é de 8 mm. A espessura da parede é de 4 mm.

#### **M86/12H/1b – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha clara (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina, quase imperceptíveis a olho nu (quartzos eólicos). Engobe laranja escuro (10R 5.5/8), muito degradado no interior e bem mais conservado no exterior do bordo.

#### **M/82/F37/3a – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e quartzos eólicos). Engobe vermelho, mais escuro do que a pasta (10R 4/7), localizado no interior e apenas no bordo e arranque do corpo, no exterior.

O diâmetro do bordo é de 167 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/89/14B/1a – Hayes 103B(?) – Taça/ prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, de pequenas dimensões. O corpo aparenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta alaranjada (10R 5.5/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis. O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), mais escuro do que a pasta, muito homogêneo e presente em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 260 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura da parede é de 4 mm.

#### **M989/15C/1a – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo tem morfologia de calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), estando presente em toda a superfície interior e no exterior do bordo. Ocorrem concreções calcíticas um pouco por todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é de 165 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/97/8C/1b – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo possui morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5.5/8), com fracturas mais regulares do que o normal, muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e basaltos [?]). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo e brilhante, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 166 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M989/15E/1a – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo parece denunciar calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites e basaltos [?]). Engobe laranja escuro (10R 5/7), muito homogéneo, no anverso e no bordo do reverso.

O diâmetro do bordo é de 190 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M85/6E/Sp. 132/133 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D, contendo porção do bordo. Este é espessado externo, de secção subtriangular, mas de reduzidas dimensões.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites e basaltos [?]). O engobe é laranja escuro, quase castanho (2.5YR 4.5/8), aplicado em todo o interior e também no exterior do bordo. Apresenta-se espatulado no exterior.

O diâmetro do bordo é de 162 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M82/6A 1b/36 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este é espessado externo, de secção subtriangular, mas de reduzidas dimensões.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), bem depurada, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis, por causa de concreções calcárias pós-deposicionais. O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), no anverso e no bordo do reverso (apenas uma parte muito pequena da porção do corpo que está presente não o tem).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

**M/990/19A/1a – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, mas menos espessado do que é comum. O corpo tem morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8), muito homogêneo e presente em toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 159 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M89/15C/1b – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo inicia calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 4.5/8), brilhante no interior e no bordo exterior. Observam-se concreções calcíticas pós-deposicionais no interior.

O diâmetro do bordo é de 206 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

**M/79/AA2-3 1b – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo inicia calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites, em pequeno número). O engobe apresenta-se laranja claro no interior (2.5YR 6/8), pouco brilhante, à excepção do bordo exterior, em que assume coloração laranja escura (2.5YR 5.5/8).

O diâmetro do bordo é de 197 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

**ME/85/CONT. 510 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Junto à fractura inferior do fragmento, o corpo apresenta vestígios de decoração impressa.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5/8), muito homogêneo, em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é de 154 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura do lábio externo é de 4 mm e a do lábio interno é de 3 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M989/14D/1a – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior. O corpo apresenta tendência globular.

Apresenta, ao nível do corpo, duas linhas paralelas impressas no exterior.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja, baço, claro (10R 5.5/6) no interior e mais escuro (10R 5.5/8) no exterior e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 93 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura do lábio externo é de 3 mm e a do lábio interno é de 3 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/1 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 5/6), baço, mais claro do que a pasta, apenas no anverso e em todo o bordo. O fragmento apresenta concreções calcíticas.

O diâmetro do bordo é de 181 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/2 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha (2.5YR 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8) e está presente no interior e no bordo do exterior.

O diâmetro do bordo é de 172 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/3 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), pouco brilhante, presente no interior e no exterior do bordo. Ocorrem concreções calcíticas pelo fragmento.

O diâmetro do bordo é de 187 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/4 e 8 – Hayes 99A – Taça**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo denuncia calote hemisférica.

Foram fabricados com pasta laranja (10R 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é laranja acastanhado (2.5YR 4.5/8), no interior e no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 188 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/5, 6 e 7 – Hayes 99A – Taça**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo denuncia calote hemisférica.

Foram fabricados com pasta acastanhada (2.5YR 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria fina (calcites). O engobe é castanho alaranjado (2.5YR 4.5/8), aplicado em toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 187 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/9 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo não tem morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta laranja pálida (2.5YR 7/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja claro (2.5YR 6/8) no interior e na parte superior do bordo, no exterior. É vermelho escuro (2.5YR 4/8) na parte inferior do bordo. Não existem vestígios de engobe ao nível do corpo, no exterior.

O diâmetro do bordo é de 161 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/82/6B 4a/8/ – Hayes 3E – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção subtriangular, apresentando-se ligeiramente côncavo no exterior. Lábio de secção subrectangular biselada no interior. O corpo tende para calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria finíssima (calcites e micas). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/6) no interior e no corpo exterior. O bordo exterior apresenta engobe vermelho (2.5YR 4/6).

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 1, como Hayes 3C.

O diâmetro do bordo é de 349 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M86/4N/2b – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção subtriangular, apresentando-se côncavo no exterior. O lábio possui secção subcircular. O corpo tende para calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 4/6), mais claro do que a pasta, no interior e no corpo exterior. No bordo exterior, o engobe apresenta coloração castanha avermelhada (2.5YR 4/4).

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 2.

O diâmetro do bordo é de 221 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura do bordo é de 14 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M85/7B/1a – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção subtriangular, apresentando-se ligeiramente côncavo no exterior. O lábio, de secção subrectangular, é mais alto no exterior do que no interior. O corpo insinua calote hemisférica.



Foi fabricado com pasta laranja escura (2.5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe laranja escuro (10R 5/8) no interior e no corpo exterior. No bordo exterior, o engobe apresenta-se negro (10YR 4/1).

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 3.

O diâmetro do bordo é de 310 mm. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/86/10A/B.C.D. – Hayes 3E – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção subtriangular, com lábio de secção subrectangular. Corpo em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (2.5YR 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho alaranjado (2.5YR 5/6).

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 5, como Hayes 3C.

O diâmetro do bordo é de 222 mm. A espessura do lábio é de 7 mm. A espessura do bordo é de 13 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/22/602b 15-? – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este apresenta-se espessado externo, de secção triangular, com lábio de secção subsemicircular. É côncavo na superfície externa.

Encontra-se decorado, no exterior, com duas linhas de roletilha.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe apresenta-se laranja baço (5YR 5.5/8) em todo o interior e no exterior do corpo, assumindo coloração mais avermelhada (2.5YR 5/6) no exterior do bordo.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 7.

O diâmetro do bordo é de 256 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/82/6B 4c 193 – Hayes 8 – Taça**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é vertical, com lábio de secção semicircular. A aba, que tem origem no bordo, apresenta perfil subtriangular e possui lábio de secção semicircular. O corpo denuncia forma de calote hemisférica.

A aba encontra-se decorada com uma linha impressa, na face superior, e uma linha incisa junto ao lábio, também na face superior.

Foi fabricado com pasta laranja (5YR 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/6), homogéneo, aplicado a todo o fragmento.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 11.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura máxima do bordo é de 7 mm. A espessura da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/85/GB/700 – Hayes 3B – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo é ligeiramente convexo no interior. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal. Imediatamente acima do pé, no reverso, observa-se um ressalto.

O fundo encontra-se decorado com quatro linhas de roletilha: duas mais espessas, numa área mais externa, e duas mais finas, no interior. Em área mais próxima do centro, observam-se duas linhas impressas concêntricas. O pé anelar oferece decoração de linhas incisas diagonais, na parte em que assenta.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e micas). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/8), muito homogêneo e fino, em toda a peça.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 13.

A espessura média do corpo é de 4 mm. A espessura média do fundo é de 6 mm. A espessura do pé é de 10 mm. A altura do pé é de 9 mm. O diâmetro do pé é de 163 mm.

#### **M/83/81/A7 4(?) – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo apresenta-se côncavo no interior. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal.

O fundo encontra-se decorado com duas impressões concêntricas quase imperceptíveis, no interior.

Foi fabricado com pasta vermelha acastanhada (2.5YR 5.5/4), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho (10R 5/8) no interior e no exterior. Exibe falhas pós-deposicionais, especialmente no reverso.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992) e publicada com o número 15.

A espessura média do corpo é de 4 mm. A espessura média do fundo é de 3 mm. A espessura do pé é de 6 mm. A altura do pé é de 8 mm. O diâmetro do pé é de 104 mm.

#### **M/81/10B/1b – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo é côncavo no interior. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal.

Imediatamente acima do pé, observa-se uma linha incisa muito fina.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos macroscopicamente invisíveis. O engobe é vermelho (2.5YR 5.5/6) escuro no anverso e laranja baço no reverso.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992).

A espessura média do corpo é de 4 mm. A espessura média do fundo é de 4 mm. A espessura do pé é de 8 mm. A altura do pé é de 9 mm. O diâmetro do pé é de 168 mm.

#### **M86/12G/1a – Forma Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo é côncavo no interior. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal.

Foi fabricado com pasta laranja escura (5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho (2.5YR 5/6) no anverso e no reverso, sendo mais baço na última superfície.

Observações – A peça em questão foi estudada por Manuela Delgado (1992).

A espessura média do corpo é de 4 mm. A espessura média do fundo é de 4 mm. A espessura do pé é de 8 mm. A altura do pé é de 9 mm. O diâmetro do pé é de 100 mm.

#### **M/89/13A/RS – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, com lábio de secção subrectangular, afilado e sobreelevado no exterior e redondo e mais baixo no interior. Exibe concavidade na face externa. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

Em termos decorativos, o bordo oferece, na concavidade, uma linha de roletilha.

Foi fabricado com pasta castanha avermelhada sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. O engobe é vermelho muito escuro, quase roxo (10R 4/5), em todo o interior e no exterior do corpo. Assume coloração castanha escura (10YR 5/2) no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 287 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura máxima do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M/990/5Q/1b – Hayes 3C/E – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este é de secção subtriangular, espessado externo, com lábio de secção semicircular.

No exterior do bordo, observa-se uma linha de roletilha.

Foi fabricado com pasta castanha avermelhada (5YR 6/5), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 4/6), aplicado a todo o fragmento, muito deteriorado no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 239 mm. A espessura do lábio é de 7 mm. A espessura máxima do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/22 – Hayes 3F – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, com lábio de secção internamente biselada. Observa-se, imediatamente abaixo do bordo, um ressalto. O corpo denuncia calote hemisférica.

Em termos decorativos, observam-se linhas concêntricas no interior do bordo.

Foi fabricado com pasta laranja escura (2.5YR 6/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e micas). O engobe é vermelho (10R 4.5/8), pouco brilhante, aplicado em toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 209 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura máxima do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 3 mm.

#### **M89/14B/1b/20 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo em calote hemisférica por uma carena acusada.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho (10R 5/7), muito homogêneo, com ligeiro espatulamento no anverso e reverso, baço.

O diâmetro do bordo é de 368 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura máxima do bordo é de 5 mm. A espessura na zona da carena é de 13 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

**M/989/13B/RS – Hayes 61A/B2 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo tendencialmente hemisférico por uma carena acusada, com ângulo mais aberto do que o da forma Hayes 61A.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 7/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina a fina (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja baço (10R 5.5/8), presente no anverso e no reverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura máxima do bordo é de 4 mm. A espessura da carena é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M/990/5M/1b – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Acha-se separado do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta-se tendencialmente em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), bem depurada, contendo muitos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja (10R 6/7), muito homogéneo, no anverso e no reverso.

O diâmetro é inaférível. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

**M85/5D/2a – Hayes 67B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente, de secção semicircular. Ostenta uma canelura cimeira no anverso, junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe é laranja escuro (10R 5/7), espatulado no anverso e no bordo. Ausência de engobe no reverso, onde a pasta assume, à superfície, coloração vermelha e bege.

O diâmetro do bordo é de 239 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A altura do lábio é de 11 mm. A espessura média da aba é de 7 mm.

**M/ALCÁÇOVA/26 – Hayes 94B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular. O corpo tem morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/8) no anverso, assumindo aspecto brilhante no corpo, baço na parte superior do bordo, novamente brilhante no lábio e parte inferior do bordo, baço na parte superior do corpo exterior e inexistente na porção inferior da superfície externa.

O diâmetro do bordo é de 165 mm. A espessura da aba é de 13 mm. A altura da aba é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/27 – Hayes 94B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo que o bordo é mais espessado na sua face inferior. O corpo apresenta morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja baço (2.5YR 5/7), muito homogéneo, aplicado a toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 180 mm. A espessura da aba é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/79/ALCÁÇOVA AJ1 – Hayes 59 (*Atlante I*, XXXII, 10) – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba rectilínea, com ressalto mais interior e canelura junto ao lábio de secção semicircular. O bordo apresenta ligeiro espessamento na face inferior.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/6), muito bem depurada, com poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 5/7) em ambas as superfícies, muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura da aba é de 7 mm.

#### **M81.A.6.2.1b – Hayes 93B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, existindo um ligeiro espessamento na superfície inferior desta porção da peça. O corpo possui tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho escuro (10R 4.5/6), baço, inexistente no corpo exterior.

O diâmetro do bordo é de 226 mm. A espessura da aba é de 9 mm. A espessura médio corpo é de 5 mm.

#### **M81.5C.151 – Hayes 94B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo mais espessado na face inferior. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e quartzos eólicos). O engobe, aplicado a todo o fragmento, é laranja (10R 5/7) e espatulado.

O diâmetro do bordo é de 118 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura médio corpo é de 5 mm.

#### **ME./5/REF – Hayes 94B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo mais espessado na face inferior. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 7/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (2.5YR 6.5/8), baço e muito homogéneo, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 170 mm. A espessura da aba é de 6 mm. A espessura médio corpo é de 3 mm.

**M/82/6A 2b 156 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, côncavo no anverso.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 5/6), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão fino a médio (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8) no anverso e no bordo do reverso, não existindo no corpo do reverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura médio corpo é de 6 mm.

**M/81/5C. 150 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, côncavo no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 4.5/8), brilhante em todo o lado, inexistente no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura médio corpo é de 4 mm.

**M/89.[???].150 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo é tendencialmente hemisférico.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 4.5/8), mais claro no corpo do reverso, onde também chega a não existir.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura médio corpo é de 5 mm.

**M79.A.A.2/3.1b – Hayes 99B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, côncavo no anverso. O corpo apresenta morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino, quase invisíveis (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 4.5/8), com aparência esponjada, no anverso e no reverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura médio corpo é de 4 mm.

**MARCAÇÃO ESBRANQUIÇADA – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular. O corpo apresenta morfologia tendencialmente hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino a médio (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), espatulado no exterior do bordo e mais claro no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura médio corpo é de 5 mm.

**M/987/21C/1b – Hayes 99C – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, de pequenas dimensões em comparação com os demais congêneres. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), mais claro no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é de 209. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura médio corpo é de 3 mm.

**M/89/14B/1b/20 – Hayes 103A – Taça/ prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é extrovertido, de secção triangular. O arranque do corpo não se distingue nitidamente do bordo.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8) no interior, espatulado no exterior do bordo e inexistente no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é de 325 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A altura do bordo é de 14 mm. A espessura do extremo do bordo é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M85/4A/700 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por meio de carena acusada. Corpo de morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), não analisável, devido ao facto de estar coberta por cal. O engobe é laranja baço (10R 5/7), coberto de cal no anverso e contendo resíduos deste material no reverso.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura da carena é de 10 mm. A espessura do corpo é de 6,5 mm.

**CM-81-105 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, extrovertido, com lábio de secção semicircular. A aba é medianamente longa e pendente, encontrando-se fracturada. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 6/6), rosada, muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 6/7), muito desgastado em toda a peça, espatulado na parte superior da aba.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

**M/992/7N/1b – Hayes 91C – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é vertical, de secção semicircular. A aba é curta e pendente, com lábio quebrado. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/4), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino a médio (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5/8), brilhante no anverso e na parte superior da aba, inexistente no resto do fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/28 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio duplamente biselado, separado do arranque do corpo por uma carena acusada.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). Engobe laranja escuro no interior, espatulado. Engobe vermelho acastanhado (10R 4.5/6) no exterior, muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 350 mm. A espessura do bordo é de 2 mm. A espessura da zona da carena é de 8 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/998/3C/1e – Hayes 67B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio de secção triangular pendente. Ostenta uma canelura no anverso, junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja avermelhado (10R 5/7), bastante homogéneo, apenas no anverso e bordo exterior (só até ao lábio).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura máxima da aba é de 10 mm e a mínima é de 4 mm.

#### **M/995/7O/1b – Hayes 65 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, com lábio de secção semicircular.

Entre o lábio e o resto da aba, existe uma larga canelura que os separa.

Foi fabricado com pasta laranja pálida (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja (2.5YR 5.5/8), em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura da aba é de 6 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/29 – Hayes 87A1 (?) – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular acutângula isósceles, com arestas arredondadas. O corpo não oferece morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 4/6), razoavelmente depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja acastanhado (2.5YR 4/8), aplicado a toda a peça, espatulado no anverso e no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/990/4G/1b – Hayes 61A/B2 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado de uma pequena e



amorfa porção de corpo por uma carena acusada, com ângulo mais aberto do que na forma Hayes 61A.

Foi fabricado com pasta laranja clara, muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro, quase vermelho, em todo o fragmento. No interior, entre o bordo e o corpo, mostra-se espatulado.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura da carena é de 11 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/30 e 31 – Hayes 87A2 – Prato**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, com arestas arredondadas, separado internamente do corpo por canelura que ultrapassa o seu limite exterior. Corpo tendencialmente hemisférico.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (2.5YR 4/6), razoavelmente depurada, com abundantes elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho acastanhado (2.5YR 4/8), espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 460 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura máxima do bordo é de 13 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/32 – Hayes 84 – Prato fundo**

Fragmento de peça de TSAf C contendo do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção triangular. O corpo é tendencialmente troncocónico.

O fragmento apresenta decoração exterior: no bordo, observam-se duas caneluras paralelas; no corpo, apresenta decoração de *feather-rouletting*.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (2.5YR 5.5/8), muito homogéneo, não muito aderente, com linhas finas de espatulamento no interior.

Observações – A pasta apresenta fracturas aporcelanadas, como na TSFT e noutros exemplares mais antigos de TSAf C.

O diâmetro do bordo é de 250 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura máxima do bordo é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/89/15C/1b – Hayes 86 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo de secção triangular, com duas caneluras no exterior. O corpo apresenta-se tendencialmente troncocónico, decorado no exterior com *feather-rouletting*.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos, basaltos [?]). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), no interior e no bordo exterior, escorrendo para o corpo. Apresenta-se espatulado na parte inferior do exterior do bordo. Também junto ao bordo, no interior, mostra uma sequência estranha de cinco possíveis marcas de torno subsequentes.

O diâmetro do bordo é de 331 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura máxima do bordo é de 12 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/33 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio duplamente biselado. O corpo apresenta-se em calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), razoavelmente depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a grosseiro (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja avermelhado (10R 4.5/6), mais escuro do que a pasta, muito homogéneo, espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 331 mm. A espessura do bordo é de 2 mm. A espessura na zona da carena é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/34 – Hayes 61A/B3 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é pequeno, um pouco introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta-se em calote hemisférica baixa. Observa-se uma depressão ligeira entre o bordo e o corpo, no exterior.

Foi fabricado com pasta laranja clara, quase bege (2.5YR 6/6), razoavelmente depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a grosseiro (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é alaranjado escuro (2.5YR 5/7), espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura na zona da carena é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/35 – Hayes 61A/B3 (?) – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio internamente biselado. Separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo apresenta-se em calote hemisférica baixa. Observa-se uma depressão entre o bordo e o corpo, no exterior. O bordo, no exterior, apresenta um defeito junto à carena, em que lhe falta pasta.

Foi fabricado com pasta laranja tijolo (2.5YR 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8), espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 242 mm. A espessura do bordo é de 1 mm. A espessura na zona da carena é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/36 – Hayes 67C – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio de secção semicircular pendente. Ostenta uma canelura junto ao lábio, no anverso. É visível o segundo patamar da aba, mas não o corpo.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/6), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 5.5/8), espatulado, mais brilhante no interior e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é de 262 mm. A espessura máxima do bordo é de 9 mm. A espessura da aba é de 4 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/37 – Hayes 104A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção amendoada, com projecção superior e inferior, separado do interior do corpo por uma canelura. O corpo tem morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 7/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (2.5YR 5.5/8) no interior. No exterior, assume tom laranja acastanhado (2.5YR 5.5/6), muito espatulado.

O diâmetro é inaférível. A espessura/altura do bordo é de 20 mm. A espessura do corpo é de 6,5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/38 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo apresenta-se curto, vertical, com lábio de secção triangular. A aba é longa, pendente, com lábio de secção subcircular internamente biselada, com quase 90° de pendência. O corpo é troncocónico de tendência hemisférica, apresentando duas caneluras concêntricas no interior.

Foi fabricada com pasta laranja escura (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/6), mais escuro do que a pasta, baço, presente no anverso e no reverso, à excepção de duas caneluras externas. Apresenta-se espatulado na parte superior da aba.

O diâmetro do bordo é de 434 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura média da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/39 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, vertical, com lábio de secção subtriangular. A aba é longa, pendente, mas pouco pronunciada inferiormente, com lábio de secção duplamente biselada. O corpo é de tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/6), presente apenas no anverso (deverá ter existido no reverso). É espatulado na aba.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 6 mm. A espessura média da aba é de 6 mm. A espessura do lábio da aba é de 3 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/40 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, com lábio de secção semicircular. A aba é longa, pendente, mas pouco projectada inferiormente, com lábio duplamente biselado. O corpo apresenta forma imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja baço (2YR 5.5/6), no anverso e parte superior da aba. Apresenta-se espatulado e de coloração vermelha (2.5YR 5/8) na pendência. Encontra-se muito desgastado no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é de 264 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura média da aba é de 9 mm. A espessura do lábio da aba é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/41 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, com lábio de secção semicircular. A aba é de média dimensão, pendente num ângulo de quase 90°, com lábio de secção duplamente biselada.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos), pouco frequentes. O engobe é espatulado, laranja no anverso (10R 5.5/8), vermelho (10R 5/8) na parte superior da aba.

O diâmetro do bordo é de 261 mm. A espessura do lábio é de 7 mm. A espessura média da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/42 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo apresenta-se ligeiramente mais desenvolvido do que o normal, com ligeira extroversão e lábio duplamente biselado. A aba é longa, pendente, pouco projectada inferiormente, com lábio duplamente biselado.

A aba apresenta uma canelura na zona da pendência, na parte superior.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/6) espatulado, que escurece no exterior do bordo, chegando a ser negro (2.5YR 3.5/1) na aba. A parte inferior da aba não apresenta engobe.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura média da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 5 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/43 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é curto, de secção semicircular. A aba é longa, pendente, a cerca de 90°, pouco projectada inferiormente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/6) e encontra-se aplicado no bordo, anverso e parte superior da aba, espatulado.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura média da aba é de 6 mm. A espessura do lábio da aba é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/44 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, de secção semicircular, com ligeiro espessamento externo e extroversão. A aba é longa, pendente a cerca de 90°, com lábio de secção semicircular ligeiramente biselada. O corpo é morfologicamente imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 6/8), muito depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 5.5/8) e aplica-se a toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 250 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura média da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/45 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo apresenta-se curto, de secção semicircular, com ligeiro espessamento externo e extroversão. A aba encontra-se quebrada na sua parte distal. O corpo mostra-se possivelmente troncocónico.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe laranja, muito homogéneo (10R 5/8), presente no anverso, na parte superior da aba e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é de 280 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 6,5 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/46 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é curto, de secção semicircular, com ligeira extroversão. A aba é longa, pendente a cerca de 90°, com o lábio quebrado.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 7/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 6/8) e está presente no anverso, no bordo e na parte superior da aba.

O diâmetro é inaférível. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da aba é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/47 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é curto, de secção semicircular, ligeiramente extrovertido e espessado externo. A aba está quebrada na parte distal. O corpo apresenta-se tendencialmente troncocónico.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites, quartzos eólicos), pouco frequentes. O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), presente no anverso, no bordo e na parte superior da aba.

O diâmetro do bordo é de 300 mm. A espessura do bordo é de 4,5 mm. A espessura da aba é de 6 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M998/3C/2a – Hayes 3G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, com lábio de secção subrectangular, mais elevado no exterior. A superfície externa do bordo é marcadamente convexa. O corpo apresenta tendência troncocónica.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites), pouco frequentes. O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8) no anverso e no exterior do corpo. Apresenta tonalidade vermelha (10R 5.5/8) no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 257 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura máxima do bordo é de 10 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/48 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio internamente biselado. Encontra-se separado do corpo por carena acusada. O corpo apresenta morfologia de calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (2.5YR 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos). Engobe laranja baço (10R 5/7), levemente espatulado, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 410 mm. **Não encontro.**

#### **M/ALCÁÇOVA/49 – Hayes 61A/B3 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, sendo que a introversão não é acentuada. O lábio apresenta-se internamente biselado. O bordo separa-se do corpo por meio de carena acusada. O corpo apresenta tendência para calote hemisférica, de dimensões mais profundas.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), com fracturas cobertas de concreções, que impossibilitam a análise macroscópica. O engobe é laranja avermelhado (10R 5.5/8), muito homogêneo, encontrando-se presente em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura da zona da carena é de 10 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/50 – Hayes 67C – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, escalonada em dois níveis, com lábio pendente, de secção semicircular.

No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6.5/6), muito depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), mais escuro do que a pasta, espatulado. Encontra-se muito destruído no reverso, nunca tendo chegado a existir na porção inferior da peça.

O diâmetro do bordo é de 274 mm. A espessura da aba é de 5 mm. A espessura do lábio da aba é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/51 – Hayes 67B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular.

No anverso, apresenta canelura circunferencial junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (10R 6/8), baço e espatulado, presente no anverso e no reverso do bordo.

O diâmetro do bordo é de 321 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A espessura do lábio da aba é de 11 mm.

#### **M95/3L/1b – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo apresenta marcas para moagem, típicas destas peças. O pé é trapezoidal irregular.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja avermelhado (10R 5/7), presente em toda a peça.

O diâmetro do pé é inaférível. A espessura do fundo é de 7 mm.

**M78/R. SUP. – Hayes 97 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, sendo que evidencia um ângulo obtuso entre duas faces, quando visto em plano. O lábio é de secção subcircular.

Encontra-se decorado com uma canelura interior, circunferencial, e com uma canelura externa, em que o vértice corresponde ao vértice da peça.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), com fracturas demasiado sujas, que não permitem análise macroscópica. O engobe é laranja escuro (10R 5/7), em todo o fragmento.

O diâmetro no bordo é inaférível. A espessura da aba é de 8 mm.

**M86/12G/1a – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Do bordo em aba permanece apenas o arranque, sem a parte distal, não se percebendo a morfologia. O corpo apresenta forma que parece em calote hemisférica.

O corpo oferece decoração externa de grandes caneluras verticais.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 6/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja baço (10R 5.5/8), espatulado, em todo o fragmento.

O diâmetro no bordo é inaférível. A espessura médio do corpo é de 7 mm.

**M/ALCÁÇOVA/52 – Hayes 96 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba, que está quebrada na sua parte distal. O arranque do corpo tem morfologia imperceptível.

A aba encontra-se adornada, na sua superfície cimeira, com decoração similar às marcas de moagem que se observam nos almofarizes Hayes 91 e 92.

Foi fabricado com pasta laranja acastanhada (2.5YR 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8), aplicado em toda a superfície.

O diâmetro no bordo é inaférível. A espessura da aba é de 6 mm. A espessura médio do corpo é de 5 mm.

**M85/G-B/700 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar. O corpo apresenta morfologia imperceptível. O pé anelar, baixo, é de secção trapezoidal, mais alto no exterior do que no interior.

O corpo e o fundo apresentam, no interior, marcas para moagem características.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 5.5/7), muito homogéneo, presente em ambas as superfícies.

O diâmetro do pé é de 60 mm. A espessura do corpo é de 4,5 mm. A espessura do fundo é de 3 mm. A espessura do pé é de 6 mm.

**M86/12J/100 – Hayes 91 ou 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo. Este apresenta possíveis marcas para moagem.

Foi fabricado com pasta laranja, muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro, espatulado no reverso.

A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/82/3A/150 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar. Este último apresenta secção trapezoidal e é mais alto no exterior do que no interior.

O corpo e o fundo exibem marcas para moagem, no interior.

Foi fabricado com pasta vermelha rosada, bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja, muito homogéneo, em toda a superfície.

A espessura do corpo é de 5 mm. A espessura do fundo é de 4,5 mm. A altura do pé é de 2 mm.

#### **M/83/6D/503/3b – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar. Este último é baixo, subtrapezoidal, com maior altura exterior.

O corpo e o fundo apresentam marcas para moagem, no interior.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos muito finos (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5/6), muito homogéneo, no anverso.

O diâmetro do pé é de 50 mm. A espessura do corpo é de 5 mm. A espessura do fundo é de 4,5 mm. A altura do pé é de 4 mm.

#### **M/80/6B/504 – Estampilha: palmeta, estilo A(ii) – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este encontra-se decorado com uma palmeta, correspondendo ao estilo A(ii).

Foi fabricado com pasta rosada, muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é laranja escuro no anverso e laranja claro, espatulado, no reverso.

A espessura do fundo é de 5 mm.

#### **ME/83-5E-2a – Estampilha: rodas dentadas, estilo A(ii) – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este encontra-se decorado com um vestígio de roda dentada, correspondendo ao estilo A(ii).

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), apenas aplicado sobre o anverso.

A espessura do fundo é de 5 mm.

#### **M85/3Q/700 – Estampilha: rodas dentadas, estilo A(ii) – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este encontra-se decorado com vestígio de **palmeta**, correspondendo ao estilo A(ii).

Foi fabricado com pasta laranja rosada, muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é laranja escuro em toda a superfície do fragmento.

A espessura do fundo é de 4,5 mm.



**M/82/6A 161 – Estampilha: palmeta, estilo A(ii) – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este encontra-se decorado com vestígio de palmeta, correspondendo ao estilo A(ii), sendo o motivo delimitado exteriormente por quatro caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta laranja creme (2.5YR 7/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (2.5YR 6/7), aplicado apenas no interior.

A espessura do fundo é de 5 mm.

**M85/7B/1b – Fulford 50 = Hayes 93B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é de secção trapezoidal, espessado externo. O corpo apresenta tendência troncocónica.

Foi fabricado com pasta laranja acastanhada escura (2.5YR 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), aplicado em toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 288 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura média do corpo é de 4 mm.

**M1990/18AA/1b/1031 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo é muito curto, de secção semicircular. A aba é de média dimensão, pendente a 90°, com lábio de secção duplamente biselada. O corpo apresenta morfologia indeterminada.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/6), muito suja nas fracturas, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites). O engobe é laranja (10R 5.5/8), baço e espatulado, aplicado sobre o anverso, o exterior do bordo e a parte superior da aba.

O diâmetro é inaférível. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da aba é de 8 mm. A espessura média do corpo é de 6 mm.

**M969/13C/1b – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, com alguma projecção inferior que lembra os bordos de Hayes 87A1. O corpo é troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta de coloração imperceptível (10R 6/8), uma vez que as fracturas estão cobertas por concreções calcíticas. O engobe é vermelho acastanhado claro (2.5YR 4.5/6), muito homogéneo, no anverso e exterior do bordo.

O diâmetro é de 375 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A altura do bordo é de 16 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

**ME/84/6A/3b – Hayes 61A/B1 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção semicircular, com ligeiro biselamento interno. Encontra-se separado do corpo por canelura no interior e por carena acusada no exterior. Corpo de aparência em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja escura (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino e fino (calcites). Engobe laranja avermelhado escuro (2.5YR 5/8), espatulado, em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é de 313 mm. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da zona da carena é de 9 mm. A espessura média do corpo é de 8 mm.

#### **ME/86/Encosta do castelo – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, curto, com lábio de secção semicircular, separado do corpo por carena acusada. O corpo é tendencialmente em calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino e fino (calcites). O engobe é laranja avermelhado (2.5YR 4.5/6), espatulado no anverso, presente em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 2,5 mm. A espessura do corpo é de 6 mm. A espessura da zona da carena é de 9 mm.

#### **M/79/6A/RS – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, curto, com lábio de secção semicircular, separado do corpo por carena acusada. O corpo é tendencialmente em calote hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5/7) em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 2 mm. A espessura do corpo é de 6 mm. A espessura da zona da carena é de 10 mm.

#### **M/995/16C/1a – Hayes 61A/B1 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselada no interior. O bordo encontra-se internamente separado do corpo por uma canelura e, externamente, por uma carena acusada. Apresenta internamente um perfil que lembra os da forma Hayes 61B1. O corpo não possui forma definida.

Foi fabricado com pasta laranja escura (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 5/7), espatulado no anverso e, mais ligeiramente, no reverso.

O diâmetro do bordo é de 290 mm. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da zona da carena é de 13 mm. A espessura média do corpo é de 7 mm.

#### **M/97/8C/1b – Hayes 93B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba curta ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo que o bordo é mais espessado na face inferior. O corpo apresenta tendência hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites), muito pouco frequentes. O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/7), pouco brilhante, em todo o anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é de 248 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M86/4M/1b – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se amendoado, com canelura interna junto à fractura inferior.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é vermelho acastanhado (2.5YR 4.5/7), espatulado, em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 10 mm. A altura do bordo é de 18 mm.

#### **M85/GB/700 – Hayes 61A/B3 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se introvertido, de secção triangular, sendo que a introversão não é acentuada. O lábio é de secção semicircular, internamente biselada. O bordo separa-se do corpo por uma carena acusada. O corpo tende para morfologia em calote hemisférica de dimensões mais profundas.

Foi fabricado com pasta vermelha alaranjada (10R 5/6), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é vermelho acastanhado (10R 4.5/8), ligeiramente espatulado no interior, presente em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura da zona da carena é de 9 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/53 – Hayes 103A – Taça/ prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se extrovertido, de secção triangular. O corpo apresenta tendência troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8), aplicado apenas no anverso e no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 317 mm. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/54 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é amendoado, de arestas arredondadas, com pouca projecção inferior, extrovertido. O corpo é tendencialmente troncocónico baixo, com canelura no interior, junto ao bordo.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (2.5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é castanho claro (5YR 5/6), presente no anverso e no exterior do bordo.

Observações – A pasta apresenta-se algo carbonizada nas fracturas, tal como o engobe.

O diâmetro do bordo é de 424 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do bordo é de 17 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

#### **M/81/8A/2a – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular internamente biselada, separado do corpo por carena acusada. O corpo é de tendência hemisférica baixa.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (2.5YR 6/7), bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro acastanhado (2.5YR 4.5/8), em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura do corpo é de 5 mm. A espessura da zona da carena é de 10 mm.

#### **M81 A62.1b – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é de secção triangular, espessado externo e extrovertido. O corpo apresenta tendência imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha acastanhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro, acastanhado (10R 5/7), espatulado, presente em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/83/1/III/2A/152 – Hayes 84 – Prato fundo**

Fragmento de peça de TSAf C contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular, com três caneluras no exterior. O corpo apresenta morfologia imperceptível, decorado externamente com *feather-rouletting*.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja claro (2.5YR 6/7), muito homogéneo e aderente, com linhas finas espatuladas.

Observações – A pasta apresenta fracturas aporcelanadas, como na TSFT e noutros exemplares mais antigos de TSAf C.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M80.2F.210 – Hayes 76 – prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, dentada, com lábio de secção amendoada fina.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 7/8), com fracturas muito sujas. O engobe, aplicado apenas no anverso e no lábio, é de coloração laranja escura (10R 5/7), muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 160 mm. A altura do lábio é de 10 mm. A espessura da aba é de 5 mm.

#### **M80/2D1 – Hayes 76 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio de secção amendoada fina. Observa o arranque do corpo, amorfo.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 7/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja baço (10R 5/6) na superfície superior da aba, sendo mais escuro (10R 6/8) no lábio. Não há engobe no reverso.

O diâmetro do bordo é de 190 mm. A altura do lábio é de 10 mm. A espessura da aba é de 5 mm.

#### **M87/ALCÁÇOVA/1e – Hayes 76, var. Delgado 1967, tav. VII, n. 88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua dentada, com ressalto antes do lábio. Este último é de secção trapezoidal.

Foi fabricado com pasta rosada, bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a grosseiro (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro, espatulado, aplicado a toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 261 mm. A altura do bordo é de 11 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

**M/86/A/D – Michigan I, fig. 3, VII, n. 6 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular arredondada, cuja parte inferior não se encontra muito bem conservada. Observa-se o arranque do corpo, que parece ter forma ligeiramente curva.

Foi fabricado com pasta vermelha alaranjada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (10R 4.5/8), espatulado, distribuído por toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do bordo é de 11 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 7 mm.

**M/97/8C/1b – Hayes 64 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é duplamente espessado, de secção semicircular. O corpo apresenta tendência para morfologia troncocónica, tornando-se cada vez mais fino na direcção do fundo.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5/8), presente apenas no anverso e no bordo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

**M/ALCÁÇOVA/56 – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba rectilínea, com ressalto mais interior e canelura junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja claro (2.5YR 5.5/6), em todo o fragmento. Apresenta-se espatulado no lábio e no reverso.

O diâmetro do bordo é de 311 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura do lábio é de 6 mm.

**M/ALCÁÇOVA/57 – Hayes 67B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular. Ostenta, junto ao lábio, uma canelura cimeira, no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja rosada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja claro (10R 5.5/6) no anverso, laranja escuro (10R 5/6) no bordo e rosado (10R 6/6) no reverso, já desgastado. Apresenta-se espatulado no anverso e no bordo.

O diâmetro da aba é inaférível. A altura do bordo é de 11 mm. A espessura da aba é de 6 mm.

**M/ALCÁÇOVA/58 – Hayes 67C – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção semicircular. Ostenta, junto ao lábio, uma canelura cimeira, no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja salmão (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), baço, aplicado a todo o fragmento.

O diâmetro da aba é de 350 mm. A altura do bordo é de 14 mm. A espessura da aba é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/59 e 60 – Hayes 91 ou 92 – Taça com aba**

Fragmentos de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo. Estes são tendencialmente hemisféricos e apresentam marcas de moagem. Esta zona apresenta, no anverso, uma depressão relativamente às restantes partes dos fragmentos.

Foram fabricados com pasta laranja clara rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites). O engobe é laranja baço (10R 6/6), aplicado a todo o fragmento.

A espessura do corpo é de 4 mm. A espessura do fundo é de 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/61 – Hayes 91 e 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este exhibe marcas de moagem no interior.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é vermelho acastanhado escuro (10R 5.5/6), em todo o fragmento.

A espessura do fundo varia entre 3 e 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/62 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo exhibe marcas de moagem, que parecem não chegar ao centro da peça. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal.

Foi fabricado com pasta laranja creme (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites vermelhas). O engobe é laranja creme (10R 6/7), mais escuro do que a pasta, baço, presente em todo o fragmento.

O diâmetro do pé anelar é inaférível. A espessura do corpo é de 5 mm. A espessura do fundo é de 3 mm. A altura do pé é de 2 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/63 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar. Estes têm morfologia hemisférica. O fundo apresenta marcas para moagem, muito desgastadas. O pé anelar é baixo, de secção trapezoidal, com duas incisões horizontais paralelas na face externa.

A pasta é laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), muito desgastado, aplicado a todo o fragmento.

O diâmetro do pé anelar é de 60 mm. A espessura do corpo é de 4 mm. A espessura do fundo é de 5 mm (inclui o pé). A altura do pé é de 2 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/64 – Hayes 91 ou 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta marcas para moagem.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 5.5/6), baço, aplicado a toda a peça.

A espessura do fundo varia entre 4 e 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/65 – Hayes 91 ou 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta marcas para moagem, muito desgastadas.

Foi fabricado com pasta bege (10R 7/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a médio (calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 6/8), existindo apenas nos sulcos das marcas de moagem.

A espessura do fundo varia entre 5 e 6 mm.

#### **M/990/5N/1b – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo, de morfologia imperceptível.

Encontra-se decorado, no reverso, com um grafito pós-cozedura: um A inserido numa cartela de aparência rectangular. À esquerda, afastado, observa-se um traço isolado.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5/6), no anverso, não existindo no reverso.

Observações – A letra A que aparece na decoração apresenta duas traves centrais em cunha, com vértice para baixo. Esta letra, assim reproduzida, é típica da epigrafia tardo-antiga de Mértola, bem como de uma peça de TSAf D da segunda metade do século V (cf. HAYES, 1997: 63), embora, neste último caso, se trate de uma impressão.

A espessura do fragmento é de 4 mm.

#### **M85/7C/1c – Estampilha: rodas dentadas e grelhas, estilo A(ii) – Forma indeterminada**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, plano.

O fundo encontra-se decorado por estampilhagem, com uma porção de uma roda dentada e de uma grelha quadriculada.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja (10R 5.5/8), mais escuro do que a pasta, aplicado apenas no anverso.

A espessura do fragmento é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/68 – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba, da qual sobrevive apenas a parte inferior, sem lábio. O corpo é em calote hemisférica baixa.

Em termos decorativos, o corpo ostenta impressões diagonais, da esquerda para a direita, deixando marcas «sombra» no interior.

Foi fabricado com pasta vermelha acastanhada (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é castanho avermelhado (10R 4.5/6) mais ou menos enegrecido, espatulado, aplicado em toda a peça.

Observações – A coloração negra do engobe deve-se a acção ígnea pós-deposicional.

A espessura da parede é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/69 – Hayes 67/71 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta curva, com lábio pendente de secção triangular, que ostenta canelura no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites). O engobe é laranja claro (10R 5.5/8), espatulado, aplicado no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é de 165 mm. A espessura do bordo é de 4 mm. A altura do bordo é de 8 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/70 – Hayes 61A/B2 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é triangular com lábio de secção semicircular, separado do corpo por carena acusada, com ângulo interno mais aberto do que o da forma Hayes 61A. O corpo denuncia morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta rosada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja claro (2.5YR 6/7), presente em toda a superfície da peça, mais desgastado no exterior do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura da parede é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/71 – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, com lábio de secção semicircular. Ostenta um ressalto mais interior e canelura junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/8), espatulado, presente em toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 271 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 2 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/72 – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, com lábio de secção semicircular. Ostenta um ressalto mais interior e canelura junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta laranja clara rosada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/7), em toda a superfície, espatulado no lábio e no reverso.

O diâmetro do bordo é de 332 mm. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura do lábio é de 6 mm.



### **M/ALCÁÇOVA/73 – Hayes 67C – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção semicircular. Ostenta canelura cimeira, junto ao lábio, no anverso.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 5.5/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (10R 5.5/8), ligeiramente espatulado, em toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 246 mm. A espessura do bordo é de 10 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/74 – Hayes 87A2 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular com arestas arredondadas. Encontra-se separado internamente do corpo por uma canelura que ultrapassa o seu limite inferior externo. O corpo aparenta ter forma troncocónica.

Foi fabricado com pasta vermelha escura arroxeada (10R 5/8), bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é vermelho acastanhado (2.5YR 4/6), espatulado, aplicado a toda a superfície da peça.

O diâmetro do bordo é de 271 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 2 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/75 – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo e extrovertido, de secção triangular, separado internamente do corpo por uma canelura. O arranque do corpo, que se observa, apresenta forma imperceptível.

Foi fabricado com pasta laranja clara (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/8), espatulado, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 2 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/76 – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo e extrovertido, de secção triangular, separado internamente do corpo por uma canelura. O arranque do corpo tem morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta vermelha arroxeada clara (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites, quartzos eólicos). O engobe é vermelho escuro (10R 5/6), aplicado em toda a peça, bastante desgastado.

O diâmetro do bordo é de 386 mm. A espessura do bordo é de 8 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A altura do bordo é de 20 mm. A espessura da parede é de 4 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/77 – Hayes 64 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se extrovertido, com lábio de secção semicircular. Corpo na continuação do bordo, de tendência troncocónica, com paredes mais espessas junto ao bordo e mais finas em direcção ao fundo.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino a fino (calcites). O engobe é vermelho escuro (10R 4/6), muito homogéneo, presente no interior e na parte superior do reverso, de onde apresenta escorrimento em direcção ao corpo.

O diâmetro do bordo é de 192 mm. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

#### **CM/82/104 – Hayes 94A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba recta, com lábio de secção semicircular.

Junto ao lábio, na superfície superior, a aba apresenta uma canelura horizontal.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é um pouco mais escuro do que a pasta (10R 5/8), muito desgastado.

O diâmetro é inaférível. A espessura da aba é 6 mm. A espessura do corpo é 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/80 – Hayes 67/71 – Taça pequena com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba escalonada, com lábio de secção trapezoidal.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. O engobe é avermelhado (10R 5.5/6, 10R 5/8), muito homogéneo e baço, aplicado apenas ao anverso.

O diâmetro do bordo é 143 mm. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/81 – Hayes 67, *similis* – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular, ainda que não destacado do resto da aba.

No topo da aba, junto ao lábio, observa-se uma canelura horizontal.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja pouco mais escuro (2.5YR 5.5/8), aplicado apenas no anverso e no lábio, ligeiramente espatulado.

O diâmetro do bordo é 363 mm. A espessura do lábio é 13 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/84 – *Atlante*, XLVI, 6, *similis* – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio de secção amendoada fina.

Logo depois do lábio, observa-se um ressalto horizontal em todo o fragmento.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe, aplicado apenas no anverso e no lábio, é de coloração laranja escura (10R 5/8), muito homogéneo.

O diâmetro do bordo é 411 mm. A espessura do lábio é 15 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/85 – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo é espessado externo, de secção amendoada mais próxima da forma triangular, extrovertido. Aba de tendência ligeiramente oblíqua.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (2.5YR 6/8), com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja avermelhado (10R 5.5/8) e está aplicado apenas no anverso e em todo o bordo.

O diâmetro do bordo é 325 mm. A espessura do bordo é 14 mm. A espessura da parede é 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/86 – Hayes 86, n.º 2, variante – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido, em aba curva muito curta, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta-se troncocónico profundo.

O bordo ostenta, na superfície superior, decoração de duas caneluras.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, de cor vermelha mais escura (10R 4.5/8), é homogéneo e um pouco espatulado, aplicado a toda a superfície.

O diâmetro do bordo é de 360 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A altura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/90 – Hayes 73 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba. Este apresenta lábio espessado de secção ovalada. A aba apresenta-se oblíqua e tem morfologia recta ao longo do seu percurso.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe é baço, um pouco mais escuro do que a pasta (10R 5.5/8), aplicado apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 159 mm. A espessura do lábio é 10 mm. A espessura da aba é 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/92 – Hayes 98A/B – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba recta e espessa, muito curta, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 6.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, laranja (2.5YR 5/7), existe em toda a peça e é bastante homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 161 mm. A espessura do bordo é de 12 mm. A altura do bordo é de 6 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura da parede é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/99 – Hayes 59/65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba, com a extremidade inferiormente espessada e lábio de secção semicircular. Observa-se uma inflexão que conduziria ao corpo.

Na face superior, junto ao lábio, a aba apresenta duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe é avermelhado (10R 5.5/8) apresenta-se muito desgastado, aparentemente apenas na superfície exterior e no lábio.

#### **M/ALCÁÇOVA/100 – Hayes 93(?) – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta, com espessamento da superfície inferior e com o lábio ligeiramente alteado na superfície superior.

Na face superior, junto ao lábio, observam-se duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, aplicado apenas no anverso e no lábio, é de cor laranja (2.5YR 5.5/8).

#### **M/ALCÁÇOVA/104 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, de onde escorre para o corpo, é também vermelho, mas mais escuro (10R 5.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6,5 mm. A espessura da parede é de 6,5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/105 – Hayes 81B - Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 4.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, muito poucas). O engobe, presente no anverso e no reverso, é vermelho (10R 4.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura média da parede é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/106 – Hayes 81B - Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 4/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, de onde escorre para o corpo, é vermelho escuro (10R 4/6), muito desgastado.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/110 – Hayes 3D-G – Taça/ prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo e do pé anelar baixo, de secção subrectangular. No anverso, exteriormente em relação ao pé, apresenta cinco incisões concêntricas.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/6), muito bem depurada, contendo poucos elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas). O engobe, muito fino e baço, é laranja (2.5YR 5/7) e aplica-se apenas no interior.

O diâmetro do pé é de 108 mm. A altura do pé é de 3 mm. A espessura do corpo é de 4 mm. A espessura do fundo é de 4 mm.

#### **M989/15B/1a – Hayes 88A – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo apresenta duas caneluras concêntricas na superfície interior. O pé anelar é de secção triangular, alto.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), bem depurada, contendo muito poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, existente só no interior, é avermelhado (10R 5/8).

O diâmetro do pé é de 135 mm. A altura do pé é de 8 mm. A espessura do corpo é de 7 mm. A espessura do fundo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/112 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar baixo, de secção triangular. O fundo apresenta, no anverso, um ressalto exterior, seguido interiormente por duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso, é laranja (2.5YR 5.5/8), muito homogéneo e brilhante.

O diâmetro do pé é de 129 mm. A altura do pé é de 6 mm. A espessura do corpo é de 6 mm. A espessura do fundo é de 7 mm.

#### **M2000/1/2J/0014 – Hayes 104C – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O fundo apresenta duas caneluras concêntricas na superfície interior. O pé anelar é de secção triangular, alto.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5.5/8), bem depurada, contendo muitos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas). O engobe, existente só no interior, é laranja escuro (2.5YR 5.5/8).

O diâmetro do pé é inaférível. A altura do pé é de 9 mm. A espessura do corpo é de 9 mm. A espessura do fundo é de 11 mm.

#### **M/997/8B-C/1d – Hayes 3C – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subtriangular, com lábio externamente projectado, de secção subrectangular, mais elevado no exterior do que no interior. A superfície externa do bordo é convexa junto ao lábio, tornando-se plana mais abaixo. O corpo denuncia calote hemisférica, de paredes muito finas.

A peça apresenta uma canelura na parte inferior do bordo, junto ao corpo.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/6), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis a olho nu, excepto moscovites muito finas. O engobe é laranja (2.5YR 6/8) em todo o interior e no exterior do corpo e vermelho (2.5YR 5/6) no exterior do bordo.

O diâmetro do bordo é de 180 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura máxima do bordo é de 14 mm. A espessura média do corpo é de 5 mm.

#### **M/987.19A.1b – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar baixo. Este último apresenta secção trapezoidal, sendo mais alto no exterior do que no interior.

Em termos decorativos, o anverso exibe três linhas concêntricas de roletilha, com vestígios de uma quarta que está fracturada. No reverso, a zona de assentamento do pé apresenta linhas incisas diagonais.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, muito fino, é vermelho (10R 5/7) e foi apenas aplicado ao anverso.

O diâmetro do pé de 180 mm. A altura do pé é de 3 mm. A espessura do corpo é de 5 mm. A espessura do fundo é de 4 mm.

#### **M/989/15C/2a – Hayes 61B – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é triangular espessado externo, sem lábio preservado. O corpo apresenta-se em calote hemisférica. No interior, observa-se uma canelura muito fina que separa o bordo do corpo.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas). O engobe é laranja claro (2.5YR 5.5/8), presente no anverso e no exterior do bordo, muito espatulado.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 8 mm. a espessura da carena é de 11 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

#### **M/79/AB 1-2-3 1b – Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba oblíqua, com lábio pendente de secção triangular. O corpo não denuncia morfologia.

Foi fabricado com pasta laranja (10R 5/8), muito bem depurada, com calcites e quartzos eólicos muito finos. O engobe é homogéneo, ligeiramente espatulado, e presente na quase totalidade da peça, de cor vermelha acastanhada (10R 5/8).

O diâmetro do bordo é de 236 mm. A altura do bordo é de 14 mm. A espessura do corpo é de 8 mm.

#### **M/992/7/1b – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, espessado externo e extrovertido, com pouca projecção inferior, apresenta secção amendoada, bastante arredondada. O corpo é tendencialmente troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, pouco mais escuro (10R 5.5/8), apresenta-se apenas no interior e no bordo, ligeiramente espatulado.

O diâmetro do bordo é de 243 mm. A altura do bordo é de 15 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M989/15E/1c – Hayes 3B – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do bordo. Este apresenta-se côncavo no exterior, sem preservar a parte inferior, mas com lábio côncavo. A face exterior conserva três teorias horizontais paralelas de incisões.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, muito fino,

apresenta-se vermelho mais escuro no exterior e no lábio (10R 5/7) e mais claro no interior (10R 6/7).

O diâmetro do bordo é de 179 mm. A espessura do lábio é de 10 mm. A espessura mínima do lábio é de 6 mm.

#### **M/86/13/1b – Almofariz/taça (Hayes 91, *similis*)**

Fragmento de peça contendo porção do bordo, da aba e do corpo. O bordo, que não preserva o lábio, é vertical. A aba preserva apenas uma curta porção, não mantendo o lábio. O corpo não apresenta morfologia definida.

Foi fabricado com pasta que apresenta três colorações, uma avermelhada (10R 5/8) e duas acastanhadas (5YR 4/4 e 5YR 4/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe é muito homogêneo, presente em toda a peça, sendo castanho (5YR 4/5).

#### **M86/3N-3M/1b Sob o arco – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba, com lábio espessado na superfície superior, de secção semicircular. A restante aba é recta e horizontal.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, aplicado a toda a peça, é muito homogêneo, apresentando coloração alaranjada (10R 5/8).

O diâmetro do bordo é de 288 mm. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **ME/86 Encosta do castelo – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, não existindo o lábio deste último e sendo o outro de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado (10R 5/8), espatulado no interior.

O diâmetro do corpo é inaférível. A espessura máxima do bordo é de 12 mm. A espessura do lábio é de 3 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/78 – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta horizontal, com lábio superiormente espessado, de secção semicircular. Observa-se o início do arranque em direcção ao corpo, que não se concretiza.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos).

O diâmetro do bordo é de 260 mm. a altura do bordo é de 6 mm. a espessura máxima da aba é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/79 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, com lábios de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado no exterior (10R 5/8) e alaranjado (2.5YR 5.5/8) e espatulado no interior. O diâmetro do bordo é de 106 mm. a espessura do lábio é de 4 mm. a espessura do corpo é de 4 mm.

**M/ALCÁÇOVA/82 – Hayes 61A/B2, *similis* – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça norte-africana (?) contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é triangular, com lábio de secção semicircular, separado do corpo por carena acusada. O ângulo interno é mais aberto do que na forma Hayes 61A. O corpo apresenta morfologia em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta muito depurada, de cor acastanhada (2.5YR 5/4), contendo elementos não plásticos de grão fino (calcites e quartzos eólicos). O engobe é mais escuro do que a pasta (2.5YR 4/3.5), homogéneo, presente em toda a peça.

O diâmetro do bordo é de 426 mm. A espessura do lábio é de 4 mm. A espessura da carena é de 9 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

**M/ALCÁÇOVA/88 – Hayes 67, *similis* – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção subtriangular. No anverso, junto ao lábio, encontra-se um ressalto circunferencial, a toda a largura do fragmento.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, aplicado apenas no anverso e lábio, é vermelho escuro (10R 4.5/8) e baço.

O diâmetro do bordo é de 323 mm. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do corpo é de 7 mm.

**M/ALCÁÇOVA/89 – Hayes 67/71 – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba com dois escalões: um, superior, que é côncavo; outro, inferior, que é tendencialmente recto. O lábio é pendente, de secção triangular. Junto a ele, no anverso, existe uma canelura.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis macroscopicamente, à excepção de um quartzo eólico muito fino. O engobe, presente no lábio e no anverso, é avermelhado (10R 5/8) e baço.

O diâmetro do bordo é de 153 mm. a espessura do lábio é de 7 mm. A espessura média da aba é de 4 mm.

**M/ALCÁÇOVA/91 – Hayes 61A – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é pequeno e muito introvertido de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Encontra-se separado do corpo em calote hemisférica por uma carena acusada.

Foi fabricado com pasta laranja (5YR 5/4) e acinzentada (2.5YR 4/1), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é acastanhado (2.5YR 4.5/6) na maior parte da peça, sendo acinzentado (5YR 4/3) no lábio, muito homogéneo, com espatulamento no reverso, baço.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 2 mm. A espessura da carena é de 7 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.



#### **M/ALCÁÇOVA/93 – Hayes 93B/94B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se em aba curta, ligeiramente oblíqua, com lábio de secção semicircular, sendo que o bordo é mais espessado na sua face inferior. O corpo apresenta morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso e no bordo, é avermelhado (10R 5.5/8), de aparência espatulada.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura da aba é de 6 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/94 – Hayes 98A/B – Taça baixa**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, em aba recta e espessa, muito curta, com lábio de secção semicircular. O corpo apresenta-se em calote hemisférica.

Foi fabricado com pasta laranja avermelhada (10R 6.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, laranja (2.5YR 5/7), existe em toda a peça e é bastante homogéneo.

O diâmetro do bordo é de 143 mm. A espessura da aba é de 7 mm. A altura da aba é de 7 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/97 – Hayes 85B – Copo**

Fragmento de peça de TSAf C5 contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido, formando uma pequena aba oblíqua. O corpo é globular.

A aba encontra-se decorada com três caneluras concêntricas na superfície superior. O corpo exhibe decoração de *feather-rouletting*.

Foi fabricado com pasta laranja clara (2.5YR 6/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. O engobe apresenta-se em toda a peça, sendo laranja mais escuro (2.5YR 5/8), baço e exibindo escorrências no interior.

O diâmetro do bordo é de 115 mm. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura do corpo é de 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/98 – Hayes 87A1 / 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. O bordo, espessado externo e extrovertido, é de secção triangular e está separado do arranque do corpo por uma canelura.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). Engobe laranja escuro (10R 4/8), muito homogéneo e baço, em toda a peça.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 12 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/103 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe,

presente no anverso e no bordo do reverso, é também vermelho, mas mais escuro (10R 5/8), muito desgastado e baço.

O diâmetro do bordo é de 181 mm. A espessura do lábio é de 5 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/107 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, com lábios de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular, embora se conserve apenas uma pequena porção.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 4/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado no interior e no exterior (2.5YR 4/7).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 9 mm. A espessura interna do lábio é de 4 mm. A espessura exterior do lábio é de 5 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M85/4F/RS – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este é espessado externo, de secção subtriangular, ligeiramente côncavo no anverso.

Foi fabricado com pasta vermelha escura (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e quartzos eólicos). Engobe laranja, mais escuro do que a pasta (2.5YR 4.5/8), localizado em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M89/15C/1b – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, sendo ligeiramente extrovertido e espessado. O corpo parece assumir morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, é também vermelho, mas mais escuro (10R 4.5/8), muito desgastado e baço.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M86/13M/1b – Hayes 67, *similis* – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção subtriangular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, aplicado a todo o fragmento, é vermelho escuro (10R 5/8) e baço, muito desgastado.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 11 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

#### **M87.19A.1b – Hayes 88A – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta um pé anelar triangular isósceles, alto e bastante maciço.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas). O engobe é vermelho (10R 4.5/8), mais escuro do que a pasta, e está aplicado apenas no interior.

O diâmetro do pé é inaférível. A espessura do fundo é de 8 mm. A espessura do corpo é de 7 mm. A altura do pé é de 10 mm.

#### **M86/11-12D/1a – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. Este último é alto e côncavo na superfície exterior, com lábio de secção semicircular.

No anverso, o fundo ostenta duas caneluras concêntricas após um ligeiro ressalto.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, brilhante e aplicado apenas ao interior, é igualmente avermelhado (10R 4.5/8).

O diâmetro do pé é de 100 mm. A altura do pé é de 14 mm. A espessura do corpo é de 6 mm. A espessura do fundo é de 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/109 – Hayes 99B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. O pé apresenta-se como sendo de média altura, de secção subtriangular, extrovertido.

O fundo apresenta, no anverso um ressalto que não é seguido de decoração.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo muito poucos elementos não plásticos de grão muito fino (só se observa macroscopicamente um quartzo eólico). O engobe, alaranjado (2.5YR 5/7), só se regista no interior.

A espessura do pé é de 5mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M79.A.B.1b – Forma indeterminada – Estilo A(iii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar. O corpo tem morfologia troncocónica. O pé é muitíssimo baixo, quase não se destacando do fundo.

O anverso apresenta uma canelura espessa e já bastante desgastada, que separa o corpo do fundo. No seu interior, junto ao que seria o centro da peça, regista-se uma estampilha igualmente desgastada, com o motivo das rodas dentadas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, presente apenas no anverso, é também avermelhado (10R 4.5/8) e baço.

#### **M/ALCÁÇOVA/115 – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo, em aba oblíqua, mas recta, preserva apenas a extremidade proximal, onde se observa um característico ressalto. O corpo apresenta morfologia tendencialmente hemisférica.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, pouco mais escuro do que a pasta (10R 5.5/8), é muito homogéneo e aplica-se ao interior e à parte superior do exterior.

#### **M/ALCÁÇOVA/116 – Hayes 67 – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo em aba e do corpo. A aba é escalonada, sendo curva no primeiro escalão, que já não conserva o lábio, e

oblíqua no segundo, que conduz ao corpo. A porção do corpo que se preserva não denuncia morfologia definida.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, laranja (2.5YR 6.5/6), ocorre apenas no anverso.

#### **M/990/5N/1b – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. O bordo, espessado externo e extrovertido, é de secção triangular e está separado do arranque do corpo por uma canelura.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). Engobe laranja (2.5YR 5/7), muito homogêneo e baço, em toda a peça.

A espessura máxima do bordo é de 8 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/81/AF/7C1b – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar baixo. Este último apresenta secção subcircular.

Foi fabricado com pasta laranja (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, muito fino, é laranja (2.5YR 5/7) e foi aplicado a ambas as superfícies.

O diâmetro do pé é inaférível. A altura do pé é de 3 mm. A espessura do fundo é de 4 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/128 – Hayes 3D-G – Taça/prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo com pé anelar baixo. O fundo é internamente côncavo. O pé anelar baixo, apresenta formato trapezoidal.

O anverso parece ter ostentado decoração de três caneluras concêntricas, que estão muito desgastadas. O reverso apresenta, acima do pé, duas linhas concêntricas incisas.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas). O engobe é igualmente alaranjado (2.5YR 5.5/8), muito fino e homogêneo, baço, aplicado a ambas as superfícies.

O diâmetro do pé é de 97 mm. A espessura do pé é de 4 mm. A altura do pé é de 4 mm. A espessura do corpo é de 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/129 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocônica profunda.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 4/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas, quartzos eólicos). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, de onde escorre para o corpo, é também vermelho, mas mais escuro (10R 3.5/6).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 6 mm. A espessura do corpo é de 5 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/131 – Hayes 61A/B2 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo tendencialmente hemisférico por uma carena acusada, com ângulo mais aberto do que o da forma Hayes 61A.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites e quartzos eólicos). O engobe é avermelhado (10R 5.5/8), presente no anverso e no reverso.

Observações – A peça está repleta de concreções calcíticas.

O diâmetro do bordo é de 197 mm. A espessura do bordo é de 4 mm. A espessura da carena é de 9 mm. A espessura do corpo é de 6 mm.

### **M/78/A21 – Hayes 67/71 – Taça pequena com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção triangular.

No anverso, observa-se uma canelura mesmo junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. O engobe é alaranjado (2.5YR 5/7), muito homogéneo e baço, aplicado apenas ao anverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 5 mm. A espessura da aba é de 3 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/136 e 140 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo. Juntos, apresentam morfologia troncocónica que gradualmente se transforma em hemisférica.

No interior do fundo, observa-se decoração de rosetilha radial, típica destas formas.

Foram fabricados com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, muito desgastado e presente apenas no interior, é igualmente avermelhado (10R 5/7).

A espessura do corpo e do fundo é 4 mm.

### **M/ALCÁÇOVA/137 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar baixo. O fundo apresenta-se internamente côncavo. O pé anelar tem secção trapezoidal, mais alto no exterior do que no interior.

O anverso encontra-se decorado, no fundo, com rosetilha radial, como é costume nesta forma.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe encontra-se aplicado apenas no interior, sendo pouco mais escuro do que a pasta (10R 5/8).

O diâmetro do pé anelar é 90 mm. A espessura do corpo é 4 mm. A altura do pé é 4 mm.

**M/ALCÁÇOVA/138 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, curva na extremidade, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é também alaranjado (2.5YR 5/7) e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio, sendo bastante espatulado.

O diâmetro da aba é 220 mm. A espessura do lábio é 4 mm. A espessura da aba é 7 mm.

**M/ALCÁÇOVA/139 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e da aba. O bordo não preserva o lábio, sendo espessado externo. A aba apresenta-se pendente, curva na extremidade, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é alaranjado (2.5YR 5/7) e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio, sendo bastante espatulado.

O diâmetro da aba é 230 mm. A espessura do lábio é 5 mm. A espessura da aba é 6 mm.

**M/ALCÁÇOVA/141 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este é côncavo no interior. Apresenta, nessa superfície, decoração de roletilha radial, encimada por duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas) e fino (cerâmica vermelha). O engobe, aplicado apenas ao interior, é avermelhado (10R 6/6) e baço.

A espessura do fundo é 5 mm.

**M/ALCÁÇOVA/142 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar baixo. O corpo e o fundo são côncavos no interior. O pé anelar apresenta secção trapezoidal, mais alta no exterior.

No anverso, observa-se decoração de roletilha radial, encimada por uma canelura circunferencial.

Foram fabricados com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas) e fino (cerâmica vermelha). O engobe, aplicado apenas ao interior, é avermelhado (10R 6/6) e baço.

O diâmetro do pé anelar é 100 mm. A espessura da parede é 4,5 mm. A espessura do fundo é 3 mm. A altura do pé é 1 mm.

**M/ALCÁÇOVA/143 – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo. Este apresenta morfologia interiormente côncava.

Observa-se, no interior, uma canelura circunferencial. No exterior, ocorre decoração de impressões verticais, que passa para o interior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, existente apenas no interior, é espatulado e exibe a mesma cor da pasta.

A espessura do corpo é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/146 – Hayes 76 – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, oblíqua, com lábio pendente de secção amendoada, mas sem projecção superior.

Observam-se duas caneluras concêntricas no anverso, a meio da porção da aba preservada.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, presente apenas no interior e no lábio, é igualmente alaranjado (2.5YR 5.5/6) e baço.

O diâmetro do bordo é 140 mm. A altura do bordo é 9 mm. A espessura da aba é 5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/147– Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, curva na extremidade, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é também avermelhado (10R 5/7) e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio.

O diâmetro da aba é 210 mm. A espessura do lábio é 5 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/148 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, angulosa na extremidade (quase 90°), com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é também avermelhado (10R 5.5/8), baço, e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio.

O diâmetro da aba é 230 mm. A espessura do lábio é 5 mm. A espessura da aba é 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/149 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, curva na extremidade, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é também avermelhado (10R 5.5/8) e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio, sendo algo espatulado.

O diâmetro da aba é 190 mm. A espessura do lábio é 5 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/150 – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente, curva na extremidade, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é também avermelhado (10R 5.5/8) e ocorre apenas na parte superior da aba e no lábio, sendo algo espatulado.

O diâmetro da aba é 230 mm. A espessura do lábio é 5 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/151 – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta apenas a extremidade proximal. O corpo apresenta morfologia interiormente côncava.

No exterior, ocorre decoração de impressões verticais, que passa para o interior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, existente em ambas as superfícies, é avermelhado (10R 5/8), espatulado e exibe a mesma cor da pasta.

A espessura do corpo é 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/152 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este é côncavo no interior. Apresenta, nessa superfície, decoração de roletilha radial, encimada por duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas) e fino (cerâmica vermelha). O engobe, aplicado apenas ao interior, é avermelhado (10R 5/7) e baço.

A espessura do fundo é 4 a 5,5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/153 – Hayes 61A/B3 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se curto, pouco introvertido, de secção triangular, com lábio de secção semicircular. Separa-se do corpo por uma carena acusada.

Foi fabricado com pasta de cor laranja (10R 6/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de granulometria muito fina (calcites brancas e vermelhas). O engobe é laranja (2.5YR 5.5/7), brilhante em todo o interior e baço no exterior, onde se encontra aplicado no bordo e parte superior do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 3 mm. A espessura da carena é de 10 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/154 – Hayes 91B, variante tardia – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo. O corpo aparente possuir forma hemisférica, ao passo que o fundo é internamente côncavo, possuindo um pé em bolacha com uma canelura que destaca a extremidade da restante superfície de assentamento, formando um falso pé.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (quartzos eólicos, muito escassos). O



engobe, muito desgastado, parece ter ocorrido no anverso e no reverso, sendo igualmente avermelhado (10R 4.5/8).

O diâmetro do fundo é 57 mm. A espessura do corpo é 5 mm. A espessura do falso pé é 8 mm. A altura do falso pé é 3,5 mm.

Observações – A variante tardia da forma Hayes 91B é mais pequena e pode não apresentar roletilha no fundo, como acontece aqui.

#### **M/ALCÁÇOVA/155 – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio espessado de secção amendoada, com pouca projecção superior e projecção inferior com formato irregular.

A aba ostenta duas caneluras junto à fractura inferior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe é avermelhado (10R 5/7), espatulado, aplicado no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 170 mm. A espessura do lábio é 7 mm. A espessura da parede é 5,5 mm. A altura do lábio é 12 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/156 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, que se apresenta côncavo. No interior, exhibe decoração de roletilha radial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, muito desgastado, assume a cor da pasta.

A espessura do fragmento é 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/159 – Hayes 67, *similis* – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção semicircular.

No anverso, junto ao bordo, observam-se duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, não se conseguindo observar elementos não plásticos, devido a concreções de cal. O engobe é igualmente avermelhado (10R 5.5/8), presente apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 260 mm. A espessura do lábio é 12 mm. A altura do lábio é 14,5 mm. A espessura da parede é 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/160 – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, horizontal, da qual resta apenas a superfície superior.

Do interior para o exterior, observa-se um ressalto junto ao local onde o bordo se reuniria com o corpo e uma canelura junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, com poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é baço, avermelhado (10R 5/7).

#### **M/ALCÁÇOVA/161 – Hayes 93B – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo, muito destruídos. O bordo apresenta-se em aba curta, ligeiramente oblíqua, com lábio de

secção semicircular, sendo que o bordo é mais espessado na sua face inferior. O corpo apresenta morfologia hemisférica.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, quase totalmente destruído, é avermelhado (10R 5/6).

O diâmetro do bordo da peça é 230 mm. A espessura do bordo é 7 mm. A espessura do corpo é 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/162 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, com lábios de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular, embora se conserve apenas uma pequena porção.

No exterior, ostenta a meio corpo decoração de rosetilha.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/7), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado (2.5YR 4.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 11,5 mm. A espessura do corpo é 7 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/163 – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, com lábios de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular.

Foram fabricados com pasta laranja (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado no interior e no exterior (2.5YR 4.5/8).

O diâmetro do bordo é 110 mm. A espessura do bordo é 11 mm. A espessura do corpo é 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/164 – Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B, *similis* – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio pendente de secção semicircular. O corpo evidencia morfologia indeterminada.

Na zona de assentamento do bordo, observa-se decoração dentada, a que se seguem duas caneluras junto ao bordo e outras três junto à inflexão para o corpo.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é alaranjado (2.5YR 5.5/6), muito homogéneo, aplicado apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 400 mm. A espessura do lábio é 14 mm. A espessura do corpo é 9 mm. A espessura da aba é 8 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/165 – Hayes 104A1 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo de secção oval, com igual projecção superior e inferior. O corpo não denuncia morfologia determinada.

Junto ao bordo, no anverso, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é avermelhado (10R 4/6), aplicado ao anverso e a todo o bordo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A altura do bordo é 12 mm. A espessura do corpo é 4 mm.

**M/ALCÁÇOVA/166 – Hayes 73 – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, ligeiramente curva, com lábio de secção amendoada, mais projectado superiormente do que inferiormente.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é laranja escuro (2.5YR 4.5/7), aplicado apenas ao anverso e ao lábio.

O diâmetro do bordo é 190 mm. A altura do lábio é 10 mm. A espessura da aba é 4 mm.

**M/ALCÁÇOVA/167 – Hayes 76 – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba recta oblíqua, com lábio de secção amendoada superiormente projectado. O arranque do corpo não evidencia morfologia determinada.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe é alaranjado (2.5YR 5.5/6), muito homogéneo, aplicado apenas ao anverso e ao lábio.

O diâmetro do bordo é 170 mm. A altura do bordo é 10 mm. A espessura da aba é 3,5 mm. A espessura do corpo é 3,5 mm.

**M/989/15D/1a – Atlante, XLVI, 5 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção oval. O corpo, presente na continuação do bordo, é tendencialmente troncocónico baixo.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, alaranjado (2.5YR 5.5/8) e muito homogéneo, foi aplicado apenas no anverso e bordo, sendo espatulado nesta última porção.

O diâmetro do bordo é 300 mm. A espessura do bordo é 10 mm. A espessura do corpo é 7 mm.

**M85/4A/700 – Hayes 73 – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, sinuosa, com lábio de secção amendoada, com maior projecção superior do que inferior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, muito homogéneo, tem a mesma cor da pasta e encontra-se aplicado no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 215 mm. A altura do lábio é 9,5 mm. A espessura da aba é 4 mm.

**M86/3D/1a – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, com lábio de secção semicircular.

Na face superior, observa-se uma canelura mais interior e outra junto ao lábio.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, um pouco mais escuro do que a pasta (10R 5.5/8), é muito homogéneo e foi aplicado a todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é 400 mm. A espessura do bordo é 7 mm.

#### **M1990/17B/R.S – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba não muito longa, maciça, com lábio de secção semicircular. O corpo não evidencia morfologia perceptível.

No anverso, após o primeiro terço proximal da aba, observa-se uma depressão gradual a que se segue um ressalto. Junto ao lábio, registam-se duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5/7), ocorre em toda a superfície, sendo espatulado no reverso.

O diâmetro do bordo é 300 mm. A espessura mínima do bordo, junto ao lábio, é 3 mm. A espessura máxima do bordo é 9 mm. A espessura do corpo é 7 mm.

#### **M81/15B 1b – Hayes 87B – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é espessado externo, de secção triangular. O corpo exibe morfologia hemisférica.

Entre o bordo e o corpo, no anverso, observa-se uma fina canelura.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é igualmente alaranjado (2.5YR 5.5/8), muito homogéneo, presente em todo o fragmento, excepto no reverso do corpo.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 13 mm. A espessura do corpo é 4,5 mm.

#### **M94/3L/1a – Hayes 59 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em forma de aba recta, com lábio de secção semicircular. No anverso, ostenta duas caneluras concêntricas e afastadas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é também avermelhado (10R 5.5/8), de coloração próxima à da pasta, muito homogéneo, presente em todo o fragmento.

A espessura do bordo é 7 mm.

#### **M/79/405/.1a – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta, oblíqua, com lábio espessado externo de secção amendoada, mais projectado superiormente.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é avermelhado (10R 5/7), muito homogéneo, aplicado sobre o anverso e o lábio.

O diâmetro do bordo é 190 mm. A espessura do lábio é 10 mm. A espessura do corpo é 3,5 mm.

**M/990/18AA/1c/1031 – Hayes 65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba curta, recta, com lábio de secção semicircular.

No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, também avermelhado (10R 5/7), é muito homogéneo e foi aplicado sobre a superfície superior do fragmento.

O diâmetro do bordo é 200 mm. A espessura da aba é 7 mm. A espessura do corpo é 3,5 mm.

**M85/GB/700 – Hayes 65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta, recta, com lábio de secção semicircular.

No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, alaranjado (2.5YR 4.5/8), é muito homogéneo e foi aplicado sobre toda a superfície do fragmento.

O diâmetro do bordo é 220 mm. A espessura da aba é 6,5 mm.

**M/989/15C/2a – Hayes 87B – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo de secção triangular, com arestas arredondadas. Uma canelura separa-o internamente do arranque do corpo, de morfologia imperceptível.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, avermelhado (10R 5.5/8) e muito homogéneo, observa-se apenas no anverso e em todo o bordo.

**M/87.2B.1b – Hayes 103B – Taça grande/prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este é espessado externo, de secção subtriangular, fracturado na superfície inferior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5.5/5), é bastante homogéneo, aplicado a toda a superfície preservada.

O diâmetro do bordo é 300 mm. A espessura mínima do bordo é 2 mm. A espessura máxima do bordo é 10 mm.

**M998/5H/1b – Hayes 91A/B – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente a quase 90°, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é alaranjado (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo, apenas aplicado à superfície exterior.

O diâmetro da aba é de 240 mm. A espessura média da aba é 6 mm.

**M/992/7M/1a – Hayes 99A/B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este é espessado externo, de secção subtriangular, fracturado na superfície inferior e polido no topo.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é alaranjado (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo e brilhante, em ambas as superfícies.

O diâmetro do bordo é inaférível, porque não se conserva o lábio. A espessura mínima do bordo é 2 mm. A espessura máxima do bordo é 9 mm.

Observações – O facto de o bordo ser polido no topo parece traduzir uma mudança de funcionalidade da peça.

#### **M/992/70/1a – Hayes 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se curva, com lábio ligeiramente pendente, de secção semicircular. No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe é avermelhado (10R 4.5/8), muito homogéneo, aplicado apenas na superfície superior da aba.

O diâmetro da aba é inaférível. A espessura média da aba é 6 mm.

#### **M/992/70/1b – Hayes 78 – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada e granulosa, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, um pouco mais escuro do que a pasta (10R 4.5/8), é muito homogéneo, aplicado sobre o anverso e o lábio.

O diâmetro do bordo é 200 mm. A espessura média da aba é 8 mm.

#### **M86/3M/3N/1b sob o arco – Hayes 98A/B – Taça baixa**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo apresenta-se em aba curta, com lábio de secção semicircular, ligeiramente espessado na extremidade. O arranque do corpo não apresenta morfologia perceptível.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 5.5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é avermelhado (10R 5.5/8), muito desgastado, aplicado ao anverso e ao reverso, na porção que se conserva.

O diâmetro do bordo é 170 mm. A espessura média do bordo é 5,5 mm. A espessura do corpo é 5,5 mm.

#### **M96/12G/1a – Hayes 87A/88 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se espessado externo e extrovertido, de secção triangular isósceles, com arestas arredondadas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8) no exterior e acinzentada (5YR 5.5/2) no interior, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é avermelhado (10R 5.5/8), bastante desgastado, presente no anverso e no reverso.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura máxima do bordo é 8 mm.

**M/89/15C/1b – Hayes 104A1 – Taça pequena**

Fragmentos (dois) de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. Este apresenta-se em aba oblíqua, curva, com lábio de secção amendoada, com muita projecção superior e pouco projecção inferior.

A meio do corpo, observam-se duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, pouco granulosa, com elementos não plásticos muito finos (calcites brancas e vermelhas). O engobe é avermelhado (10R 5.5/8), muito homogéneo, desgastado, assumindo aparência esponjosa. Está aplicado sobre o anverso e o lábio.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 7 mm. A espessura do corpo é 4,5 mm.

**M/86/13J/1a – Hayes 76 – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo, que se apresenta em aba oblíqua, curva. O lábio é de secção amendoada, com maior projecção superior do que inferior.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 7/8), muito depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, raras e minúsculas). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5.5/8), bastante desgastado, aplicado sobre o anverso e todo o bordo.

O diâmetro do bordo é 170 mm. A espessura do lábio é 6 mm. A espessura da aba é 4 mm.

Observações – No reverso, regista-se a possível ocorrência de um grafito com dois caracteres em Grego: .

**M/80/AC2a – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba oblíqua, com lábio amendoado de secção amendoada, com maior projecção superior do que inferior.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, muito escassas). O engobe é avermelhado (10R 5/7), presente no anverso e em todo o lábio. É muito homogéneo e ligeiramente espatulado, principalmente no exterior do lábio.

O diâmetro do bordo é 230 mm. A espessura do lábio é 8,5 mm. A espessura da aba é 5 mm.

**M85/3A/700 – Estampilha com ramo de palma**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta-se plano, com decoração estampilhada em que se emprega o motivo do ramo de palma.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5.5/8), aplica-se apenas no anverso.

A espessura do fragmento é 4 mm.

**M85/G-B/700 – Hayes 91 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta-se côncavo, com decoração de roletilha radial no anverso, como é costume nestas formas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é avermelhado (10R 6/8), aplicado apenas no anverso.

A espessura do fragmento é 6 mm.

#### **M/82/3A 150 – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar baixo. O fundo apresenta-se internamente côncavo. O pé anelar tem secção trapezoidal, mais alto no exterior do que no interior.

O anverso encontra-se decorado, no fundo, com roletilha radial, como é costume nesta forma.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe muito desgastado, assume a cor da pasta, apenas no anverso.

O diâmetro do pé anelar é 70 mm. A espessura do corpo é 5 mm. A espessura do fundo é 4,5 mm. A espessura do pé é 7 mm. A altura do pé é 1,4 mm.

#### **M82.6A.161 – Hayes 91 ou Hayes 92 – Taça com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo, côncavo, com decoração interna de roletilha radial espaçada.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada e granulosa, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e quartzos eólicos). O engobe é também avermelhado (10R 5/7), muito homogêneo e desgastado, apenas no anverso.

A espessura do fragmento é 6,5 mm.

#### **ME/83-7D-1a – Forma indeterminada – Estilo A(iii)**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do corpo e do fundo com pé anelar muito baixo. O corpo evidencia morfologia troncocónica. O fundo apresenta-se plano, com falso pé. No anverso, localizado no interior de sete caneluras concêntricas, encontra-se uma estampilha fragmentada, com o motivo dos círculos concêntricos.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5.5/8), é muito homogêneo e aderente, baço, aplicado apenas sobre o anverso.

A espessura do corpo é 6,5 mm. A espessura do fundo é 5 mm. A espessura do falso pé é 3,5 mm.

#### **M/990/6M/1b – Hayes 67, *similis* – Taça grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta e curva, com lábio pendente de secção triangular, não destacado. No anverso, junto ao lábio, apresenta-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/7), muito bem depurada e algo granulosa, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5.5/7), pouco brilhante, presente no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é de 260 mm. A espessura do lábio é 10 mm. A espessura da aba é 3,5 mm.

#### **M/91/4C.1a – Hayes 67, *similis* – Taça grande**



Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção semicircular. No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, vermelhas e quartzos eólicos). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5.5/8), presente no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é 13 mm. A espessura da aba é 7,5 mm.

#### **M85/4A/700 – Hayes 61A/B2 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e carena. Este apresenta-se direito e de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/7), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5.5/8), com inclusões mais escuras (10R 5/8) abaixo do bordo, pouco aderente, encontrando-se a escamar, não totalmente homogéneo, presente no anverso e reverso.

A espessura do bordo é 3 mm. A espessura da carena é 8,5 mm.

#### **M85/3A/700 – Hayes 59 – Prato de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba direita com secção semicircular. Oferece duas caneluras no anverso.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (quartzos eólicos). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5/7), baço e aparentando ser algo aguado, especialmente no anverso. Encontra-se em toda a superfície.

A espessura da aba é de 5 mm.

#### **M85/GB/700 – Hayes 76 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção de bordo. Este apresenta-se em aba, bastante danificado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5.5/6), muito desgastado, presente apenas no anverso e do bordo.

A espessura do lábio é 7 mm. A espessura da aba é 3,5 mm.

#### **M997-6F-1b – Hayes 91 A/B – Taça com aba**

Fragmento contendo porção de peça em TSAf D, contendo porção de aba pendente. Esta apresenta-se com lábio pendente e secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5/7), muito homogéneo, presente no anverso e no lábio.

O diâmetro da aba é 250 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/987.7E.1b – Hayes 65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento contendo porção de peça em TSAf D, contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curta ligeiramente côncava e lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito finos (calcites brancas e vermelhas). O engobe é

igualmente avermelhado (10R 4.5/8), muito homogéneo, poroso e presente em ambas as superfícies.

A espessura da aba é 5 mm. O diâmetro da aba é de 170 mm.

#### **M/82/4A 3a – Hayes 91A – Taça com aba**

Fragmento contendo porção de peça de TSAf D contendo porção do fundo. Este apresenta-se plano, com pé em anel baixo de secção trapezoidal.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é avermelhado (10R 5.5/6), muito desgastado, baço e homogéneo, presente apenas no anverso.

O diâmetro do pé é 60 mm. A espessura do corpo é 4 mm. Espessura do fundo é 2 mm. A altura do pé é 2 mm. A espessura do pé é 8 mm.

#### **M85/GB/700 – Hayes 65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento contendo porção de peça em TSAf D contendo porção de bordo. Este apresenta-se em aba, com um ressalto junto ao lábio, sendo este de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas, branca e quartzos eólicos/ micas). O engobe é alaranjado (2.5YR 5/5), assumindo tom mais escuro no lábio (2.5YR 4/1) muito fino, presente no anverso e no reverso.

O diâmetro do bordo é 250 mm. A espessura do bordo é 5 mm. A espessura da aba é 5,5 mm.

#### **ME.80.5A-1C – Hayes 87B – Prato**

Fragmento contendo porção de peça em TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta-se espessado externo, de secção triangular, com arestas arredondadas. O corpo assume morfologia imperceptível.

Separando o bordo e o corpo, no interior, encontra-se uma canelura.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 5.5/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe é alaranjado (2.5YR 4.5/8), muito homogéneo e pouco brilhante, aplicado ao anverso e ao bordo.

O diâmetro do bordo é 300 mm. A espessura do bordo é 7 mm. A espessura do corpo é 5,5 mm.

#### **M85/GB/700 – Hayes 59/65 – Prato grande com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta horizontal, com lábio de secção semicircular. No anverso, junto ao lábio, observa-se uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, igualmente alaranjado (10R 5.5/6), é muito homogéneo e encontra-se aplicado apenas ao anverso.

A espessura do fragmento é 3,5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/177 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, sendo ligeiramente extrovertido e espessado. O corpo parece assumir morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta vermelha (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, é também vermelho, mas mais escuro (10R 5.5/8), muito desgastado e baço.

O diâmetro do bordo é 210 mm. A espessura do bordo é 6 mm. A espessura do corpo é 4 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/179 – Hayes 3 – Taça/ prato**

Fragmento de peça de TSFT contendo porção do fundo. Este apresenta-se convexo no interior, onde exhibe uma estampilha que lembra um zoomorfo ou um antropomorfo.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada e pouco granulosa, sem elementos não plásticos macroscopicamente visíveis. O engobe, muito fino e homogéneo, é pouco mais escuro do que a pasta (2.5YR 6/7), tendo sido aplicado apenas no anverso.

A espessura do fundo varia entre 3 mm nas zonas periféricas e 3,5 mm no centro.

#### **M/ALCÁÇOVA/180 – Hayes 91A/B – Taça grande com aba**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção da aba. Esta apresenta-se pendente a cerca de 90°, com lábio de secção semicircular, ligeiramente afilado.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada e muito granulosa, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é alaranjado (2.5YR 4.5/6), presente apenas no anverso, espatulado e baço.

O diâmetro da aba é inaférível. A espessura da aba é 6 mm. A espessura do lábio é 3 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/181 – Hayes 67/71 – Taça pequena com aba curva**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba curva, com lábio pendente de secção semicircular, demarcado no anverso por uma canelura circunferencial.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 5/6), muito bem depurada, algo granulosa, com muito poucos elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é igualmente alaranjado (2.5YR 5/7), muito homogéneo, espatulado e fino, presente apenas no anverso.

O diâmetro do bordo é 150 mm. A espessura do lábio é 4,5 mm. A espessura da aba é 3 mm.

#### **M80/Marcação ilegível – Hayes 76 – Prato**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba recta oblíqua, com lábio de secção amendoada. Na aresta superior, o lábio apresenta decoração dentada, ao passo que, pouco mais adiante, em direcção à parte proximal da aba, ocorrem duas caneluras com um ressalto intermédio.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada e granulosa, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe é igualmente avermelhado (10R 5/7), muito homogéneo, apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é 230 mm. A altura do lábio é 12 mm. A espessura da aba é 6 mm.

#### **M/81/4B/1b – Hayes 104A1 ou A2 – Prato grande**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se amendoado, estando fracturado na junção que teria com o corpo.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada e muito granulosa, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas e vermelhas). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5.5/8), encontra-se muito desgastado.

O diâmetro do bordo é 380 mm. A espessura do bordo é 9 mm. A altura do bordo é 21 mm.

#### **M/990/5.O/1b – Hayes 98A/B – Taça pequena**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e arranque do corpo. O bordo é espessado externo, de secção subrectangular, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/8), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas, calcites vermelhas, quartzos eólicos). O engobe, igualmente avermelhado (10R 5/7), é muito homogéneo, presente apenas no anverso e no lábio.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 6 mm. A espessura do arranque do corpo é 4,5 mm.

#### **M/989/15D/1a – Hayes 12/102 – Copo**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo é bífido, mais elevado no exterior do que no interior, com lábios de secção semicircular. O corpo apresenta tendência globular, embora se conserve apenas uma pequena porção.

No exterior, ostenta a meio corpo decoração impressa de caneluras.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito bem depurada, contendo elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). O engobe, presente em ambas as superfícies, é avermelhado (10R 5.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é 10 mm. A espessura do corpo é 3,5 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/183 – Hayes 65 – Prato grande de fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba horizontal, ligeiramente curva, com lábio de secção semicircular.

Entre o lábio e o resto da aba, existe uma larga canelura que os separa.

Foi fabricado com pasta laranja pálida (10R 6/8), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites e quartzos eólicos). Engobe avermelhado (10R 5/8) e laranja (2.5YR 5/8), em todo o fragmento.

O diâmetro do bordo é 210 mm. A espessura da aba é de 6 mm.

#### **M/ALCÁÇOVA/185 – Hayes 81B – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo e do corpo. O bordo apresenta secção semicircular, não se destacando do corpo, que assume morfologia troncocónica profunda.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites vermelhas e brancas). O engobe, presente no anverso e no bordo do reverso, é também vermelho, mas mais escuro (10R 5.5/8).

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do bordo é de 7 mm. A espessura da parede é de 6 mm.

**M/ALCÁÇOVA/186 – Hayes 65 – Prato grande com fundo plano**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba horizontal recta, com lábio de secção semicircular.

Entre o lábio e o resto da aba, existe uma larga canelura que os separa.

Foi fabricado com pasta laranja pálida (2.5YR 6/6), muito bem depurada, com elementos não plásticos de grão muito fino (calcites brancas). Engobe avermelhado (10R 6/7) apenas na parte superior da aba.

O diâmetro do bordo é inaférível. A espessura do lábio é de 8 mm. A espessura da aba é de 5 mm.

**M/ALCÁÇOVA/188 – Hayes 99A – Taça**

Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do fundo com pé anelar. Este apresenta-se extrovertido, alto, ligeiramente espessado na extremidade.

No anverso, o fundo apresenta duas caneluras concêntricas.

Foi fabricado com pasta avermelhada (10R 6/6), muito fina, compacta e bem depurada, quase ao nível das produções de TSAf C. Os únicos elementos não plásticos visíveis são calcites brancas, finíssimas. O engobe, aplicado apenas sobre o anverso, é muito homogêneo, de coloração avermelhada (10R 6/7).

O diâmetro do pé é inaférível. A espessura do corpo é 5 mm. A espessura do fundo é 5 mm. A altura do pé é 10 mm.

**M/ALCÁÇOVA/189 – Hayes 76 – Prato**

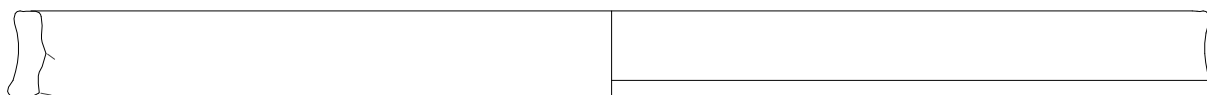
Fragmento de peça de TSAf D contendo porção do bordo. Este apresenta-se em aba, com lábio distalmente fragmentado, de secção amendoada.

Foi fabricado com pasta alaranjada (2.5YR 6/6), muito bem depurada e algo granulosa, contendo grandes quantidades de calcites brancas e vermelhas, muito finas. O engobe, vermelho escuro (10R 4.5/7), encontra-se em ambas as superfícies.

A espessura da aba é 6 mm.

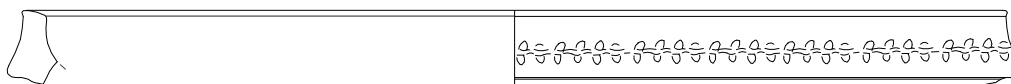
# Forma Hayes 3

Ø = 271 mm



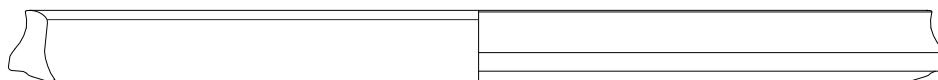
MONTINHO 90 C-17-1  
(ALC 13 - Hayes 3E)

Ø = 228 mm



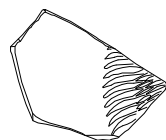
MONTINHO 90 D-18-35  
(ALC 14 - Hayes 3F)

Ø = 210 mm



ML 00 J.19-58  
(ALC 23 - Hayes 3, variante indeterminada)

## Forma Hayes 53B



LOURINHÃ 575  
(ALC 22 - Hayes 53B)

## Forma Hayes 59

Ø = 345 mm



ML 00 H.18.15  
(ALC 18 - Hayes 59)

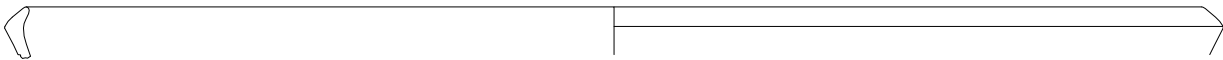
# Forma Hayes 61A

Ø = 290 mm



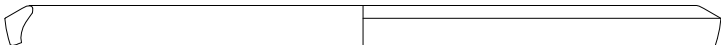
MONTINHO 91 D-16-31  
(ALC 2 - Hayes 61A)

Ø = 429 mm



MONTINHO 91 D-15-12  
(ALC 3 - Hayes 61A)

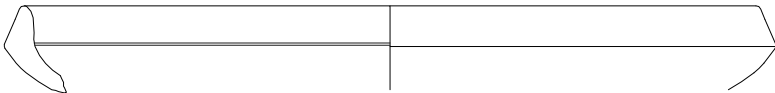
Ø = 244 mm



MONTINHO 91 D-15-18  
(ALC 4 - Hayes 61A)

# Forma Hayes 61A/B1

Ø = 268 mm

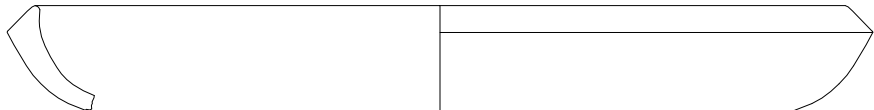


MONTINHO 91 C-16-27  
(S/N - Hayes 61A/B1)



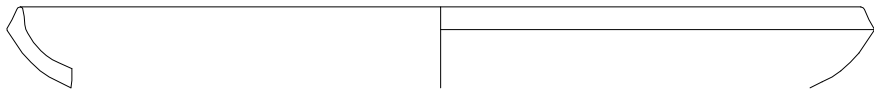
# Forma Hayes 61A/B3

Ø = 247 mm



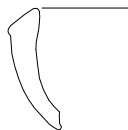
MONTINHO 90 SUPERFÍCIE-3  
(ALC 1 - Hayes 61A/B3)

Ø = 257 mm



ML 01 G-14  
(ALC 20 - Hayes 61A/B3)

## Forma Hayes 61A/B4



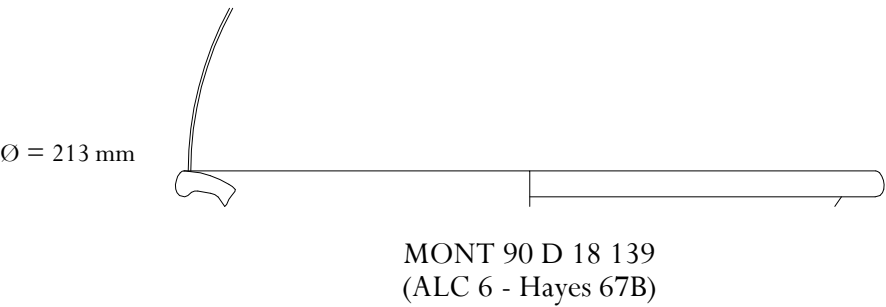
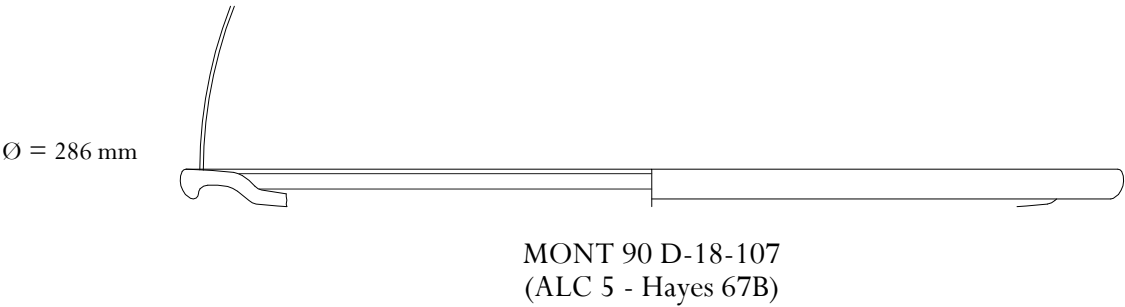
ML 00 H.18.16  
(ALC 19 - Hayes 61A/B4)

## Forma Hayes 61B1

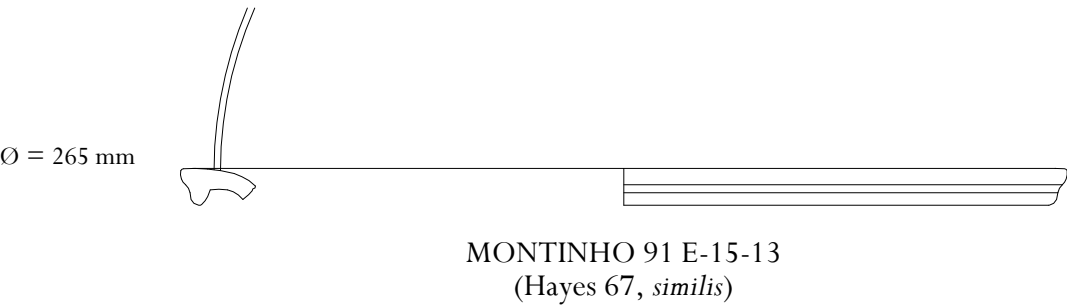
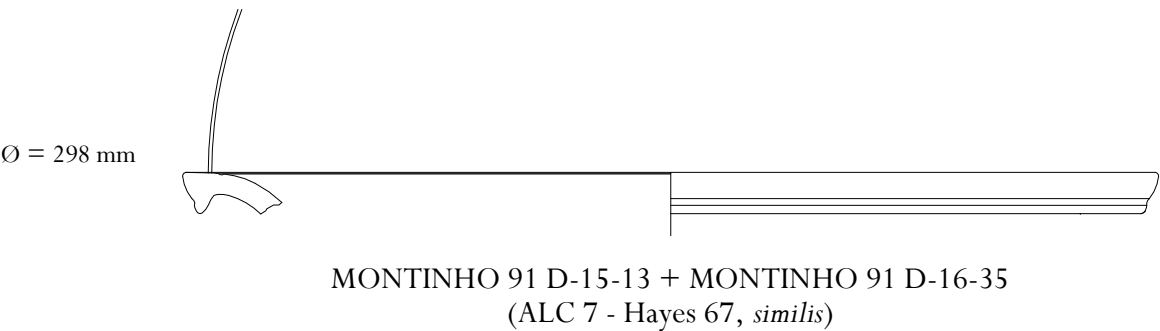


ML 01 G-14  
(ALC 21 - Hayes 61B1)

# Forma Hayes 67B

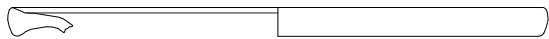


# Formas Hayes 67, *similis*



# Forma Hayes 73

Ø = 211 mm



MONTINHO 91 D-15-11 + MONTINHO 91 E-15-9  
(ALC 8 - Hayes 73)

Ø = 161 mm



MONTINHO 91 D-16-34  
(ALC 9 - Hayes 73)

# Forma Hayes 91



MONTINHO 91 B-15-88  
(ALC 10 - Hayes 91C)



ML 00 J.19.1  
(ALC 15 - Hayes 91C[?])

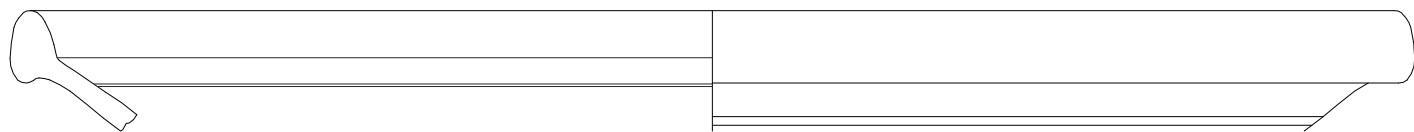
Ø = 382 mm



ML 00 H.16.1  
(ALC 17 - Hayes 91, n.º 29)

# Forma Hayes 104A2

Ø = 361 mm

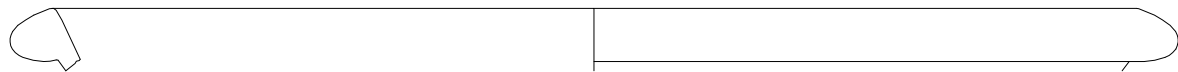


MONTINHO 90 D-17-15 + MONTINHO 91 B-15-84  
(ALC 11 - Hayes 104A2)

---

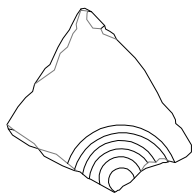
# Forma Fulford 52

Ø = 287 mm

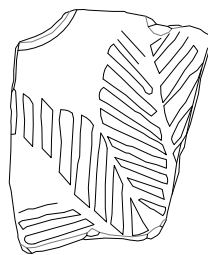


MONTINHO 91 D-16-36  
(ALC 12 - Fulford 52)

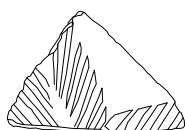
## Estilo A(ii)



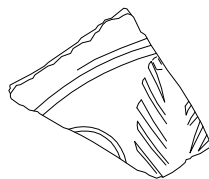
MONTINHO 90 SUPERFÍCIE 31



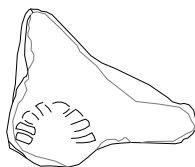
MONTINHO E-19-05



ML 00 H.18.2

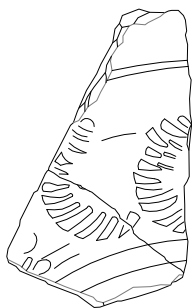


ML 00 H.18.27

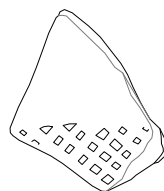


ML 00 L.21.7  
Estilo A(iii)?

## Estilo A(ii)-A(iii)

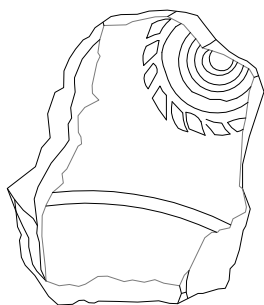


MONTINHO 90 E-19-06



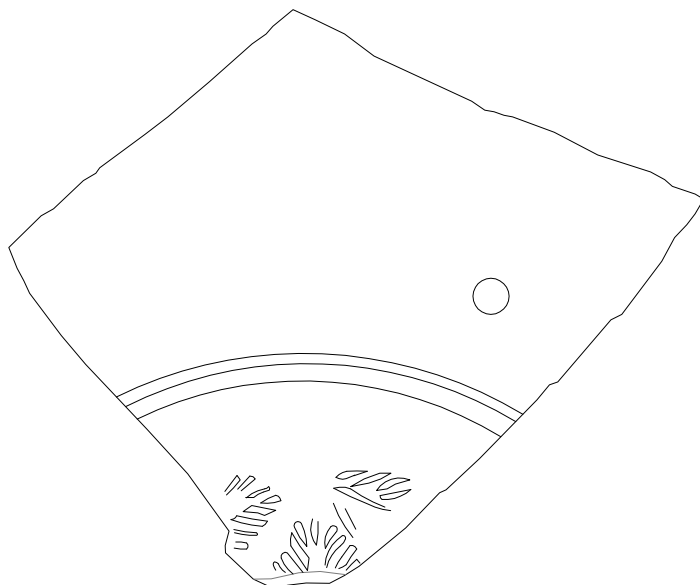
ML 00 J.20.1

## Estilo A(iii)



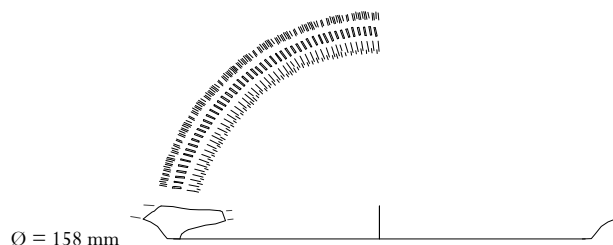
ML 00 I.18.15

## Estilo A



ML 00 I.17.1

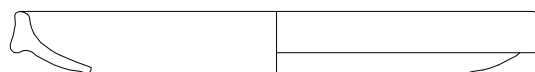
## Forma Hayes 3B-C



M/06/Bib.M./UE.201  
(Mig. 12 - Hayes 3B-C)

## Forma Hayes 3C

Ø = 197 mm



M/05/Bib.M./UE.130  
(Mig. 1 - Hayes 3C)

## Forma Hayes 3D-G



M/03/Bib. M./4A/Cont. 011.  
(M70 - Hayes 3D-G)



M/03/Bib. M./4A/B/Cont. 001  
(M71 - Hayes 3D-G)

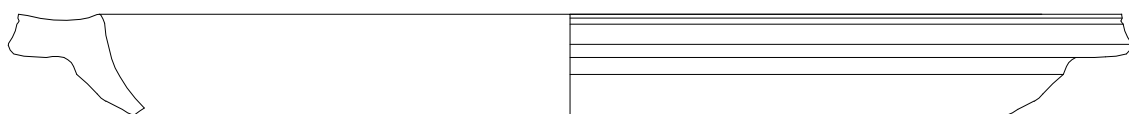
## Forma Hayes 3G



M/03/Bib.M./4A/Cont. 001  
(M68 - Hayes 3G)

## Forma Hayes 5A

Ø = 268 mm



M/2010/Bib.M./U.E.175  
(E25 - Hayes 5A)

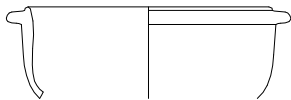
0 5 cm

E: 1/2



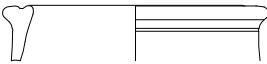
# Forma Hayes 12/102

Ø = 96 mm



M/05/Bib.M./UE.152  
(Mig. 17 - Hayes 12/102)

Ø = 85 mm



M/03/Bib.M./4a/Cont. 001  
(M59 - Hayes 12/102)

# Forma Hayes 12/110

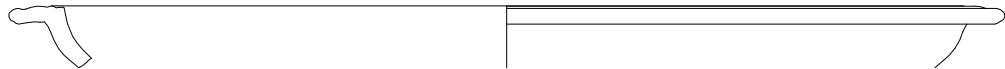
Ø = 190 mm



M/05/Bib.M./UE.182  
(Mig. 15 - Hayes 12/110)

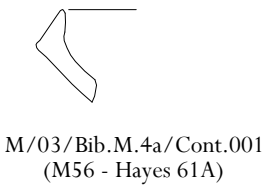
# Forma Hayes 59

Ø = 362 mm

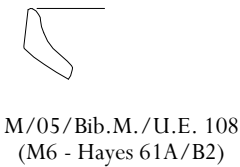


M/06/Bib.M./U.E. 202  
(M3 - Hayes 59)

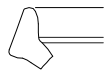
# Forma Hayes 61A



# Forma Hayes 61A/B2



Forma Hayes 61B2



M/03/Bib.M./4A/Cont. 001  
(M61 - H. 61B2)

Forma Hayes 61B3, *similis*

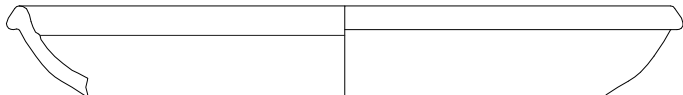
Ø = 358 mm



M/05/Bib.M./UE.033  
(Mig. 6 - Hayes 61B3, *similis*)

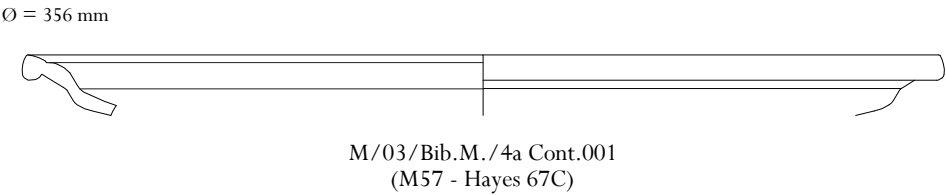
Forma Hayes 61B/87A

Ø = 258 mm

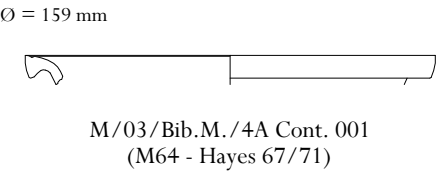


M/05/Bib.M./U.E.149  
(Mig. 4 - Hayes 61B/87A)

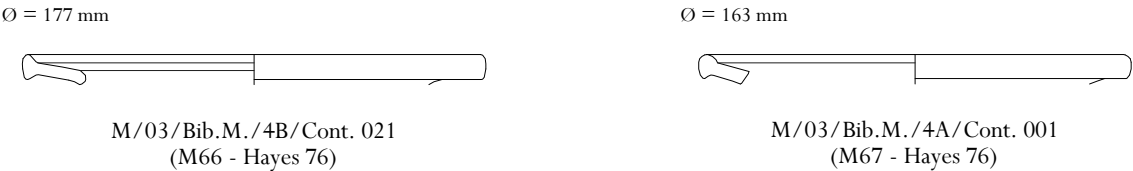
# Forma Hayes 67C



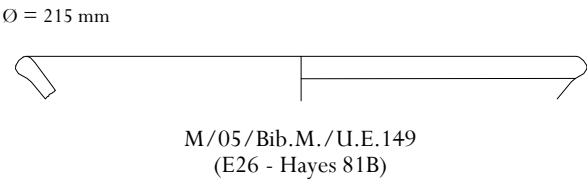
# Forma Hayes 67/71



# Forma Hayes 76



# Forma Hayes 81B



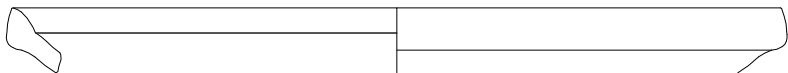
# Forma Hayes 87A



M/03/Bib.M./4A/Cont. 003  
(M65 - Hayes 87A)

# Forma Hayes 87A1

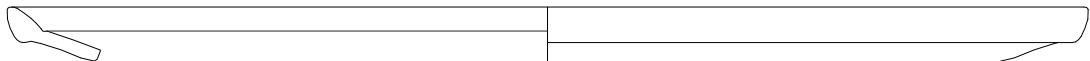
Ø = 303 mm



M/05/Bib.M./U.E. 109  
(M5 - Hayes 87A1)

# Forma Hayes 87A/88

Ø = 424 mm



M/06/Bib.M.UE.231  
(M7 - Hayes 87A/88)

# Forma Hayes 87B

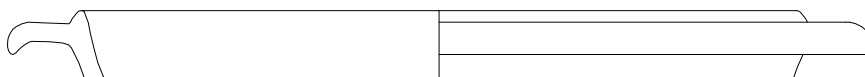
Ø = 388 mm



M/05/Bib.M./UE.108  
(Mig. 8 - Hayes 87B, variante tardia)

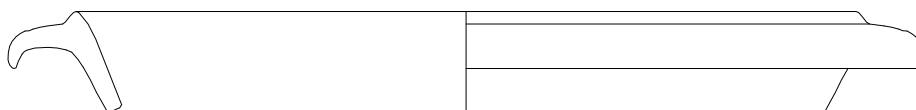
## Forma Hayes 91A/B

Ø = 256 mm



M/05/Bib.M./U.E. 033  
(M1 - Hayes 91A/B)

Ø = 279 mm

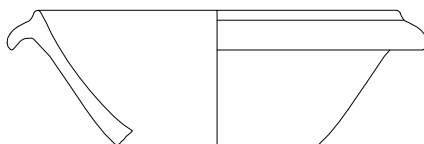


M/05/Bib.M./U.E. 078  
(M2 - Hayes 91A/B)

---

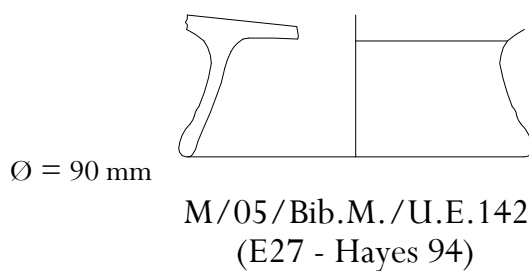
## Forma Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10

Ø = 126 mm

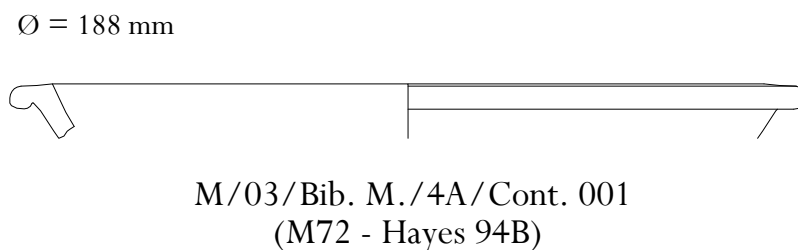
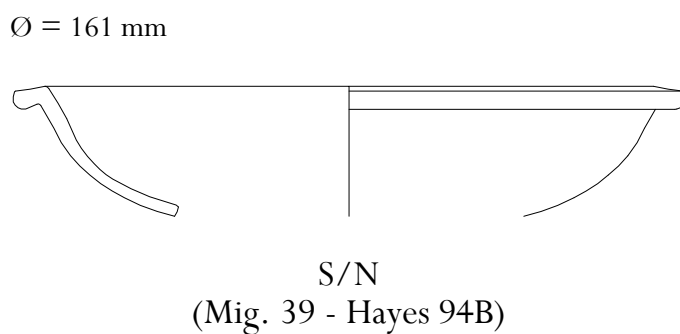


M/03/Bib.M./4A/Cont. 004  
(M69 - Hayes 91, variante *Atlante*, XLIX, 10)

# Forma Hayes 94



# Forma Hayes 94B



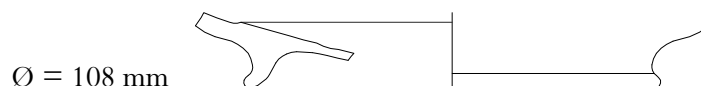
## Forma Hayes 99A



M/05/Bib.M./UE. 041  
(Mig. 14 - Hayes 99A)



M/05/Bib.M./U.E. 151  
(Mig. 25 - Hayes 99A)



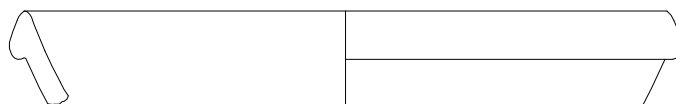
Ø = 108 mm

M/06/Bib.M./UE. 231  
(Mig. 10 - Hayes 99A)

---

## Forma Hayes 99B

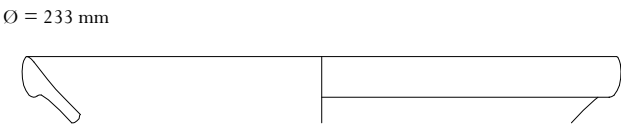
Ø = 170 mm



M/05/Bib.M./U.E. 142  
(Mig. 3 - Hayes 99B)



# Forma Hayes 103B

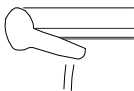


M/05/Bib.M./UE.018  
(Mig. 16 - Hayes 103B[?])



M/03/Bib.M./4A Cont. 006  
(M63 - Hayes 103[?])

# Forma Hayes 104A1



M/03/Bib.M./4A/Cont. 007  
(M60 - Hayes 104A1)

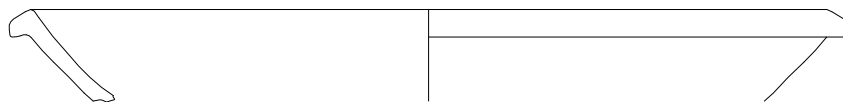
# Forma Hayes 107



M/03/Bib.M./4A Cont. 001  
(M58 - Hayes 107)

## Forma *Atlante*

Ø = 316 mm



M/05/Bib.M./UE.150  
(Mig. 19 - *Atlante*, XLVI, 8-10)

---

## Forma *Michigan*



M/03/Bib.M./4a/Cont. 001  
(M62 - *Michigan* 1, fig. 3, VII, n. 6(?))

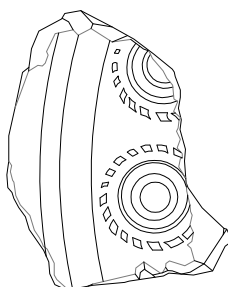
---

## Forma Fulford 52



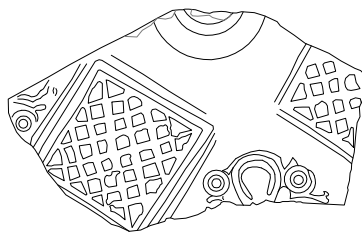
M/05/Bib.M./U.E. 152  
(Mig. 21- Fulford 52)

## Estilo A(ii)



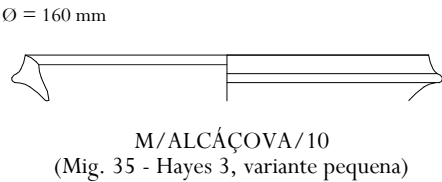
M/05/Bib.M./UE. 129  
(M9)

## Estilo A(iii)

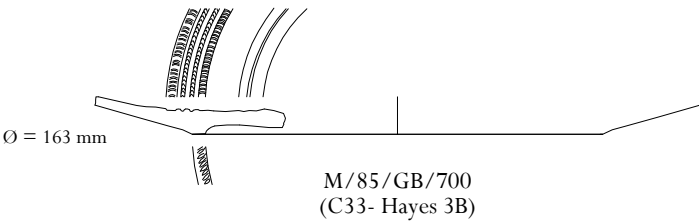
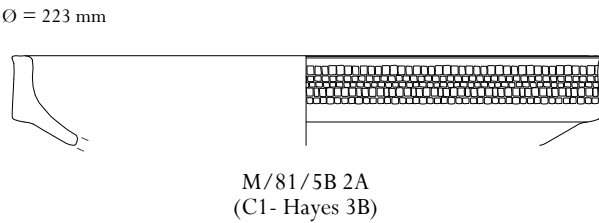
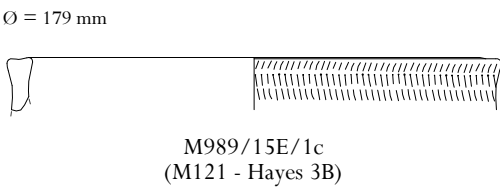


M/2010/Bib. M./U.E. 1014

Forma Hayes 3, variante pequena

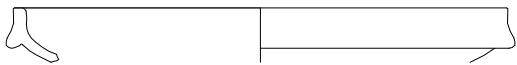


Forma Hayes 3B



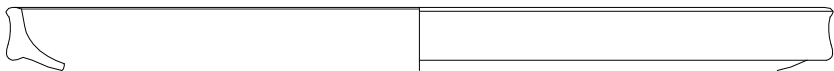
# Forma Hayes 3C

Ø = 188 mm



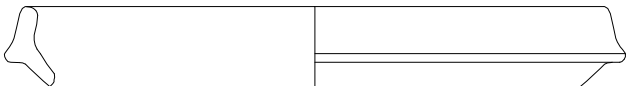
M/ALCÁÇOVA/16  
(Mig. 42 - Hayes 3C)

Ø = 310 mm



M85/7B/1a  
(C25 - Hayes 3C)

Ø = 221 mm



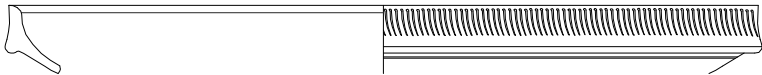
M86/4N/2b  
(C24 - Hayes 3C)

Ø = 256 mm



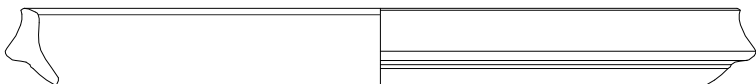
M/22/602b 15-?  
(C29 - Hayes 3C)

Ø = 287 mm



M/89/13A/RS  
(C38 - Hayes 3C)

Ø = 180 mm



M/999/88-C/1d  
(M116 - Hayes 3C)

# Forma Hayes 3C/E

Ø = 239 mm



M/990/5Q/1b  
(C39 - Hayes 3C/E)

# Forma Hayes 3D-G



M/83/81/A7 4(?)  
(C34 - Hayes 3D-G)



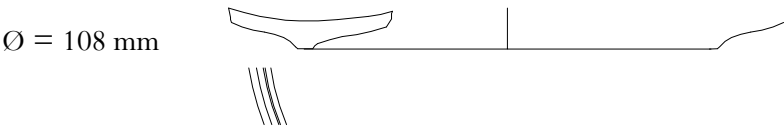
M/81/10B/1b  
(C35 - Hayes 3D-G)



M86/12G/1a  
(C36 - Hayes 3D-G)



M/987/19A.1b  
(M117 - Hayes 3D-G)



M/ALCÁÇOVA/110  
(M157 - Hayes 3D-G)



M/81/AF/C1b  
(M179 - Hayes 3D-G)

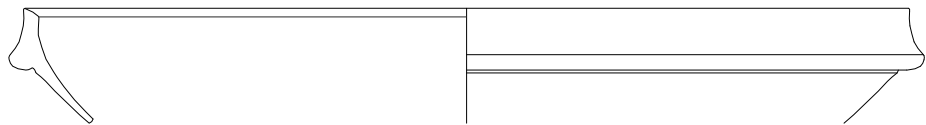
Ø = 97 mm



M/ALCÁÇOVA/128  
(E18 - Hayes 3D-G)

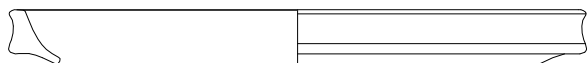
Forma Hayes 3E

Ø = 349 mm



M/82/6B 4a/8/  
(C23 - Hayes 3E)

Ø = 222 mm



M/86/10A/B.C.D.  
(C27 - Hayes 3E)

Forma Hayes 3F

Ø = 209 mm



M/ALCÁÇOVA/22  
(C40 - Hayes 3F)

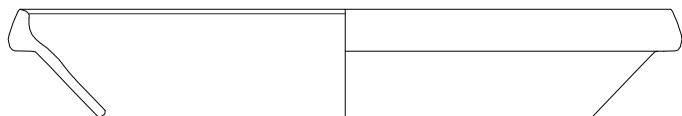
Ø = 267 mm



M/992/7L/1b  
(Mig. 32 - Hayes 3F)

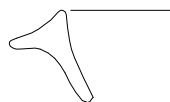
Forma Hayes 3G

Ø = 257 mm



M998/3C/2a  
(M80 - Hayes 3G)

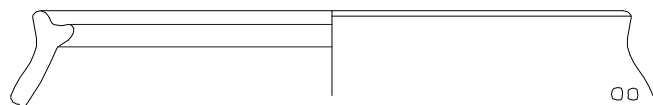
# Forma Hayes 8



M/82/6B 4c 193  
(C31 - Hayes 8)

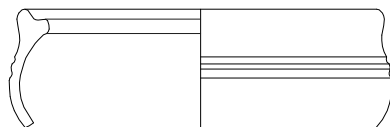
# Forma Hayes 12/102

Ø = 154 mm

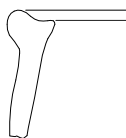


ME/85/CONT.510  
(C15 - Hayes 12/102)

Ø = 93 mm

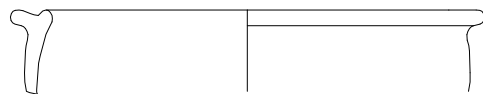


M989/14D/1a  
(C16 - Hayes 12/102)

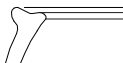


M/86 Encosta do castelo  
(M126 - Hayes 12/102)

Ø = 106 mm



M/ALCÁÇOVA/79  
(M129 - Hayes 12/102)



M/ALCÁÇOVA/107  
(M150 - Hayes 12/102)



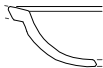
# Forma Hayes 59



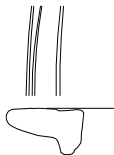
M/79/ALCÁÇOVA AJ1  
(M31 - Hayes 59 [*Atlante* I, XXXII, 10])



M86/12G/1a  
(M85 - Hayes 59)

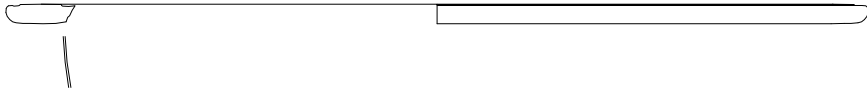


M/ALCÁÇOVA/68  
(M103 - Hayes 59)



M1990/17B/R.S  
(Hayes 59)

Ø = 311 mm



M/ALCÁÇOVA/56  
(M100 - Hayes 59)

Ø = 271 mm



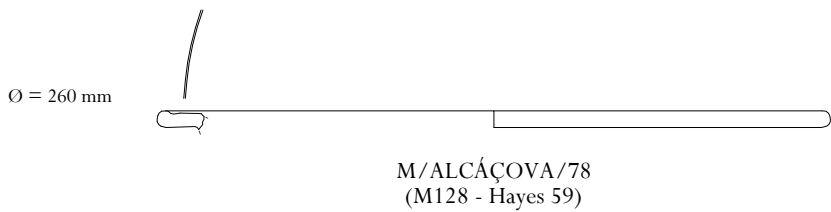
M/ALCÁÇOVA/71  
(M109 - Hayes 59)

Ø = 332 mm

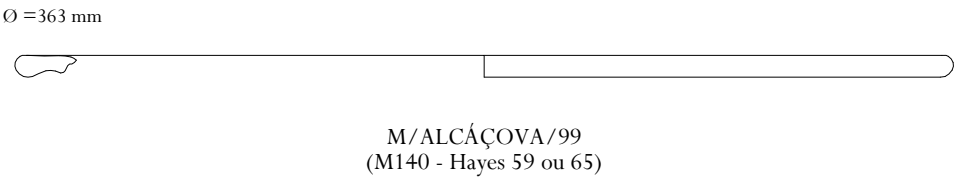


M/ALCÁÇOVA/72  
(M110 - Hayes 59)

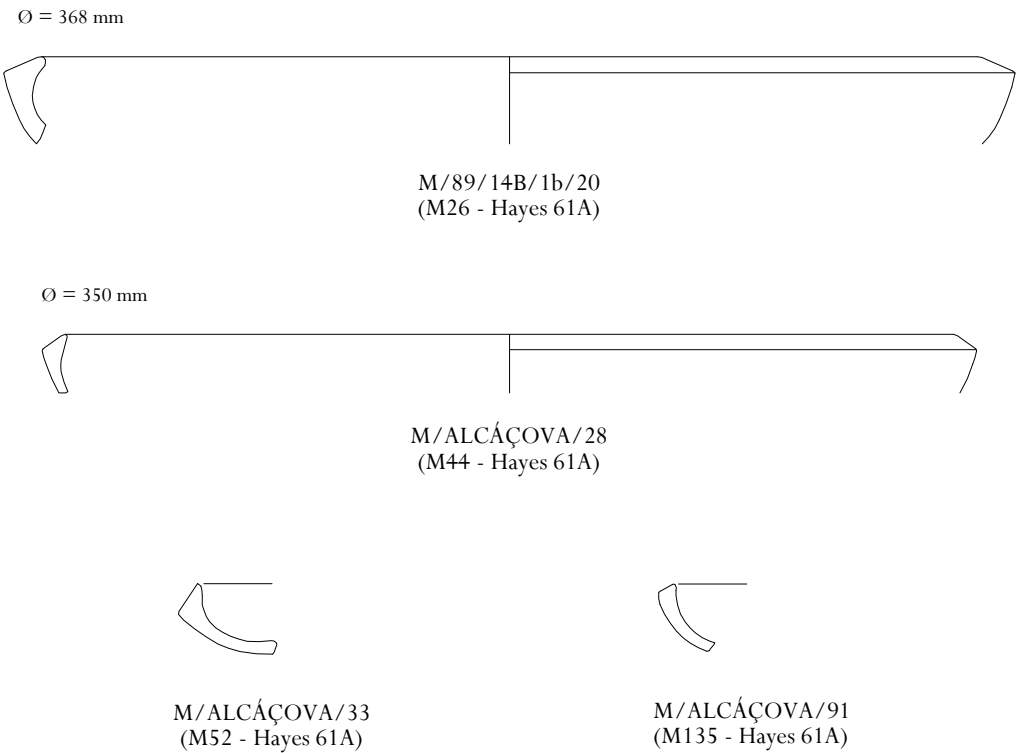
Forma Hayes 59



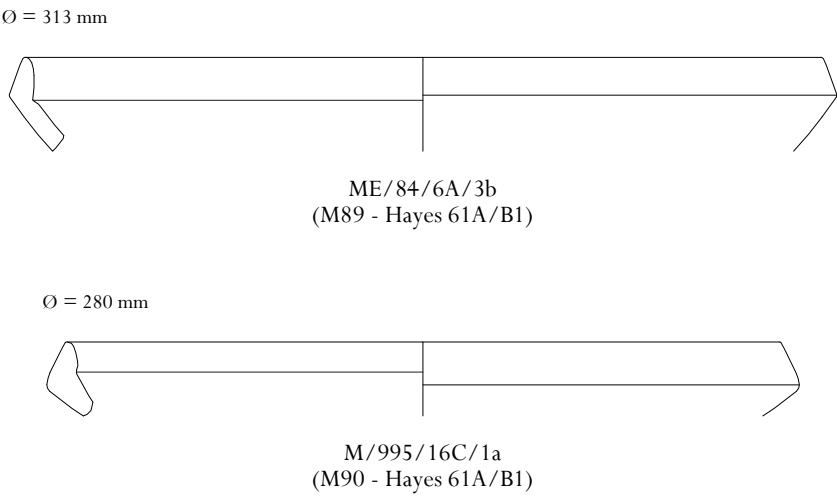
Forma Hayes 59 ou 65



Forma Hayes 61A



Forma Hayes 61A/B1



Forma Hayes 61A/B2



M/989/13B/RS  
(M27 - Hayes 61A/B2)

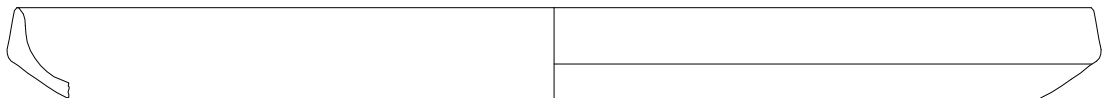


M/990/4G/1b  
(M48 - Hayes 61A/B2)



M/ALCÁÇOVA/131  
(M185 - Hayes 61A/B2)

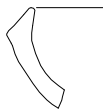
Ø = 426 mm



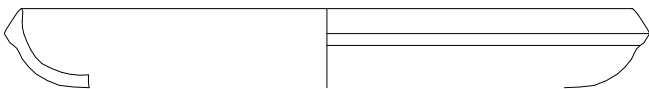
M/ALCÁÇOVA/82  
(E3 - Hayes 61A/B2 - Peça demasiado cozida)

Forma Hayes 61A/B3

Ø = 242 mm



M/ALCÁÇOVA/34  
(M53 - Hayes 61A/B3)



M/ALCÁÇOVA/35  
(M54 - Hayes 61A/B3)



M/ALCÁÇOVA/49  
(M81 - Hayes 61A/B3)



M85/GB/700  
(M92 - Hayes 61A/B3)



M/ALCÁÇOVA/70  
(M108 - Hayes 61A/B3)

## Forma Hayes 61B1/B2

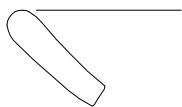


M/989/15C/2a  
(M118 - Hayes 61B1/B2)

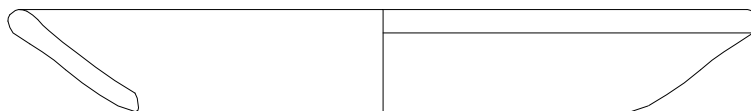
---

## Forma Hayes 64

Ø = 192 mm



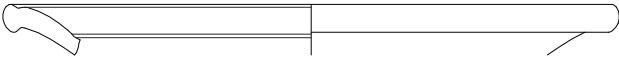
M/97/8C/1b  
(M98 - Hayes 64)



M/ALCÁÇOVA/77  
(M115 - Hayes 64, n. 4, Sperlonga [*Atlante I*, XXXVII, 7])

Forma Hayes 67B

Ø = 239 mm

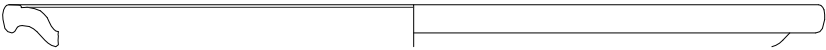


M85/5D/2a  
(M28 - Hayes 67B)



M/998/3C/1e  
(M45 - Hayes 67B)

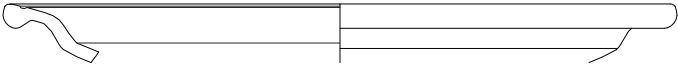
Ø = 321 mm



M/ALCÁÇOVA/51  
(M83 - Hayes 67B)

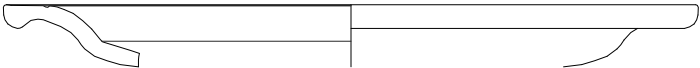
Forma Hayes 67C

Ø = 262 mm



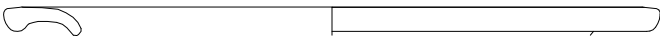
M/ALCÁÇOVA/36  
(M55 - Hayes 67C)

Ø = 274 mm



M/ALCÁÇOVA/50  
(M82 - Hayes 67C)

Ø = 246 mm



M/ALCÁÇOVA/73  
(M111 - Hayes 67C)

# Forma Hayes 67/71

Ø = 165 mm



M/ALCÁÇOVA/69  
(M106 - Hayes 67/71)

Ø = 143 mm



M/ALCÁÇOVA/80  
(M130 - Hayes 67/71)

Ø = 153 mm



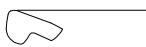
M/ALCÁÇOVA/89  
(M134 - Hayes 67/71)



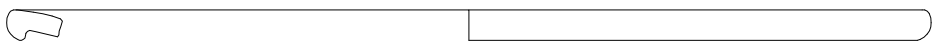
M/78/A21  
(E20 - Hayes 67/71)

# Formas Hayes 67, *similis*

Ø = 323 mm

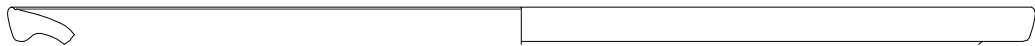


M86/13M/1b  
(M146 - Hayes 67, *similis*)



M/ALCÁÇOVA/88  
(M133 - Hayes 67, *similis*)

Ø = 363 mm



M/ALCÁÇOVA/81  
(E4 - Hayes 67, *similis*)

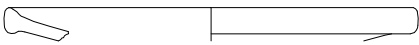
# Forma Hayes 73

Ø = 184 mm



M989/14D/1a  
(M14 - Hayes 73)

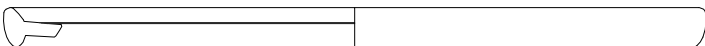
Ø = 159 mm



M/ALCÁÇOVA/90  
(E8 - Hayes 73)

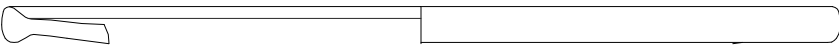
# Forma Hayes 76

Ø = 271 mm



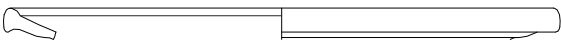
M/85/7B/1b  
(M21 - Hayes 76)

Ø = 325 mm



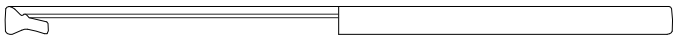
M/ALCÁÇOVA/85  
(M132 - Hayes 76)

Ø = 215 mm



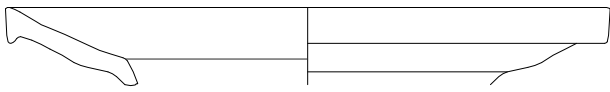
M85/4A/700  
(Hayes 76)

Ø = 261 mm



M87/ALCÁÇOVA/1e  
(M96 - Hayes 76, variante Delgado 1967, tav. VII, n.º 88)

Ø = 236 mm



M/79/AB 1-2-3 1b  
(M119 - Hayes 76, variante Sidi Jdidi 3B [variante pequena])

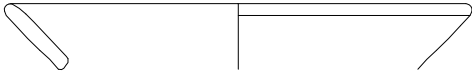


M86/13J/1a  
(Hayes 76)

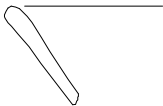


# Forma Hayes 81B

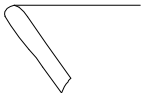
Ø = 181 mm



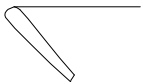
M/ALCÁÇOVA/103  
(M144 - Hayes 81B)



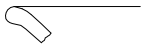
M/ALCÁÇOVA/106  
(M149 - Hayes 81B)



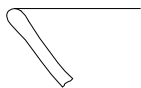
M/ALCÁÇOVA/104  
(E13 - Hayes 81B)



M/ALCÁÇOVA/105  
(E14 - Hayes 81B)

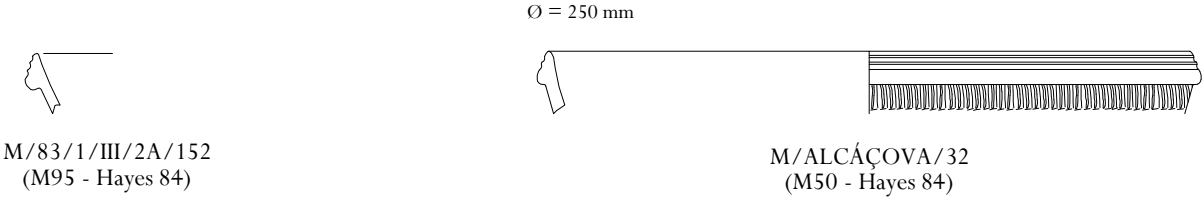


M89/15C/1b  
(E15 - Hayes 81B)

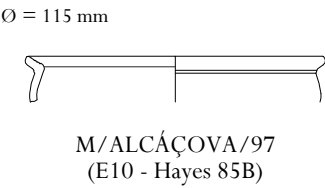


M/ALCÁÇOVA/129  
(E19 - Hayes 81B)

# Forma Hayes 84



# Forma Hayes 85B



# Forma Hayes 86



Forma Hayes 87A1

Ø = 270 mm



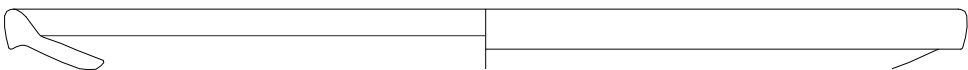
M/987/19A/1b  
(M22 - Hayes 87A1)

Ø = 207 mm



M/89/15E/1a  
(M23 - Hayes 87A1)

Ø = 375 mm



M969/13C/1b  
(M88 - Hayes 87A1)

Forma Hayes 87A2

Ø = 430 mm



M/ALCÁÇOVA/23  
(M12 - Hayes 87A2)



M/ALCÁÇOVA/29  
(M47 - Hayes 87A2)

Ø = 460 mm



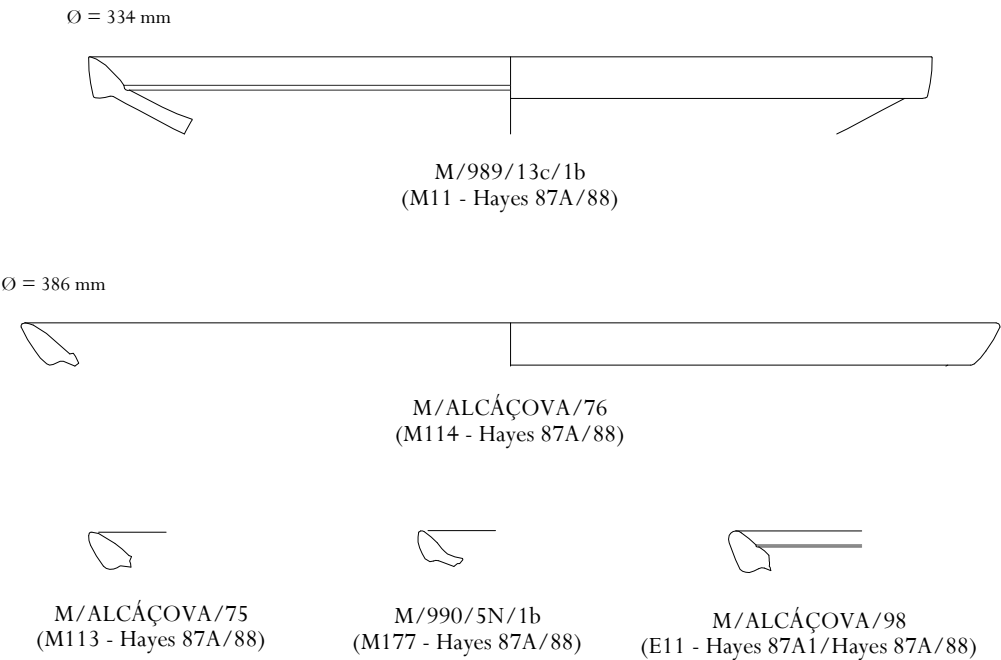
M/ALCÁÇOVA/30 e 31  
(M49 - Hayes 87A2)

Ø = 389 mm

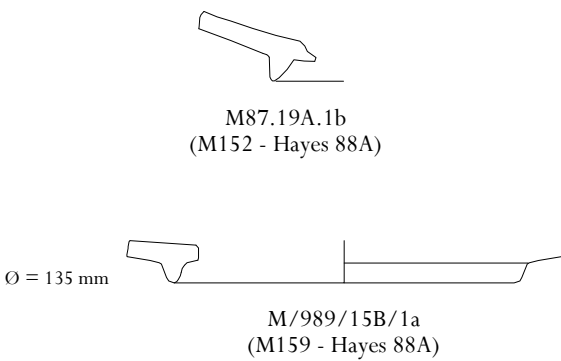


M/ALCÁÇOVA/74  
(M112 - Hayes 87A2)

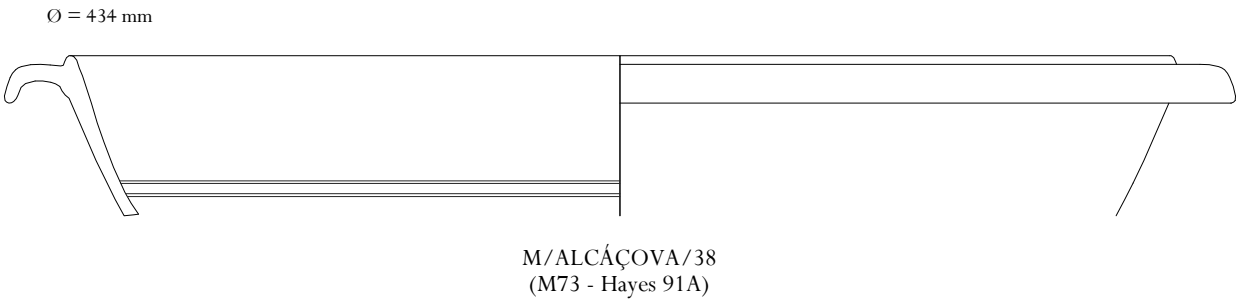
Forma Hayes 87A/88



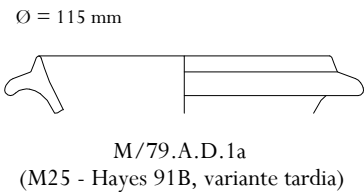
Forma Hayes 88A



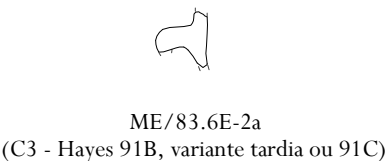
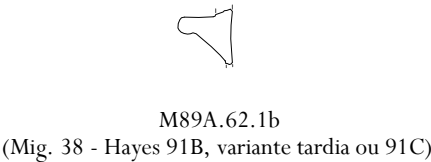
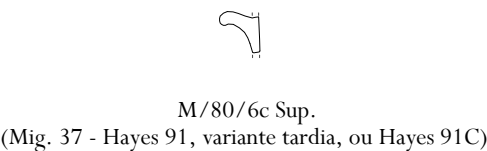
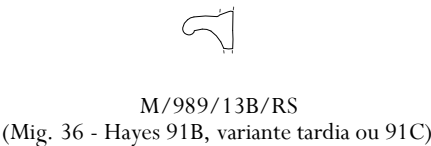
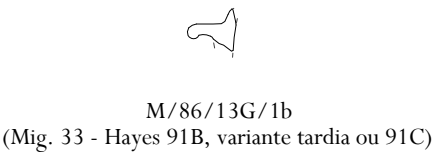
# Forma Hayes 91A



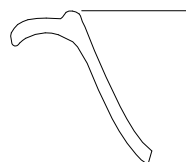
# Forma Hayes 91B, variante tardia



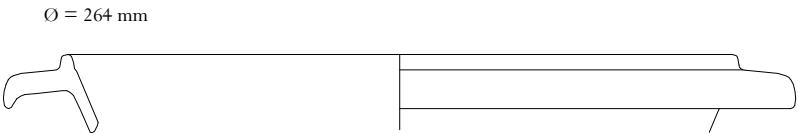
# Forma Hayes 91B, variante tardia, ou 91C



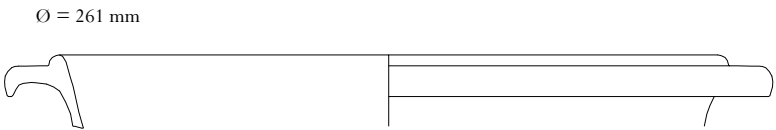
Forma Hayes 91A/B



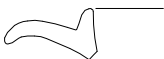
M/ALCÁÇOVA/39  
(M74 - Hayes 91A/B)



M/ALCÁÇOVA/40  
(M75 - Hayes 91A/B)



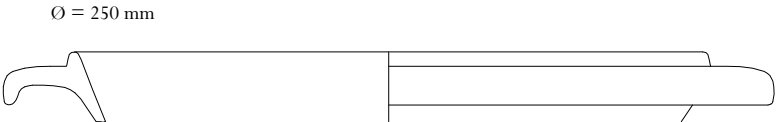
M/ALCÁÇOVA/41  
(M76 - Hayes 91A/B)



M/ALCÁÇOVA/42  
(M77 - Hayes 91A/B)



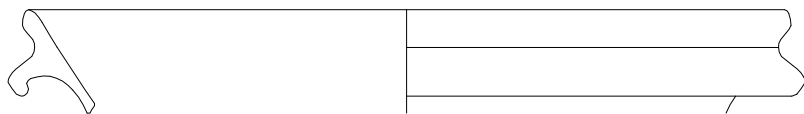
M/ALCÁÇOVA/43  
(M78 - Hayes 91A/B)



M/ALCÁÇOVA/44  
(M79 - Hayes 91A/B)

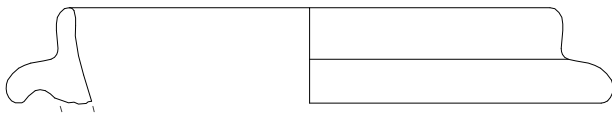
# Forma Hayes 91C

Ø = 200 mm

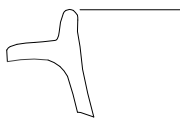


M/ALCÁÇOVA 15+17+18  
(Mig. 50 - Hayes 91C)

Ø = 127 mm

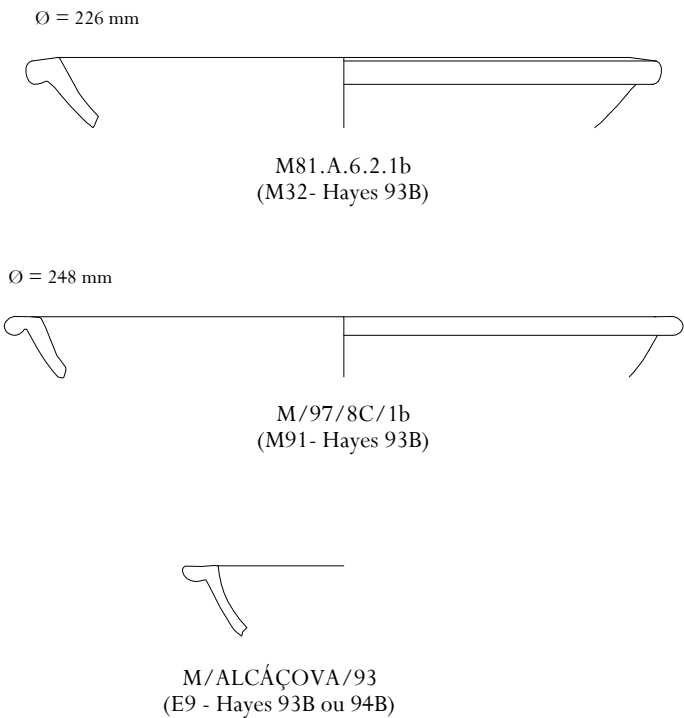


M989/15D/R.S  
(C2 - Hayes 91C)



M/992/7N/1b  
(M43 - Hayes 91C)

Forma Hayes 93B

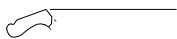


Forma Hayes 93(?)





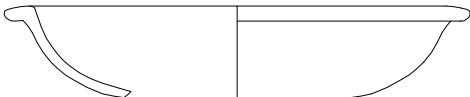
Forma Hayes 94A, variante



CM/87/104  
(M123 - Hayes 94A, variante)

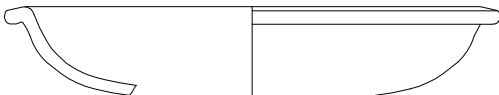
Forma Hayes 94B

Ø = 165 mm



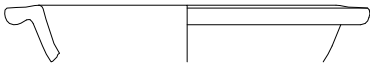
M/ALCÁÇOVA/26  
(M29 - Hayes 94B)

Ø = 180 mm



M/ALCÁÇOVA/27  
(M30 - Hayes 94B)

Ø = 118 mm



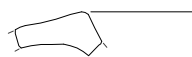
M81.5C.151  
(M33 - Hayes 94B)

Ø = 170 mm



ME./5/REF  
(M34 - Hayes 94B)

## Forma Hayes 96



M/ALCÁÇOVA/52  
(M86 - Hayes 96)

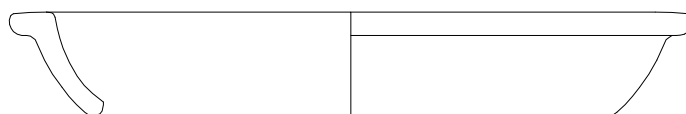
## Forma Hayes 97



M78/R. SUP.  
(M84 - Hayes 97)

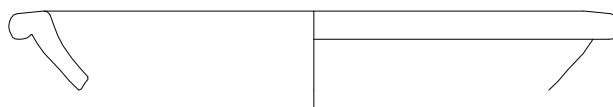
## Forma Hayes 98A/B

Ø = 161 mm



M/ALCÁÇOVA/92  
(M136 - Hayes 98A/B)

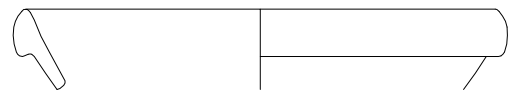
Ø = 143 mm



M/ALCÁÇOVA/94  
(M137 - Hayes 98A/B)

Forma Hayes 99A

Ø = 186 mm



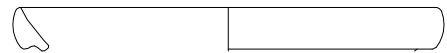
M86/12H/1b  
(C4 - Hayes 99A)

Ø = 190 mm



M989/15E/1a  
(C9 - Hayes 99A)

Ø = 166 mm



M/97/8C/1b  
(C8 - Hayes 99A)

Ø = 162 mm



M85/6E/Sp. 132/133  
(C10 - Hayes 99A)



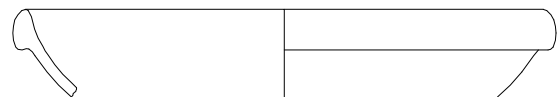
M82/6A 1b/36  
(C11 - Hayes 99A)

Ø = 159 mm



M/990/19A/1a  
(C12 - Hayes 99A)

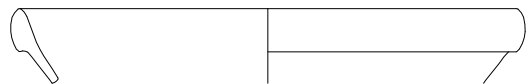
Ø = 206 mm



M89/15C/1b  
(C13 - Hayes 99A)

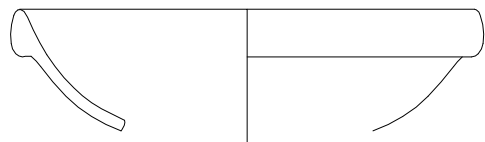
# Forma Hayes 99A

Ø = 197 mm



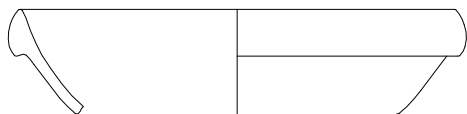
M/79/AA2-3 1b  
(C14 - Hayes 99A)

Ø = 181 mm



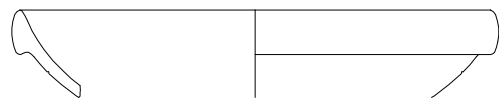
M/ALCÁÇOVA/1  
(C17 - Hayes 99A)

Ø = 172 mm



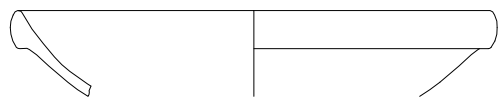
M/ALCÁÇOVA/2  
(C18 - Hayes 99A)

Ø = 187 mm



M/ALCÁÇOVA/3  
(C19 - Hayes 99A)

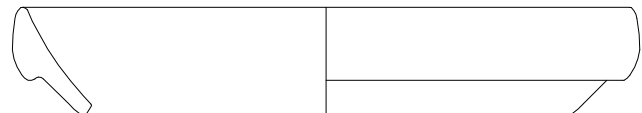
Ø = 187 mm



M/ALCÁÇOVA/5+6+7  
(C21 - Hayes 99A)

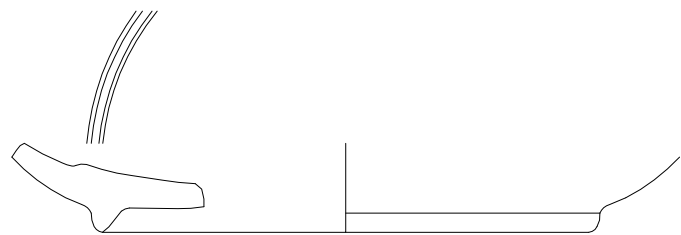
# Forma Hayes 99A

Ø = 161 mm



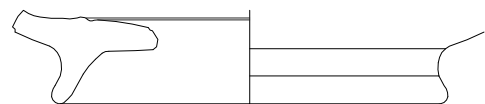
M/ALCÁÇOVA/9  
(C22 - Hayes 99A)

Ø = 129 mm



M/ALCÁÇOVA/112  
(M161 - Hayes 99A)

Ø = 100 mm



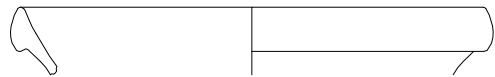
M86/11.12D/1a  
(M153 - Hayes 99A)



M85/4F/RS  
(E12 - Hayes 99A)

Forma Hayes 99A

Ø = 182 mm



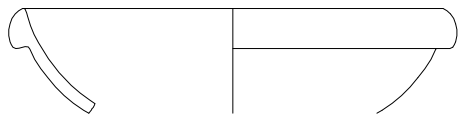
S/N  
(Mig. 52 - Hayes 99)

Ø = 167 mm



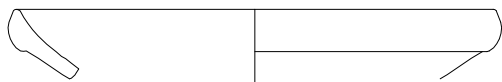
M/82/F37/3a  
(C5 - Hayes 99A)

Ø = 165 mm



M989/15C/1a  
(C7 - Hayes 99A)

Ø = 188 mm



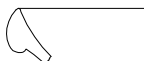
M/ALCÁÇOVA/4 e 8  
(C20 - Hayes 99A)



M/82/6A 2b 156  
(M35 - Hayes 99A)



M/89.[???].150  
(M37 - Hayes 99A)

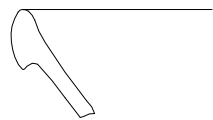


M/81/5C. 150  
(M36 - Hayes 99A)

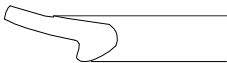


MARCAÇÃO ESBRANQUIÇADA  
(M39 - Hayes 99A)

# Forma Hayes 99B



M79.A.A.2/3.1b  
(M38 - Hayes 99B)



M/ALCÁÇOVA/109  
(M155 - Hayes 99B)

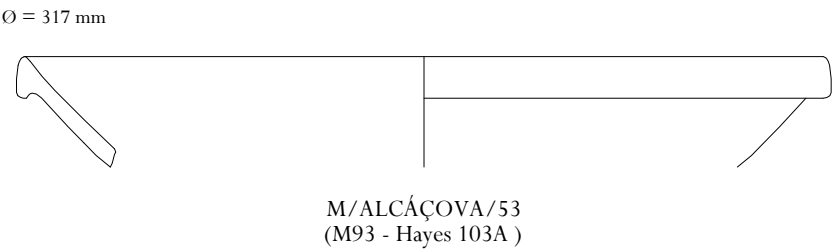
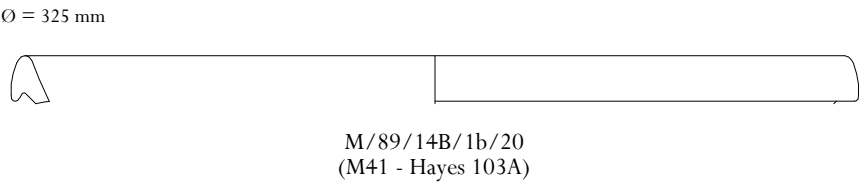
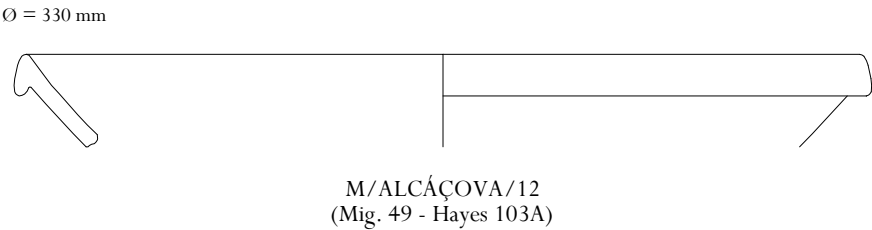
# Forma Hayes 99C

Ø = 209 mm

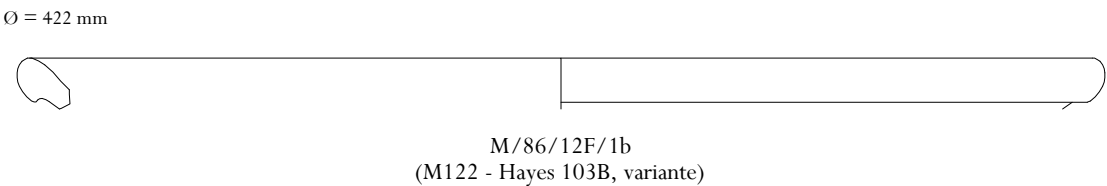
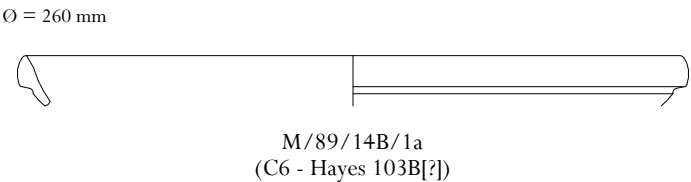


M/987/21C/1b  
(M40 - Hayes 99C)

Forma Hayes 103A

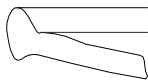


Forma Hayes 103B



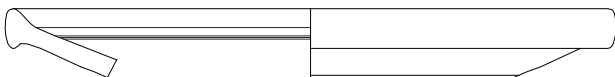


Forma Hayes 104A1



M/86/17B/1a  
(Mig. 26 - Hayes 104A1)

Ø = 230 mm



RS/M80  
(M13 - Hayes 104A1)



M82/33.2a.502  
(M15 - Hayes 104A1)



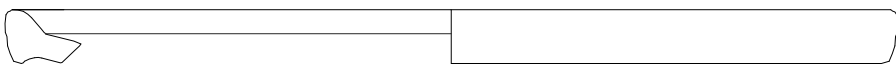
M85/3A/700  
(M18 - Hayes 104A1)

Ø = 222 mm



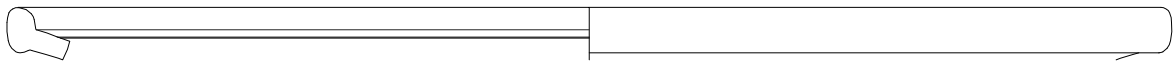
M/ALCÁÇOVA/24  
(M16 - Hayes 104A1)

Ø = 340 mm



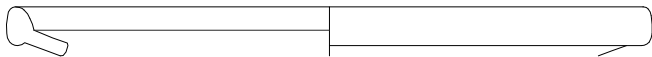
M/ALCÁÇOVA/25  
(M17 - Hayes 104A1)

Ø = 442 mm



M/ALCÁÇOVA/54  
(M94 - Hayes 104A1)

Ø = 243 mm



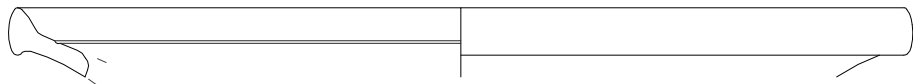
M/992/7/1b  
(M120 - Hayes 104A1)



M/89/15C/1b (dois fragmentos)  
(Hayes 104A1)

Forma Hayes 104A2

Ø = 352 mm

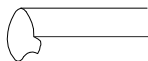


M/81/4B/1b ou M/81/4B 1b  
(Mig. 29 - Hayes 104A2)

Ø = 464 mm



M/80/5A 1b  
(Mig. 30 - Hayes 104A2)



M/85/ALCÁÇOVA/2a /Cont. 510.  
(Mig. 31 - - Hayes 104A2)



M/81/4E/1c  
(M20 - Hayes 104A2)

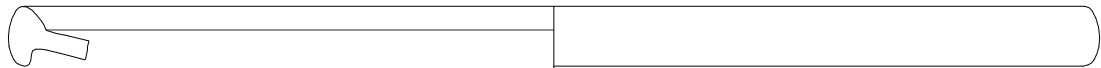
Forma Hayes 104C



M2000/1/2J/0014  
(E17 - Hayes 104C)

Forma Hayes 105A, variante

Ø = 421 mm

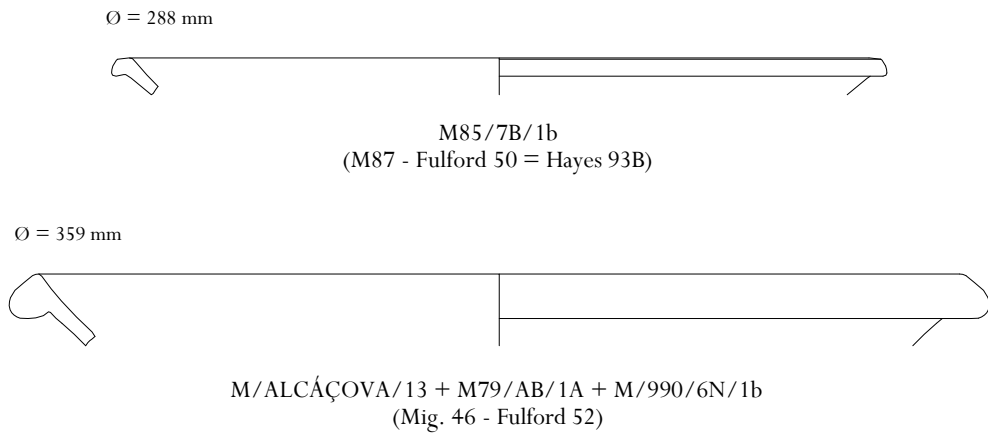


M86/12H/1b  
(M19 - Hayes 105A, variante)

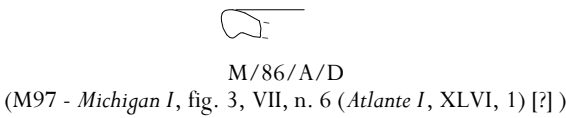
Formas *Atlante*



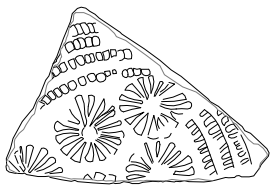
Formas Fulford



Forma *Michigan*



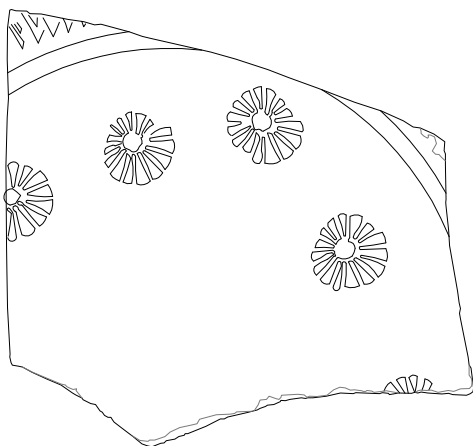
## Estilo A(ii)



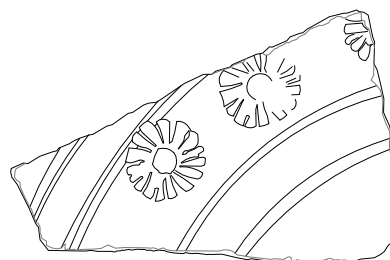
M/987/17B/1b



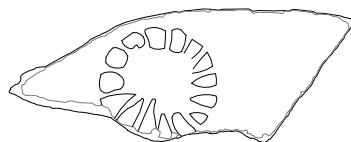
M/987/2H/1a



M/ALCÁÇOVA/170

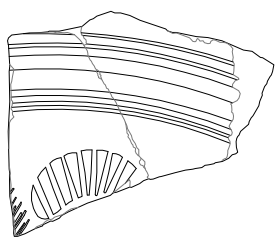


M/ALCÁÇOVA/172

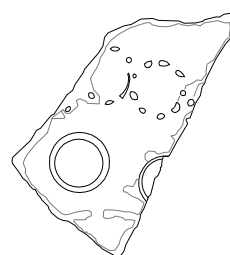


M/ALCÁÇOVA/173

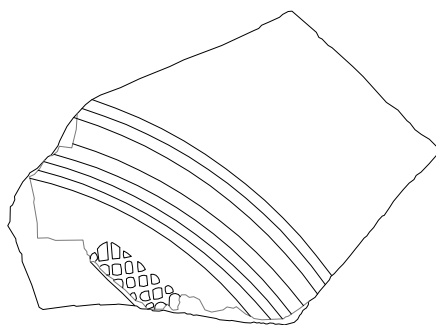
## Estilo A(ii/iii), provavelmente só A(iii)



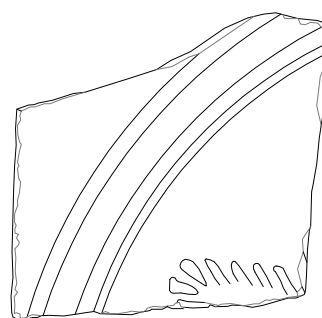
M85/3A/4A/700



M/ALCÁÇOVA/174

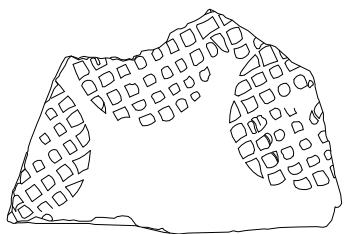


M/ALCÁÇOVA/168



M/82/6A 161

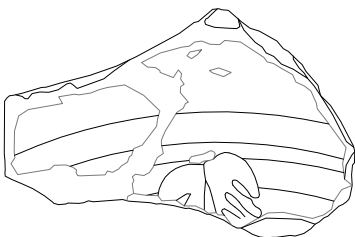
## Estilo A(iii)



M86/12G/1a



M85/7C/1c



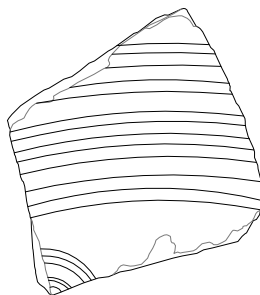
M/81/8F.1a



M/990/50/1b

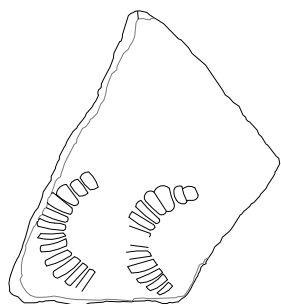


ME/83-5E-2a



M/83-7D-1a

## Estilo A(ii/iii)



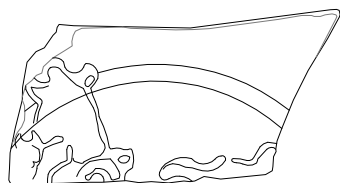
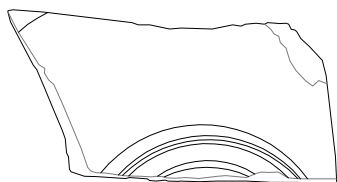
M/ALCÁÇOVA/169

## Estilos A, B ou C (TSAf C)



M/80/6B/SP4

## Forma Hayes 3, Estilo III

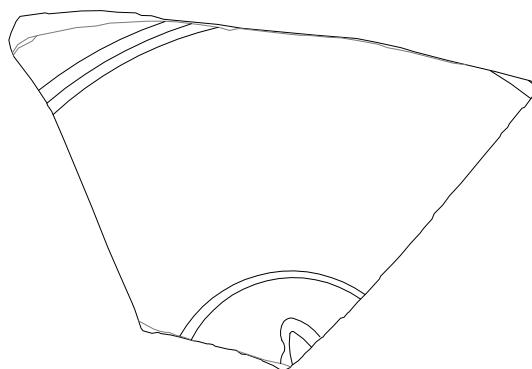


M/ALCÁÇOVA/179  
(Hayes 3)

## Estilos indeterminados

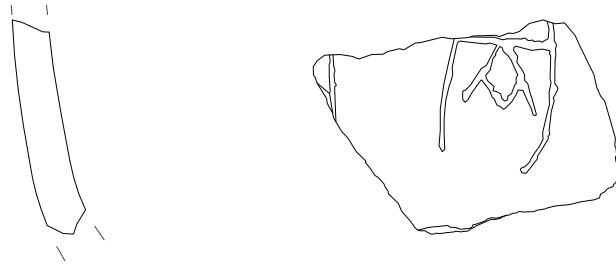


M/989/13A/R.S



M/ALCÁÇOVA/171

## Grafito pós-cozedura em TSAf D



M/990/5N/1b  
(M101 - Forma indeterminada)

---

## Decoração polida Grupo 1A



M/ALCÁÇOVA/175  
(Hayes 87A)